



ESPECIAL *com depoimento inédito da autora*

Diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com AIDS



Depois daquela viagem

Valéria Piassa Polizzi



ea
editora atira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Depois daquela Viagem

Valéria Piassa Polizzi

Muito prazer Já devia ter começado a escrever há algum tempo mas, como escrever sobre a vida da gente não é nada fácil, vivo adiando. Ainda hoje me ligaram a Priscila e o Cristiano, e os dois me cobraram:

— Já começou a escrever o livro?

Não. E já teria desistido se na semana passada não tivesse ido na Sylvia e, por coincidência ou sei lá o quê, ela tivesse dado a mesma idéia: escrever. Eu disse que já havia pensado naquilo, só que achava muita responsabilidade.

— Não escrever também é — ela respondeu. E isto não saiu da minha cabeça a semana inteira.

Para começar, deixe me apresentar. Meu nome é Valéria, tenho 23 anos, altura média, magra, morena, cabelos pretos e lisos. Neta de italianos, filha de pais separados, pertencente à classe média alta. Como você pode ver, uma pessoa comum, ou pelo menos é assim que eu gostaria de ser vista. E tenho certeza de que assim todos me veriam, não fosse um pequeno detalhe: sou HIV positivo. Sabe o que isto significa? É isto aí, tenho o vírus da AIDS. Assustou? Não me diga que teve vontade de largar este livro e ir correndo desinfetar as mãos, com medo de ser contaminado. Tudo bem, não precisa entrar em pânico, não é assim que se pega. Pode até ler de novo: A-I-D-S, AIDS! Viu? Não aconteceu nada. Ainda que eu estivesse aí do seu lado, você pegasse na minha mão, me desse um beijo e um abraço e dissesse "muito prazer", eu responderia "o prazer foi todo meu", e isso não lhe causaria dano algum.

Podemos continuar? Então, continuemos. Você deve estar se perguntando agora como foi que isto aconteceu e aposto que deve estar imaginando que eu sou promíscua, uso drogas e, se fosse homem, era gay. Lamento informar que não é nada disso e, mesmo que fosse, não viria ao caso. Mas acontece que eu era virgem, nunca tinha usado drogas e obviamente não sou gay. O que aconteceu então? É simples, transei sem camisinha.

1. O NAUFRÁGIO

No Natal de 1986 eu tinha quinze anos e estava fazendo uma viagem de navio para a Argentina com meu pai e minha irmã, que é três anos mais nova do que eu. O navio era lindíssimo, cheio de salas, bares, restaurante, cassino, piscina e show todas as noites. O ambiente era estritamente familiar, muitas vovós, crianças, pais e mães, todo mundo passando o Natal junto, na maior calma. Piscina pela manhã, um jantar de gala à noite e, durante a tarde, uma volta pelas dependências do navio. E foi numa dessas, um belo dia, que eu vi um cara tropeçando. No auge dos meus quinze aninhos, não pude resistir e dei uma risadinha. Ele deve ter achado que eu estava rindo para ele, e não dele, e correspondeu com um sorriso. Depois disso, a gente se cruzou mais algumas vezes e, quando o navio atracou em Buenos Aires, ele veio falar comigo. Fiquei sabendo que estava terminando a faculdade de educação física, gostava de surfar, estava viajando com os pais e também morava em São Paulo. A gente continuou se vendo e, nessas de papo vai papo vem, eu já estava perdidamente apaixonada. Depois que ele me beijou então, nem se fala.

É... Papai Noel havia me dado um presente e tanto!

A viagem acabou, trocamos telefone, endereço e ficou combinado que nos veríamos em São Paulo. Dois dias mais tarde, ele me liga. Eu estava indo para Corumbá passar o resto das minhas férias na casa de meus avós. Ele vinha me ver antes disso. Me arrumei toda e fiquei sentada, esperando. O coração batendo forte, cheio de ansiedade. Sete horas, oito horas, nove horas, nada. Dez horas, meu pai resolve se manifestar:

— Filha, acho melhor você ir dormir, porque ele não vem.

Vem, sim, pai Onze horas, já com os olhos cheios de lágrimas, vou para o quarto. Ouço minha irmã dizer da sala:

— Tadinha... É... o primeiro fora a gente nunca esquece.

Nada como a casa da vó nas férias, cheia de gente. Rever os primos, novos amigos, festinha toda noite e uma pracinha com vista para o rio, onde a turma se reúne. Assim é minha doce Corumbá,

uma cidadezinha em Mato Grosso do Sul, fronteira com a Bolívia, capital do pantanal. Estava tudo muito bem, eu até já havia esquecido o ocorrido, quando um dia ele me liga.

Será? Não é possível, estou sonhando. Mas não é que era mesmo? Conversamos um pouco, ele deu uma desculpa esfarrapada sobre aquele dia e pediu que eu ligasse quando voltasse.

Eu liguei e a gente começou a namorar. Ele era legal, me tratava bem e me enchia de presentes. Vinha na minha casa nos fins de semana, a gente ia numa lanchonete, assistia a um filme... Um típico namorinho burguês. Nessa época eu estava morando com meu pai que, por sinal, não gostava nem um pouco desta história. Achava que eu era muito nova para ficar saindo por aí com um cara de vinte anos. Isso porque meu pai não sabia que, na verdade, ele tinha 25 — era dez anos mais velho do que eu.

O negócio foi esquentando como em qualquer outro namoro. Ele passou a vir em casa quase todos os dias e, quando meu pai encrencava, eu corria para a casa da minha mãe (tática típica dos filhos de pais separados). Foi então que começou a surgir um novo assunto: sexo.

— Acho que já tá na hora da gente transar, afinal já são mais de seis meses de namoro. Eu não sou mais moleque e já estou me chateando com essa história.

“E agora, o que é que eu faço? Será que eu já estou preparada? Se eu não transar com ele, aposto que vai embora. Talvez ele tenha razão, já está na hora. Bem, deixe-me pensar. O que eu sei sobre sexo? Tudo, oras, minha mãe leu pra mim o livro De Onde vêm os bebês quando eu tinha uns cinco anos. Nas aulas de ciências já aprendi sobre o espermatozoide, o óvulo, a vagina e o pênis. Na televisão já vi todas aquelas cenas românticas e até uns filmes nacionais mais picantes. Pronto, agora é só bater tudo num liquidificador e aí está uma relação sexual.” Os pais dele tinham ido viajar e nós estávamos sozinhos em casa. Ele apagou a luz e começou a me beijar.

— Só que eu não quero fazer nada, tá?

— Tá, tá bom.

Ele tirou a minha roupa e a dele também. Ficamos nos acariciando quando senti que ele ia me penetrar.

— Para. Você falou que não ia fazer nada.

— Só um pouco. Prometo que não vai doer.

Acabei deixando, acho que mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa. De repente ele parou e saiu de cima de mim. Será que alguém pode me explicar o que é que está acontecendo?

— É que eu não posso gozar dentro de você, senão eu te engravidado.

É mesmo. Eu tinha esquecido deste detalhe. Quer dizer que já acabou? E isso que é transar?

— Ih... Você não vai começar a chorar agora, né?

— É que eu pensei...

— Pode ir parando que agora já foi.

Então é isso... Nós já transamos. Mas como pode? Cadê o vinho, a lareira? Não é nada daquilo que eu esperava. Para tudo! Que estranho, que droga, que horrível! Por que é que ninguém explicou que era desse jeito? E que negócio é este de ficar me lambendo? É isso que é sexo oral? Poxa vida, outro dia lá na escola os meninos levaram uma Playboy e a gente ficou vendo. No meio de um dos textos apareceu uma nova expressão: "sexo oral".

— O que é isso, Dê? — perguntei pra minha amiga.

— É quando as pessoas ficam gemendo enquanto estão transando.

É, Daniele, decididamente nós não entendemos nada de sexo.

Agora você me pergunta: onde é que estava a camisinha nesta história toda? E eu respondo: não estava. Se já existia a AIDS? Já, sim, só que era coisa de "veado", de "grupo de risco".

E, além do mais, segundo meu namorado, camisinha era coisa de "puta". Eu não era "puta"; logo, não precisava de camisinha. O namoro foi continuando e, aos poucos, comecei a me sentir sufocada. Já não podia mais sair com meus amigos, não tinha mais tempo de estudar e cada vez que eu olhava para o lado era briga na certa. Não lembro direito como começou, só sei que ele passou a me bater. Um dia era um tapa porque eu havia recebido cartas de um primo; outro dia era um soco porque eu olhara para outro cara na

rua; e no final ele já estava me espancando por qualquer coisa. Lá em casa ninguém sabia; ao contrário, todo mundo achava ele um santo. Eu vivia nervosa, já não dormia mais. Tentava falar com ele e terminar tudo, mas ele virava um bicho e me batia ainda mais, depois se arrependia, chorava, pedia desculpas e prometia que aquilo nunca mais ia se repetir. Durante alguns dias ficava tudo calmo, era difícil acreditar que era a mesma pessoa. Mas depois começava tudo outra vez, cada dia mais violento, ameaçava matar meus pais e depois queria transar.

— Você nunca vai ficar livre de mim, eu posso até ir para a cadeia, mas quando sair venho atrás de você e te pego. com dinheiro e influência, ninguém fica preso neste país por muito tempo mesmo.

Eu não sabia mais o que fazer, morria de medo de contar pra alguém, achava que as pessoas não iriam acreditar em mim, que meu pai podia ficar bravo... sei lá. Eu só queria desaparecer, sumir, morrer. Até que um dia, depois de um ano de namoro, minha vó pegou ele me batendo. Foi horrível, um escândalo. Ele começou a berrar e ameaçar todo mundo até que minha mãe chamou o porteiro, que subiu e o colocou pra fora.

Ninguém acreditou no que tinha acontecido. Poucas horas antes, minha avó tinha dito que ele era um rapaz muito bonzinho e educado. Ninguém sabia ao certo o que fazer. Meu pai estava viajando, ligamos então para o meu tio, que também não estava. Acabou vindo minha tia. A tia Ciça é dessas pessoas que chegam e já vão tomando as rédeas da situação. Acalmou todo mundo e ligou para a casa dos pais dele. Para a nossa surpresa, disseram que aquilo era super normal, que eles já estavam acostumados com aquele tipo de ataque, ele até vivia quebrando a casa inteira. Disseram que ele já tinha chegado lá, ameaçando-os com uma faca, mas que já havia tomado uma injeção de calmante e estava tudo sob controle. Meia hora depois, ele liga pra minha casa e diz as maiores barbaridades. Conclusão: a família não havia tomado providência nenhuma e ele ainda estava solto por aí.

Era o mês de março de 1988 e minhas aulas começariam dentro de dois dias. Meu tio já havia chegado e achou melhor nos tirar da cidade por algum tempo. Levou-nos, então, para um hotel-fazenda,

onde ficamos uma semana. Enquanto isso, aqui em São Paulo, ele procurou um advogado, e descobrimos então que a polícia não poderia ajudar muito.

Depois de uma semana, voltamos para casa; afinal, eu precisava ir para a escola, o que não foi nada fácil. Meus amigos faziam perguntas, onde é que eu havia estado? o que havia acontecido? Eu não sabia como responder, morria de vergonha daquilo tudo e nunca contava a verdade. Até hoje essa história me incomoda, tive muita vontade de rasgar todas essas folhas. Gostaria de nunca ter escrito isso, gostaria de nunca ter passado por isso. Foi uma fase muito ruim da minha vida, que eu preferia que não tivesse existido. É muito doloroso lembrar, mas mais doloroso ainda é saber que eu não fui a única, que isso acontece com milhares de mulheres todos os dias. E depois de tudo ainda temos que ouvir:

“Acho que você era meio masoquista”, ou “Você bem que gostava, né?”.

Durante muito tempo fiquei quieta, achava que eu merecia, que a culpa era minha. Mas hoje não, e tenho vontade de sair gritando:

— Nós não gostamos disso. Nós não gostamos de apanhar, não gostamos de ser violentadas e também não gostamos desses comentários infelizes!

E se você não for sensível o suficiente para entender por que neste caso ou em tantos outros as pessoas optam pelo silêncio, por favor, pare de ler este livro.

Ele continuou me perseguindo por mais ou menos um ano. Eram cartas e telefonemas cheios de ameaças. Houve um tempo em que eu já nem podia ouvir o som do telefone, não saía nunca de casa sozinha e fiquei sabendo, mais tarde, que meu pai tinha até colocado um cara para vigiar a porta da escola. Descobrimos também que ele usava drogas, e com isso surgiu a questão da AIDS. Será? Fazia sentido, um mês antes, ao se candidatar a um emprego na polícia, ele havia sido reprovado depois de fazer um exame de sangue. Mas aquilo já era muito para a minha cabeça, e eu nem havia falado para os meus pais que tinha transado com ele. Além do mais, a AIDS naquela época era muito rara em mulheres.

2. UM CÁCTUS SECO E CHEIO DE ESPINHOS

Apesar de tudo, eu estava "livre" outra vez. E aquele ano de 1988 foi um dos melhores da minha vida, talvez porque fosse o último da escola, talvez porque fosse o último sem o fantasma da AIDS. Mas, com certeza, porque mais do que nunca eu estava perto dos meus amigos e aquilo me trazia uma felicidade enorme. Hoje passo horas me lembrando de tudo. Da gente sentado no fundo da classe fazendo zona; eu chutando a carteira da Pri gorda em dia de prova, para ela me passar cola; a Dê fazendo xixi na calça quando não conseguia parar de rir; o Cns, magrelo, sempre fazendo palhaçada; a Lumpa, baixinha de olhos claros e cabelão, me perguntando se eu achava que ainda dava tempo de ela ser uma jogadora de ténis famosa — detalhe: ela mal sabia pegar numa raquete. A Renata que estava sempre vendo revista de moda e tinha unha estilo capacete — esse era o nome que a gente dava para suas unhas comidas até o meio do dedo. O Fabrício, gigante de quase dois metros de altura. O Luiz e eu batendo altos papos cabeça sobre arte, eu querendo ser atriz e cineasta e ele, músico. A Gabi e a Mari, as irmãs mais loucas do colégio, que eram do outro terceiro ano. Os nerfa, os "cdf", os professores, a viagem ecológica para Cananéia, a festa dos anos 60 que a gente organizou para arrecadar dinheiro para a formatura. Eu e a Dê cabulando aula para ir de classe em classe fazer a campanha para vender os convites. A padaria do outro lado da rua, onde a gente passava o recreio. A "podre", uma lanchonete onde a gente almoçava quando tinha aula à tarde... E por aí vai. Aquele ano também era de vestibular, a coisa mais idiota que já inventaram nesse mundo. Não bastasse toda aquela baboseira que a gente precisava estudar, ou melhor, decorar, tínhamos que decidir aos dezessete anos o que faríamos com o resto das nossas vidas.

Ainda me lembro da gente com aquele maldito manual da Fuvest, decidindo com um X nossa futura profissão. Como se a gente entendesse alguma coisa de profissão. Tínhamos sonhos, é claro, quer dizer, alguns de nós nem isso tinham. Cansei de ver alguns de meus amigos sem nenhuma idéia do que fazer e, por outro lado,

outros cheios de idéias, mas que acabaram não fazendo nada. Acho que foi meu caso.

Desde pequena eu queria ser atriz. Essa história toda começou quando eu tinha uns seis, sete anos. Meus pais haviam se separado, eu e minha irmã morávamos com minha mãe e passávamos os fins de semana com meu pai. Daí ele começou a levar a gente no teatro infantil. Era sagrado. Todo domingo assistíamos a uma peça nova. Eu adorava, era a maior farra, principalmente porque meu pai se divertia à beça junto com a gente. Tava na cara que a maioria dos adultos estava ali por obrigação, mas o meu pai não. Ele sempre saía do teatro imitando um dos personagens, eu e minha irmã caíamos na gargalhada e aquilo era assunto para a semana toda. Assistimos a várias histórias e eu achava tudo aquilo o máximo. Era louca por aquelas pessoas que ficavam em cima do palco: as roupas, as cores, as brincadeiras... Quando descobri que aquilo era uma profissão, jurei que seria a minha. Um dia eu seria capaz de alegrar outras pessoas assim como eles faziam comigo.

Naquela época eu ainda era uma criança e as pessoas apertavam minha bochecha e diziam:

— Que gracinha, ela quer ser artista!

Só que eu fui crescendo e essa idéia nada de sair da minha cabeça. Pelo contrário, cada dia eu ficava mais obcecada. Lembro-me de que quando minha irmã e eu brigávamos ela dizia:

— Tomara que você morra!

— Eu nunca vou morrer, porque o artista é imortal! — eu respondia.

Megalomaníaca eu, né? Acho que eu andei vendo filmes demais.

Lá pelos meus doze anos, comecei a encher o saco do meu pai que eu queria fazer um curso de teatro.

— Você tá louca? Isso lá é profissão pra filha minha?

Era difícil de acreditar, nem parecia aquele cara que me levava no teatro. Pronto, aí estava formada minha crise de adolescência: fazer ou não teatro, eis a questão.

Durante um tempo, ele não deixou mesmo, e eu tive que me contentar com as montagens da escola. Mas depois acabou deixando, e eu fiz uns cursos que não eram lá grande coisa. O jeito

mesmo era esperar acabar o colegial e procurar algo mais sério. Quando chegou o vestibular, lá fui eu fazer mil provas. Era cinema na USP e na FAAP, teatro na EAD e na Unicamp e jornalismo na PUC. Quase fiquei louca. Houve dias que coincidiram duas provas, eu tive que sair correndo de uma, atravessar a cidade e fazer a outra. Às vezes não dava nem tempo de almoçar. Acabei largando a Unicamp no meio. No final, só passei em jornalismo na PUC, segundo uma amiga que havia visto meu nome na milésima chamada. Mas, como não era aquilo que eu queria, fiquei quieta e não contei para ninguém, pois àquela altura eu já estava com outra idéia: ir para os Estados Unidos.

Hoje me pergunto como minha vida teria sido diferente se eu tivesse feito uma faculdade. Faltou pouco para eu entrar na USP, passei até pra segunda fase. Mas aí só eram quinze vagas e, infelizmente, o meu nome não estava lá quando saiu a lista. É um negócio bem chato esse, sabe? Você fica procurando seu nome na lista e depois que lê pela décima vez acaba se convencendo de que ele não está lá mesmo. Daí começo a imaginar quem são os outros quinze sujeitos que entraram em meu lugar. Quem me garante que eles serão bons cineastas só porque acertaram mais do que eu em física, química ou sei lá mais o quê? A vontade que dá é ir atrás de um por um, tocar a campainha da casa deles e dizer:

— Bom dia, eu sou a Valéria PiassaPolizzi e, por um lapso do destino, você ocupou o meu lugar na faculdade. Pois bem, hoje eu estou aqui para averiguar seu desempenho, vai mostrando aí tudo o que você já fez.

Se ele tivesse feito alguma coisa boa, eu lhe daria os parabéns e iria embora. Até recomendaria os filmes dele. Agora, se o cara não tivesse feito nada de bom, ele ia se ver comigo. Juro que o mataria de remorso. Iria contar toda a droga da minha história, de como minha vida tinha se tornado miserável depois de ser reprovada no vestibular, de quão tristes eram os dias em que eu, sentada no cinema olhando aquela tela branca, chorava lágrimas de sangue, porque não pude filmar minha obra-prima... Faria um puta drama.

Nessa altura, o cara já estaria morrendo de culpa, todo apavorado. Ele pediria mil desculpas e prometeria ali mesmo que iria

rodar seu primeiro filme, e mais, eu seria sua co-diretora.

Isso mesmo, faríamos um filme juntos, que seria o maior sucesso de bilheteria dos últimos tempos e então viveríamos todos felizes para sempre! Daí eu acordei.

Não repare, não, é que eu sempre fui assim, meio viajante. Tenho mania de inventar histórias absurdas quando não consigo achar soluções para as coisas. De qualquer modo, nunca vou saber o que teria acontecido caso tivesse tomado outro caminho. E acho esse negócio meio injusto. Se eu fosse Deus, garanto que inventaria um jeito: a cada vez que alguém ficasse indeciso, poderia assistir a todas as opções antes de tomar alguma resolução.

Ou talvez nem precisasse tanto, era só permitir que certas coisas voltassem no tempo quando dessem erradas. Assim, quando acontecesse alguma coisa ruim, daquelas que dão um aperto no peito, a gente fecharia os olhos e desejaria bem forte. Quando abrisse, teria voltado alguns segundos no tempo e a coisa ruim teria deixado de existir. Acho que foi mais ou menos isso que eu quis que acontecesse quando vi meu teste de AIDS.

A maioria dos meus amigos acabou entrando na PUC. Às vezes me arrependo de não ter feito jornalismo lá. Não por causa do curso em si, mas por causa do tempo a mais que eu teria passado junto com eles. Sei que pode parecer um motivo meio estranho e sei também que naquela época eu não pensava assim. Mas as coisas mudam e os valores também. Só mais tarde fui descobrir o verdadeiro significado de um amigo.

Finalmente o vestibular acabou e, como eu não sou de ferro nem nada, fui passar as férias em Corumbá. Estávamos no início de 1989 e agora era só esperar fazer dezoito anos, que seria em fevereiro, e já poderia começar a ajeitar as coisas para ir para Nova York passar uns tempos com a tia Dete, que estava morando lá.

As férias, como sempre, foram ótimas. Cidade pequena é outra história. Dá pra sair sozinha, andar à noite a pé pelas ruas, voltar tarde, sem neurose de assalto, sequestro ou sei á mais o quê. Tem festa todo dia, a cidade inteira se conhece e, se não, acaba se conhecendo.

— Quem é aquele ali, hein?

— Aquele? Ah! É filho de fulano, neto de sicrano, irmão de beltrano. Tem tantos anos, mora na rua tal e faz tal coisa — ficha completa.

É claro que uma hora isso também enche o saco. Não se pode fazer um “ai” que a cidade toda fica sabendo.

— Sabe aquela lá, que namora aquele um? Pois é, ficou com aquele outro que já tinha ficado com aquela ali.

No começo eu, que era de fora, ficava até assustada — “Esse povo não tem nada melhor pra fazer do que ficar falando mal da vida dos outros?” —, mas depois acostumei e, no fim, estava até dando risada (e fofocando um pouco também, para ser mais exata). Além do mais, era muito cômodo ver uma pessoa num dia e na mesma hora já saber tudo sobre ela.

E foi mais ou menos assim que eu conheci o Leco.

Estávamos numa festa quando o vi pela primeira vez. Que cara bonito! Ele era moreno, alto, forte, usava uma camisa branca... (credo, eu lembro até a cor da camisa). É claro que logo fui me informar de quem se tratava e fiquei sabendo que ele era um dos caras de Santos, uma turma que tinha virado a sensação da cidade. Era amigo dum amigo da minha irmã e o irmão dele já tinha ficado com a minha melhor amiga. Coincidência? Não. É que, como eu já disse, a cidade era pequena mesmo e por isso a gente se encontrou mais um monte de vezes. Teve um dia que ele até nos deu carona, mas estava a maior zona no carro e nem deu pra conversar. Foi só no último dia de Carnaval que a gente se conheceu direito. Estávamos na concentração, uma festa que tem antes do baile pro pessoal se reunir e descer junto para o clube, pulando pelas ruas e seguindo o som da batucada.

Ele foi chegando e se apresentando. A gente ficou conversando e bebendo cerveja. Não demorou muito já estávamos bêbados, não demorou muito já estávamos nos beijando.

— Ufa! Até que enfim encontrei alguém que sabe beijar direito nesta cidade — ele disse.

Pelo jeito já tinha beijado a cidade inteira.

— Ah, é...? — Tudo bem, eu também já tinha ficado com outros tantos.

— E... As meninas daqui não beijam nada bem, sabe?

Aí não aguentei, caí na risada e a gente ficou tirando o maior sarro das corumbaenses (elas que não me ouçam!). Ele ainda me contou da bagunça que fez com os amigos na viagem, da espelunca onde eles tinham se hospedado, do golpe do banheiro que eles aplicavam nas meninas...

— Peraí, que golpe é esse?

— É aquele que a gente fala que vai ao banheiro, some e arranja outra.

— Meu, vocês são sacanas mesmo, hein? É melhor eu ficar bem esperta com você!

Ele riu e disse:

— Pode ficar sossegada que com você eu não vou aprontar nada.

— Acho bom mesmo!

No final, cada vez que a gente ia ao banheiro, ficava brincando:

— Olha, não some, tá?

Passamos a noite inteira juntos. Pulamos no salão, descansamos perto da piscina, comemos sanduíche no carrinho. Quando não aguentávamos mais de cansaço fomos embora, a pé, falando besteira e dando risada no meio da rua. O dia já havia amanhecido, tinha até passarinho cantando e, quando cheguei na minha casa, apaguei. Dormi o dia inteiro. Também, depois de cinco dias de Carnaval, é só o que se quer. Acordei com uma amiga lá em casa chamando a gente para ir na estação de trem. Os caras de Santos estavam indo embora, iríamos fazer uma surpresa. Lá fomos nós. No caminho me deu um frio na barriga, é estranho encontrar a pessoa no dia seguinte, ainda mais quando os dois não estão mais bêbados nem nada. O jeito foi chegar de mansinho e arriscar um "oi" meio tímido. Lembro que ele fez a maior cara de felicidade quando me viu. Podia ter dado uma de difícil, como a maioria dos caras metidos a besta, podia até ter me ignorado, mas não, ele era diferente e eu achei aquilo o máximo. Em meio à algazarra dos nossos amigos, a gente ficou ali, parado, se olhando. Ele me mostrou a cabine e me contou como seria a viagem. O trem apitou, avisando da partida. Ele sorriu, passou a mão no meu rosto e disse:

— Tchau!

Não liguei pra ele quando cheguei em São Paulo, e ele também não ligou, mas graças a uma coisa chamada acaso um belo dia um amigo da minha irmã, o Duda, de Santos, ligou lá pra casa, eu atendi, e a gente ficou batendo papo até que eu resolvi perguntar:

— E o pessoal daí, como é que está?

— Você quer saber do pessoal ou de alguém em especial?

Esse Duda sabia mesmo ser indiscreto.

— Tá bom, vai. Como é que tá o Leco?

— Tá bem. Por que você não liga pra ele?

No final, combinamos de todo mundo se encontrar. Meu pai tem um apartamento em Santos, para onde fomos eu, minha irmã e uma amiga passar o final de semana. A noite, eles vieram nos buscar. Ficou todo mundo ali, descontraído, na porta do prédio, conversando, lembrando das férias e da bagunça do Carnaval. De vez em quando, nossos olhos se encontravam e meu coração disparava. Depois de um tempo, o pessoal resolveu ir para um bar. Eu fui sozinha com ele num carro, o que me deixou mais ansiosa e acho que ele também, pois assim que paramos no primeiro sinal ele olhou para mim e disse:

— Posso te fazer uma pergunta?

— Pode — eu respondi, mas sem lhe dar chance fui dando logo um beijo na boca, de língua. Quando acabou, ele riu e disse:

— Era isso mesmo que eu ia te perguntar, se a gente ia ficar junto de novo.

E a gente ficou, aquele e muitos outros dias, até que surgiu uma outra pergunta:

— A gente tá namorando?

Juntos resolvemos que estávamos, mas não era um namoro pesado, cheio de posse, ciúmes, ou "Oh! meu Deus, como te amo". Era um negócio leve, livre, bem simples. Eu me lembro da gente namorando no carro, das coisas que ele me contava, do jeito que ele me tratava, do jeito que ele me olhava, daqueles olhos castanho-claros . . .

A gente conversava sobre tudo, tudo mesmo. Quer dizer, quase tudo. Ainda tinha uma coisa que me incomodava um pouco: sexo. A gente chegou a tocar no assunto várias vezes, mas eu acabava

sempre desconversando. Acho que era porque eu ainda não havia superado aquilo tudo que sofrera. Achei que tivesse, já havia passado mais de um ano, mas não.

Eu sabia que um dia acabaria contando pra ele, mas precisava de mais um tempo. Cá entre nós, convenhamos que não é nada fácil para uma menina de dezoito anos contar pro namorado de vinte que já tinha levado altas porradas de outro cara. Mas um dia eu contaria, sei que contaria, e daí ele entenderia por que eu ainda não tinha transado com ele. Ele era um cara legal. Nunca me forçou a nada. Eu me lembro de uma vez quando fui ao ginecologista, logo depois de toda aquela história de violência, e o médico me perguntou se eu havia ficado traumatizada.

— Não, traumatizada não — respondi. — Mas acho que não vou querer transar nunca mais.

— Nem se um dia você conhecer um cara legal? — O médico perguntou.

— Um cara legal? Mas o que é um cara legal? Bem, o Leco era um cara legal.

Já era o mês de maio e eu estava com quase tudo pronto para a viagem aos EUA, quando resolvi dar uma passada num médico gastro. Eu vivia com uma dorzinha de estômago, nada sério, mas achei melhor dar uma checada para não ter nenhum piripaque lá na casa da minha tia. Embora eu já estivesse bem grandinha para ir sozinha ao médico, minha mãe bateu o pé e disse que iria junto. Que saco! Mais saco ainda foi a droga do médico me perguntando "Onde dói?". Aqui, eu disse, apontando o esôfago. Ele deu uma risadinha e disse Desde quando esôfago dói na sua idade?". Se tem coisa que eu odeio são essas piadinhas sem graça de médico, quem ele pensa que é pra ficar fazendo pouco-caso da minha dor? Fiquei com vontade de mandar ele tomar no cu. Mas, em respeito à minha mãe, que provavelmente teria um desmaio, respirei fundo e só fiz cara feia. O dr. Sabe-Tudo me pediu uma endoscopia e que eu voltasse quando estivesse pronta.

Lá fui eu fazer a endoscopia. É, é isso mesmo, aquele exame que enfia um cano na sua goela abaixo até o estômago. Legal, né? Pois

é. Levei o resultado pro médico, que concluiu com a maior cara de bunda que eu estava mesmo com um problema no esôfago.

— Tá vendo? Quem mandou ficar tirando sarro da minha cara? Fala aí o que é que eu tenho.

— Sapinho no esôfago.

— O quê? — Logo imaginei um monte de sapos fazendo a maior festa no meu aparelho digestivo.

— Não é nada disso. Sapinho é aquele negócio branco que dá muito em boca de criança.

Nome científico: candidíase.

— Ah, tá... E agora?

— Agora vou te dar um remédio e te pedir mais uns exames — ele anotou os nomes num papel e disse: — Leva isso lá embaixo pra enfermeira, que ela te colhe o sangue agora mesmo.

O resultado saiu depois de alguns dias, e lá fui eu pegá-lo desta vez com o meu pai. O dr. Sabe-Tudo leu, não fez uma cara muito boa e disse que teria de pedir mais alguns exames.

— Eêêê, de novo? Por que já não pediu tudo de uma vez — eu reclamei.

— É porque primeiro eu precisava checar uma coisa e talvez nem precisasse pedir esses aqui, mas agora eu vejo que vai ser preciso...

Algo me dizia que o cara tava me enrolando. Ele pegou um papel e anotou umas coisas. Como da outra vez, eu estendi a mão para pegá-lo, mas desta vez ele não me entregou.

— Deixa que eu mesmo dou pra enfermeira — ele disse. - Desce lá e vai colhendo o sangue.

Achei aquilo muito estranho, mas fiz o que ele mandou.

Depois de uns dias, quando eu estava no trânsito, dentro do carro com meu pai, ele começa com um papo meio esquisito:

— Sabe, filha, essa doença nova que surgiu... No fundo ninguém sabe direito do que se trata... Cada um diz uma coisa... Isso de a pessoa morrer logo, talvez não seja bem assim...

Pronto. Não precisava dizer mais nada. Eu estava com AIDS. Aquele médico deve ter feito um teste sem meu consentimento e, pior, deve ter ligado pró meu pai para dar o resultado. Que sacanagem, ele não tinha esse direito! Não consegui dizer uma

palavra e também não me atrevi a olhar para o meu pai. Ficamos os dois em silêncio, olhando pela janela do carro. Eu pensando no susto que ele devia ter levado, ele pensando sabe Deus no quê. O próximo passo foi procurar um especialista. Fomos eu, meu pai e minha mãe. Só por aí já dava pra sacar a gravidade da questão: os meus pais nunca andam juntos. Chegando lá, entrei sozinha na sala do médico, que começou a me fazer um monte de perguntas. Pelo jeito alguém já tinha explicado alguma coisa pra ele. Quis saber com quem eu havia transado, se eu havia usado drogas, se eu sabia se o cara com quem eu havia transado usava, que tipo de sexo a gente praticou... Me senti num banco de réus, parecia que o meu crime tinha sido transar e provavelmente a sentença seria a morte.

Ele me explicou que o sapinho que eu havia tido era uma coisa comum nos pacientes HIV positivo, porque estão com baixa imunidade. Por isso o outro médico solicitara primeiro um exame de imunidade (uma contagem de CD4), que deu baixa, e depois o exame para saber se eu estava com o vírus. E estava. Mas, de qualquer jeito, ele pediu que eu repetisse os exames num laboratório melhor. É, acho que já não havia muita esperança. Lembro que antes de ir àquele médico, no caminho de ida, minha mãe havia feito uma promessa de parar de fumar. Agora, no caminho de volta, ela acendia um cigarro.

Fiz o exame e fiquei aguardando o resultado. As coisas estavam acontecendo tão rápido que eu não sabia nem o que pensar. Um tempo antes eu havia feito um curso de controle da mente, então passava os dias meditando, imaginando uma luz violeta sobre o meu corpo.

Uma parte porque acreditava que aquilo pudesse me ajudar, outra porque não havia mais nada que eu pudesse fazer.

O resultado saiu e lá fui eu levá-lo ao médico especialista, dr. Infectologista. Nos minutos que fiquei sentada na sala de espera com o envelope branco na mão, tentei imaginar como seria minha vida dali pra frente, mas não consegui. Fiquei, então, olhando para um vaso que havia ali na sala onde estava plantado um cactus seco e cheio de espinhos.

A secretária me chamou, eu caminhei até a sala do médico e lhe entreguei o envelope. Na verdade, um dos meus exames havia dado negativo, o que acendeu uma esperancinha. Mas o dr. Infectologista já foi logo me cortando:

— Você ainda tem alguma dúvida?

Uma notícia, pelo menos, era boa: a minha imunidade tinha aumentado. Eu perguntei o que deveria fazer dali pra frente.

— Nada — ele disse —, apenas tentar levar a vida normalmente.

Ah, claro!

— Posso ir para os Estados Unidos passar uns meses assim mesmo? Minha passagem está marcada para daqui a dois dias.

— Pode. Aproveita e faz esses exames lá. — Escreveu os nomes num papel e me entregou.

— Eles têm meios mais avançados.

— Tá. Eu preciso avisar as pessoas que eu beijei na boca durante esse tempo?

— Não. Não precisa.

Ainda bem. Já estava imaginando eu ter que ligar pros caras com quem eu havia ficado e dizer: "Oi, tudo bem, lembra de mim? Então, tô te ligando pra avisar que eu estou com AIDS". Que notícia! Ainda bem que eu nunca mais tinha transado com ninguém. Graças a Deus!

— E quando é que eu preciso voltar aqui?

— A cada três meses para checar a imunidade.

— ãhã.

— Agora vê se não fica encanando muito, porque tem gente que passou até dez anos sem desenvolver a doença.

Nossa, que bom, não? No mínimo ele ficou ali parado, esperando que eu desse um sorriso e saísse feliz e contente. Dez anos. Dez anos... A minha cabeça já tinha começado a fazer as contas. Peraí, já nem são mais dez. Se eu estou com dezoito anos, peguei isso provavelmente com dezesseis, então me restam só oito. Oito anos. Oito anos para eu me encher de pereba, meu cabelo cair, eu ficar pesando meio grama e tchau! Essa era a primeira sentença de morte que eu via com validade para oito anos. E isso se eu tivesse sorte, é claro, muita sorte.

— É só isso?

— É, se cuida, tchau!

Bem, agora só me restava pegar aquele avião e sumir, porém, eu tinha que fazer uma coisa: terminar tudo com o Leco. A gente já tinha conversado sobre a viagem e combinado que, durante o tempo em que eu estivesse fora, cada um poderia fazer o que quisesse, mas continuaríamos a namorar quando eu voltasse.

Ele veio se despedir um dia antes da viagem e eu já fui logo mudando tudo:

— Olha, acho melhor a gente terminar que esse negócio não vai dar certo.

— Não. Cada um faz o que quiser enquanto a gente estiver longe e quando você voltar a gente resolve, tá?

— Tá, tá bom, vai — acabei aceitando. Eu tinha certeza de que ele ia me esquecer mesmo.

— Promete que me escreve, Morena?

— Prometo.

Aquele dia também era aniversário do Cristiano, meu amigo de escola. Eu já estava indo dormir, quando o Luiz me ligou dizendo:

— Val, tá todo mundo indo lá pra casa do Cris. Vambora? Fui. Lá estavam todos os meus amigos na maior folia, a Dê, a Pri, a Lumpa...

— Gente, eu tenho uma coisa pra contar. Todo mundo me olhou.

— Eu tô indo amanhã cedo para os Estados Unidos.

— O quê? Val, você é louca, nem falou pra gente?!

— É que... É que eu resolvi tão rápido que... nem me lembrei... — Puxa, eu estava mesmo atordoada.

3 CLICK! O TEMPO PAROU

Peguei o avião bem cedo no dia seguinte. Era a primeira vez que eu viajava para um país tão longe. Sempre achei essa história de avião um barato. A pessoa entra, senta, fica ali algumas horas e, quando sai, está no outro lado do mundo,... O homem já inventou grandes coisas. Tinha até ido pra Lua antes mesmo de eu nascer. Só que agora eu estava com AIDS e ninguém podia fazer nada.

O avião aterrissa e eu desço naquele aeroporto tumultuado: gente diferente, língua estranha. Socorro! Mas no meio daquela multidão vejo uma cara conhecida:

— Tio André! — Ele, biólogo, havia recebido uma proposta de trabalho do Memorial Hospital e mudado com a família Já fazia quatro anos. Desde então a gente não se via.

Fomos pra casa e lá encontro minha tia. Ela, irmã da minha mãe - era a tia com quem as pessoas diziam que eu mais parecia. No Brasil, ela era jornalista; agora, em Nova York, não estava trabalhando, porque meus três primos ainda eram pequenos. O último, nascido lá, eu nem conhecia ainda. Sempre fui louca por crianças, acho as coisas mais fofas do mundo. Mas lembro que naquele dia tive medo de tocá-las. Eu havia conversado com o dr. Ginecologista, amigo da família, a respeito disso, e ele dissera que não existia risco algum, mas o preconceito das pessoas era tão grande que eu só fiquei mais tranquila depois que conversei direito com meus tios. Eles estavam muito bem informados, tinham procurado saber tudo quanto fosse possível. Não que já se soubesse muito sobre a AIDS, na verdade acho que não se sabia quase nada. Só mesmo que pegava e matava. E mesmo havendo casos de algumas mulheres contaminadas continuava a ser a "doença dos gays".

Fiquei lá com eles uns três meses e, durante esse tempo, fiz um curso de inglês e amizade com uma grega, visitei vários museus e perambulei pela cidade. Eu adorava ficar andando e olhando as coisas, aquelas pessoas estranhas, as mulheres cheias de laquê na cabeça, chiquésimas, mas de tênis, os caras todos de terno, os

judeus de chapéus e dois rolinhos de cabelo saindo do cavanhaque, os indianos com brinco no nariz, os blackpeople com aqueles sons enormes ligados no mais alto volume. As mulheres negras super bem vestidas, as madames limpando cocô de cachorro pra não levar multa... Eta cidadezinha esquisita!

Um dia, minha tia me emprestou a máquina fotográfica, dessas mais antigas, estilo profissional, só que toda manual. Comprei um filme preto-e-branco e saí tirando fotos pelas ruas. Meu tio dissera que fotografia era uma coisa mágica. Era como parar um instante no tempo. Hoje, cinco anos depois, gosto de pegar meu álbum, com todos os instantes que roubei do tempo, do tempo que passei em Nova York. As pontes, as ruas, as pessoas... Tem uma foto aqui que eu gosto - acho que foi uma das melhores que eu já tirei. Foi lá no r traí Parke. Na frente, um cara andando de bicicleta, do lado, mais atrás, um outro correndo de patins, e, ao fundo, as pessoas paradas tomando sol num imenso gramado. Dá pra ver direitinho que os dois caras estavam na maior velocidade, o cabelo puxado pelo vento, a expressão no rosto. Daí eu chego e click, paro tudo. Fica bem nítido. Não importa o quão rápido tudo está acontecendo, é só chegar e fazer parar. Tem outra que também é muito interessante. É uma que eu tirei de um restaurante pelo lado de fora do vidro, pra mostrar como era a decoração lá dentro. Só que, além disso, aparece o meu próprio reflexo no vidro. Um reflexo... Sabe, acho que era isso mesmo que eu parecia, um reflexo. O mundo continuava igual, os carros passando, as pessoas trabalhando, o sol quente brilhando, só eu já não era mais a mesma. Estava ali no meio de tudo, existindo sem existir, exatamente como um reflexo.

Depois de ter andado o dia inteiro, voltava pra casa e me sentava num sofá cinza que tinha na sala, grande e confortável, e ficava ali horas, olhando pro nada. A televisão ligada, as crianças brincando, minha tia cozinhando, meu tio chegando e eu ali, sentada, olhando pro nada.

Chegou o dia de repetir os exames, mas, em vez de repeti-los, meus tios me deram a idéia de consultar outro médico, assim teria a opinião de mais uma pessoa, um especialista americano. Naquela

época, meu inglês não era lá grandes coisas, então meu tio foi comigo.

Levamos os exames feitos no Brasil e explicamos tudo o que tinha acontecido. O médico não acreditou que eu estivesse contaminada. Primeiro, porque era mulher; segundo, porque não tinha praticado sexo anal e' terceiro, porque um dos meus exames deu negativo.

Além do mais, ele me explicou que aquele sapinho no esôfago era coisa de paciente em estado terminal. Eu estava vivinha da silva e parecendo bem saudável; logo, ele concluiu que aquilo tudo podia ser um grande erro. Lembro dele me dizendo:

— Nós vamos repetir o teste. Se der negativo, você vai esquecer tudo isso e encarar como uma difícil experiência pela qual você passou.

Uma luzinha acendeu de novo. Meu tio me abraçou e quase chorou no corredor do hospital.

Eu só pensava numa coisa, ligar para os meus pais e dar a grande notícia, dizer que tudo não passara de um pesadelo. Mas achei melhor esperar e ligar só quando estivesse com os resultados nas mãos. Fui dormir feliz, pensando num moreno de olhos castanho-claros que eu havia deixado no Brasil.

O exame ficou pronto, só que deu positivo. Coitado do médico, não sabia nem como me contar, me mostrou os resultados dizendo que havia repetido mais de uma vez, pois pra ele era difícil de acreditar.

— Tudo bem — eu disse. — Tudo bem.

Me despedi do meu tio, que iria continuar lá trabalhando, no hospital, e voltei para casa. Fui andando pela York Avenue devagar, vendo as pessoas, os carros, o céu azul. Dobrei a esquina na 63, entrei no prédio. Cumprimentei o porteiro simpático com um Hi, entrei no elevador e subi ao sétimo andar. Andei pelo corredor até o apartamento 701, abri a porta e entrei. Sentei no sofá cinza e fiquei ali, olhando pro nada. acho que ainda estaria lá até hoje se um dia minha tia não tivesse vindo falar comigo:

— Olha, Valéria, desse jeito não dá, você fica aí parada esperando a vida passar. Você tem que sair dessa. Sei lá." Fazer análise talvez

possa ajudar. Ou, quem sabe, se interessar por alguma coisa, alguma coisa que você goste.

Uma coisa que eu goste? Uma coisa que eu... Ah, já sei, teatro! Corta! Se isso fosse um filme, a cena seria cortada bem aí, a próxima eu apareceria em cima de um palco, na Broadway, como a atriz principal de uma peça, recebendo aplausos e flores de uma platéia lotada. Mas a vida não é filme americano; logo, não foi nada disso que aconteceu. Quer dizer, eu até que fui pra Broadway, não pra receber aplausos e flores, é claro, mas pra assistir a algumas peças. O que, cá entre nós, já era um bom começo.

ChonuiLme, Metamorphoju de Kafka com Barishnikov, Jazz Blue. . Nossa, eu havia me esquecido de como aquilo tudo era bonito.

Gente, acho que já tá na hora de voltar pro Brasil. Começar a fazer alguma coisa, estudar...

E foi o que eu fiz, devagar, mas fiz.

Chegando aqui, fui logo ligando pro Leco, eu precisava botar um ponto final naquela história. Liguei pra ele avisando que eu já estava de volta e ele foi lá em casa. A gente ficou conversando: eu contando da viagem, ele do que tinha feito por aqui. Um papo nada a ver, daqueles que as pessoas ficam falando, rindo, gesticulando, até que de repente acaba o assunto, e os dois ficam com medo de se olhar, porque no fundo sabem que não era nada daquilo que deveriam estar conversando. Daí eu disfarço, olho prum lado, olho pro outro, Passo a mão no cabelo, mordo o canto da boca. E vem uma sensação horrível, a sensação de estar sendo observada. Droga! Ele está me olhando! Eu não estava vendo, mas podia sentir o peso daqueles olhos castanho-claros em cima de mim, como se quisessem me invadir e descobrir o que se passava.

— Senti sua falta, Morena — ele disse e me abraçou.

Eu também tinha sentido falta dele, e como!... Mas eu não ia dizer.

— Você está muito esquisita. O que é que está acontecendo?

— Nada.

— Eu sei que está. Notei isto desde a sua última carta. Eu estava lá em casa quando chegou.

Lembro que fiquei supercontente quando vi que era sua, mas, quando li, você tava tão fria...

Era verdade, eu tinha sido fria mesmo, e de propósito. E continuava sendo. Continuava distante, não conversava direito, não tinha trazido nenhum presente pra ele. Nada. Nada que deixasse transparecer que eu havia pensado nele durante a viagem. Era uma maneira de fazer com que ele fosse me esquecendo. Não tinha mais jeito mesmo. Eu sabia que a minha vida, dali pra frente, não ia ser nada fácil e eu não queria envolvê-lo naquela história toda.

— Você ficou com alguém por lá?

— Não — sua idiota, acabou de perder uma ótima oportunidade. Devia ter mentido, dito que sim, que tava a fim de outro cara.

— Fala pra mim, Morena, o que é?

— Sei lá... — puxa, eu sabia mesmo ser irritante.

— Tá bem — ele disse —, então eu já vou indo, tá?

— ãhã — isso, vai, vai embora. Some, some logo da minha frente, antes que eu mude de idéia.

— Então... Tchau!

— Tchau!

— Olha, Morena, eu... — Pronto, tudo resolvido. Agora ele ia dizer que não estava mais a fim, que estava tudo muito estranho, que já tinha me esquecido... Vai, fala, fala logo! Mas não foi nada disso que ele disse, muito pelo contrário!

Para minha total surpresa, tirou um pedacinho de cortiça da carteira e me deu.

— Toma, eu comprei pra você de um cara que estava vendendo no farol.

Eu peguei e li o que estava escrito: "Se um dia uma leve brisa vier tocar-te os lábios, não te assustes, pois é minha saudade que te beija". Eu havia me esquecido, ele era mesmo diferente.

Aquela situação continuou por mais um tempo. Às vezes a gente saía, às vezes a gente ficava. E eu toda vez jurava que seria a última. Decorava discursos, inventava mil modos de terminar tudo. Mas, na hora, eu não conseguia falar nada. O jeito, então, foi ir me distanciando, sair junto só de vez em quando, fazer virar só uma amizade.

No resto, a minha vida ia se ajeitando. Continuei estudando inglês, entrei num novo curso de teatro e comecei a fazer terapia. A cada três meses, voltava no dr. Infectologista e, se tivesse com alguma outra coisa, procurava um especialista.

Como da vez em que fui ao oculista por causa duma bolinha, tipo tersol, que havia nascido no meu olho. O tal médico fora indicado pelo outro, assim quando eu cheguei ele já sabia do que se tratava. Mas nem por isso deixou de fazer um bando de perguntas. As de sempre: se eu usava drogas, com quantos tinha transado...

— Você não praticou sexo anal? — Aquela história de sexo anal já estava me enchendo o saco.

— Nããããã!

Ele fez uma cara de espanto e disse que eu era o primeiro caso de mulher brasileira a ser contaminada por penetração vaginal. Era só o que me faltava. Será que aquilo era verdade mesmo ou ele é que estava mal-informado?

— E isso é muito sério — ele continuou. — Porque, se houver mesmo esse tipo de contaminação, a doença vai se propagar muito mais rápido do que o previsto.

Ele parecia preocupado mesmo e, sem a menor cerimônia, pegou o interfone sobre a mesa e chamou um outro médico. Este veio e os dois ficaram ali me olhando, como se eu fosse um E.T. Mais um pouco e eles me colocariam em exposição numa vitrine para o mundo inteiro poder me olhar... E entre essas e outras terminava mais um ano, o ano de 1989.

No começo de 1990, como de costume, fui passar as férias em Corumbá. Natal, Ano-Novo, e em janeiro voltei pra fazer vestibular. Em menos de uma semana prestei, passei e entrei.

Engraçado, né? É. Mas mais engraçado ainda é que àquela altura eu nem estava pensando em fazer faculdade. Só que, no encerramento do meu curso de inglês, a professora me deu o maior incentivo, falou que eu levava jeito, que eu tinha que continuar estudando e perguntou por que eu não fazia logo uma faculdade de tradução. Ela tinha feito e gostado muito. Pois é, foi isso. Ela gastou cinco minutos comigo, e eu entrei na faculdade. Fico pensando,

então, como seria o mundo se todas as pessoas comessem a gastar cinco minutos de seu tempo umas com as outras.

Fiz minha matrícula, só que como ainda faltava mais de um mês para o início das aulas voltei pra Corumbá. Antes disso, porém, saí um dia com o Leco. A gente passou a tarde junto. Ele me levou na Cidade Universitária, me mostrou o prédio da Poli, onde estudava, os parques que havia por lá... Depois a gente foi pro apartamento dele. Os outros caras que moravam lá estavam viajando de férias, então ficamos só os dois. Eu lembro que era um andar super alto, num prédio da Paulista, e quando ele me mostrou a vista lá de cima eu quase morri de medo. No começo nem consegui chegar muito perto da janela, mas depois, devagarinho, debrucei pra ver lá embaixo. Dava o maior frio na barriga. O vento batendo no rosto, o barulho da avenida meio de longe, os carros pequeninos passando:

— Que louco! Deve ser muito estranho morar aqui.

— Não, nem tanto.

— Nossa, dá o maior medo!

— Ele riu.

— Não dá não, deixa que eu te seguro — chegou mais perto e me abraçou por trás.

Pronto, pintou o maior clima de novo. Logo agora que tava indo tudo tão bem, a gente ali junto, só por amizade?

Eu estava com uma blusa de ombro de fora, ele levantou o meu cabelo e começou a beijar a minha nuca. Eu me virei e ele me deu um beijo na boca. Ai que saudade eu estava dele, do corpo dele, dos beijos dele. A gente foi pro quarto e se deitou na cama. Ele tirou a minha blusa e depois a dele. A gente ficou ali, se abraçando e se apertando, seu corpo quente em cima do meu, sua boca molhada beijando a minha.

Já estava ficando tarde e eu precisava ir embora. A gente se levantou, se vestiu. Enquanto ele foi ao banheiro eu fiquei ali no quarto, esperando. A luz ainda apagada, um pouco de claridade entrando pela janela, o barulho da avenida ao longe e uma palavra de quatro letras que teimava em não sair da minha cabeça. Podia ser a-m-o-r, mas não era. Era A-I-D-S.

Jurei que aquela seria a última vez que a gente ficava junto. E foi mesmo.

Pegamos o carro e ele foi me levar até em casa. No caminho, fomos conversando.

— Então, Morena, quer dizer que você acabou de chegar de Corumbá e já vai voltar pra lá de novo?

— Vou, tenho que aproveitar as férias, né?

— É, você tá certa. Acho que eu também vou pra lá, mas só no Carnaval. O pessoal tá combinando de ir outra vez, que nem no ano passado, quando a gente se conheceu.

— Legal, assim agita mais a cidade.

— E o pessoal de lá como é que tá? Alguma novidade?

— Não, mesma coisa de sempre. Quer dizer, tem uns caras novos por lá, quatro gringos da Dinamarca.

— E aí, você conheceu?

— Conheci. Eles são super legais. Vieram pro Brasil sem conhecer ninguém e sem falar uma palavra em português. Compraram um carro e saíram rodando pelo país. Só que chegando lá em Corumbá o carro quebrou e eles tiveram que ficar mais tempo do que pretendiam.

— Ah, é?

— É. Daí, como quase ninguém na cidade fala inglês, eu fiquei andando com eles pra dar uma ajuda.

— Você ficou com algum deles?

— Não. — E não tinha mesmo. Ainda. Só que depois,, quando voltei, eles ainda estavam lá e a gente continuou a sair junto. Apresentei pra eles o pessoal da cidade, dei uma mão pra resolver o assunto do seguro do carro e no final acabei ficando com um deles, o Jacob. Ele era super bonito, loiro de olhos verdes, parecia que tinha saído de uma capa de revista; inteligente, bem legal. Além do mais, nossa cultura era completamente diferente e isso era assunto pro dia inteiro. E melhor que tudo: ele estava só de passagem. E dali pra frente seria assim, eu só ficaria com alguém quando tivesse certeza que não iria vê-lo nunca mais.

E foi exatamente o que aconteceu com o gringo, a gente ficou junto enquanto ele tava em Corumbá, depois ele voltou pra

Dinamarca e a gente nunca mais se viu. Simples, né?

O Carnaval chegou e com ele também a turma de Santos fazendo a maior zona pela cidade.

E lá no meio deles o Leco, é claro. A gente continuava se encontrando, conversava, saía para dar umas voltas, mas não rolava mais nada. E eu estava feliz de as coisas terem se ajeitado sem grandes complicações. Até que um dia, numa festa, antes dum baile de Carnaval, ele chega do nada, me leva prum canto e começa a me dizer um bando de coisas. Ele estava completamente bêbado, falando alto e quase chorando. No começo eu não entendi nada, ele ficava repetindo que eu tinha mentido pra ele e me xingava de tudo quanto era nome. Só depois que ele falou que não ligava de eu ter ficado com outro cara (ele também já tinha ficado com outras garotas), mas que eu não podia ter mentido, foi que eu deduzi o problema: ele ficou sabendo que eu tinha ficado com um gringo e estava pensando que eu tinha mentido pra ele naquele dia em São Paulo.

Eu podia ter explicado, ter argumentado, ter conversado, mas não, fiquei lá parada, olhando pra ele e ouvindo ele me xingar. Até que ele acabou, virou as costas e saiu andando. Eu ainda podia ter ido atrás, ter gritado, ter feito ele parar. Ter dito o quanto ainda gostava dele. Mas também não fiz nada disso. Fiquei lá parada, vendo ele ir embora. Dane-se, é melhor assim.

Achei que a gente nunca mais fosse se falar. E na verdade ficamos um bom tempo sem nos ver. Mas, àquela altura eu já deveria saber, ele era mesmo diferente. Um ano depois ele me liga e a gente fica conversando. E continua tudo assim. De vez em quando me liga, conta da vida dele, eu conto da minha... A última vez que a gente se falou faz uns três meses. Ele diz que está com saudades, que a gente precisa combinar de sair.

— É, precisa. Vamos sim!

— Tá. Mas então me liga, né? Só eu que te ligo — ele reclama.

— Eu te ligo sim, qualquer dia desses eu ligo.

Nunca liguei. E agora estou aqui, escrevendo toda essa história - E pensar que ele nunca soube... Fico imaginando se um dia esse livro cai nas mãos dele, ele lê e fica sabendo do outro lado da história, do

meu lado da história. Que jeito de ficar sabendo das coisas. Às vezes, tenho vontade de ligar pra ele, de contar tudo, mas aí fico imaginando eu ligando, cinco anos depois e dizendo: "Oi Leco, tudo bem? Tô ligando pra te contar uma coisa. Lembra quando a gente ainda namorava e você me perguntou por que eu andava tão esquisita? Então, era porque eu havia descoberto que estava com o vírus da AIDS". Nada a ver, né? Ah, sei lá... Talvez se eu contasse de outro jeito. Quem sabe um dia. Quem sabe um dia eu ainda conte. E agora vocês devem estar se fazendo a mesma pergunta que eu. Por que é que eu não contei tudo naquela época, medo de perdê-lo? É, acho que foi medo sim, mas não só de perdê-lo, porque afinal eu o perdi de qualquer jeito. Acho que tive medo também de ele querer ficar. E eu sabia que a minha vida dali pra frente não ia ser nada fácil e eu não queria envolvê-lo naquela história toda. <

E assim foi a minha primeira grande perda, e esse era só o começo, porque depois vieram muitas outras. Agora, sim, eu começava a entender o que era ter o vírus da AIDS. Os médicos continuavam a dizer que eu não devia contar "aquilo" pra ninguém. "O preconceito é muito grande", eles explicavam. E aí eu também já não procurava mais os meus amigos.

Naquela época, como dissera, eu estava fazendo terapia. Lembrome da primeira vez que fui lá. Eu acabara de chegar dos Estados Unidos e estava completamente perdida. Sabia que tinha que fazer alguma coisa, mas não sabia por onde começar. Foi aí que me lembrei da tal psicanálise e resolvi procurar ajuda profissional. Antes, porém, tinha que falar com meu pai para pedir um outro tipo de ajuda, a financeira (é que eu ainda não trabalhava). Meu pai nunca foi muito a favor dessas coisas de terapia. Ele acha que o sujeito tem de se virar sozinho. Mas acabou concordando. Por aí dá para ver como eu estava.

Mais uma vez o médico amigo da família, o dr. Ginecologista, me indicou alguém, uma psiquiatra. Eu peguei o telefone e marquei uma hora. Quando chegou o dia, lá fui eu.

Era uma casa grande, meio antiga. Dava para perceber que era uma espécie de clínica, onde vários terapeutas trabalhavam, cada qual em sua sala. Logo na entrada, perto de uma escada, a mesa da

secretária. Eu me dirigi até ela e disse que tinha uma hora marcada com a dra. Sylvia.

— Pode aguardar ali — ela me disse apontando a sala de espera.

Sala de espera. Aquilo já estava se tornando uma grande rotina na minha vida. E o pior é que, no fundo, todas são iguais: um quadro ali, um sofá acolá e um bando de revistas do ano passado. O que fazer? Nada. Como o nome já diz, ficar esperando.

Na verdade, eu já havia feito terapia uma vez. Ludoterapia, para ser mais exata. Eu tinha uns seis ou sete anos, foi quando meus pais se separaram. Não lembro muito bem como tudo aconteceu, só sei que um dia minha mãe nos catou, eu e minha irmã, e fomos pra Santos. Ficamos morando lá uns seis meses. Tivemos que mudar de escola e passamos a ver meu pai só nos fins de semana. Eu sentia muito a falta dele e a isso deram o nome de “criança problemática”. Foi aí que a minha mãe resolveu me levar a uma psicóloga. Bem típico dos adultos, bagunçam a vida da gente e depois nos levam ao psicólogo para eles darem um jeito.

A primeira psicóloga que eu fui, em Santos mesmo, até que era legal. Ela tinha uma caixa cheia de brinquedos, papéis e tintas, com os quais eu ficava brincando. Nunca entendia, entretanto, por que é que aquela “tia” ficava ali me olhando.

Mas não ligava muito pra isso. Mais tarde, porém, quando voltamos pra São Paulo, passei a ir em outra psicóloga. Uma aí que tinha o cabelo cor de vinho e usava duas tranças laterais presas no alto da cabeça, que, por sinal, eu detestava. Detestava também a sala dela, os brinquedos dela, as roupas dela. E, acima de tudo, detestava o jeito de ela ficar ali, me espionando enquanto eu brincava, ou melhor, fingia que brincava. E, como se isso tudo não bastasse, por causa dela, os meus pais viviam brigando. Minha mãe querendo que meu pai pagasse as consultas, e meu pai dizendo que não era daquilo que eu precisava.

No final, nem lembro direito como foi que eu me livrei dessa. Mas, como eu nunca fui flor que se cheire, dá para imaginar as confusões que eu arrumei para parar de ir na tal psicóloga. E agora, depois de tudo aquilo, muitos anos mais tarde, lá estava eu sentada numa sala

de espera para fazer terapia de novo. Essa vida dá muitas voltas mesmo.

Olhei mais um pouco pra sala: quadro, sofá, revista. Nisso aparece uma mulher. Baixa, meio gorda e de cabelos ouriçados. Era uma daquelas pessoas que não chegam a estar mal arrumadas, mas acabam sempre dando a impressão de que a roupa não lhes cai bem.

Deduzi logo que ela era uma das psico-alguma-coisa que ali trabalhavam, pois ficou discutindo sobre horários e recados com a secretária. "Será que esta é a dra. Sylvia?", eu me perguntei. "Tomara que não!", e já comecei a me imaginar sentada numa sala olhando pra cara dela. Como é que alguém com aquele cabelo poderia me ajudar? Lembrei-me das tranças horrendas da antiga psicóloga, me deu um frio na barriga. Tomara que não seja esta! Tomara que não seja esta!

A dita-cuja desapareceu e logo depois veio uma outra. Mais ou menos da minha altura, cabelos claros bem curtos e olhos brilhantes. Como a anterior, ficou ali por alguns minutos falando com a secretária.

Bem que podia ser essa, eu pensei. Ela tinha cara de boa. Não boazinha (e isso até que me agradava, pois nunca fui muito chegada em pessoas "boazinhas" logo de cara. Sempre preferi aquelas cuja bondade tem que ser conquistada). Mas, como eu ia dizendo, ela tinha cara de boa, boa naquilo que faz.

Depois de um tempo, esta segunda pessoa também sumiu lá pra dentro e eu continuei ali sentada, torcendo para que a tal dra. Sylvia fosse ela, porque, se fosse a outra, eu era capaz de sair correndo.

A secretária se aproxima e avisa, apontando a escada:

— A dra. Sylvia tá lá em cima te esperando.

Me levantei, saí da sala de espera, cruzei o hall onde ficava a mesa da secretária e subi a escada, que, combinando com o resto da casa, era grande e de madeira. Fui subindo devagar, degrau por degrau, para não fazer barulho, segurando no enorme corrimão branco, fazendo figas e torcendo para que a dra. Sylvia fosse a de cabelos curtos.

A escada acabou e bem ali, perto da porta de uma das salas, estava ela, me esperando. Ufa!

Era mesmo a de cabelos curtos. Ela estendeu a mão me cumprimentando: "Oi, eu sou a Sylvia". E fez sinal para que eu entrasse.

Era uma sala pequena, em tons de verde. Na frente, um janelão imenso, fino e comprido, quase alcançando o teto, por onde se via uma imensa árvore. No lado esquerdo, uma caminha; no direito, uma escrivaninha. Num canto e no outro dois aparadores cheios de livros. Embaixo das janelas, duas cadeiras pretas de lona. Fiquei esperando que ela me apontasse em qual das duas eu deveria me sentar. Não queria dar um fora logo de cara. Ela me apontou a da direita e eu me sentei. Ela também se sentou e começamos a conversar.

Ela já sabia, pelo dr. Ginecologista que a indicara, que eu tinha o vírus da AIDS. E eu sabia que ela era acostumada a atender pessoas com algum tipo de doença.

Falei um pouco da minha vida, família etc. Ela, de como seriam nossos encontros, o tempo de cada sessão, o preço, e que nós não teríamos nenhum envolvimento social. Nenhum envolvimento social? Pronto. Aí minha cabeça gênia já começou a funcionar. E fiquei imaginando eu dando de cara com ela numa festa e tendo que fingir que não a conhecia (minha cabeça adora pensar em coisas idiotas). Mas depois me liguei que não era nada daquilo, ela devia estar se referindo à ética profissional. E parei de pensar naquelas besteiras.

A sessão acabou e, para primeiro dia, até que não tinha sido muito ruim. No entanto lembro que achei muito estranho ficar contando coisas da minha vida pra alguém que eu nem conhecia. Mas como eu não tinha outra opção...

No segundo dia, contei outras coisas. No terceiro, outras. No quarto, um pouco menos. No quinto, menos ainda. E lá pelo sexto já não estava falando mais nada. Ficava só sentada imersa em pensamentos, a mil milhas dali. De vez em quando acordava, olhava pra ela, dava um sorrisinho, ela correspondia e aí eu mergulhava em pensamentos outra vez.

— No que é que você está pensando? — ela perguntava.

— Nada — eu respondia. Sou doida de fazer isso, o mundo está caindo sobre minha cabeça e eu digo “nada”.

Em outros dias, até que eu ficava mais solta. Às vezes falava, às vezes chorava, às vezes nada. E ela ali, sempre comigo. Aos poucos, fui me acostumando com ela. Aos poucos, fui gostando mais dela. E hoje não consigo imaginar como teria sido minha vida sem ela, a “minha” Sylvia.

Durante muito tempo aquele foi o único lugar em que eu falava de AIDS. As vezes, nem mesmo falava, mas só o fato de saber que ali dentro, pelo menos, eu tinha o direito de ter AIDS já era uma grande coisa. Fora dali quase ninguém sabia, e os que sabiam — meus pais, meus tios de Manaus e meus tios dos Estados Unidos — nunca tocavam no assunto.

Uns porque estavam longe, outros porque não sabiam mesmo o que dizer. E então minha vida era assim: mais difícil do que ter o vírus da AIDS era ter que fingir que não tinha.

Uma vez meu pai comprou um livro que falava sobre o assunto e largou em cima de algum móvel onde eu pudesse ver. Peguei o livro e dei uma olhada. Era bem técnico, falava das formas de contágio, dos exames, estatísticas, de pesquisas que estavam sendo feitas para se tentar descobrir mais sobre a doença... Nada de novo. De vez em quando também saía alguma matéria no jornal. Mas cada um dizia uma coisa, eram teorias diferentes, tratamentos diferentes, e tinha gente brigando até pela descoberta do vírus. Vê se pode.

Pessoas morrendo no mundo inteiro e neguinho brigando pra dizer quem foi o primeiro a isolar a maravilha do H I V.

Eu lia de tudo um pouco. De vez em quando, minha tia Dete dos Estados Unidos também me mandava algumas reportagens que saíam por lá. Teve até uma vez, em novembro de 1989, que eu assisti a uma palestra. Uma amiga minha que estava fazendo cursinho na área de biológicas comentou comigo que assistiria a um curso de fim de semana sobre AIDS e outros temas. Eu acabei me inscrevendo e fui com ela (sem despertar suspeitas, é claro).

O curso era voltado pra gente da nossa idade e o professor era um cara duns quarenta anos, metido a enturmado, daqueles que ficam fazendo piadinhas imbecis para provar que são nossos amigos.

Já no primeiro dia falou de AIDS. Contou uma rápida história do vírus, da contaminação, e depois ficou horas mostrando slides onde apareciam pessoas doentes. Era uma foto, uma piada sarcástica e risos. Ele mostrava, por exemplo, a foto de uma afta numa pessoa normal e depois outra afta numa pessoa com AIDS que, segundo ele, ficava imensamente maior. Mudava o slide e mostrava uma ferida, mudava de novo: com AIDS, um "feridão". Diarréia, sarcoma de Kapos. "Ah, essa é linda!", ele dizia e apontava para os órgãos genitais de alguém com AIDS em estado terminal e com alguma doença sexualmente transmissível. Senti nojo, não das figuras, mas daquele espetáculo ridículo que tratava de algo tão sério como se fosse um filme de terror barato e de quinta categoria.

Depois fez mais piadas sobre o comportamento sexual dos jovens e ilustrou com historinhas do tipo: "Daí os dois se conheceram e já transaram logo de cara, no primeiro dia. Aposto que não sabiam nem o nome um do outro (risos). Mais tarde ela descobriu que havia sido contaminada".

Grande coisa, eu havia transado só depois de seis meses de namoro e contaminada do mesmo jeito. O problema não estava no tempo, e sim no preservativo, ou melhor, na falta dele. Mas, em vez de dar ênfase a isso, ele preferia dar uma lição de moral.

Para concluir, fez um "joguinho de estatística", dizendo que naquela época havia tantos casos, dentro de mais alguns anos o número triplicaria e, mais um pouco, metade da população já estaria contaminada.

— Para vocês terem uma idéia — ele continuou —, imaginem que, numa sala cheia de gente como esta, pelo menos uma das duas pessoas sentadas ao seu lado estaria com o vírus.

Daí todo mundo olha pro lado, faz uma careta de medo e cai na risada. Nessa hora até eu ri.

Ri porque fiquei imaginando a cara da minha amiga, que estava do meu lado olhando pra mim e rindo, se ficasse sabendo que eu tinha mesmo o tal vírus. Era patético! E patética também era a atitude do professor que, ao mesmo tempo que queria mostrar que pessoas contaminadas podiam estar em qualquer lugar, parecia não levar em conta que ali mesmo pudesse haver uma. Ou será que ele

era tão insensível a ponto de fazer aquela gozação toda assim mesmo?

No final senti uma enorme desesperança e pena, muita pena de todos ali. Do professor, pela sua tentativa inútil de conscientizar os jovens através do medo e de lições de moral; dos jovens, pela certeza de que nada daquilo faria com que se protegessem; e de mim, porque não tive coragem de me levantar bem no meio da palestra e contestar tudo. Pra começar, dizendo e mostrando que pessoas com AIDS ou com o vírus da AIDS não são nenhum monstro. Que só ter medo e comportamento moralista nunca havia salvado ninguém. E que as pessoas têm é que encarar tudo de frente, sem tabus e preconceitos.

Sim, era isso mesmo que eu deveria ter feito. Mas não fiz, continuei sentada em silêncio. Se fosse hoje, entretanto, depois de tudo que vi e vivi, me levantaria sim e contaria toda minha história. E porque acredito que esse seja o melhor caminho é que estou aqui escrevendo este livro. Para que eu comece a me levantar e não deixe outros caírem.

Março de 1990. As férias em Corumbá acabaram e as aulas em São Paulo começaram.

Agora minha vida era assim: faculdade de manhã, trabalho à tarde e teatro à noite e nos fins de semana. Mas não durou muito tempo, não. Três meses depois eu já havia largado a faculdade.

O curso em si até que não era ruim e, finalmente, eu estava estudando só as matérias de que gostava: português, Inglês, literatura, poesia, comunicação. As aulas eram como em qualquer outra faculdade. Uns cem alunos por classe, todos batendo papo lá no fundo e uma pobre duma professora lá na frente discursando para meia dúzia de interessados, às vezes nem isso.

Os professores eram bons. Se bem que eu sou meio suspeita para falar disso. Sempre achei que, por pior que fosse um professor, ele sempre tinha alguma coisa pra nos ensinar, ainda que não fosse bem a matéria dele. O mais chato de tudo era ter de levantar às seis da manhã, pegar um ônibus e cruzar a cidade. Nessa época eu já tinha carta, mas uns meses antes eu havia dado uma "batidinha" e então não me sentia segura o suficiente para ir dirigindo. Em suma, minha

vida acadêmica não era nenhuma maravilha. Mas, apesar de tudo, dava pra ir levando como qualquer outro mortal. O que aconteceu então? Contas, oras. A minha cabeça começou a fazer contas de novo. E depois de alguns cálculos cheguei à infeliz conclusão de que eu não teria tempo de terminá-la, pois antes disso já teria morrido.

Nessas aparece um abelhudo qualquer e diz: "Mas você não pode pensar assim. Todo mundo vai morrer um dia". Eu sei, gente. Estou cansada de saber disso, mas não é a mesma coisa. Deixa ver se eu consigo explicar.

Suponhamos que eu faça um bolo de chocolate — por sinal o único que sei fazer. Receita da GAbi, lá da escola. Era o bolo que a gente fazia pra vender no recreio e arrecadar dinheiro pra nossa formatura. Os ingredientes são os seguintes:

- 3 xícaras de farinha de trigo
- 2 xícaras de açúcar
- 1 xícara de chocolate em pó
- 2 xícaras de água fervente
- 1 xícara de óleo
- 2 ovos
- 1 colher de sopa de fermento em pó
- 1 colher de chá de bicarbonato de sódio
- 1 pitada de sal.

Aí você põe tudo numa tigela e mexe. Passa margarina numa fôrma retangular, despeja a massa dentro e põe no forno pra assar. Para completar, uma cobertura de brigadeiro e pronto! Aí está o bolo de chocolate mais gostoso do mundo!

Alguém chega então e diz que, sem você perceber, estava marcando o tempo enquanto você fazia o tal bolo. E que — na maior calma, sem pressa nenhuma — você levou exatos minutos. Ele propõe o seguinte: que agora você faça tudo de novo, o mesmíssimo bolo, no mesmíssimo tempo, só que com uma pequenina diferença: vai pôr um relógio bem na sua frente marcando os minutos e fazendo tique-taque. Vamos lá?

Um, dois, três e já! Ingredientes: ovos, onde estão os ovos? Na geladeira. Pega os ovos.

Ploft! Os ovos caíram, maior meleca. Pano, onde é que tem um pano? Ah, na área de serviço. Abre a porta da área, o Felipe foge (Felipe é o nosso cachorro, um bcuéd-hound, aquela raça que tem uns vinte centímetros de orelha, cinco de pata, oitenta de comprimento e é gordo, bem gordo). Entro na área de serviço e reviro tudo pra procurar o pano. Acho o pano, volto pra cozinha, mas os ovos não estão mais lá onde eu os havia derrubado, agora estão espalhados por toda a cozinha (arte do seu Felipe, é claro, e de suas longas orelhas que arrastam tudo pelo caminho). Tique-taque, já foram cinco minutos. Droga, depois eu limpo. Pego outros ovos, quebro dentro da tigela. Pego a farinha, o saco tá furado, mais sujeira. Tique-taque, tique-taque, não vai dar tempo! Açúcar, chocolate, óleo: mais meleca!

Tique-taque, dez minutos. Água, tem que ferver a água. Põe numa panela, leva pró fogão, não acho o fósforo. Fósforo, fósforo, cadê o fósforo!! Minha vó vem passando calmamente pela cozinha:

— Vó, não tem fósforo nessa casa não?!

— Não, minha querida, o fogão é automático.

— Ah...

Tique-taque, tique-taque, quinze minutos, tique-taque, ferve a água, tique-taque queima a mão. Tique-taque, tiquetaque não vai dar tempo! Sal, bicarbonato, fermento, manteiga, margarina... Socooooorrrro!!!

Viu? Foi mais ou menos isso que aconteceu comigo. Eu me atrapalhei toda e larguei a faculdade. Acho que nem preciso dizer que nos dois casos, no bolo e na faculdade, o tempo não havia se esgotado. Se olhasse no relógio da cozinha perceberia que ainda restavam muitos minutos. E, se olhasse no relógio da vida, perceberia que hoje já estaria formada.

Mas como {ninguém é perfeito...

Continuei então a estudar teatro. Eu estava adorando esse novo curso, era de longe o melhor que eu já havia feito. Quem o indicou foi a dra. Sylvia. Eu iria prestar um teste numa escola e precisava de alguém para me dirigir numa cena. Foi aí que ela me falou do tal professor, um senhor duns cinquenta anos que trabalhava com teatro havia muito tempo e até tinha feito, mais tarde, uma

faculdade de psicologia para compreender melhor o psiquismo dos personagens. Logo de cara me interessei por ele; quando assisti a uma de suas aulas então, nem se fala. Seus alunos estavam fazendo uma cena de Hamlet e, quando acabaram, ouvimos a opinião do professor. Até aquele dia, eu jamais tinha visto alguém levar um texto tão a sério, tratar os personagens tão a fundo e se dirigir ao teatro com tanto respeito. Fiquei maravilhada. E, em vez de prestar o exame na outra escola, passei a estudar ali com eles.

Foram três anos dedicados ao teatro. Tínhamos aulas de interpretação, corpo, voz.

Estudávamos as tragédias gregas, obras de Shakespeare, Strindberg, Tennessee Williams, autores nacionais e muitos outros.

Mas, acima de tudo, estudávamos a alma humana, como dizia nosso mestre, Wolney.

Até que um dia, quando já estava com o diploma na mão e o documento que me permitiria trabalhar como atriz profissional, fiz minhas malas e fui embora, largando tudo para trás.

4. OU'RE WELCOME!

Meu pai me largou no aeroporto, eu despachei minha mala e fui em direção ao portão de embarque. O guarda conferiu meu passaporte e depois me apontou o caminho. À minha frente, o local de revista. Coloquei minha bolsa sobre a esteira rolante e passei pelo detector de metal. "Pode seguir", disse a moça. Caminhei até o portão dez e, quando cheguei à sala de embarque, me sentei. Olhei no relógio, ainda faltavam quarenta minutos, mas a sala já estava cheia de pessoas que como eu, iriam para o outro lado do mundo. Muitas delas literalmente para o outro lado do mundo, pois a última escala do avião seria em Tóquio.

Me levantei, cruzei a sala e fui ao banheiro. Odeio esses banheiros públicos com esses espelhos enormes, por mais que você evite, acaba sempre dando de cara com você mesma, que é que eu fiz com o meu cabelo? Eu estava horrível. E pior é que eu sempre soube que me detestava de cabelo curto. às vezes a gente faz cada coisa consigo mesma que é difícil de acreditar. Voltei pra sala de espera, finalmente o embarque foi anunciado. Os passageiros formaram fila e entraram no avião. Minha poltrona não era do corredor como eu queria, mas ao menos ficava na ala de não-fumantes. Sentei-me, agora era só esperar o avião levantar vôo. Isso me fez lembrar da minha primeira viagem aos Estados Unidos quatro anos antes. Nova York... O urso! Toda vez que penso em Nova York me lembro do urso-branco do zoológico do Central Park. Como ele era fofo! Eu adorava vê-lo mergulhar naquela imensa piscina transparente e descer até o fundo, como se estivesse em câmera lenta. Aí nós ficávamos nos olhando de pertinho, separados apenas pelo vidro. Como era lindo! Puxa, já haviam se passado quatro anos. Muita coisa tinha acontecido nesse tempo, muita coisa.

"Tripulação, preparar para decolagem", anunciou o piloto. O avião começou a mover-se até pegar velocidade na pista, fez aquele barulhão todo e saiu voando em direção a outro lugar.

E se há algo de que eu me orgulho nessa vida são os lugares por onde passei. E lá estava eu, indo para mais um. Um lugar que até

quinze dias atrás eu nem sabia que existia. E ali, dentro do avião, comecei a lembrar.

Fazia muito tempo que eu não encontrava os meus amigos da escola. De repente me deu uma saudade enorme. Pouco antes de viajar tinha ligado pra Priscila meio sem jeito. Contei pra ela da minha vida, de como estavam as coisas. Ela me falou dela e do pessoal da escola com os quais ainda mantinha contato. Eu disse que estava pensando em viajar de novo.

Dessa vez para fazer um curso de inglês na Califórnia. Ela me ofereceu uns prospectos de cursos no exterior.

A noite, em casa, olhei um por um e separei só os da Califórnia. Mesmo assim ainda eram muitos e, para dizer a verdade, quase todos iguais. Fotos de lugares bonitos na frente com depoimentos de alunos dizendo o quanto amaram o curso, opções de alojamento etc.: Santa Bárbara, Santa Mônica, São Francisco, parei no seguinte: era uma foto bonita duns prédios altos e atrás um mar bem azul: "San Diego StateUniversity", estava escrito. "É pra lá que eu vou."

Peguei o endereço e fui até o representante deles no Brasil! A moça me explicou que o próximo curso começaria em quinze dias. "Dá tempo?", eu perguntei, "Se você providenciar tudo bem rápido ainda dá", garantiu ela.

Antes disso, porém, teve o aniversário da Ré. E lá foi todo mundo pra casa dela. Já fazia um tempão que a gente não se via.

— Dê, Cris, Lumpa, Luiz! Nossa, tá todo mundo igual mesma cara, mesmas brincadeiras, mesmo jeito de se vestir, — O que é que você queria, Val?

— Ah, sei lá, que tivesse todo mundo diferente, já com cara de adulto, executivos, ricos, famosos.

— Eêê Val. Você viaja, hem?

— Ah, não era o que a gente combinava lá na escola? Que] quando a gente se encontrasse uns anos depois todo mundo estaria diferente?

— Pois é, né? Só que a gente continua a mesma coisa.

— Calma aí, pessoal. Eu pelo menos já me formei — contestou a Priscila.

— É mesmo, né Pri? Agora você já é “a administradora”,! pra quem não sabia nem o que queria, até que você se saiu bem — tiramos um sarro. — E aí, como é que você se sente?!

— Vocês querem saber mesmo? A mesma merda. — Todo mundo caiu na risada. j

— E você, Ré, tá gostando de fazer direito?

— É... mais ou menos. Ah, não sei ainda muito bem.

— Como ainda não sabe? Você já tá quase acabando!

— Bem feito — retrucou a Dê. - Cansamos de te falar pra fazer produção de moda, foi seguir o papai, viu no que deu.

— E, Dê, vê se também não fala muito. Você tá gostando de administração, por acaso?

— Não, tô odiando! Sem contar que ainda faltam dois anos. Não aguento mais a PUC.

— Tá vendo, Dê? — disse a Pri. — Quando a gente saiu da escola você não quis prestar lá, disse que era faculdade de babaca, que só iria estudar se fosse na FAAP, onde tinha gente bonita. Se danou! Acabou tendo que ir pra PUC de qualquer jeito.

— E, sem contar que ainda tive que fazer um ano de cursinho. E você, Val, largou mesmo o teatro?

— Larguei.

— Por quê?

— Ah, sei lá, desisti, mudei, fracassei. Não sei.

— Desistiu mesmo, Val? — perguntou o Luiz. — Mas você gostava tanto!

— É. E você, Luiz? Fiquei sabendo que a sua banda tá indo super bem, que você tá detonando no sax, que até já deu entrevista no Jô Soares.

— Tá, tá super legal, vamos até gravar um disco. Mas mesmo assim eu continuo com a engenharia. Nunca se sabe, né?

— Gente, eu tenho uma coisa pra falar — disse o Cristiano. - Cara, não peguem AIDS.

Ontem eu fui no Emílio Ribas. Meu, que coisa horrível! AIDS é a coisa mais deprimente que eu já vi. Usem camisinha, usem!, usem!

Pronto. Tava demorando, eu sabia que ia surgir esse assunto a qualquer hora. Nos últimos anos as pessoas começaram a falar mais

no assunto. E eu, disfarça...

— E aí, Cris, tá gostando de fazer medicina? — perguntei.

— Tô, era o que eu queria mesmo.

— Ei, pessoal, daqui a pouco vai chegar o namorado da Renata!

— Xi, é mesmo! Quem diria hein, a Ré namorando sério?

— E você, Dê, acabou lá com aquele?

— Graças a Deus! Puxa, quatro anos. Já tava na hora mesmo. Foi o maior atraso de vida.

— ...então, quando eu fui atender - estava dizendo a Lumpa.

— Atender? Lumpa, você já está atendendo?

— Já, oras! lá mesmo, no ambulatório da faculdade.

— E aí, tá gostando de odonto? Desistiu mesmo de ser tenista?

— Ah, gente, não ri, vai. Aquilo foi só uma fase.

— Aêêê, dona Lumpa!

— Mas então, como eu estava dizendo — continuou ela —, chegou um cara que era veado para fazer obturação. Aí, lógico, eu não quis atender.

— Por quê?

— Como "por quê"? Porque o cara era veado, oras. E hoje em dia, com esse negócio de AIDS, não dá pra facilitar. E a gente que é dentista sempre corre risco.

Dessa vez não pude me conter:

— Peraí, Lumpa, primeiro que você não pode julgar alguém só porque ele é veado, como você diz. E, segundo, que já está mais do que provado que AIDS não é coisa só de homossexual, até uma criança pode ter o vírus.

— É, eu sei, mas não é bem assim...

— Lógico que é. Qualquer pessoa que for no seu consultório pode ter AIDS. A única coisa que você tem a fazer é tomar as devidas precauções para se proteger contra o vírus. Usar luva, esterilizar o material, tudo o que for possível. Mas isso não é só com veado, é com qualquer pessoa que você atenda.

— Também não é assim, né Vai! — defendeu o Luiz. — Eu também não sei se atenderia se fosse comigo.

Aí eu explodi.

— Gente, que ignorância, eu não acredito que vocês ainda pensem assim, que AIDS é só coisa de marginal! Será que vocês não percebem que com esse preconceito todo vocês acabam correndo mais riscos?

— Ah, Val, não exagera, vai!

A vontade que eu tive foi de marcar uma consulta com a Lumpa e ir lá no consultório dela.

Ela, lógico, iria me atender com o maior prazer, pois, afinal de contas, eu era sua amiga, menininha rica da sociedade, limpíssima, gente finíssima. Só que aí, quando ela viesse com aqueles materiais todos cutucar a minha boca, eu lhe diria alto e bom som:

— Eu tenho o vírus da AIDS!

Eu queria ver só a cara dela. Que ignorância! Bem, quem sabe daqui a uns vinte anos ela aprenda e faça como o meu dentista, que quando lhe perguntei "eu sou portadora do HIV, você me atende?", "claro", ele respondeu, "eu só vou tomar algumas precauções. Mas fique sabendo que essas precauções eu tomo com qualquer pessoa. Você me avisou que tem HIV, só que pode ser que outros não me avisem, uns porque não avisam mesmo, outros porque nem sabem que estão contaminados. Por isso, eu tomo precaução com qualquer cliente".

Que palavra bonita: PRECAUÇÃO, bem diferente de PRECONCEITO, e bem mais segura! Continuamos a conversar, ouvindo música, comendo e bebendo.

— Gente, tenho uma novidade — eu disse —, estou indo viajar na semana que vem.

— Êêê Val, você sempre avisa em cima da hora.

— É que eu sempre resolvo em cima da hora.

— Pra onde você vai?

— Pra San Diego, na Califórnia.

— Quanto tempo?

— O primeiro curso é de dois meses. Mas vou ficar mais, bem mais. Talvez nem volte.

— Credo! Vê se escreve pelo menos.

— É claro que eu vou escrever, principalmente porque eu vou querer saber do final da novela "A sra. Priscila aceitará ou não o

novo emprego?', tchan, tchan, tchan, tchan...

— Ah Val, não goza, eu tô na maior crise.

— Tô sabendo, Pri. - A Priscila estava num dilema. Trabalhava num lugar que odiava; em compensação, ganhava uma grana legal. Só que acabara de passar no teste numa empresa de auditoria, a área que ela queria fazia tempo. Nesse novo emprego, porém, ela trabalharia o dobro e ganharia a metade.

— E aí, o que é que eu faço? — ela nos perguntava.

— Não faz nada, oras. Pede demissão da que você está e não aceita a outra. Aí fica coçando o dia inteiro. Há! Há! Há! — a gente brincava.

— Cala a boca, meu! Vocês só falam merda. O pior é que meu pai tá enchendo o saco, fica aí dizendo que dinheiro é tudo na vida.

— É, né? Digamos que uma grana de vez em quando é bom. Mas, por outro lado, ficar neurótico o dia inteiro num escritório que você odeie é pra matar qualquer um. Conclusão: sei lá, droga, faz o que você quiser. O que VOCÊ quiser! Entendeu?

— Ei gente, eu também estou num dilema - essa era a Lumpa —, eu não sei se continuo com aquele cara ou não.

— Nossa, Lumpa, que problemão, hein?

— A Lumpa ficou mais idiota depois que começou a transar...

— O quê? A Lumpa já tá transando?

— Também já tava na hora, né? Vinte e dois aninhos...

— Ah, gente, não fala não, que eu ainda não transei — falou a Pri.

— Eu também não! — disse a Renata.

— Bom, vocês sempre foram meio devagar mesmo!

— Dá pra parar de rir, Cristiano? Quem vê pensa que você é o comedor.

— Comedor não, mas bem que eu já tracei umas.

— Pronto, agora ele vai começar a contar suas proezas sexuais.

Vai lá, Cris!

— E você, Val? Conta aí como foi sua primeira vez!

— Que conta aí o quê, meu!

— É, Preta, você nunca conta nada pra gente.

— Vocês são foda, hein?

— Vai, fala, fala logo.

— Tá bom, vai, foi aquele cara do navio.

— O quê?! Aquele que você namorou quando a gente tava no segundo colegial?! Sua traidora, você nem contou pra gente!

— Ah... é que foi um negócio meio complicado. Ele era meio louco, andou me batendo.

— Val, você nem contou nada?! Bem que a gente achou você meio estranha naquela época.

— É, ele vivia me perseguindo, me ameaçando, aquilo me deixava meio nervosa.

— Você precisa se abrir mais com a gente. Você nunca fala nada...

— É, eu sei... Mas e aí, Cris, você ia contar das suas proezas sexuais. Conta aí, como é que foi? Usou camisinha, pelo menos?

— Usei!

— Usou mesmo todas as vezes?

— É...

— É o quê? — perguntou a Pri.

— Quase todas, vai.

— Bonito, né Cristiano? Chega aí com esse papo de médico, que é pra todo mundo usar camisinha e você que é bom, nada — disse a Lumpa.

— Não, gente, mas agora eu tô usando — explicou ele. — E você, Lumpa, usa?

— Não, mas também eu só transo com o meu namorado.

— E daí, Lumpa, o que é que tem isso? - eu perguntei.

— Eu confio nele, oras!

— Meu, não era você que tava falando agora mesmo que não ia atender o veado no seu consultório por medo de AIDS? E aí, pra transar, onde o risco é muito maior, você não usa camisinha só porque o cara é seu namorado? Vê se lembra, Lumpa!

— É isso mesmo, quem é que garante que o cara não tem o vírus? As vezes ele tem mas nem sabe. Pode ter pego anos atrás. E, se não usa camisinha com você, provavelmente também não usava com as outras.

— E não fala muito também, viu Cris? Você acabou de falar que já transou sem camisinha — disse a Pri.

— É isso aí, Cristiano! — eu reforcei.

— Ah é? E você, Val? Só transou de camisinha até agora?

— Não — e é por isso mesmo que eu estou contaminada, eu pensei. Eu tinha que contar isso pra eles, eu tinha que alertar os meus amigos. Eu tinha que mostrar que AIDS podia acontecer com qualquer pessoa, inclusive com um de nós.

— Gente... — Mas aquilo ficou preso na minha garganta, e eu não consegui falar. — Olha, não adianta nada a gente ficar discutindo. Se vocês tiveram a sorte de transar até agora sem camisinha e não se contaminaram, ótimo! Mas daqui pra frente não desperdicem essa chance, não desperdicem isso por nada desse mundo.

— É, Val, você tá certa — disse a Pri.

— E, Priscila, você tá falando isso só porque nunca transou! — provocou a Lumpa.

— Ainda não transei mesmo. Mas tá aqui, ó! - ela abriu a bolsa e tirou uma camisinha —, tá aqui pra quando eu quiser transar.

— Tá certo, Pri — concordou o Cris —, só que toma cuidado que essa aí já deve estar vencida!

Todos riram.

— Não achei graça nenhuma, viu, Cristiano? — reclamou a Priscila, se esforçando para não rir.

— Eu tô falando sério! — continuou o Cris. — Camisinha tem mesmo prazo de validade.

— Viu só, Pri? Trate então de usar logo!

— Vocês são muito engraçadinhos!

— Aê, Pri, tem que usar!!! Tem que usar!!!

Ah, meus amigos... Até quando eu ia ter que esconder tudo deles? Até quando eu ia ter que continuar fingindo que nada daquilo estava acontecendo comigo?

“Dentro de instantes daremos início ao serviço de bordo”, anunciou uma voz pelo microfone, fazendo com que eu me lembrasse de que estava dentro daquele avião. Avião...

E, eu estava indo embora, não precisava mais pensar naquelas coisas.

A aeromoça colocou uma bandeja na minha frente. Nossa, eu havia até me esquecido de que eu ainda não tinha jantado. Carne com batatas. Eca! Ultimamente eu não andava com a mínima fome,

mas vamos lá, uma forcinha... Caramba, já anda difícil comer por aí, imagine nesse pratinho. Corta a carne, derruba a batata. Pega o pãozinho, esbarra no copo de refrigerante. Abre a manteiga, cai na salada. Chega!! Vejamos o que temos de sobremesa: hummm, tortinha de chocolate! Que delícia, experimento... "Que delícia", se não tivesse esse gosto de areia, blá, desisto.

A aeromoça recolhe a bandeja e avisa que vai passar um filme. Eu coloco o fone de ouvido, mas não me interessa. As luzes já estão apagadas e eu acho melhor dormir. Fecho os olhos, mas não consigo. Dormir num avião não é tão fácil assim. Lá fora é noite e faz escuro. E perdida na escuridão está a Lua. E perdida nessa imensidão estou eu. O homem foi pra Lua antes mesmo de eu nascer. Agora eu estou indo embora e ninguém nada pode fazer.

O dia amanheceu, o avião pousou fazendo aquele barulhão enorme que eu adoro. Respirei fundo e pensei: "Califórnia, aí vamos nós!". Passei pela alfândega onde o policial conferiu meus vistos de estudante e turista: corretíssimos. Depois foi só pegar o outro avião e em meia hora estava em San Diego. Céu claro, sol forte, clima seco. Peguei minha mala e chamei uma buttle, um serviço de vans parecido com táxi.

O motorista loiro de cabelos encaracolados desceu, me cumprimentou simpaticamente, pegou minha mala e a colocou no porta-malas.

— Podem entrar — ele disse para mim e para um senhor que também estava ali —, eu vou levar primeiro esse senhor, tá? É quase o mesmo caminho.

— Tá, tudo bem. Melhor, assim eu já vou dando uma olhada na cidade.

Entrei, sentei, coloquei o cinto de segurança e partimos. O motorista e o outro passageiro foram conversando enquanto eu olhava pela janela. Nós estávamos numa daquelas ruas enormes. Abri o vidro para sentir o vento batendo no meu rosto. Ah, que delícia! Havia muito tempo que eu não sentia essa sensação de liberdade! Depois de uns minutos perguntei:

— Demora muito pra gente chegar na cidade?

— Nós já estamos na cidade — respondeu o motorista, rindo.

— Ah é? É que isso daqui parece uma estrada.

— San Diego é assim mesmo. Os bairros são todos espalhados. Para ir de um canto pro outro parece que você está viajando.

— Que interessante... Mas eu achava que a cidade era menor.

— Não, não. Ela é a sétima maior cidade dos EUA. Você é de onde?

— São Paulo. Conhece? É uma cidade bem grande também, lá do Brasil.

— Brazil? The Amazon!

— É... Brazil, a selva...

— Você veio estudar aqui?

— Vim.

— Tá vendo aquela montanha? É lá que nós vamos deixar esse senhor.

— Que bonito! É ali que o senhor mora? - perguntei ao outro passageiro.

— É, sim. É um lugar muito bom.

Parecia mesmo. Era uma montanha lá longe, cheia de casinhas. Quando chegamos em cima, descobri uma vista mais bonita ainda. San Diego era assim, cheia de montanhas bonitas.

Enfim, chegamos à casa daquele senhor. Não era nenhuma mansão, era uma casa simples e engraçadinha, mas com uma coisa, ou melhor, sem uma coisa que eu trocava por qualquer mansão: não tinha grades nem muros. Era apenas rodeada por um gramado que se confundia com o da casa vizinha, que se confundia com o da outra casa vizinha, e da outra, e da outra... O senhor pagou a corrida, se despediu com um sorriso e desceu.

— E agora SDSU, certo? — perguntou-me o motorista, já com o carro em movimento. — Que lugar da universidade você vai?

— Que lugar? Nos dormitórios.

— Qual dormitório?

— Qual? Sei lá qual. Foi só o que me disseram.

O motorista me olhou pelo retrovisor, balançou a cabeça rindo e disse:

— Você sabe quantos dormitórios tem nessa universidade?

— Não. Quantos?

— Por volta de cem!

— Ah, é? — caramba, e agora? Só eu mesmo, ir morar num outro país e não levar o endereço direito! — Ah moço, então... então me deixa em qualquer lugar que eu me viro.

Ele me olhou de novo pelo retrovisor, balançando a cabeça e rindo:

— Pode deixar que eu vou te ajudar a achar o seu.

— Verdade? Obrigada, hein? Obrigada mesmo!

— E isso não vai te custar nada a mais — completou ele.

Puxa, pensei, se fosse lá no Brasil, era bem capaz de o motorista me largar no meio da rua e eu ter de virar uma *homeless*. *Homeless*... *homeless*... cara, me amarro no som dessa palavra, *homeless*): sem-casa. Sabe que até deve ser bem legal ser uma *homeless*. Mora na rua, fica vendo os carros passarem, não tem que fazer exame de imunidade, não tem que tirar passaporte, só come quando tem comida. Fica lá sem horário, sem ninguém pra encher o saco, olhando pró céu, pras estrelas.

Deve ser bem legal mesmo. Se a minha vida não der certo nesta universidade, eu acho que vou virar uma *homeless*.

Continuei olhando pela janela e apreciando a vista. Apreciando a minha nova cidade.

Alguns minutos depois ele disse:

— Nós já estamos dentro do campus da universidade.

— Nossa, é tudo tão grande, moderno, bonito. Parece uma cidade mesmo (e eu parecia uma caipira chegando na cidade grande).

— Mas é como uma cidade! As pessoas que vivem aqui quase nunca precisam sair do que eles chamam de área da universidade. Mais ali pra frente tem supermercado, cabeleireiro, farmácia etc. Agora eu vou te levar no escritório do Instituto de Línguas, pra gente perguntar qual é o seu dormitório, tá?

Ele parou o carro em frente a umas casinhas com cara de escritório. Entramos. A moça do balcão nos informou qual era o meu dormitório e avisou que eu tinha um teste em meia hora.

— O quê? Moça, eu acabei de viajar treze horas de avião, tô zonza até agora, nem almocei...

— É — ajudou o motorista — ela deve estar muito cansada!

— Bem, então você pode fazer amanhã, se preferir.

— Mas eu vou ficar mais atrasada ainda? — os testes, para saber qual o nível dos alunos, já haviam começado na segunda e hoje já era quarta. — Não, não. Pode deixar que eu faço hoje mesmo.

A mulher me deu um bolinho sem-vergonha pra tapear a fome e lá fui eu com o motorista pro meu dormitório. Paramos em frente a um prédio bem alto cujo nome era Tenochca. Ele tirou a minha mala do carro e a levou até a portaria. A moça que estava tomando conta dali, depois de procurar meu nome na lista, informou que eu havia sido transferida de prédio, já que eu queria ficar sozinha num quarto. O motorista pegou minha mala de novo, entramos no carro e fomos para o outro prédio: Toltec Hall. Era mais baixo, tinha só três andares. Era todo de tijolinho vermelho, com um gramado verde na frente. Ele pegou minha mala de novo e fomos para a portaria. Nossa, eu já estava com vergonha.

— Deixe que eu carregue”, eu disse.

— Não, que é isso...”, retrucou ele.

O cara da portaria pegou a lista e achou meu nome. Aquele dormitório estava praticamente vazio.

— Tem aqui um formulário para você preencher, depois você me traz. Ali é a sala de televisão, ali tem uma cozinha e sua caixinha de correio é aquela ali. A lavanderia é no final do corredor. E eu estou sempre na portaria das duas às seis da tarde. Qualquer coisa, vem falar comigo. O seu quarto é no segundo andar, sobe aquela escada ali e vira no corredor à direita, que é a ala das mulheres. Alguma pergunta?

— Agora não, mas mais tarde provavelmente terei um monte.

Mais uma vez o motorista pegou minha mala, subimos as escadas e viramos à direita num corredor cheio de portas. 201, 203, 205... 213, aqui. Chegamos! Abri a porta e dei uma rápida olhada no quarto, olhei no relógio:

— Eu já estou atrasada!

— Vamos que eu te deixo lá pra fazer o teste — disse o motorista, que foi me mostrando o caminho enquanto me levava.

— Você já conhece por aqui?

— Já. É que eu trago sempre estudantes do aeroporto pra cá - ele estacionou a van perto dumas casinhas, as salas de aula do Instituto de Línguas, que ficavam em frente a um estacionamento a céu aberto. Por ali havia vários estudantes, pelo jeito todos estrangeiros, como eu. Desci da van e olhei no relógio:

— Chegamos em tempo! Ainda tem até uns minutinhos. Olha, se não fosse você, não sei o que seria de mim. Obrigada!

— Você é bem-vinda! — ele disse. Essa é a tradução ao pé da letra de you are welcome, que as pessoas geralmente traduzem por “de nada”. Mas eu prefiro “você é bem-vinda”.

Acho bem mais bonito, adoro quando alguém diz isso para mim.

— Quanto é? — perguntei.

— São quinze dólares.

— Tá aqui — dei a grana pra ele e ele foi pegar o troco. — Não, não precisa, tá certo.

Ele me olhou assustado:

— Mas você me deu uma nota de cinquenta dólares!

— Tá, mas tá certo. E muito obrigada, hein?

— Ei, garota, você sabe quanto é isso? Você sabe quanto são cinquenta dólares?

— Sei. Acho que sei... É pra você, pode ficar! — Ele continuou me olhando assustado. — Não é pelo dinheiro não — expliquei — é que você foi muito legal, mesmo.

— Tudo bem, tudo bem... — concordou ele, mas ainda parecia inconformado. — É que eu não estou acostumado a receber tudo isso de caixinha.

— Ah, tudo bem, eu também não estou acostumada a encontrar gente tão legal pelo caminho.

— Ah... Bem, então... obrigado. E, olha, eu espero que dê tudo certo pra você por aqui. Te desejo boa sorte!

— Obrigada. Acho que vai dar, sim. Principalmente se todas as pessoas que eu encontrar forem legais como você! Obrigada de novo!

— Você é bem-vinda.

5. UM PEIXE FORA D`ÁGUA

Achei minha sala e fiz o longo teste. Não estava muito difícil, o único problema era que tudo ao meu redor balançava como se eu ainda estivesse no avião. Em todo caso, saí de lá com a sensação de que tinha ido bem. O professor nos informou a hora e o local da prova oral, que seria no dia seguinte. Por hoje, então, era só. Deixei a sala de aula e fui para o pátio da frente.

Vários estudantes também estavam por ali. Gente de todo o tipo: loiro gordo, morena magra, amarela de cabelo comprido, roupa curta e cabeça raspada, vestido sério e sapato esquisito, chinelo largado e brinco na orelha, brinco no nariz e olhos verdes, olhos azuis e olhos puxados, patins coloridos, mochila nas costas, calça rasgada, blusa listrada... Puxa, aquilo era o máximo! Era esse um dos maiores motivos pelo qual eu tinha vindo pros Estados Unidos. Era um dos lugares onde eu poderia encontrar gente do mundo todo. Uma mistura de raça, religião, cultura, gente! E como eu gosto de gente! Eu poderia ficar horas sentada num lugar, só olhando as pessoas passarem, andarem, falarem, gesticularem, pensarem... Aquilo ia ser um prato cheio!

Dei mais uma olhada ao meu redor: "Amanhã, quem sabe, eu conheço alguém", pensei.

"Agora eu preciso é comer". Fui seguindo o caminho que o motorista havia me ensinado até a lanchonete, daquelas que se encontram em qualquer esquina do mundo. Ótimo, assim não preciso pensar no que vou comer, vai o de sempre. Pede-se rápido, paga-se rápido, come-se rápido. Aqui tudo é rápido. Passei também num mercadinho e comprei alguma coisa de comer para levar para o quarto. E voltei pra casa apreciando a vista. Era tudo muito bonito por ali, muito limpo, muito bem-cuidado. Eêê, universidade de Primeiro Mundo!

Cheguei no dormitório tranquilo, vazio. Guardei minhas compras na geladeira. É, tinha até geladeira e micro-ondas dentro do quarto. Por falar em quarto, eu nem o tinha olhado direito. Era um quarto simples, porém prático. Dois armários embutidos, um de cada

lado da porta. Depois duas camas, cada qual encostada a uma parede. Embaixo da janela, que ficava em frente à porta, duas escrivaninhas e duas cadeiras. Também havia dois jogos de prateleiras e dois murais de cortiça com algumas tachinhas. O quarto era assim, tudo de dois. Isso porque os americanos têm o costume de dividir os seus quartos com outro estudante. E o mais curioso é que isso é feito às escuras, ou seja, você só conhece o seu companheiro de quarto depois que vão morar juntos. É claro que você preenche um tal formulário, na tentativa de acharem o "par perfeito". Mas a verdade é que a única garantia que eles lhe dão é que o seu room mate vai ser do mesmo sexo. Para os americanos, já acostumados com o tal esquema, isso deve ser moleza, até interessante se você cai com uma pessoa legal. Agora, pra mim, sem prática desse tipo de coisa, era melhor ter um apartamento só meu mesmo. Além do mais, tinha aquela história toda da AIDS. Não que se pegue só por dividir o mesmo quarto, é claro que não. E acho que quase todo mundo já sabe disso. Só que, mesmo assim, ainda existe gente que se recusaria a fazê-lo. Por quê? Não sei. Até, se você for uma dessas pessoas, quem sabe um dia possa me explicar. Abri minha mala e comecei a guardar as roupas no armário. Arrumei meus quinhentos vidros de gotinhas homeopáticas na prateleira (ultimamente eu vinha me tratando com homeopatia), arrumei a cama e pronto. Mas... estava meio esquisito, meio vazio. Nada pra pregar no quadro de cortiça, nada pra colocar sobre a escrivaninha. Eu tinha trazido pouca coisa mesmo.

Abri a persiana para olhar lá fora. Meu quarto era de frente e a vista era bonita. Logo abaixo, rodeando o prédio, um gramado, depois uma cerca, a calçada, a rua bem calma onde dificilmente passava carro, a outra calçada do lado de lá, a outra cerca e um abismo.

Um abismo enorme. E depois, lá longe, outra montanha repleta de casinhas. É que devia ser mais ou menos assim: a universidade ficava em cima de uma montanha e entre essa montanha e a outra lá na frente havia um vale, o tal abismo. Era uma vista bonita. Pra direita, mais pro fim da rua, um outro dormitório, só que bem alto, mais novo e, pelo jeito, ainda estava completamente vazio. Já para o

lado esquerdo havia casas que não pareciam ser de estudantes. Eram maiores, todas muito bem-cuidadas, cheias de flores, com carros na porta. Talvez por ali terminasse a universidade. Amanhã quem sabe eu desse uma andada por lá. Hoje eu já estava muito cansada. Continuei ali sentada na escrivaninha, olhando pela janela. Já eram quase sete horas e o sol ainda continuava forte. "Aqui deve escurecer só lá pelas nove, dez", pensei. Por falar em hora, era uma boa hora pra eu ligar pra casa. Liguei pro meu pai, pra avisar que eu havia chegado bem.

— E aí, como foi a viagem?

— Foi bem, tudo tranquilo.

— Já fez amizade?

— Não, né pai, acabei de chegar.

— E o quarto é bom?

— É, é super bom.

— Olha, a sua mãe já ligou aqui pra casa atrás de você.

— Tá, eu vou ligar pra ela.

— Então tá, filha. Vê se te cuida e vai ligando aí.

— Tá pai, tá bom. Um beijo, tchau!

Minhas relações com meu pai não andavam grande coisa. Antes de eu viajar, eu tinha quebrado um belo dum pau com ele. Por causa da história de eu querer viajar, ir embora, e ele não querendo que eu fosse. E depois, ainda por cima, atrasou meu passaporte, eu perdi o avião do sábado e só pude ir na terça. Ih, maior encheção de saco. Ultimamente andava tudo assim, só briga, briga com todo mundo. Briga no trabalho, briga em casa. Ainda bem que eu tinha ido embora.

Liguei pra minha mãe:

— Oi, mãe. Tudo bom? Cheguei.

— Oi, filha, tudo bem? E aí, como é que foi de viagem?

— Ah, foi bom...

— Poxa, você bem que podia ter passado por aqui, era caminho — minha mãe agora estava morando em Manaus. Tinha se mudado para lá fazia uns oito meses. — Não custava nada você ter vindo aqui. Sua irmã já veio me ver duas vezes.

— Tá, mãe... — não sei pra que que ela queria que eu fosse pra lá. A gente só briga. Mais fácil brigar pelo telefone mesmo. — Tá bom mãe, tá... Quando eu voltar — se voltar, pensei —, vou..

— Tá bom, filha. Mas e aí, como é que é esse curso que você vai fazer?

— É um curso de inglês.

— E o lugar que você tá hospedada é legal? É bom? Tem bastante gente?

— Tem. Agora tá meio vazio porque é época de férias de verão. Tem mais estudante estrangeiro.

— E você tá pensando em ficar quanto tempo?

— Bastante.

— Mas quanto?

— Ah mãe, não sei. No mínimo seis meses.

— Seis meses! Tudo isso? E você vai ficar fazendo o que aí esse tempo todo?

— Estudando, oras. Trabalhando, pensando, sei lá.

— Você não acha que vai se sentir muito sozinha, minha filha?

— Sozinha? — sozinha... me lembrei do que era se sentir sozinha pra mim, e de quanto aquilo era doído. Olhei para o quarto à minha volta: vazio. Não havia mais ninguém lá, somente eu... eu... EU. — Não, mãe, eu não vou me sentir sozinha.

— Então, tá, minha filha. Vê se me escreve logo. Você sabe que eu adoro receber suas cartas. A família inteira adora. Ah, não se esqueça de ligar pra sua tia Dete na Filadélfia — a tia Dete agora estava morando lá —, tá bom? Então um beijo e se cuida.

— Tá, mãe, outro, tchau!

Desliguei o telefone e fiquei ali, olhando pro nada e pensando na tal da "Eu". Tomei coragem e fui olhar-me num pequeno espelho quadrado, grudado na porta do armário. Aquele rosto que não parecia mais parecer comigo, aquele cabelo esquisito... Continuei olhando. Pra falar a verdade, não tinha nada de errado comigo. Eu continuava a mesma de sempre, só o cabelo que estava meio diferente, chanel curto, reto, mas não tava nada horrível. O que é que era então? Por que agora, quando eu me olhava no espelho, eu não sabia mais quem eu era? Será que algum dia eu soube? Será

que algum dia eu voltaria a saber? Quanto tempo? Quanto tempo ia levar para eu saber quem eu realmente era? Talvez semanas, meses, anos... "Não importa quanto", pensei. "Só importa que eu estou decidida a fazê-lo."

Já era tarde, eu estava cansada e louca por um banho. Peguei toalha, xampu, sabonete e fui pro banheiro, que era quase em frente. Era um banheiro grande, todo branco como um vestiário. Peguei o último chuveiro, embora estivesse tudo vazio. Fiquei uma meia hora embaixo da ducha quente e forte, sentindo a água escorrer pelo meu corpo. Nada como um bom banho pra gente ficar como nova! Saí, me enxuguei e coloquei meu robe de seda. Eu de robe de seda, chiquésima! Olhei aquilo e dei risada. Até que era bonito, curto, de seda vermelha, com mangas compridas e largas. Continuei me olhando e me lembrando da história daquele robe.

Um dia antes de viajar, eu estava em casa arrumando a mala quando chegou minha irmã.

Seis meses antes ela havia se mudado para o interior, onde tinha ido fazer faculdade de veterinária. Desde então a gente não se via muito. Para dizer a verdade, fazia anos que a gente não se "via muito". Mesmo antes, quando ainda morávamos sob o mesmo teto, quase nunca nos falávamos. E nas poucas vezes que isso acontecia acabávamos brigando.

— E aí, já está arrumando a mala? — ela chegou perguntando.

— Já.

— E vai ficar quanto tempo?

— No mínimo uns seis meses.

— E tá levando só essa mala?! — pronto, já ia começar.

— Não — respondi. Não estava a fim de brigar no último dia.

— Se fosse eu, ia levar essa só para passar um mês!

— Ainda bem que eu não sou você, né? — brinquei.

— Tá levando roupa de verão?

— É, calça jeans, shorts, camiseta...

— Nada de inverno?

— Só um casacão bem quente. Eu tô pensando em passar o Natal com a tia Dete lá na Filadélfia. Já pensou que legal? Daí eu vou ver neve!

— E roupa pra sair à noite, pegou?

— Não. Nem tô pensando em sair à noite.

— Mas leva, é sempre bom levar.

— Ahã.

— E camisola, pegou?

— Puxa, me esqueci disso.

— Sabia! Você tá acostumada a dormir só de camiseta, que nem uma mendiga...

— E você parece a mãe falando!

— Ah, você não vai dormir lá só de camiseta, né? Toda maltrapilha!

Pior que ela tinha razão. A droga do banheiro era no corredor, eu tinha que levar um robe pelo menos.

— Você não tem? Também, nunca compra nada.

— É que eu não sou consumista que nem você! Peraí, acho que eu tenho um pijama que a mãe me deu. — Abri o armário: lá estava ele na caixa! Ela já o tinha me dado fazia mais de um ano. Eu tenho essa mania — ou melhor, tinha —, quando alguém me dá alguma coisa de que eu gosto muito não consigo usar. Deixo lá, guardada, e de vez em quando pego pra olhar. Tirei da caixa, era lindo, de seda azul. — É, acho que eu vou levar. Mas eu também precisava de uma coisa pro calor, e não vai dar tempo de comprar. Você não tem nada?

— Tenho. Tenho um conjunto de robe e camisola que eu acabei de mandar fazer.

— Se eu te conheço, deve ser chiquésimo. Pega lá pra eu ver. — Ela o trouxe. — É, até que não é tão fresco. Me dá aí, vai.

— Que dá, o quê! Eu vendo! — Na nossa família eu sempre tive fama de pão-duro, mas a minha irmã não ficava atrás não.

— Ah, larga de ser muquirana!

— Que muquirana o quê! Você que trabalha com o pai, que ganha a maior grana, que tá muito rica! Pode ir comprando aí.

— Tá bom, vai. Eu compro. Quanto você quer? Ela disse o preço.

— Tudo isso?

— É. E se quiser! — disse. Fazendo doce.

— Tá bom vai, toma — dei a grana pra ela. Eu queria aquele robe de qualquer jeito. Eu queria levar alguma coisa dela junto comigo.

Voltei pro quarto, acertei o despertador pro dia seguinte, apaguei a luz e me deitei. A cama até que era bem confortável e o travesseiro também. Mas eu estava tão cansada que não conseguia dormir. O dia hoje tinha sido bem movimentado, mas amanhã, sim, é que iria começar a minha “nova vida”. Fiquei olhando pro escuro, tentando fazer um esboço da minha “nova vida”. Não consegui. Nada veio à minha cabeça.

Eu não tinha idéia do que aconteceria dali pra frente. “Tudo bem”, pensei, “ter me desligado do passado já foi uma grande coisa. O que vier agora será bem-vindo. Só uma coisa eu peço, meu Deus, é que eu só encontre pessoas muito boas!” E isso me fez lembrar da primeira pessoa que eu havia conhecido na cidade: aquele motorista. Ele tinha sido um anjo. Isso deve ser um bom sinal. “Isso vai me trazer muita sorte”, pensei. E dormi tranquila.

No dia seguinte, acordei, tomei meu cereal no quarto e fiz meu teste oral. Depois fui almoçar na cafeteria que parecia uma praça de alimentação cheia de opções. A tarde, tirei foto pra carteirinha de estudante e fiz amizade com uma mulher, a Raquel, uma venezuelana de 38 anos. Fomos passear por San Diego juntas. Ela parecia ser uma boa pessoa e eu sempre gostei de fazer amizade com gente mais velha. Principalmente com essas pessoas que saem por aí fazendo cursos pelo mundo. Por um lado, elas têm aquele jeito jovem aventureiro e, por outro, muitas histórias pra contar. Ela era engenheira química e tinha ido fazer o curso para aperfeiçoar seu inglês. Já tinha viajado pelo mundo todo, inclusive conhecia o Brasil.

— Conheço. É um país maravilhoso!

— Ah, é? — me assustei com aquilo. Eu não andava muito de bem com o Brasil ultimamente. Ela, vendo a minha cara, perguntou:

— Por quê, você não gosta?

— Pra falar a verdade, não muito. Ah, tô cansada de tanta sujeira, corrupção. É um querendo passar a perna no outro, todo mundo desonesto, você nunca pode confiar em ninguém.

— É, eu sei, país de Terceiro Mundo. A Venezuela também tem muito disso. Mas mesmo assim eu não troco meu país por nada. Já viajei muito, já morei em outros lugares por um determinado tempo e não vou negar, aprendi muita coisa. Mas melhor do que simplesmente ficar lá é você voltar pra casa e dividir tudo de bom que aprendeu com seu povo. Nesse mundo existem lugares belíssimos, mas o “meu país” será sempre o “meu país” e precisa de mim lá, para torná-lo melhor.

— Ah, é? Sei... Ah, sei lá! Só sei que eu não ando pensando muito assim, não. Por mim eu ficava aqui pra sempre.

— Mesmo? Quanto tempo você pretende ficar?

— Pra começar, uns seis meses.

— Ah, é? Que bom! Você vai aprender muita coisa...

— É, eu imagino.

— Vai aprender até mesmo a gostar de seu país.

O quê?! Isso eu não imaginava. E fiquei lá olhando pra ela sem entender nada, esperando uma explicação. Mas ela não deu nenhuma. Ficou quieta, olhando pra mim com um certo ar de superioridade que, na hora, chegou a me irritar. Odeio quando as pessoas ficam com esse ar. Tá na cara que elas sabem de alguma coisa, mas não se dão nem ao trabalho de te explicar. Só mais tarde vim a entender que se tratava de algo inexplicável. Eu só aprenderia se fosse por mim mesma.

No dia seguinte saiu o resultado do teste e, para minha felicidade, tinha conseguido um dos níveis mais altos, o 5°. Depois dele só havia mais um, o 6°. “Se eu me esforçar”, pensei, “acabo esse curso em quatro meses. Quatro meses? Mas o que é que eu vou fazer depois?”

Ah, deixa pra lá, depois eu penso nisso”.

Procurei a sala onde eu teria minha primeira aula. Quando cheguei, já havia algumas pessoas. Ao todo, éramos quinze. Dei uma olhada geral, parecia bem misturada. Legal!

Gente de todas as idades, de vários lugares. Me sentei na frente, perto da parede. O professor chegou e, enquanto esperava o pessoal se ajeitar, foi arrumando suas coisas em cima da mesa. Era um cara esquisito. Alto, enorme, calvo e de barba branca. O rosto

cor-de-rosa sempre suado e os olhos azuis. Estava usando uma camisa xadrez e uma calça jeans velha. Não desgrudava de um chapéu enorme estilo caubói e de uma caneca plástica alaranjada com o desenho de um caubói. Definitivamente, ele gostava de caubóis.

Depois que todos estavam ajeitados, ele começou a falar. Disse que seu nome era Joe e que seria nosso professor de interpretação de texto. Explicou mais ou menos como seriam nossas aulas, falou do curso em geral, fez brincadeiras. Ele parecia ser uma pessoa simpática. Esquisito, muito esquisito, mas simpático.

Em seguida, sugeriu que nós nos apresentássemos, dizendo nosso nome, idade, de onde vínhamos, o que era, o que fazíamos, essas coisas. Ele começou chamando um cara do fundo.

— Meu nome é Toshio — disse ele —, tenho quarenta anos, venho do Japão e sou professor de inglês para crianças. Quando voltar, vou continuar lecionando.

A seguinte:

— Meu nome é Juliet, tenho 25 anos, sou economista e venho da França.

— Meu nome é Ivan, sou espanhol, tenho 21 anos e vim pra cá porque estou de férias e quando voltar terei que servir o exército.

— Exército? — perguntou o professor. — Tá ferrado! — ele brincou. Todos riram.

— Eu sou a Kita, tenho dezenove anos e sou estudante. Vim pra cá para melhorar o meu "ingrês", quer dizer, "inglês" — o pessoal riu. — Eu sou da Coréia.

— Meu nome é Cario, tenho 26 anos e sou advogado na Itália.

— Advogado? — perguntou o professor. — Você sabe como nós chamamos os advogados aqui? Shark, tubarão! Porque onde tem sangue lá estão eles em volta.

Risos.

— Meu nome é Shira...

"Daqui a pouco vai chegar a minha vez", pensei. "O que é que eu vou dizer? O que é que eu sou mesmo? Pronto, vai começar de novo a crise de identidade. Bem, vejamos, acho que eu sou atriz. Ah é, eu tenho até um documento que prova que eu sou atriz profissional."

Me lembrei do dia do teste. Fiz minha cena de tragédia grega, um texto belíssimo. E depois fui chamada pelo presidente da banca examinadora para ser entrevistada.

— Por que você quer esse documento? — ele me perguntou.

— Antes de tudo, porque sou uma atriz - disse aquilo calmamente, mas com tanta convicção que até eu me surpreendi. Por alguns segundos, ninguém disse nada, mas depois choveram perguntas. "Quantos anos você tem?", "Quantos anos você estudou teatro?", "Quem foi seu professor?", "Quais os estilos que você já encenou?", "O que você pretende da sua carreira?". Respondi a todas com tranquilidade e alguns dias depois chegou o resultado. E, eu era uma atriz com DRT e tudo! Mas depois, logo depois... depois eu fiz

minhas malas e fui embora, largando tudo pra trás. Não, acho que eu não podia dizer que eu era atriz.

Talvez, então, eu fosse uma administradora. Eu não tinha nenhum curso mas, afinal, foram três anos de trabalho ajudando a administrar os negócios do meu pai. Três anos... Pra, no final, ele jogar tudo no lixo com uma frasezinha infeliz:

— E você pensa o que da vida, minha filha? Vai agora pros Estados Unidos, vai ficar por aí nessa vida até quando?

— Até quando eu achar que está bom!

— Ah, é? E até quando que você acha que eu vou te sustentar?

— Me sustentar?!?! — fiquei tão pasma que nem consegui falar mais nada. Eu estava trabalhando desde os dezenove anos, três anos e meio, três anos e meio trabalhando justamente pra não depender de ninguém! Podia ter ficado lá, só estudando, na folga, como todos os meus amigos nessa idade fizeram. Mas não, fui trabalhar, fiquei três anos da minha juventude trabalhando naquele "clã familiar" pra, no final, ter de ouvir isso! É, acho que eu não era droga de administradora nenhuma.

— E você? — era o professor perguntando. Danou-se, foi pra mim.

— Eu? Bem, meu nome é Valéria, tenho 22 anos, venho do Brasil e eu sou... eu sou... — tentei pensar em mais alguma coisa, não numa simples profissão, que no fundo não descreve ninguém, mas em alguma coisa lá dentro, bem dentro de mim. O que eu era? O quê? O quê? Não consegui. Olhei ao meu redor e estavam todos me

olhando, esperando a resposta. — Vocês querem saber de uma coisa? — eu finalmente disse. — Eu não sei o que eu sou! E é justamente pra descobrir isso que eu estou aqui. E depois que eu descobrir, daí sim eu resolvo o que é que eu vou fazer da minha vida - a classe inteira riu. É sempre assim, nos momentos em que eu falo mais sério as pessoas acham graça.

Alguém, pelo menos, parecia ter me entendido: o professor esquisito. Ele apenas me fitou com aquele olhar misterioso, deu um sorriso cúmplice e disse:

— Eu espero que você encontre o que veio buscar.

E eu sorri de volta pra ele, feliz. Aquilo já tinha valido metade da minha viagem.

As aulas continuaram num ritmo puxado. Começavam às oito, nove da manhã, paravam ao meio-dia para o almoço. Recomeçavam à uma e iam até quatro ou cinco da tarde. E eu estava adorando. Por estar num nível alto, já tinha condições de trabalhar com textos mais complexos, que, na sua maioria, eram bem interessantes.

Enquanto isso, fiz amizade com mais uma porção de gente e todo dia, depois das aulas, saíamos para conhecer os pontos turísticos da cidade, os shoppings, os parques, os museus, as praias. A gente alugou uma van e assim ficava fácil ir de um lado pro outro e dava até pra viajar. Já no segundo fim de semana, fomos pra Los Angeles com um pessoal muito legal: o Peter e o Andy, dois suíços de 28 anos que trabalhavam juntos numa firma de computação em Zurique. O Andy era uma gracinha, por sinal, lindo. Falava inglês muito bem, tinha um papo muito interessante e um sotaque puramente britânico:

— Dá pra você não carregar tanto nas palavras? — eu brincava. — Não é Nooooo, é No. Não é Gooooou, é Go. Parece que você tá sempre complicando!

Ele dava risada e exagerava ainda mais. Já o Peter não tinha sotaque britânico, não tinha sotaque nenhum. Todo o seu vocabulário se restringia a umas dez palavras. Quando o Andy estava por perto pra traduzir, ótimo, caso contrário o negócio complicava e ficava pior que conversa de Tarzan, "mim vai, nós vem".

Tinha também a Rosa e a Luli, duas espanholas de Barcelona, de 26 anos. A Rosa era professora de crianças e falava pelos cotovelos. A Luli, ao contrário, era mais quietinha e vivia sempre mastigando.

O outro cara era um brasileiro, de Goiânia. Tinha 25 anos e fazia engenharia. Falava inglês muito bem e, acreditem ou não, durante a viagem inteira a gente só trocou uma frase em português. E olha que não foi por falta de tentativa minha, não. Tinha dias que eu não aguentava mais falar, pensar, sonhar, ler, escrever tudo só em inglês. Eu olhava pra ele e implorava:

— Marcos, pelo amor de Deus, fala uma palavrinha comigo em português, só uma, uminha, fala só “oi”.

E ele, nada. Até o dia que, quase no fim da viagem, quando já não aguentávamos mais aquela comida americana, sonsa de tudo, paramos ao acaso num restaurante e ele pediu, sem grandes esperanças, um jteak. Eis que chega um bifão acebolado, mas com cara de bife mesmo. O Marcos experimentou aquilo e não aguentou:

— Nossa, Valéria, ocê não sabe a sardade que eu tava duma carninha dessa de verdade! —

Aí, quem não aguentou fui eu e caí na risada. O Marcos, com todo aquele inglês perfeito, falava português com um sotaque extremamente caipira.

A última que se juntou ao grupo foi a Carmem, também espanhola, e tinha a minha idade.

Aquela era sua primeira viagem sozinha ao exterior, ela era meio tímida e vivia com medo de tudo:

— Mas será que não tem perigo a gente viajar com esse carro? E se a gente se perder? E se o carro quebrar?

— Fique tranquila — acalmava a Raquel, já cheia de experiência —, a gente tem mapa, e mesmo se a gente se perder a gente pergunta. Se o carro quebrar, tem seguro. E além do mais tem três homens aqui pra cuidar da gente — brincava ela.

— Mas e esses caras, será que não tem perigo a gente viajar com eles?

— Não, Carmem, eles são super legais.

Ficamos no EmbassySuit. Um puta hotel fresco! As mulheres ficaram num quarto e os caras num outro. Fizemos a maior zona. À

noite, quando chegamos, fomos direto tomar um banho de piscina aquecida. No dia seguinte, acordamos cedo e fomos conhecer Hollywood, Beverly Hills, Rodeo Drive. À noite, era aniversário do Andy. Compramos bexigas, um letreiro escrito HappyBirthdayToYou, bem americano, chapeuzinhos, bolo, refrigerantes e fizemos uma festa surpresa. Aquele esquema de apagar a luz, ficar todo mundo quieto e, quando o aniversariante chega, "Parabéns pra você..." Nossa, vocês precisavam ver a cara dele.

No outro dia, conhecemos a praia de Santa Mônica, vimos uma exposição de arte e à noite jantamos num restaurante italiano, cuja decoração imitava um vagão de trem. Um lugar muito animado. As pessoas falando alto, rindo, brincando. Tinha até um povo numa outra mesa cantando. Era sempre assim, tudo muito legal, muito bonito. Aí, de repente, eu começava a olhar tudo como se eu não fizesse mais parte de nada, como se tudo aquilo fosse uma cena de um filme e eu estivesse de fora assistindo. E aí eu olhava para aquelas pessoas e começava a me perguntar: se essas pessoas soubessem que eu tenho AIDS, será que elas estariam aqui comigo? Será que estariam jantando comigo, na mesma mesa? Será que as meninas teriam ficado comigo no mesmo quarto de hotel? Será que o Andy e o Peter continuariam insistindo em que, um dia, eu fosse visitá-los na Suíça? Será...

— Val? Valéria?!

— Ah?

— Acorda, menina! Que que você tá pensando?

— Nada, nada não. Eu só tava...

— Come. Você nem encostou na comida.

— Ahã, vou comer.

É, acho que não tinha jeito mesmo. Nem que eu fosse pra mais longe, nem se eu fosse pro Himalaia, continuaria tudo assim: eu me sentindo, sempre, um peixe fora d'água.

6. BANANA COM COCA-COLA

Segunda-feira: aula! Aula de manhã, intervalo para almoço e, à tarde, mais aula. As aulas da tarde eram de conversação. Muito agitadas, diga-se de passagem. A professora, uma inglesinha, chegava cada dia com um assunto mais polêmico que o outro: o papel da mulher na sociedade, a eutanásia, o racismo, casamento e divórcio, sexo, cultura... Assuntos que já eram polêmicos por si sós, imagine, então, numa classe onde havia um aluno de quarenta anos do Japão, um de vinte da Espanha, outro duns 35 da Arábia Saudita, eu de 22 do Brasil, uma outra de vinte da Coréia e mais outra duns 25 da China. Você não tem idéia de como isso pegava fogo!

Um dia, quando discutíamos o papel dos jovens na sociedade, Lim, minha amiga chinesa de Hong-Kong, começou a nos explicar como eram as coisas em seu país.

— Nossos pais escolhem nossa profissão — ela nos contou calma, para não dizer submissamente, naquele jeitinho meigo e tímido de falar, quase sussurrando, sempre pondo a mão na boca quando ria.

— O quê?! — eu disse, quer dizer, explodi. — O seu pai escolheu a sua profissão?! Quer dizer que você está estudando medicina porque seu pai mandou? Eu não acredito! Eu não acredito que isso ainda exista em algum lugar desse mundo. Você nem sabe se queria ser médica e o seu pai ordenou que você fizesse medicina?! Você, por acaso, queria ser médica?

— Na verdade, não... — disse ela baixinho, como se estivesse com medo de ser ouvida, mas vendo a minha cara de espanto foi logo consertando. — Mas eu não preciso ser médica, posso trabalhar mais pro lado da pesquisa, laboratório...

— Mas era isso que você queria?! É isso que vai te deixar feliz?

— Bem... Na verdade, eu preferia estudar outras coisas.

— Mas Lim, por que você não disse isso pro seu pai? Por que você não explicou, por que não gritou um baita dum NÃO pra ele?

Ela riu colocando a mão na boca:

— Porque no meu país são os pais que escolhem a profissão da gente. É assim, Val. A nossa cultura é assim.

— Mas, Lim, a cultura de um povo não é o conjunto de seus comportamentos, de seus costumes? E se o povo somos nós, quando não estivermos satisfeitos com esses hábitos, com essa cultura, a gente vai lá e muda!

— Calma aí, Valéria — reclamou um outro da classe —, não é bem assim. Isso é muito difícil.

— Não tô dizendo que é fácil, mas é bem assim, sim! Se a gente é quem faz a cultura, a gente também pode desfazer e fazer de novo a hora que achar que deve! Meu Deus, é tão claro, eu não acredito que vocês não tenham enxergado isso ainda. Ou será que vocês vão preferir passar o resto das suas vidas vivendo situações com as quais não concordam? Ou será que acham que a cultura é um fantasma velho que existe pra assombrar a vida da gente? Tenham dó, né?! Se uma tal coisa já não agrada ninguém, só atrapalha, que mal há na gente procurar soluções melhores? É uma obrigação da gente procurar soluções melhores!

A essa altura, já estavam todos me olhando de boca aberta. E por alguns instantes eu me senti a pessoa mais forte do mundo. Até que, de repente, me dei conta de que aquele discurso todo servia pra mim do mesmo jeito.

Puxa, quantas coisas eu havia aguentado quieta nessa vida e continuava aguentando, sempre com a mesma desculpa de que “é assim, vai ser sempre assim, por causa da nossa cultura”. Coisas que em outros lugares desse mundo já não existiam havia muito tempo. É, Valéria, você e a sua santa boca que não consegue ficar fechada!
— Intervalo!

Ufa! Salva pelo gongo! Deixei a sala de aula e fui para o terraço. Esse prédio onde nós tínhamos as aulas da tarde era diferente. Antigo, enorme, ficava bem no meio da universidade, rodeado por um gramado imenso e muitas flores coloridas. Me sentei no parapeito da varanda e fiquei olhando lá pra baixo. O céu, como sempre, estava azul, e lá longe eu podia ver as árvores e alguns estudantes sentados desordenadamente no gramado, lendo, descansando, pegando um sol.

— Você é uma pessoa muito forte.

— Ah? — me virei e dei de cara com um outro aluno. Um cara da Arábia Saudita.

— Você é uma pessoa muito forte! — ele repetiu. E eu olhei em seu rosto, procurando alguma expressão de ironia ou cinismo. Mas não havia nenhuma. Ele falava aquilo sério.

Eu apenas sorri e pensei: se ele soubesse.

— Eu admiro muito mulheres assim como você — ele insistiu.

— Ah, é? Pra quem vem de um país onde as mulheres não podem dirigir carros, não podem sequer sentar no banco da frente, têm que andar com os rostos cobertos e são prometidas aos noivos para os casamentos arranjados entre famílias, até que está se saindo bem moderninho!

— Mas eu não concordo com nada disso. Tanto é que não me casei com a noiva prometida que minha família arranjou. Eu casei com a mulher que eu amo, que aliás é tão enfezada quanto você — ele disse rindo.

— Que bom. Isso já é alguma coisa, já é um grande começo. E aí nós ficamos conversando, ele me falou da sua vida em seu país, dos seus costumes e de como era difícil aceitar algumas coisas. E, também por isso, ele e a mulher tinham vindo passar um tempo nos Estados Unidos. Ela já havia terminado o curso e voltado para a Arábia. O dele terminaria em dois meses.

— Nós alugamos um bom apartamento aqui em San Diego — continuou ele —, mas agora que a minha esposa não está mais aqui eu ando me sentindo muito sozinho. Não tive muita sorte em fazer amigos na América. É uma pena, gostaria muito de ter pessoas com quem conversar. — Ele parecia ser uma boa pessoa. Coitado, devia estar mesmo se sentindo sozinho.

— Mas acho que é um problema meu, sabe? Sou muito difícil de gostar das pessoas. Mas de você, garota, eu gostei um bocado — ele disse aquilo com tanta simplicidade e uma tal sinceridade que chegou a me tocar.

— Você até poderia vir morar comigo.

— Ah? Eu ouvi direito?

— Você poderia vir pro meu apartamento. Não precisa trazer nada, já tem tudo lá, é só me fazer companhia.

Socorro! O que quer dizer isso? Será que se trata de uma cantada à à Arábia Saudita, ou ele só está sendo extremamente gentil? Ou será que só porque é riquíssimo (pelo menos é o que dizem suas enormes correntes, anéis e pulseiras de ouro) ele acha que pode sair por aí, fazendo esse tipo de convite para a primeira que aparece? Ou será que ele está tão carente que se tornou normal conhecer uma pessoa hoje e convidá-la pra morar junto no mesmo dia? E agora, o que é que eu faço? Me ofendo, faço um escândalo e digo "Oh, o que é que você está pensando de mim?", ou levo numa boa e digo simplesmente "Não, muito obrigada, mas é que eu já estou muito bem instalada", e saio de fininho? Na dúvida, acabei optando pela segunda. Não queria ser mal-educada e muito menos ofender ninguém.

Talvez eu tenha agido mal pensando coisas más a respeito dele. Mas, cá entre nós, foi um convite bem esquisito! E essa não foi a única vez em que eu me senti assim, completamente perdida, sem saber o que pensar. Isso acontecia direto. Também, pudera, eu estava num lugar neutro, com várias pessoas de vários lugares do mundo, cada qual com sua cultura tão peculiar. Costumes, crenças, regras... tão diferentes dos meus, que eu não tinha nada, nada, nem uma pistazinha sequer na qual eu pudesse me basear e tirar algumas conclusões.

Por exemplo, se a gente está no Brasil, num restaurante finíssimo, e de repente alguém dá um puta arrote, o que é que se pensa? "Que cara mal-educado!" Certo? Mais ou menos...

Sabe por quê? Porque se esse cara for coreano não se trata de falta de educação, muito pelo contrário, é algo perfeitamente natural, e até indica satisfação. Quer ver outra coisa? Se um amigo convida pra sair e já no primeiro encontro paga a conta, o que é que você pensa?

"Esse cara tá com segundas intenções!" É muito provável, se ele for brasileiro. Agora, caso ele seja suíço, relaxe, é pura gentileza. E será gentileza também se ele abrir a porta do carro para você entrar e se oferecer para levar você em casa tarde da noite. Também existe aquela outra situação dum gringo dar de cara com uma mocinha de biquíni minúsculo na praia: "Que horror!" Que horror que nada! Essa

mocinha por acaso sou eu e fique sabendo o senhor que no Brasil a gente usa coisa ainda muito menor!

Viu só? Conclusão: depois de um tempo, eu percebi que não dava mesmo para julgar ninguém baseado nessas pistazinhas ou seriam nesses preconceitos.

Foi aí que comecei a me sentir totalmente perdida. Estava eu lá conversando com um indivíduo e logo de cara não conseguia formar idéia nenhuma a seu respeito. Olhava suas roupas, não me diziam nada; seu corte de cabelo, menos ainda; seus gestos, seu tom de voz, seu vocabulário, seu grau de instrução, sua posição social, nada! Socooooorro!

Só então eu me dei conta de que, em vez de ficar tentando formar idéias a respeito dos outros com base nesses pré-conceitos, (a maioria furados), eu deveria simplesmente prestar atenção no que aquela pessoa tinha a me dizer. O que ela, como ser humano, tinha lá dentro de si. E foi então que eu descobri coisas maravilhosas. Algumas até que jamais imaginei encontrar.

Descobri uma coisa triste também. Quantas pessoas eu havia deixado de conhecer, quantas coisas eu havia deixado de aprender por causa desses malditos preconceitos?

Tive vontade de viver pra sempre perambulando pelo mundo e, assim, conhecer muito melhor as coisas, me aproximar mais do verdadeiro eu das pessoas. Mas, infelizmente, uma vida inteira só de viagens é quase impossível. Uma coisa porém eu me prometi, mesmo se eu tivesse que voltar pro meu país e ficasse rodeada por essas pistazinhas e por estes pré-conceitos, eu iria me esforçar ao máximo pra continuar olhando tudo sempre com esses olhos de turista desavisado.

A propósito, terminando aquela história do árabe, algumas aulas depois, num intervalo, ele se aproximou de mim todo feliz:

— Valéria, tenho duas notícias ótimas pra te contar. Você nem imagina como estou contente! A primeira é que arranjei um amigo pra morar comigo. Agora não estou mais me sentindo sozinho. Tenho alguém com quem conversar. E a segunda, você não vai nem acreditar. Eu falei com a minha mulher essa semana e ela me deu a notícia que está grávida!

Nós vamos ter um filho!

— Um filho?! Nossa, que legal! Vocês vão ter um neném! Parabéns, AduB, parabéns! Você vai ter muita coisa pra ensinar a ele.

Acho que não preciso dizer o quanto me senti envergonhada depois dessa conversa. Eu e meus pensamentos maldosos; ou devo dizer preconceituosos?

E, mais ainda do que envergonhada, fiquei muito triste. Pois naquele momento me dei conta de quanta coisa eu havia perdido, de quanta riqueza aquela pessoa tinha dentro de si para me oferecer. É claro que eu não iria morar junto com ele. Minha cultura não me permitiria isso. Mas, ainda assim, nós poderíamos ter sido bons amigos.

Quatro, quatro e meia terminavam as aulas. Cinco horas, jantar. Vê se isso é hora de alguém jantar?! Lá ia eu pra cafeteria. O jantar era bem diferente do almoço.

— Oi, pessoal. O que é que tem de janta hoje?

— Frango.

— Peixe.

— É frango!

— É peixe!

— Ih, vocês querem fazer o favor de entrar num acordo?

— Olha, acho melhor experimentar você mesma. Eu experimentava:

— Eca! Acho que não é uma coisa nem outra. Deve ser... deve ser uma panqueca.

Todo mundo ria. A comida era assim mesmo: irreconhecível. Eu acabava sempre comendo banana. Banana com Coca-Cola.

— Eêê, Vai, saiu do Brasil pra vir comer banana na Califórnia — o povo tirava um sarro.

Pior foi o dia que a gente descobriu que a banana era made in Brazil. Chiquita Brazil, dizia a etiqueta. — Essa é boa!

— E. Vamos sair mais tarde, daí a gente come outra coisa por aí.

— Hoje não, obrigada. Eu tô meio cansada, tenho umas coisas pra estudar.

— E vai ficar sem comer de novo, Val?

— Ah, depois eu me viro. Como aí um sanduíche, devo ter alguma coisa lá no quarto.

— Você vai acabar ficando doente comendo mal desse jeito.

— Ah, foda-se! Tchau gente, já tô indo. Até amanhã.

Voltava andando pelas ruas e pelos campos da universidade. Eu havia aprendido um caminho alternativo, pelo qual atravessava um enorme gramado, que àquela hora estava sempre vazio. Era muito bonito.

Chegava em meu quarto, abria a persiana, pegava os livros e estudava. Acabava, guardava tudo, me sentava na escrivaninha e ficava olhando pela janela. A grama verdinha rodeando o meu dormitório. Num canto e noutro duas mangueirinhas automáticas que giravam e giravam, fazendo um barulhinho e respingando água. Depois a cerquinha, a calçada, a rua, a outra calçada do lado de lá, a outra cerquinha e... o abismo. Um abismo enorme. E lá longe outra montanha repleta de casinhas.

Quem será que morava naquelas casinhas? Às vezes, eu tinha a sensação de que o mundo todo morava nelas e, do lado de cá, separada pelo abismo, só tinha eu.

O abismo... Será que se eu me jogar nele eu morro? Vai ver que não. Sou tão azarada que sou capaz de nem morrer. Faz quatro anos que eu ouço: a AIDS mata, a AIDS mata. Lá no Brasil, a única coisa que eles sabem falar é isso. Liga a televisão, a AIDS mata No rádio: a AIDS mata Cartazes, panfletos, a AIDS mata E eu aqui, desde os dezoito, quatro anos, literalmente esperando. Puxa, não vejo a hora de morrer. Talvez eu deva mesmo me jogar nesse abismo. Vai ser um alívio pra todo mundo. Pros meus pais, então, nem se fala. com certeza, é muito mais fácil receber a notícia de que "sua filha morreu!" do que "sua filha está com AIDS". Morreu, morreu, acabou e pronto. Agora, "está com AIDS", tem que ficar lá, olhando pra cara da filha e pensando: "Ela vai morrer, ela vai morrer". E não morre nunca. Puxa, como ia ser mais fácil se essa tal morte fosse logo. É, com certeza eu devo me jogar nesse abismo! Só que tem um porém. Isso seria suicídio e meus pais, depois de uma formação católica, viraram espíritas. E pros espíritas a pior coisa desse mundo é o suicídio.

Eles acham que se a pessoa faz isso fica lá queimando no inferno pro resto da vida, quer dizer, da morte, ou talvez seja da eternidade, sei lá. Essas coisas são tão complicadas.

Conclusão, eles não iam ter sossego do mesmo jeito. E tem mais, não que eu acredite muito nisso — me sinto muito burra acreditando em coisas que ninguém pode provar —, mas ainda tem aquele papo de reencarnação. Já pensou se isso for verdade? Que merda, eu me mato e depois ainda tenho que viver de novo. Puta atraso de vida! É, acho que não tem muito jeito, o negócio é ficar aqui sentada, esperando...

Quem diria, hein? A menina atrevida, cheia de sonhos, que na escola brigava pela representação da classe, que vivia lutando pelos direitos dos alunos, que participava de passeata, de protestos, que ia mudar o mundo quando crescesse, agora estava ali, olhando prum abismo, jogada num quarto do outro lado do mundo. O exílio.

Olhei de novo pro quarto: um armário, outro armário; uma cama, outra cama; uma cadeira, outra cadeira; uma escrivaninha, outra escrivaninha; uns cartões-postais de San Diego que eu havia comprado. Fiquei olhando um por um. Fotos bonitas da cidade. Escrevi para alguém e fui colocar no correio. Pronto, já arranjei o que fazer! Saí do quarto e bati a porta:

— Tchau, abismo!

Nesse meio tempo teve também a história do médico. Aconteceu que logo na primeira semana eu fiquei com uma tossezinha bem chata, nada sério, mas eu não parava de tossir.

Acho que foi por causa da mudança brusca de temperatura entre o clima quentíssimo do verão e o ar condicionado geladíssimo das salas de aula. À noite, sempre esfriava também e nas praias ventava muito. Até comprei um xarope que eu já conhecia de Nova York. Tomei por uns dias, mas não adiantou. Como lá mesmo, na universidade, havia um centro de saúde para os estudantes, resolvi procurar um médico. Primeiro, uma enfermeira me levou pra trás do balcão, me pesou, tirou minha pressão e temperatura com aparelhos precisos.

Tudo ali era de primeiríssima qualidade, desde o atendimento até o termômetro de boca, que era o mais psicodélico que eu já vira.

— Pode aguardar— ela disse, me dando mais um formulário para preencher. Os americanos adoram formulários. Esse, por sua vez, era sobre dados físicos, se eu praticava esportes, se me cansava ao subir escada etc. Fui respondendo a todas, umas bem esquisitinhas por sinal, até que me deparei com uma: “Já fez intercounee” Intercounee, que raio de palavra é essa? Eu não conhecia. Deixa eu ver se decifro. Inter, de dentro, e counee, de curso: dentro do curso. Não, acho que não é nada disso, é melhor eu perguntar. Fui até o balcão e chamei a enfermeira novinha, loiríssima.

— Será que você poderia me ajudar? O que quer dizer isso? — e aponte a palavra.

Ela fez uma cara de assustada, arregalando os olhos, depois engoliu em seco, constrangida.

Olhou prum lado, pro outro, se debruçou no balcão, chegou bem pertinho de mim e disse bem baixinho, franzindo a testa:

— Significa se você já... Se já... — caramba, pela cara dela, devia ser algo de outro mundo!

— Se você já fez... - finalmente saiu bem fininho — sexo?

— Ah! Sexo?! — ai, tanta frescura pra dizer essa palavrinha. Não aguento isso, uma coisa tão normal. Todo mundo faz sexo, os cachorros fazem sexo, as baleias fazem sexo, os passarinhos fazem sexo! Mas os seres humanos não, eles não podem sequer falar a palavra sexo! Ah, tenha santa paciência!

Voltei pro meu lugar e terminei o tal formulário. Agora era só aguardar o médico. Fiquei observando o movimento. Vi alguns deles passarem. Qual deles será que vai ser o meu?

Passou um alto, grisalho, de barba e rabo-de-cavalo. Que legal, pensei, que legal um médico de rabo-de-cavalo. Depois passou uma médica negra. Isso é o máximo nos Estados Unidos, a gente sempre vê pessoas negras ocupando cargos importantes. Fiquei olhando pra eles e pensando: “Qual deles vai ser o meu?” Foi me dando um certo gelo na barriga. Não que eu tenha medo de médico. Já estou bem grandinha pra isso, mas é que a gente nunca sabe que peça vai encontrar na frente. Mas aí me lembrei do doctor que tinha cuidado de mim em Nova York. Os médicos americanos costumam ser legais. Finalmente um deles se aproximou de mim, Tinha uns quarenta

anos, estatura média, calvo, com uma cabeça bem redondinha, olhinhos também redondos e azuis. Deu um meio-sorriso e disse:

— Oi, eu sou o doctorGust. Vamos entrar? — ele tinha cara de legal. Tomara que ele seja legal!

Fomos para uma das salinhas que, como a sala das enfermeiras, tinha porta-retratos com fotos da família, geralmente de crianças e, às vezes, até desenhos infantis pendurados nas paredes. O doctor não se sentou à mesa, apenas me ofereceu uma cadeira e puxou outra para si.

— Você é a Valê...Vauleu... — ele riu — acho que eu não vou conseguir pronunciar o seu nome. Posso te chamar de Val?

— Pode.

— Então tá, Val. Me conta por que é que você veio aqui.

— Porque eu estou com tosse.

— Sei. E você está fazendo um curso aqui?

Daí eu disse que sim e contei que era do Brasil. Ele achou muito interessante. "Que lugar mais exótico", ele brincou. E quis saber mais sobre minha estada na universidade.

Expliquei tudo a ele, que depois quis saber mais sobre a tosse.

— Só isso? Nenhuma dor no peito, nariz entupido, resfriado, nada?

— Não.

— Tá. E, fora isso, tem algum outro problema de saúde, alguma outra doença?

Bem, nessa hora, o certo era eu dizer que tinha o vírus da AIDS. Caso houvesse alguma ligação, ou simplesmente porque é sempre bom o médico saber, para dar o tratamento adequado. Mas é que era tão chato falar disso. Daí ele já ia vir com aquele bando de perguntas e eu ia ter de contar minha vida inteira. Ai que saco! Sem contar no susto que alguns deles levavam. Qualquer dia ainda mato alguém do coração.

Bem, mas já que tinha que falar: — Tem sim. Eu tenho AIDS.

7. "AIDS MATA!" EU SEI, PORRA, MAS EU ESTOU VIVA!

Ele me olhou com aqueles olhinhos azuis e disse:

— Sei... bom, acho que ele não assustou. Se assustou, disfarçou muito bem.

— E faz quanto tempo? — ele continuou.

— Eu sei há quatro anos, mas já tenho há seis.

— E como você sabe disso?

— É que eu só tinha transado com uma pessoa e não tinha tido nenhum outro fator de risco, transfusão, uso de drogas, nada.

— Sei. E você faz acompanhamento médico?

— Faço. Quer dizer, fazia lá no Brasil.

— E você está tomando algum remédio? Tipo AZT?

— Não.

— Por que não?

— Por que ainda não precisou?

— É... quer dizer, na verdade, da última vez que eu fui no médico, há uns seis meses, ele viu meus exames de CD4 e disse que se continuasse abaixando daquele jeito eu teria que começar a tomar remédio.

— Sei. E daí...

— Daí eu disse que não sabia se ia querer tomar remédio nenhum. Daí ele disse: "Vai tomar sim, por que não?". Daí eu fui embora e nunca mais voltei.

— Você não gostou do jeito que ele falou, foi isso?

— É, mais ou menos.

— E por que você não quer tomar AZT?

— Porque... — não adianta muito explicar, esses médicos não entendem nada disso mesmo.

Acham que a salvação da vida dos pacientes é tomar uns comprimidos e pronto. A vida fica uma maravilha.

— Por quê, Val? — ele insistiu.

— Porque esse AZT não cura nada. Só serve pra prolongar a vida das pessoas. E eu não estou interessada em prolongar vida

nenhuma!

— Sei, mas você não tem vontade de refazer esses exames, só pra gente dar uma checada?

— Não.

— Mas, Val, você não acha que fazendo isso é a mesma coisa que... — ele largou a prancheta no colo e tapou os olhos com as mãos — não querer ver?

— Tá, e se for? Mesmo que eu refizesse os exames e dessem baixo, eu não ia tomar remédio nenhum.

— Tá. Então quer dizer que por enquanto você só quer cuidar da tosse, é isso?

— É.

— Tudo bem. Então vamos cuidar da tosse. Mas um raio X pelo menos eu vou ter que pedir, para ver como está seu pulmão. Certo?

— Eu tirei o raio X, que ficou pronto em quinze minutos. Voltei à sala dele.

— Olha, Val, no pulmão você não tem nada. E isso já é muito bom. Só que eu não posso garantir que essa tosse não tenha nada a ver com o HIV. O que eu vou fazer é te dar um antibiótico e outro xarope. E, na semana que vem, você volta aqui pra eu te ver, tá? E enquanto isso você poderia ir pensando um pouquinho no que eu te disse, da gente refazer o CD4 só pra checar. O que é que você acha?

Eu acho é que ele é muito educado e não ficou me enchendo o saco.

— Tá, eu vou pensar.

— Ótimo. E você não tem nenhuma pergunta a me fazer? Tem alguma coisa da qual você tem dúvida, algo que você gostaria de saber? Eu não sou especialista em AIDS, você sabe.

Eu sou um clínico geral. Mas mesmo assim o que eu não souber eu posso me informar. Me conta um pouco como é que é essa questão da AIDS lá no Brasil?

Eu contei a ele e nós ficamos conversando.

— Inclusive — eu disse — eu tenho uma dúvida sim. Antes de vir pra cá, eu ouvi uns papos que não estavam querendo que os HIV positivos estrangeiros entrassem nos EUA.

Eu tentei me informar, mas ninguém conseguiu me explicar direito essa história. No consulado, me deram o visto numa boa, sem perguntar se eu era portadora. Mas eu gostaria de checar isso melhor. Será que você poderia me ajudar?

— Claro. Vou me informar direitinho e na segunda-feira, quando você voltar, darei a resposta.

— Tá, obrigada.

— Você vai voltar aqui na segunda, né? Vou estar te esperando! E caso você tenha algum outro sintoma, você vem antes, tá?

— Tá. — Puxa, esse doctorGust era legal. Não falei que os médicos americanos eram legais? Nem ficam mandando a gente fazer as coisas. Sempre perguntam antes se a gente quer. Saí de lá aliviada. Não só porque ele tinha sido legal, mas também porque agora eu tinha alguém naquela cidade para poder conversar sobre aquilo.

Na semana seguinte, voltei lá, com a tosse curada.

— DoctorGust, minha tosse passou!

— Que bom, Val. Eu também já me informei a respeito dos estrangeiros HIV

positivos. O negócio é o seguinte: na verdade, o governo não está querendo que essas pessoas entrem no país. Eles têm medo de que muitos comecem a vir para cá e sobrecarreguem nossos serviços de saúde. Mas já que você está aqui dentro, com o visto de permanência correto, pode ficar. O máximo que pode acontecer é, mais tarde, pedirem para você se retirar, mas ninguém vai te prender nem nada, pode ficar sossegada.

— Tá bom. Mas e quanto a eu ficar estudando aqui na universidade, você acha que tem algum problema? — perguntei.

— Como assim? Você quer saber se é ilegal frequentar as aulas?

— É.

— Claro que não, né!

Claro? Por que claro? Não vejo nada de claro. Um ano antes, no meu país, uma menininha de cinco anos havia sido expulsa da escola simplesmente por ser portadora do HIV. Mas eu não ia contar isso a ele. Era vergonhoso.

— Tá. Então eu posso ficar tranquila?

— Quanto a isso, pode. Agora, eu andei conversando com umas pessoas que são mais ligadas à AIDS e elas também acham que é muito importante o controle das células CD4. Você pensou no assunto?

— Mais ou menos.

— Você havia me dito que lá no Brasil, além de AIDS mata, não se fala muita coisa a respeito. Eu tenho comigo uns folhetos e umas apostilas sobre o vírus, a doença, sintomas, tratamentos. Se você quiser dar uma olhada, eu posso te emprestar. Algumas são um pouco técnicas demais, mas, o que você não entender, é só me perguntar. O que você acha?

— Muito bom. Posso levar e te devolver depois?

— Pode, claro. E tem outra coisa que eu gostaria que você fizesse: um teste de tuberculose. Apesar de seu raio X não ter apresentado nenhuma anormalidade, você deve ter ouvido que nós temos tido problemas com tuberculose aqui na Califórnia. Portanto, é sempre bom checar. O teste é simples, chama-se teste de mantoux.

A enfermeira injeta uma pequena substância sob a pele e depois de alguns dias observa se teve reação.

— Tudo bem, eu faço. Inclusive, antes de eu vir pra cá, por exigência da universidade, eu fiz um teste de tuberculose. Só que não o de mantoux, fiz um que analisa o sangue e deu negativo.

— Ótimo, mas mesmo assim eu gostaria de fazer o outro. Tudo bem?

Fiz o tal teste e voltei pra casa com o material sobre a AIDS. À noite, quando cheguei em casa depois das aulas, comecei a lê-los. Alguns eram bem técnicos, como ele havia me avisado. Falavam sobre os estágios da doença, da fase assintomática e da fase sintomática, quando o paciente podia apresentar febre, suores à noite, diarreia e gânglios aumentados no pescoço (eu não apresentava nenhum desses sinais), e, em seguida, do aparecimento das doenças oportunistas, como tuberculose, pneumonia etc. Falavam da importância do controle das células CD4 e indicavam o uso do AZT a pacientes que apresentassem o CD4 inferior a quinhentos. Hoje esses conceitos já mudaram. Mas o que mais me chamou a atenção foram os folhetos das campanhas. Em linguagem

simples e direta, explicavam como era viver com HIV/AIDS. Por mais incrível que parecesse, em nenhum deles eu vi a palavra morte. Ao contrário, todos usavam sempre a expressão “pessoas vivendo com HIV/AIDS”, pessoas VIVENDO com HIV/AIDS. Aquilo deu um tilt na minha cabeça.

Dois dias depois voltei ao centro de saúde, para fazer a leitura do teste de mantoux. nenhuma reação. O que, segundo o doctorGust, não era garantia total de que eu não tinha o bacilo de Koch no meu organismo.

— Ainda existe a possibilidade de que seu sistema imunológico esteja bem fraco e por isso não reagiu ao teste. Por isso é bom continuarmos de olho em você.

— Certo.

Mas, e aí, Val, você leu aquilo tudo que eu te emprestei? O que você achou?

— Olha, os mais técnicos são iguais aos que eu lia no Brasil. Agora, os folhetos são completamente diferentes.

— ‘É, eu imaginava, foi por isso mesmo que eu os dei a você.

— Eles falam de pessoas VIVENDO com HIV/AIDS! - disse meio inconformada.

— Claro. E você também não está viva?

Eu meio sem jeito. Era difícil de acreditar naquilo vinda de um lugar onde a palavra AIDS era usada como sinônimo de morte.

— Val — disse o doctor, se aproximando de mim —, vamos fazer um exame de CD4?

Eu olhei pra ele, para aqueles olhinhos azuis e redondos, pensei um pouco e respondi:

— Vamos.

— Ótimo, ele disse. Só que tem uma coisa. Esse é um dos poucos exames que a universidade não cobre e está custando por volta de duzentos dólares. Você tem um plano de saúde? Se não tiver, eu tento dar um jeito.

— Tenho sim, meu plano lá do Brasil cobre as despesas no exterior. Quanto a isso, não tem problema.

— Certo. Vou te pedir também um exame de urina, pra checar se está tudo bem. E gostaria de fazer um exame ginecológico. Quando

foi a última vez que você foi ao ginecologista?

— Foi antes de vir pra cá, há uns dois meses.

— E estava tudo bem?

— Na verdade, eu estava com um negócio, mas o médico passou um remédio e sarou. Só que agora parece que está voltando.

— Que negócio?

— É... Ah, eu não sei o nome em inglês.

— Como é que é?

— São umas bolinhas bem pequenininhas. Não coça, não dói, não faz nada, mas o médico explicou que tem que tirar. Daí ele passou um remédio e matou a bolinha. É uma doença sexualmente transmissível. Uma DST.

— Ah, já sei. O nome disso é condiloma, causado pelo HPV, o papilomavírus.

— É isso mesmo. É quase igual em português.

Pausa.

Agora você deve estar se perguntando o que que uma menina de família estava fazendo com uma DST. Isso, por acaso, não é coisa de prostituta, de gente promíscua, quando muito coisa de homem? Não se trata de uma coisa tão distante, que a gente até ri quando ouve falar? Imagine sífilis, gonorréia, herpes. Pois é, mas a verdade é que se trata de algo bem mais comum do que as pessoas pensam. E como o próprio nome já diz, Doença Sexualmente Transmissível, qualquer pessoa que transe corre o risco de pegar uma. Assustador, não? Eu diria que sim, se não fosse a maior invenção de todos os tempos: a camisinha. Graças a ela, as pessoas podem continuar tendo suas relações sexuais, diminuindo em muito o risco de contrair uma. Infelizmente, alguns anos atrás, eu não sabia de nada disso. Faltavam informação, explicação e educação sexual, sobretudo nas escolas. E eu espero sinceramente que, a esta altura, as escolas já tenham se dado conta disso e, em vez de ficar só falando de problemas matemáticos, acentuação gráfica e ciclo da chuva, falem também um pouco de sexo com os alunos. Ou será que os adultos de hoje ainda continuam achando que isso é privilégio só deles?

O doctor continuou conversando comigo.

— Então quer dizer que as bolinhas estão voltando?

— É, nasceram duas.

— Sei. No seu caso, por ter o HIV se torna mais difícil de curar. Mas se nós tratarmos direitinho, passarmos o remédio mais uma ou duas vezes, vai sarar, tá? E me diz quando foi a última vez que você fez Papanicolau?

— Papanicolau? Nunca fiz.

— O quê?! — puxa, agora sim eu tinha assustado o doctorGust. — Nenhum médico te pediu esse exame? Ainda mais nas suas condições?

— Não. É que na, verdade, eu parei de ir ao dr. Ginecologista também. Eu parei de ir a todos os médicos, e só estava me tratando com o dr. Homeopatia.

— Homeo-o quê?

— Homeopatia — eu lá sabia o nome disso em inglês? — É uma espécie de medicina.

— São ervas?

— Não, são gotas! Gotas e mais gotas. — Ele me olhou assustado.

— Ah, é mais simples, você vai lá, fala tudo prum médico só, ele te dá as gotas e pronto.

— E foi esse médico que te tratou do condiloma e não te pediu Papanicolau?

— É.

— Val, você sabia que DST é uma coisa muito séria? E que, apesar do condiloma parecer algo inofensivo, ele pode favorecer o aparecimento de câncer no colo do útero, ainda mais no seu caso?

— Ah, é? — só me faltava essa agora. Câncer?

— Eu não estou dizendo que você esteja com câncer, mas é muito importante que a gente cheque isso através do Papanicolau, que também pode detectar várias outras infecções.

Todas as mulheres deveriam fazer esse exame anualmente e, no seu caso, por ser soropositiva, é indicado fazer a cada seis meses. É um exame bem simples, em que colho material e mando analisar no laboratório. O procedimento não é muito diferente de um exame ginecológico de rotina.

— Tá, eu vou fazer.

Lá fui fazer o tal exame. Não existe coisa mais desconfortante do que esses exames ginecológicos. Mas, como todas as mulheres têm que fazer mesmo, não adianta reclamar. O que, todavia, não nos livra de uma certa apreensão.

Tirei a roupa e coloquei o avental. A enfermeira entrou na sala para me ajudar a deitar na cama. A essa hora, eu já estava nervosíssima, mas assim que me deitei dei de cara com umas figuras de humor presas no teto. Olhei aquilo e comecei a dar risada.- Quando o doctorGust entrou na sala eu já estava mais calma. Esses americanos são muito espertos.

— Podemos começar?

— Podemos.

— Então tá. Eu vou começar com o procedimento tal — eu não sabia o nome daquilo em português, quanto mais em inglês. Mas quando ele começou, me liguei que era aquele famoso instrumento que eles usam para ver o útero.

— Aaaai!

— Calma, eu sei que isso dói, aguenta só mais um pouquinho que eu vou colher o material. Pronto, prontto, já to tirando. Acabou, pronto.

Queria saber quem foi o imbecil que inventou este instrumento. Aposto que foi um homem!

Se eles soubessem o quanto isso dói, não inventavam!

— Pronto, já acabei. Agora eu só vou passar um remédio nas bolinhas. Talvez arda um pouquinho. Ardeu?

— Não.

— Ótimo. Acho que com mais uma ou duas aplicações a gente acaba com elas - Pronto, menina, já está livre de mim, pode se trocar e ir lá para o laboratório fazer os exames de sangue.

Subi ao laboratório e colhi o sangue. O resultado sairia dentro de uns dez dias.

— Mas volte aqui na semana que vem, para continuarmos a tratar do condiloma, tá? E continue sorrindo, Val, que você tem um sorriso muito bonito.

Esse doctorGust é mesmo muito legal.

A essa altura, já havia se passado um mês e meio e o meu primeiro estágio estava acabando. Vieram as provas finais e eu estudei bastante. Eu queria muito passar para o último estágio e terminar aquele curso. Alguns de nossos amigos já começavam a ir embora. Fizemos, então, uma festa de despedida. Algo bem típico da região, um churrasco à noite na praia. Acendemos uma fogueira enorme por causa do vento frio que soprava. Montamos a churrasqueira e começamos a fazer o churrasco.

— Churrasco? É isso que é churrasco pra vocês, hambúrguer?

— Aqui na América, o que você queria?

— Eu queria uma baita duma picanha.

— Pi, o quê?

— Esquece, acho que vocês nunca viram isso na vida. É uma carne deliciosa lá do Brasil.

— Ah, é? Já tá com saudades do Brasil, Val? — eles brincaram.

— Não! Só tô com saudades duma picanha.

— Pois é assim que começa, viu?

Comemos o projeto de churrasco. A salvação foi uma maionese muito boa que a Raquel tinha feito. Depois do jantar sentamos à volta do fogo. Aquela era a última noite do Peter e do Andy conosco. No dia seguinte, eles já voltariam para a Suíça. Essa é a parte triste de fazer amigos de outros lugares do mundo, a hora de ir embora. Durante um tempo, nós nos tornamos amigos bem íntimos. Estudávamos juntos, comíamos juntos, passeávamos juntos.

Conhecemos San Diego inteirinha, visitamos Los Angeles, Las Vegas, Tijuana, a cidade de fronteira no México. Conversamos sobre muitas coisas, nossas casas, nossas famílias, nossos costumes, nossos problemas (quase todos). E agora eles teriam que ir embora e provavelmente nós nunca mais nos veríamos. Que pena! Mas por outro lado isso até que era bom, assim eu não teria mais que ficar escondendo nada de ninguém.

Fiquei olhando o fogo forte queimando na fogueira. Aquele alaranjado vivo fazendo ondas no escuro. Hipnotizante. De vez em quando um estouro e pequenas fagulhas acesas voando com o vento. Voando, voando, até que se apagavam no breu.

— É, gente, tá acabando — alguém disse.

— Que pena, né? Tava tão legal.

— É, agora é voltar pra casa e seguir com as nossas rotinas. Trabalhar, juntar dinheiro, casar! — a Rosa vivia falando neste tal de casamento.

— Pois eu vou voltar pra Barcelona, continuar trabalhando onde estou, juntar uma grana e abrir meu próprio estúdio. Eu sou uma mulher moderna! — disse a Luli, provocando a amiga.

E todos começaram a fazer planos. A Carmem, mal havia começado a fazer faculdade, já estava pensando em pós-graduação. O Peter, com seu vocabulário de inglês bem melhorado, alugaria uma casa onde iria morar com a namorada. O Marcos ia terminar a faculdade, casar e viver feliz para sempre. O Andy, continuando solteiro, só queria saber de trabalhar, trabalhar, ser promovido no emprego e ganhar muita grana. A Raquel, dali a alguns meses, seria transferida para Boston, onde ficaria uns dois anos.

— E você, Val, vai fazer o quê?

— Eu vou ficar aqui mais uns meses e terminar este curso.

— Mas e depois quais são os seus planos pró futuro?

— Meus planos? Meus planos são... deixa eu ver...

— Não vai me dizer que você não tem planos. Todo mundo tem! Vai, fala, quais são os seus planos pro futuro?

— Futuro? É... Bem... Ah, já sei! No final do ano eu vou ver neve.

— Ver neve?! — o Andy perguntou assustado.

— É que eu nunca vi. No meu país não tem neve. Eu sou de um lugar tropical, lembra? Pra você que mora na Suíça e vê todo ano deve ser uma coisa bem banal. Mas pra mim, que nunca vi, é algo muito especial.

— Eu imagino — ele disse, mas parecia inconformado. Caramba, será que é tão difícil entender? Eu nunca vi neve, oras. O Marcos também nunca viu. Que problema há nisso? E aí eu perguntei se ele já tinha visto o encontro das águas de dois rios de cores diferentes que se juntam mas não se misturam: o fenômeno da pororoca. Perguntei se ele já tinha visto um boto cor-de-rosa, ou um tuiuiú no meio do pantanal.

— Já comeu bocaiúva, tacacá? Você não sabe nem o que é uma picanha — eu brinquei.

— Tá bom, tá bom, você venceu. Pode continuar com seus planos de ver neve no final do ano. — “Ver neve”, ele repetiu baixinho pra si mesmo como se ainda fosse difícil de entender. Só aí eu me dei conta de que a dificuldade toda não estava em entender que eu nunca tinha visto neve, mas, sim, daqueles serem meus planos pro futuro.

É, talvez eu devesse ser como as pessoas comuns e ter planos pra dali a mil anos. Visualizei meu calendário mental que marcava 1993: setembro, outubro, novembro, dezembro, fim.

Tentei esticá-lo mais um pouco. Colocar janeiro, pelo menos. Mas não deu. Acabava com o final do ano e ponto final. Depois disso, um breu. Paciência, pensei, os meus planos são: VER NEVE NO FINAL DO ANO! E para mim já estava muito bom. Cada um se vira como pode.

Finalmente o boletim saiu e eu havia tirado notas ótimas. Tivemos uma festa de encerramento, coquetel, troca de endereços e mais despedidas. Que pena, todos os meus amigos estavam indo embora.

Liguei pro meu pai pra dar as notícias:

— Então é isso, pai. Já até me matriculei pró próximo estágio.

— Vai fazer mais curso? Você está pensando que eu sou banco, é?

— Que mané banco? Você não disse que esse dinheiro era meu por direito pelo tempo que eu trabalhei com você? Já mudou de idéia? — Ele deu uma resmungada. — Ah, e por falar em dinheiro, eu mandei um recibo de exame médico pra você descontar do nosso plano de saúde.

— Médico?! Você foi ao médico? Você tá doente?! Eu sabia, eu cansei de falar pra você não viajar agora!

— Não é nada disso, pai. Foi só uma tosse. E daí no final eu resolvi fazer aquele exame de imunidade.

— E como é que está? O que é que deu? Deu baixa? Acho melhor você voltar pra casa. Ou então ir logo pra casa da sua tia na Filadélfia.

— Calma, pai, nem saiu o resultado ainda. — Maldita hora que eu fui tocar no assunto.

Devia ter feito como eu fazia no Brasil, nem falava nada, dizia que estava tudo bem e ia levando. — Quando sair o resultado eu te ligo,

tá? Então é isso, aqui tá tudo ótimo, tenho passeado bastante, conhecido lugares lindos.

— Sei, vê se se cuida, hein? E vê se come!

Dias depois voltei ao doctor. Por sorte o Papanicolau havia dado normal, mas as células de CD4, segundo ele, não eram nem um pouco satisfatórias. O último exame que eu havia feito no Brasil dera por volta de quatrocentos, este agora dera trezentos.

— Isso indica que sua imunidade continua abaixando. E você sabe que está mais do que na hora de tomar AZT, não sabe?

— Eu não vou tomar remédio. E já te expliquei por quê, não expliquei?

— Olha, Val, eu estive num seminário de AIDS esta semana. Fui mais por sua causa.

Conversei com outros médicos da área sobre o seu caso e todos eles disseram a mesma coisa: "Já devia ter começado com a medicação!"

Ele ficou olhando para mim, esperando alguma reação, mas eu permaneci estática. Ele respirou fundo pensando um pouco, como se estivesse procurando algum outro argumento.

"Pode inventar o que for", pensei, "duvido que ache alguma coisa que me faça mudar de idéia".

— Eu conheci uma mulher nesse seminário — continuou ele — e, como você, ela tem o vírus há alguns anos. Dê uma lida nisso aqui — me entregou uma folha de papel. — Eu vou lá fora resolver um negócio e já volto. — Saiu, fechou a porta me deixando sozinha na sala.

Comecei a ler. Falava de uma tal de Amanda, uma mulher que descobrira ser soropositiva havia alguns anos. E que, depois de terminado o período de depressão, retomou sua vida normal. Seguiu sua carreira e casou-se com um homem soronegativo. O casal teve uma filha, também soronegativa, que, na época, estava com dois anos. Amanda continuava trabalhando, cuidando de sua família e viajando pelo estado, dando palestras sobre mulher e AIDS.

Casada? com filhos? Trabalhando? O doctor entrou na sala.

— Leu?

— Li.

— Pois bem, eu conversei com essa mulher no seminário e ela me contou que, como milhares de outras pessoas, já tomou medicação e se deu muito bem.

— Mas é diferente — eu disse.

— Diferente em quê? Diferente por quê?

— Porque ela é diferente, oras. Porque ela tem uma vida tão... tão... tão normal.

— É exatamente isso que eu estou querendo te mostrar. Que as pessoas que têm HIV/AIDS também podem levar uma vida normal.

Normal? Normal! Acho que isso é tudo o que eu queria ser. Mas vai tentar ser normal ouvindo todo dia a AIDS mata, a AIDS é o mal do século, vamos acabar com a AIDS. Até parece que as pessoas esquecem que o vírus está dentro de mim, que a AIDS só existe porque eu existo, se eu morresse, o vírus também morreria. Ou seja, de certa forma eu sou a AIDS. A AIDS mata. É o mal da humanidade. É mórbida, é deprimente, é horrível. Vamos acabar com a AIDS. Como é que se pode levar uma vida normal ouvindo isso toda hora, lendo isso em todos os lugares? Como é que eu posso pensar em seguir uma carreira, casar, ter filhos, construir qualquer coisa que seja, sendo associada a todas essas coisas horríveis?

Mas acho que o doctor jamais entenderia isso. As vezes, nem eu mesma entendia. Fiquei quieta sem dizer nada.

— Vamos fazer uma coisa: você vai pra casa agora e, mais tarde, pensa em tudo isso com calma. No final da semana, você volta aqui e a gente conversa. E daqui a uns quinze dias a gente repete a contagem de CD4. Tá bom?

Voltei com o papel da Amanda na mão. Li mais uma vez. Deixei-o sobre a escrivaninha e pensei. Deitei na cama e pensei. Andei pelo quarto e pensei, pensei, pensei... Amanda, a mulher soropositiva que vivia normalmente. Como é que podia ser? Eu não sabia. Só sabia que era verdade. Em algum lugar desse mundo as pessoas começavam a levar a vida normalmente com HIV e AIDS. - Abri a gaveta e peguei um folheto de campanha da cidade de San Diego que o doctor me dera. Reli. Começava falando de como era difícil receber um teste positivo. Da fase de profunda tristeza e depressão

pela qual as pessoas passavam no começo. Mas que receber um teste positivo de AIDS não significava que tinha acabado, e sim que tinha acabado de começar. Pois existiam várias coisas que se podia fazer para aumentar o tempo e, principalmente, a qualidade de vida. Como, por exemplo, cuidados com a alimentação, prática de esporte, ajuda de psicólogos ou grupos de apoio, acompanhamento médico com profissional de sua confiança, uso de medicação quando indicado etc.

Talvez, então, fosse essa a diferença. As pessoas de lá não tinham que se olhar todo dia no espelho e pensar: "Eu sou o mal do mundo". Ao contrário, elas estavam preocupadas em viver o melhor que pudessem. E, pelo jeito, havia muitos outros que, embora não tivessem o vírus, também estavam dispostos a ajudar.

É mais uma daquelas questões culturais, pensei. A mesma coisa sendo lidada de maneira completamente diferente em dois lugares distantes.

Me lembrei do sermão que eu havia dado na minha amiga Lim aquele dia na sala de aula, sobre a imposição dos pais na China. "Não pode continuar desse jeito!", eu dizia, "tem que mudar!". É, talvez essa questão da AIDS também precisasse mudar. Assim como na Califórnia já havia mudado. Me lembrei do meu discurso inflamado daquele dia: "Quem é que faz a cultura de um povo, não é o próprio povo? E o povo não somos nós? Pois bem, se nós já não concordamos com tal coisa, a gente vai lá e muda".

Como eu sou imbecil! Essas coisas na prática são diferentes. Talvez mudar a cultura de um povo seja impossível. Me imaginei chegando no Brasil e dizendo "Olha gente, descobri uma coisa, as pessoas que têm AIDS são normais". Antes mesmo de terminar já teria sido apedrejada. E aí, sem querer, imaginei a tal da Amanda chegando lá e dizendo a mesma coisa. Talvez ela até fosse ridicularizada, mas acho que isso não lhe faria grande diferença, já que ela acreditava em si mesma. Ela estava levando sua vida normalmente e era isso que importava. Sem contar que, mesmo falando de uma forma mais abrangente, este pequeno ato, ainda que no meio de nada, já era alguma coisa. Já era um grande começo.

Talvez fosse isso mesmo que eu devesse fazer, passar a acreditar que as pessoas com AIDS podiam levar uma vida normal e pronto. Foda-se o resto! Mas a questão agora era: será que eu, que fui criada aceitando uma determinada coisa como certa, como verdade absoluta, seria capaz de fazer uma lavagem cerebral, me livrar de tudo e começar a acreditar em outras?

Lembro uma vez, quando tinha uns onze anos, fiz uma pesquisa pra escola que me marcou muito. Até então, sempre que alguém me falava em banho eu logo associava com água.

Lógico, não? Na nossa cultura, tomar banho, limpar-se, é sinônimo de chuveiro, banheira, no que seja, mas sempre água. Pois bem, pensava assim até o dia em que fiz essa pesquisa sobre os povos nômades do deserto e descobri que eles tomavam banho com areia. Areia?

Como pode? Eu jamais havia imaginado uma coisa desta. Mas, pensando melhor, até que fazia sentido. No deserto não tem água, só tem areia. As pessoas, então, se limpam com areia.

E foi aí que me liguei que várias das coisas que a sociedade vai enfiando em nossas cabeças como verdades muitas vezes não são tão absolutas assim. Comecei, então, a prestar mais atenção nisso tudo e a ver como as pessoas se autolimitavam por viverem bitoladas dentro de seus próprios costumes. Quantas coisas poderiam ser melhoradas se o homem tivesse a coragem de mudá-las, em vez de ficar só dizendo: "É assim, vai ser sempre assim"?

Quando eu crescer, eu pensava, nunca vou ficar deste jeito. Vou fazer questão de viver sempre viajando para os lugares mais diferentes possíveis, ainda que seja através dos livros.

Entrar em contato com outras culturas, crenças, conceitos, e aí ter oportunidade de questionar os meus e mudá-los quando necessário. Só assim uma pessoa pode ser realmente livre.

E esse, então, era o meu conceito de liberdade. Quase até de felicidade. O que eu não esperava era que essas crenças fossem tão fortes. E livrar-se delas, talvez fosse impossível.

Olhei novamente para o papel sobre a escrivanhinha. Será que algum dia eu conseguiria ser normal como a Amanda? Meus olhos se encheram de lágrimas, meu peito, de desesperança.

Dobrei o papel e guardei-o na gaveta.

8. TODO MUNDO DEVIA SUBIR NO EMPIRE STATE BUILDING

Terminado o primeiro estágio, mudei-me para um dormitório particular onde só dividiria o banheiro com mais uma pessoa. Preenchi um daqueles formulários na tentativa de acharem um par perfeito. Pedi para dividir o banheiro com uma pessoa silenciosa, não-fumante e americana, já que eu queria aperfeiçoar o meu inglês. Me colocaram ao lado de uma turca fumante e barulhenta. Que ouvia som no mais alto volume até as três horas da manhã.

Detalhe: a porra da música também era turca!

Quase enlouqueci. Aguentei dois dias, mas no terceiro fui falar com o administrador do prédio, que, na verdade, era um estudante de administração. Mais uma invenção dos americanos; em vez de pagarem um salário altíssimo para um administrador formado, contratam um estudante dali mesmo como estagiário e pagam um salário menor. Esse tal era o Steve, um cara duns 25 anos. Eu já o conhecia.

— Escuta aqui, Steve, pra que você me fez ficar duas horas preenchendo aquela droga de formulário se, no final, fazem tudo errado?

— Você não está satisfeita?

— Satisfeita?! Eu pedi um quarto num andar calmo com uma juitmate que não fumasse e falasse inglês. Vocês me colocaram ao lado de uma fumante, turca, que só fala turco, que faz reuniões no quarto com mais dez turcos e ainda por cima aquela droga de música no meu ouvido sem parar! Olha, eu te juro que eu não tenho nada contra os turcos, mas, se eu quisesse aprender a língua deles, eu teria ido pra Turquia!

— Calma, calma, não precisa ficar nervosa, eu vou ver o que posso fazer.

— Ver não! Acho bom você resolver!

— É que já está tudo praticamente ocupado, vai ser muito difícil!

— bom, então você me dá a grana de volta que eu vou pra outro lugar. — Era só um blefe, pois a essa altura provavelmente já não

haveria outro lugar para eu ir. Mas, pela cara dele, tinha funcionado um pouco.

— Bem, o dinheiro fica difícil de devolver.

— Então você me arranja outro quarto! — Ele não disse nada e eu provoquei mais ainda.

— Engraçado, eu sempre ouvi dizer que os EUA eram o país onde tudo funcionava direito, onde todas as pessoas eram honestas; pois bem, eu me mudei pra cá e paguei essa grana toda porque vocês me garantiram, entre outras coisas, que eu dividiria o quarto com uma americana. E eu vim pra cá para aprender inglês, lembra?

— Tudo bem, tudo bem. Eu vou dar um jeito nisso. Apesar de que, depois desse seu sermão todo, eu diria que seu inglês está ótimo. Passe aqui lá pelas três horas que eu já terei resolvido.

Mas olha, eu já vou avisando, lugar calmo aqui nesse dormitório, vai ser impossível.

— Tudo bem. Que você me coloque com alguém que fale inglês e não fume já está bom.

Voltei lá às três horas. Ele estava ocupado atendendo outra pessoa em sua sala. Sentei no saguão para esperá-lo. Até a entrada nesse dormitório era mais bonita, parecia um hotel, com uma pequena recepção e um jogo de sofás na frente dos elevadores, onde eu estava sentada. Fiquei olhando o movimento. Vários estudantes estavam chegando com suas mudanças, para o novo semestre de aula. Muitas malas, livros, geladeiras, forno de micro-ondas, computador, telefone. Todo mundo fazendo força e carregando suas próprias coisas, inclusive as meninas.

Depois de uns instantes apareceu o Steve. Ele segurava uma chave e me chamou para vermos um novo quarto. Pegamos o elevador e fomos para o sexto andar. Ótimo, pensei, era num andar mais alto. Quando nos aproximamos, achei melhor ainda, era o último no corredor, se tivesse muito barulho seria somente de um lado. Ele abriu a porta e nós entramos. Como todos os outros, era um quarto retangular, grande, espaçoso, com cama, escrivaninha, cômoda, um armário embutido com porta toda de espelho. "Esses espelhos estão me perseguindo." Logo ao lado da pia, a porta do banheiro. O Steve tentou abrir, mas não conseguiu. "Deve estar

trancada por dentro”, ele disse. “Vamos entrar pelo quarto de sua vizinha.” O banheiro, que ficava no meio, tinha porta para os dois lados.

Fomos ao quarto vizinho, cuja porta tinha um papel com um nome, Alrica, assim se chamava quem ali morava. Batemos na porta, mas ninguém atendeu. “Ela deve ter saído”, disse ele abrindo a porta com a chave mestra. “Vamos passar por aqui só para abrir a porta por dentro.” Dei uma olhada no quarto enquanto entrávamos: arrumadíssimo. A pessoa que ali morava certamente era muito limpa e organizada. Enquanto o Steve abria a porta do banheiro, dei mais uma olhada e vi que, na parede ao lado da porta, havia uma enorme bandeira de pano com uma criança negra desenhada. De onde eu estava também pude notar que no painel de cortiça sobre a escrivaninha havia várias fotos de pessoas negras. Negra?

A pessoa que morava ali era negra? Certamente era.

O Steve abriu a porta do pequeno banheiro, que era tecnicamente igual ao que eu dividia com a guria turca do segundo andar. Mas com uma grande diferença: limpíssimo. Ele destrancou a porta por dentro e nós passamos para o outro quarto.

— E aí, Valéria, você fica com este aqui?

Uma negra? Me lembrei do que algumas pessoas me falaram antes de eu viajar: “Tome cuidado com os negros nos EUA: eles odeiam os brancos. O racismo lá é dos dois lados e é pesado”. Mas aí eu lembrei também que as pessoas haviam dito a mesma coisa quando fui pra Nova York. E lá nunca tive problema algum, ao contrário, conversei com alguns negros e todos eles foram muito simpáticos. “Isso tudo é tão ridículo”, pensei.

— Fico, eu fico com o quarto.

É tão ridículo quanto, pensei depois, o que a tal da Alrica faria se soubesse que eu tinha AIDS.

Trouxe minha mala para o novo quarto e comecei a arrumar as roupas nas gavetas da cômoda e no armário, cujas duas Portas de correr eram de espelho. Olhei para a “Eu mesma” do outro lado: “É, minha cara, agora a gente vai ter que se acostumar uma com a outra nem que seja na marra”.

Fui olhar pela janela, que não era muito grande e ficava ao lado da pia. A vista, bonita, mostrando lá embaixo um pedaço da piscina e, na frente, o fim da universidade com várias casas, condomínios e muito verde. Nenhum abismo.

Pouco tempo depois, ouvi uma conversa no corredor, abri a porta e dei de cara com uma turma conversando. Dentre eles, uma menina mais ou menos da minha altura, a pele negra, de um tom muito mais escuro do que eu estava acostumada a ver por ali, os cabelos também num estilo bem diferente, divididos em pequenos rolinhos espalhados por toda cabeça, a roupa bem colorida, um colar de osso no pescoço e um brinco de argola no nariz.

Falava bastante e ria muito. Depois de um tempo, eles se despediram e, quando ela virou para ir ao seu quarto, vizinho do meu, notou minha presença. Me aproximei meio sem jeito me apresentando:

— Oi, meu nome é Valéria, eu me mudei pra cá hoje... Eu vou ser sua juitmate.

— Ah, muito prazer — ela disse me estendendo a mão e abrindo um enorme sorriso. O sorriso mais branco que eu já vi. Estendi minha mão tocando na dela:

— O prazer é todo meu.

— Que legal que você chegou, eu estava curiosa para saber quem seria minha juitmate. Faz horas que você está aqui?

— Na verdade, eu já estou aqui no El Cone há alguns dias. Só que estava em outro quarto.

Mas aí pedi para mudar, porque queria ficar com uma americana.

Ela desmanchou o sorriso e pelo tom de voz tinha se ofendido:

— Então, você se deu mal, porque eu não sou americana.

— Ah, não? — perguntei me esforçando para esconder meu desapontamento.

— Não. Eu sou jamaicana!

— Ah... Bem, mas pelo que eu tô vendo você fala inglês perfeitamente.

— Falo. Inglês é a minha língua. Mesmo na Jamaica a gente fala inglês.

— Então tudo bem. Na verdade, era só isso que eu queria, ficar perto de uma pessoa que falasse inglês fluente e pudesse me corrigir de vez em quando.

— Ah, se é isso, então tudo bem — ela disse sorrindo novamente. E eu fiquei aliviada.

Convidei-a para entrar no meu quarto e ficamos conversando. Ela era uma pessoa simples e humilde mas, ao mesmo tempo, forte. Me contou que estava com dezenove anos e tinha vindo pra San Diego fazer seu primeiro ano de faculdade. Sua mãe e suas irmãs moravam perto de São Francisco. Todos eles tinham vindo da Jamaica havia vários anos, pois a situação econômica de lá era péssima e eles estavam passando por muitas necessidades.

Depois que chegaram aos EUA, sua mãe casou de mentira (só no papel) com um amigo americano e eles puderam ficar de vez no país. Perguntei se ela não sentia saudades da Jamaica e ela disse que sim e que de vez em quando ia pra lá passar as férias. Mas, pra ficar de vez, morar, ainda não dava.

— É um país muito pobre, não tem emprego, eu não teria chance de estudar. Aqui, apesar de não ser a minha casa, eu posso vir a ser alguém na vida. E aí, depois que eu estiver formada e numa situação melhor, posso voltar pra lá e até ajudar o meu povo.

— Mas você gosta daqui, não gosta?

— Mais ou menos. Quer dizer, é legal poder vir pra universidade. Eu tive muita sorte. Há dois anos minha mãe se casou com um outro americano, só que desta vez de verdade. A família dele é rica, e então eles resolveram pagar meus estudos.

Mas morar aqui nos EUA, às vezes, é muito difícil; os americanos são muito racistas, ainda mais comigo, que sou negra, você sabe...

— É, eu imagino.

— E o seu país, o Brasil? Me conta de lá. Uma vez nós fizemos um trabalho sobre ele na escola. Tem muita gente pobre lá também, né? Gente que mora nas favelas. Não é assim que se chama? Mas parece que é um povo bem animado. Tem aquela festa, o Carnaval, não é? É, acho que é um clima meio parecido com o da Jamaica, clima de reggae, conhece?

— Claro, Bob Marley. — Ela começou a cantar um pedaço de uma música dele. Me impressionei.

— Cara, que voz que” você tem! Você deveria ser cantora! — Ela deu uma gargalhada gostosa.

— Ah, não. Acho que eu quero ser enfermeira.

— Sorte de seus pacientes, quando eles estiverem deprimidos, você pode cantar pra eles. —

Ela riu mais ainda.

— A minha mãe tem uma banda de reggae. Eu já andei fazendo uns backing vocal por aí, mas nada profissional. E você gosta de reggae?

— Gosto, gosto bastante.

— Eu amo! O reggae pra gente da Jamaica é mais do que só uma música, é como se fosse um grito de guerra, uma religião. É uma coisa muito forte.

— É, dá pra sentir. Só a voz dos negros já é uma coisa especial.

— Lá no Brasil também tem muito blackpeople, né? —, este era o termo usado em inglês. Ao contrário do Brasil, chamar alguém de negro nos EUA é considerado ofensivo.

— É um país racista como aqui? — ela perguntou.

— Racista? — pensei um pouco, não queria responder qualquer coisa. Racista? Racista? O que é mesmo ser racista?

Como é ter uma atitude racista? Caramba, isso é tão complexo, tão complexo, tão complexo, que nem dá vontade de pensar. A impressão que eu tenho é que se pode ficar horas e horas falando, discursando, dizendo e contradizendo, e nunca vai se chegar a lugar algum. — Ah, sei lá, Alrica, talvez. Algumas pessoas sim, outras não.

Ela, não se dando por satisfeita, insistiu:

— Mas você, por exemplo, você se importa com a cor das pessoas?

Pronto. Ela tinha conseguido resumir todo o problema racial numa única frase: a cor das pessoas. Fiquei olhando pra ela sentada bem ali na minha frente. Seus olhos vivos me encarando e esperando uma resposta. Seu cabelo esquisito, seu nariz largo, seus lábios grossos. Um rosto negro. Um pescoço negro. Um braço negro. Uma

pessoa negra. Nessa hora sem querer, me lembrei de uma coisa engraçada. Uma dessas coisas que ficam anos vagando esquecidas pela cabeça da gente, até que um dia, sem mais nem menos, aflora: ainda na escola, no primeiro colegial, com a turma de sempre, nossa amiga Dê, ruiva, tendo seus ataques de raiva: "Por que é que eu tinha que ser ruiva? Me fala, por quê, por quê? Eu odeio ser ruiva, eu odeio este cabelo alaranjado, estes cílios amarelos, estes olhos esverdeados, essa pele branca transparente. Eu entro num lugar todo mundo me olha: Meu Deus, uma ruiva! Que droga, por que eu não nasci de outra cor? Por que a minha mãe ruiva tinha que se casar justamente com meu pai ruivo? E aí não teve outro jeito: eu nasci ruiva!!" A gente morria de dar risada. Abraçava ela, beijava ela e brincava "Dê, não liga, a gente te ama ruiva mesmo". Mas era verdade nós a amaríamos mesmo que ela fosse verde.

— Não, Alrica, acho que eu não me importo com a cor das pessoas.

— Então quer dizer que lá no Brasil você tinha amigos, amigos mesmo, negros?

— Não. Na verdade nunca tive nenhum. — Ela fez uma cara de decepcionada. Eu sabia que ela ia ficar decepcionada. Mas eu não ia mentir. — Olha, quando você fala de amigos de verdade, o que vem à minha cabeça são os amigos de escola. Aqueles amigos com quem você passa anos e anos junto, se vendo todos os dias, crescendo junto, aprendendo junto. É como eu já te expliquei, a grande maioria dos negros no Brasil é pobre. Eles não têm dinheiro pra ir pra escola particular, ainda mais pra minha, que era de classe média alta.

Daí, então, não tive oportunidade de fazer amizade com nenhum negro.

— Entendo. Eu também acho que os meus melhores amigos são os que fiz na escola.

Também até agora com quase vinte anos a única coisa que a gente faz é ir pra escola! — Ela riu. Eu também ri, mas com saudades. Ela se levantou e foi até a minha escrivaninha, olhou meu painel de cortiça: vazio. — Você ainda não pregou as fotos dos seus

amigos no painel? Puxa, a primeira coisa que eu fiz quando cheguei foi encher o meu com fotos deles.

Eles nem estão tão longe, mas dá a maior saudade. Pega lá a foto dos seus amigos pra eu ver.

— É... é que eu não trouxe nada.

— Não trouxe?! Mas você veio de tão longe, vai ficar tanto tempo fora e não trouxe nada, nenhuma foto?

— É, é que, pra falar a verdade, eu quase nem tenho fotos deles. Nesses últimos anos a gente não tem se visto muito.

— Mas eles ainda são seus amigos, não são?

— São, acho que são.

— Hum. Mas e aqui você já fez muitos amigos?

— Fiz, no primeiro estágio. Um pessoal bem legal, mas agora a maioria já foi toda embora, só ficou um cara que eu conhecia das aulas de conversação. O Oliver, um suíço-francês, ele é muito legal. E você, já conheceu bastante gente?

— Conheci o pessoal deste andar. Tem dois caras legais que moram aí na frente. E umas outras meninas. Depois eu te apresento. Falando nisso, a gente vai a uma festa hoje à noite. Tá a fim de ir?

— Obrigada, eu ia gostar muito, mas é que eu já combinei de sair com o Oliver. É a última semana dele aqui na cidade.

— Ah, tudo bem, amanhã ou depois tem outra e aí você vem. Aqui na universidade, até começarem as aulas, vai ter muita festa. Você sabe, eu que tenho menos de 21 anos não posso entrar nos bares nem nas danceterias da cidade, então tenho que ficar só por aqui.

— Ah, é mesmo, que saco, não?

— É, é uma merda. Bem, eu já vou indo que eu tenho que tomar banho e me aprontar pra festa. A não ser que você queira usar o banheiro primeiro?

— Não, não, pode ir que depois eu vou.

— Tá legal então. Depois a gente se fala. Passa aí no meu quarto amanhã pra gente conversar. E olha, se tiver qualquer coisa que você não goste, você sabe, alguma coisa que eu faça, você vem falar comigo, tá?

— Pode deixar. E você também, qualquer coisa, é só falar.

— Ótimo, eu prefiro assim, que a gente seja bem sincera uma com a outra.

— Eu também prefiro — concordei. Ela sorriu e foi para o seu quarto. E eu fiquei ali, pensando.

Sincera. Será que eu estava mesmo sendo sincera? Será que dividir uma suíte com outra pessoa, se tornar amiga dela e não contar que tem o vírus da AIDS, ainda que isso não lhe causasse dano algum, é ser sincera? Talvez fosse só uma omissão de algo que não viesse ao caso. Mas, dependendo da pessoa, poderia ser encarado como uma mentira,, ou, quem sabe até, um crime. Tem gente que simplesmente não gosta das pessoas com AIDS. E se a Alrica fosse uma dessas?

Tive vontade de chamá-la de novo, dizer tudo e ver qual seria sua reação. Mas eu não podia me esquecer de que, dependendo de sua reação, talvez eu tivesse que deixar aquele dormitório; se complicasse muito, talvez até o país. Não, era melhor não falar nada, ao menos por enquanto. Não falar, será que isso era falta de sinceridade? Será que um dia a Alrica entenderia a minha "falta de sinceridade"? Você entenderia?

Olhei para o relógio sobre a escrivaninha: sete e meia. O Oliver tinha ficado de me pegar às oito. Eu já estava atrasada. Tomei um banho rápido e desci para encontrá-lo.

O Oliver era uma pessoa muito divertida. Eu adorava sair com ele, que me fazia esquecer de tudo e rir o tempo todo. Ele havia acabado de se formar em engenharia. Mas, como não arranjava emprego, tinha vindo fazer um curso de inglês. Quando cheguei no saguão, lá estava ele me esperando, com seu bom humor de sempre e sua figura engraçada. Alto, magro, loiro, os olhos verde-água, a pele avermelhada de sol, o cabelo ralo e um sorriso que não saía do rosto. Se saía, era para se transformar em gargalhada das piadas que ele mesmo contava. Fomos indo em direção ao carro.

— Você pegou seu passaporte, pro caso de a gente querer passar em outro lugar mais tarde? Não quero voltar cedo. Depois que os americanos chegaram, não dá mais pra dormir mesmo. Acho que esses caras pensam que isso aqui é a Disneylândia. Você acredita

que ontem, às duas da manhã, teve um jogo de basquete no quarto vizinho ao meu?

— Acredito. Outro dia, eu passei num quarto onde o cara tinha pintado as paredes de roxo e escrito uns trechos doidos por cima com tintas amarelas fosforescentes. Quando ele apagava a luz, ficava tudo iluminado. Daí eu perguntei pra ele: "Escuta, pode fazer isso aqui no dormitório, "Não", ele disse;, "mas eu fiz, vai uma cerveja aí?"

— É, cerveja. Isso aqui virou sinônimo de virilidade:. Eles nem bebem mais por prazer bebem para mostrar que são homens e estão fazendo algo proibido. Também, vê se pode?

Proibir bebida antes dos 21 anos de idade. Até parece que isso adianta. Aposto que qualquer moleque de dezenove daqui bebe bem mais do que qualquer um da Europa, onde a bebida nem é proibida. Proibição... Isso aqui é cheio de proibição. E depois eles lançam mundialmente o slogan ridículo: "A América é um país livre".

Eu comecei a rir. Ri da irritação do Oliver e também porque me lembrei da cara de besta que a gente ficou na primeira vez que fomos a um bar em San Diego e, de repente,, toca um sino. Que significa isso?

Aí sai todo mundo correndo pra comprar a última cerveja.

Então aparece o gerente do bar colocando todo mundo pra fora, depois das duas da manhã é proibido vender bebida alcoólica. Logo os bares não terão mais lucro.

Portanto, fecham-se as portas. Ainda restam algumas danceterias abertas.

Porém, também não venderão bebidas, Contudo, não importa, já está todo mundo bêbado.

Todavia, a noite não é mais uma criança. Entretanto, a "América ainda é um país livre". Entenderam? Não? Nem eu.

Chegamos à pizzaria. Ele estacionou o carro.

— Peraí, Oliver. Você não pode parar aqui, não tá vendo a placa de proibido estacionar?

— Foda-se! — ele desceu, deu a volta e abriu minha porta. — Vamos?

— Você vai levar uma multa — avisei.

— Este carro é alugado, até esta multa chegar eu já estarei em casa, em Genebra, esquiando nos Alpes.

— Oliver? Um suíço fazendo isso?

— Você ainda não viu nada — ele disse rindo. Enfiou a mão no bolso e tirou uns quatro papezinhos amarelos — não vai ser a primeira. Vambora.

Fui inconformada. Um suíço?

— Tá bom, vai. Normalmente eu não faria isso. Mas é que eu estou injuriado com este paiseco metido a besta. — Ultimamente ele andava tendo uns ataques de xenofobia.

— No começo você chega e acha tudo maravilhoso. Mas depois de passar aqui quatro meses, como eu passei, você se liga que não é tudo isso não. Você vai ver, você também chega lá.

— Tô sabendo. Pra falar a verdade, tem umas coisas que já estão me deixando leve mente irritada.

Entramos na pizzaria, que ficava dentro da área da universidade. Por ali só havia estudantes. Uma mocinha sorridente veio nos atender.

— Oi, tudo bem? Como vocês estão? Uma mesa pra dois? Venham comigo, eu vou arrumar um lugar ótimo pra vocês. Aqui está o cardápio. Escolham à vontade. E qualquer coisa é só me chamar, tudo bem?

Ela se afastou. E o Oliver não perdoou.

— É isso que eu chamo de falsidade à la americana.

— Você tá fogo hoje, hein? Ela só estava querendo ser educada.

— Educada uma ova! Ela só está a fim de vender muita pizza e ganhar uma boa gorjeta. Igualzinha a todas as vendedoras deste país. Você mal põe o pé numa loja e já vêm quinhentas com aquelas vozinhas irritantes: "Oi, tudo bem com você? Como você está?

Como foi seu dia?". Até parece que eles estão muito preocupados com o seu dia. O que eles querem eu sei, é vender! Vender, vender, comprar, comprar! É só isso que eles pensam.

Nunca vi um país tão consumista. Eles inventam qualquer coisa que seja, mesmo que seja a coisa mais idiota do mundo, e põe lá nas prateleiras pra vender. E pior, vendem. São milhares de produtos diferentes, produtos iguais com uma pequena variação.

— E a primeira vez que fui comprar uma Coca-Cola? Cheguei pra mulher e pedi: "Uma coke por favor". "Qual?", ela disse. Como qual? que eu saiba coke só tem uma. Daí ela explicou: "Temos regular coke, diet coke, cherry coke, caffeinefreecoke, diet cokewith cherry, caffeinefree diet coke, cherry caffeinefreedietcoke..,", fiquei tonto. "Não, não, me dá uma Pepsi mesmo: "Diet pepéi, regular pepéi, crutaipepéu" "Chega, chega, me dá só uma água. E pode ser da pia mesmo, viu?"

Tive um acesso de riso. Ele também riu. Depois ficou sério por um segundo e disse:

— Tudo bem, tudo bem, sem ressentimentos — levantou o copo do refrigerante. — Um brinde! Um brinde aos Estados Unidos e viva o comunismo! Ops, quero dizer consumismo.

— Oliver, a gente ainda vai acabar sendo expulso. Comemos a pizza, que não estava muito boa. Todas as pizzas de lá têm gosto de pão! (Credo, essa xenofobia pega!)

Pegamos o carro, que obviamente estava com um papelzinho amarelo no limpa-vidro.

Multa! Ele a retirou calmamente e a guardou no bolso.

— Depois somos nós, os brasileiros, que levamos fama de trambiqueiros — reclamei.

— Tá bom. Se isso te incomoda tanto, prometo que não faço mais. Pelo menos enquanto você estiver olhando.

— Gracinha.

Depois de passar num pub voltamos e. Paramos na sala de televisão do meu andar. Ainda não estávamos com sono e, mesmo que estivéssemos, não conseguiríamos dormir. Estava a maior zona pelos corredores. O Oliver pegou o controle remoto da televisão, ligou e começou a mudar de canal. Num, uma mulher vendendo bijuterias — cafoníssimas — diga-se de passagem. Noutro, um dramalhão de auditório; noutro, um daqueles filminhos que você só sabe que é comédia por causa das risadinhas imbecis em off; noutro, esporte: campeonato de cuspe a distância. A gente começou a rir.

— A televisão deles é a melhor do mundo! Cinquenta e tantos canais. Cinquenta e tantos canais de puro lixo.

— Calma, Oliver, você já está quase indo embora, vai voltar pra casa.

— Pior! — daí ele começou a reclamar da Suíça, que não tinha entrado pró Mercado Comum Europeu. Por alguns minutos, o Oliver me falou do assunto seriamente, com detalhes. Mas não demorou muito fez uma piada e caiu na risada.

— E eu que não consigo arranjar a droga de um emprego. Vou estar com setenta anos e eles continuarão dizendo: "Seu currículo é ótimo, mas você não tem experiência". E agora eu pergunto: "Como é que eu vou ter experiência, se ninguém me dá emprego?". Fez uma cara de bobo e caiu na risada.

Nessas, passa pela sala o Kef, um cara das Filipinas que fazia faculdade de administração e era um dos monitores do dormitório. A gente já tinha conversado algumas vezes, ele era muito simpático. Por coincidência havia namorado uma brasileira algum tempo atrás e tinha passado umas férias no Rio de Janeiro.

— Oi, Val, tudo bem? Por acaso você viu o Steve por aí?

— Não, ele não apareceu por aqui não.

— Se ele aparecer, você diz, por favor, que eu tô lá no meu quarto e preciso falar com ele?

— Tá, eu digo sim.

Ele agradeceu, se virou e saiu andando. Eu me volvei então ao Oliver, pra gente continuar a sessão besteiro. Mas, quando o olhei, percebi que tinha pintado outro clima, ele estava com uma expressão grave no rosto enquanto observava o Kef afastar-se pelo corredor. O que demorou mais que o habitual, pois o Kef andava de muletas, arrastando as pernas que quase não tinham movimento próprio. Ele era deficiente físico. Ou melhor, eficiente físico, porque eu queria ver qualquer um de nós, "perfeitos", fazer o que ele fazia com aquelas muletas. Mas o Oliver ficou abatido e, quando o Kef sumiu de vista por completo, ele deu um suspiro triste e comentou:

— Nossa, não sei como essas pessoas conseguem continuar vivendo. Imagine como deve ser difícil ter uma deficiência como essa, ficar paraplégico, perder um braço, ou então uma dessas doenças sem cura, como alguns tipos de câncer, AIDS! Já imaginou? Já imaginou você ter que passar a sua vida sabendo que vai ficar

doente, vai morrer daquilo e não pode fazer nada? Meu Deus! Olha, eu admiro essas pessoas, porque, se fosse comigo, eu não aguentaria. Dava logo um tiro na cabeça.

Me surpreendi com aquilo. Logo o Oliver, que era uma das pessoas mais bem-humoradas que eu conhecia, que estava sempre alegre, pra cima, achando graça em tudo e fazendo todo mundo rir? Eu nunca o tinha visto daquele jeito. Mas mais surpreendente ainda foi o que eu disse:

— Que é isso, Oliver? Nessa vida a gente se acostuma com tudo.

Eu disse isso? É, eu disse sim. E fiquei pensando. Talvez seja verdade mesmo. É só a gente parar e olhar ao redor e vai ver que o ser humano é o animal mais adaptável da face da Terra. Se isso é bom? Não sei. Fiquei olhando para o Oliver.

Talvez ele tivesse razão... Talvez eu tivesse razão... Talvez ninguém tivesse razão... Talvez não existisse razão alguma.

Nós mudamos de assunto. O Oliver fez mais piadas. Me fez rir e eu esqueci de tudo.

No dia seguinte, acordei tarde e fui pra piscina. Tomei sol e nadei um pouco. Na hora do almoço, encontrei a Alrica no restaurante do dormitório. Almoçamos juntas e ela aproveitou pra apresentar uns americanos do nosso andar que também estavam por ali. O Frank, um loirinho fortinho com um corte de cabelo todo moderninho, raspado atrás e com um franjão na frente, veio logo me cumprimentando. Foi chegando e falando um monte. Só que pelo jeito tudo gíria, eu não entendia quase nada. Identificava sim alguns cool e uns fuck no meio das frases. Cool, além de friozinho, na gíria, quer dizer legal, um legal metido a besta. Fuck... bem, acho que todo mundo sabe o que isso significa. Apesar de que, dito assim toda hora, meio solto, acho que não significa mais nada. É incrível como as palavras vão perdendo o significado até se transformarem em simples força de expressão. Que merda! Já pensou se cada vez que a gente dissesse isso se lembrasse do significado puro e literal da coisa? Eca! Acho que ninguém mais falava, muito menos escrevia. De qualquer jeito, não deixou de ser engraçado eu imaginando a situação inversa: um americano vindo pra cá e ouvindo a gente dizer: "Não enche o saco, porra!"

— Dá pra vocês falarem mais devagar e mais claro, que ela não é daqui? — me socorreu a Alrica.

— Where are you from, Val?

— Brazil.

— Brazil? Cooll — It é not cool, it`s hot — brincou um outro, baixinho e moreno, fazendo um trocadilho pra me deixar confusa, todos riram. — Caliente! — completou ele, querendo dar uma de bom.

— Não é caliente, espertinho. É quente! Brasileiro não fala espanhol, fala português.

O pessoal deu a maior vaia tirando um sarro da cara dele, o Shark. No final, ficamos amigos. Como o Frank, ele estava no segundo ano da universidade e iria se formar em direito. Eles tinham mais ou menos a minha idade, vinte e poucos anos. Mas, às vezes, eu os achava muito infantis. Eles usavam uma roupa engraçada, uns bermudões enormes cobrindo o joelho e a cintura baixa mostrando um pedaço da cueca. Camiseta, tênis e boné ao contrário. E isso lhes dava ainda mais um jeito de moleques. Conheci também uma garota, a Suzy. Era tímida, quieta, quase nunca abria a boca. Lembro-me mais de suas unhas do que dela mesma. Eram enormes, vermelhas, deviam até ser postiças. Achei aquilo horrível. E então olhei para as minhas, curtinhas, transparentes ao natural. E me dei conta de que ela deveria estar achando a mesma coisa.

No mesmo dia, à noite, mais precisamente às oito, fomos a uma festa. Eu que, em São Paulo, estava acostumada a chegar nos lugares lá pelas onze da noite, achei aquilo muito estranho. Mas a Alrica foi logo me explicando que lá era assim mesmo. Começava cedo e acabava cedo. E algumas tinham até horário estipulado pra terminar. Foi em uma das sedes das (associação dos estudantes), e nessas festas não era tão fácil de entrar, mas o Frank conhecia alguém que nos pôs pra dentro.

Era uma casa normal do campus. Tinha muita gente, muita música, mas bebida cada um tinha que trazer a sua. Também era só atravessar a rua e comprar na venda do posto da esquina. Agora, pra andar pelas ruas com uma cervá na mão, só se ela estivesse dentro de um saco. E mais, que o saco não fosse transparente.

Menor de 21 anos não comprava bebida de jeito algum. E todo mundo tinha que mostrar documento. É óbvio que a moçada sempre dava um jeito. Mas era bom que desse um jeito bem dado, pois polícia pela universidade era o que não faltava e, se pegassem, era encrenca na certa.

Logo que entramos, fomos pra pista de dança. Música alta, um breu, algumas luzes coloridas piscando, todo mundo se esbarrando, todo mundo dançando. E aí não importa a nacionalidade, a raça, o credo, todo mundo sabe dançar. Nunca ouvi sequer de uma tribo, por mais primitiva que fosse, que não tivesse a dança, o ritmo, como parte de sua cultura.

Se a gente juntasse um índio, um esquimó, um aborígene, um viking e um tibetano e tocasse uma música pra eles, todos saberiam o que fazer, ainda que o instrumento fosse apenas o bater de pedras. Vai ver que é isso: em vez de ficarem medindo suas diferenças e fazendo guerras por aí, com seus fuzis e metralhadoras, os povos deveriam dançar mais e descobrir suas semelhanças.

Dançamos todos os tipos de música e, já no final, tocou um reggae e a Alrica me ensinou a dançar o autêntico reggae jamaicano. Depois eles quiseram que eu mostrasse como era a lambada, ainda famosa naquela época.

Quando a festa acabou, voltamos todos a pé pelas ruas do campus, que estava bem movimentado. Muito carro passando, muita festa terminando e todo mundo voltando pra suas casas. A noite estava maravilhosa.

Um céu negro tomado de estrelas e uma lua quase cheia, brilhando como nunca. Comecei a sentir falta da música alta. No silêncio dali de fora era possível ouvir meus pensamentos e eles diziam: a razão.

Não, não, não! Me recuso a pensar nisso. Todo final de noite, todo final de capítulo é a mesma história, esses malditos pensamentos tenebrosos na minha cabeça. Olhei pro pessoal andando na minha frente. Continuavam animados falando besteira e dando risada. O Shark se virou e me perguntou se eu tinha gostado da festa. Eu disse que sim.

— Ótimo! — ele gritou. — Amanhã então eu vou te convidar pra outra festa. Uma festa particular só você e eu no meu quarto. Ah? O que você acha? — ele fez uma cara forçada de sedutor. Eu ri. Ele também riu. Esse sorriso dele me lembrava alguém. Acho que algum amigo da minha irmã.— Brincadeirainha — ele disse e voltou a gritar: — festa, festa! A gente precisa de mais festa! Qual vai ser a de amanhã?

Festa, pub, bares. É só nisso que esse povo pensa. Também, com vinte e poucos anos, tem coisa melhor pra pensar? Estão certos eles. E eu deveria estar pensando na mesma coisa.

Mas não estava. Só pensava na razão. A razão de tudo isso. Tudo bem que todo ser humano tropeça de vez em quando com essa questão: "Pra que que a gente existe?". A diferença é que, em vez de passar por cima dela, como todo mundo faz, eu paro e penso. Penso na suposta Razão.

Olhei novamente para o céu negro, para as milhares de estrelas espalhadas por todo o canto e pra lua, quase cheia, brilhando majestosamente. É o universo, pensei, o universo infinito.

Daí já começa a complicação. Você já parou pra pensar na relação entre você e o infinito?

Pois bem, feche os olhos e pense. Pense em você no infinito. E se o infinito não acaba nunca, o que é que significa você dentro dele? E foi isso que eu fiz, fechei o olho por um instante e pensei: eu, eu no universo, eu no infinito. Será que alguém poderia me explicar qual a razão disso? Abri os olhos e vi todos eles: a Alrica, a Suzy, o Shark andando na minha frente, rindo, brincando e falando besteira. Não perguntei nada. Era melhor que continuassem assim, rindo, brincando, falando besteira. Afinal, com vinte e poucos anos...

Entramos no nosso dormitório. Eles ainda ficaram pelos corredores fazendo zona. Eu disse que estava com sono e iria dormir. Fui pro meu quarto. Sentei na cama e fiquei olhando "pra mim mesma" no espelho. Como é que pode alguém existir e nem saber por quê? Me lembrei de uma vez, quando já estava em Nova York e, como todo turista que se preze, fui visitar o Empire StateBuilding.

Era de noite, verão, e estava quente. Peguei o elevador que não parava de subir nunca e fui até o topo. No meio do caminho já

começava a me arrepender. Se é coisa que me dá gelo na barriga é altura. E aquela droga de prédio tinha mais de cem andares. Mas chegando lá em cima não voltaria pra trás. Tomei coragem e fui até a beirada onde vários outros turistas se debruçavam olhando a vista estupefatos e fazendo comentários nas mais diversas línguas.

Ventava frio, e do parapeito onde me encostei, olhando pra frente, se via uma névoa fina que cobria todo o céu. Respirei fundo e olhei pra baixo, e foi aí que eu vi, lá, muito longe, a cidade na qual eu estava. Os prédios pequenos, as casas minúsculas, os carros microscópicos... e as pessoas? As pessoas, não dava pra vê-las. E foi aí que eu percebi o quão pequenos nós somos. Insignificante. Comecei a rir. Ri de todos os meus problemas. Ri de todos os meus medos. Ri dos meus sonhos e dos sonhos de todo mundo.

Ri de mim mesma. E ri de toda humanidade. E continuei a rir. Ri tanto que joguei a cabeça para trás e, sem pensar, dei de cara com o céu e aí comecei a imaginar Deus sentado lá em cima olhando pra baixo. O que é que ele veria de tão alto? Ele não veria nada. Não enxergaria ninguém. Quase chorei.

9. BROTHER, YOU`RE RIGHT GONNA FIGHT FOR OUR RIGHTS!

Tem que haver alguma razão. Tem que ter algum sentido. Não é possível a gente ter um corpo que sente, um coração que bate, um nariz que respira, um cérebro que pensa, uma alma que sonha e, no fim, não ser nada. Saí da cama e sentei no chão, mais perto do espelho. Fiquei me olhando, me olhando... Sinceramente, não sei o que é pior: ser um nada e estar livre de tudo, ou ser alguma coisa e estar presa a outra a qual nem se sabe o que é.

Abri a gaveta pra pegar meu pijama. Mas ao lado dele havia uma camiseta velha, enorme, de malha bem molinha com grandes listras desbotadas, cinza, azul e vinho, e três botões na gola. Era do meu pai. Eu tinha passado a mão nela antes de ir embora. Sempre tive essa mania de usar roupa velha dele. Bem, agora que eu tinha o meu banheiro, dentro do meu quarto, podia dormir do jeito que eu quisesse. Tomei banho, me vesti e deitei. Mas quando estava quase dormindo alguém bateu à porta. Caramba, isso é hora?

— Quem é? — perguntei.

— É a Alrica, abre aí.

Levantei e abri. Dei de cara com ela. Só que ela não estava sozinha. Acompanhavam-na dois caras. É sempre assim, você passa dois meses dormindo decentemente vestida e, no único dia que resolve dormir toda maltrapilha, só de camiseta e calcinha, aparecem dois caras na sua porta. Disfarça... Segurei a barra da camiseta e puxei pra baixo. Ainda bem que era comprida. Tive vontade de abrir um buraco e entrar dentro. Mas depois lembrei que a gente estava num dormitório americano. Se duvidasse, tinha neguinho andando de cueca pelo corredor.

— Tudo bom? — disse a Alrica. — Vim te apresentar esses dois caras. Este aqui é brasileiro. — Eu já o conhecia. Conversamos um pouco em português.

Olhei pro outro cara. Ele era alto, moreno, de cabelos e olhos castanho-escuros. Parecia mais velho que a gente. E usava roupas mais formais. Era o Lucas.

— E você é de onde?

— Suíça. Da parte alemã. — Ele falava manso, quase tímido.

— Engraçado, você não tem cara de suíço. Tem cara de italiano.

— É que minha mãe é italiana.

— Ah. Tá explicado. Você tá chegando agora aqui na universidade?

— Não. Já estou aqui faz quatro meses.

— Tudo isso? Não lembro de ter visto você. Vai ver que nossas aulas eram em prédios diferentes, por isso que a gente não se cruzou.

— E. Mas eu lembro de você, sim. Te vi uma vez lá no prédio da administração.

— Ah, é? — Achei meio esquisito o fato de ele ter me visto uma só vez e se lembrar disso.

Alguma coisa em mim deve ter chamado a atenção dele. Fiquei imaginando o quê. Curioso, isso. O que será que leva uma pessoa a se lembrar especificamente de alguém no meio de tantas outras? Só espero que não tenha feito nada de errado naquele dia. Dei uma risadinha.

Ele continuou:

— Achei que você fosse indiana. Seus olhos...

— Tem muita gente que acha. Quando fui pra Inglaterra, há dois anos, todo mundo me perguntava isso. Você sabe, lá tem muito indiano, principalmente em Londres. E uma vez, em Madri, na Espanha, também me perguntaram a mesma coisa.

E aquela história passou rapidamente pela minha lembrança. Eu tinha ficado hospedada num hotel por cinco dias. Bem em frente havia uma relojoaria. Todo dia, quando eu passava por ali, dava uma olhada na vitrine. Mas só entrei mesmo no último dia. Um indiano jovem, de trajes e gestos humildes, veio me atender. Pedi a ele que me mostrasse uns relógios e, enquanto eu os examinava, o indiano olhava pra mim. Até que ele resolveu perguntar:

— Você é de onde?

— Do Brasil.

— Puxa, eu podia jurar que você também era indiana. Faz cinco dias que vejo você passar aí na frente e, apesar das suas roupas e

do corte de cabelo diferente, eu podia jurar que você era indiana. Mas quer dizer então que você é do Brasil? País rico o seu, hem? E você? É mais uma daquelas milionárias brasileiras que entram e compram a loja toda?

Comecei a rir. Eu estava de shorts, tênis velho, camiseta desbotada e mochila nas costas.

— Eu pareço muito rica? — perguntei. Ele também riu. — Sabe de uma coisa? Acho que o milionário daqui é você. Pensa que eu não vi aquele monte de indianos riquíssimos, cheios de jóias e panos de luxo, caminhando e comprando nas ruas de Londres? — Era verdade, eu os tinha visto. Mas sabia que, como no Brasil, aquilo era apenas uma pequena parte da população. A grande maioria era muito, muito pobre. Mas, como tudo não passava de uma brincadeira, e ele também sabia disso, continuei gracejando: — Vai, diz a verdade, você é muito rico? Diz aí!

Ele continuou a rir e, em seguida, disse meigamente:

— É, eu sou muito rico sim. Eu e todo o meu povo somos muito ricos. Mas ricos aqui — e pôs a mão no peito —, ricos de coração.

Nunca mais esqueci aquele humilde indiano, que trabalhava numa simples relojoaria, numa ruela qualquer desse mundo. Um homem rico, um homem rico de coração.

Olhei pro Lucas suíço, que eu tinha acabado de conhecer -, disse meio sem pensar:

— Acho que eu devia ter ido pra Índia.

— Devia. É um lugar maravilhoso.

— Você já foi?

— Já. Duas vezes.

E então ele ficou me contando de lá. Dos lugares, das pessoas, da cultura, da pobreza, da riqueza.

— E o Brasil? Também deve ser um lugar bem interessante. E bonito. Tenho vontade de conhecer.

— E. Tem muita coisa pra ver. Muita coisa.

— E você, o que faz por lá? — ele perguntou.

— O que eu fazia¹. Trabalhava com o meu pai, estudava artes cênicas... „

— E daí veio pra cá estudar inglês. E quando voltar?

— Não. Eu não vou voltar.

— Vai ficar por aqui pra sempre?

— Não sei. Vou primeiro acabar esse curso, vou ver neve no final do ano e... depois eu penso.

— É, também não sei ao certo o que eu vou fazer quando terminar o curso. Mas ainda tenho quatro meses. É bastante tempo pra se pensar. Muita coisa ainda pode acontecer, não é mesmo?

Caramba, até que enfim. Era a primeira pessoa que eu conhecia por ali que também via as coisas desse jeito: em vez de ficar fazendo mil planos pró futuro, procurava aproveitar o presente. Afinal, a gente não sabe mesmo o que está por vir.

— Você está gostando das aulas? — perguntei.

— Estou. Mas eu não estou tão adiantado quanto você. Vou passar pro quinto estágio agora.

— Eu passei pro sexto. Você está só um atrás de mim. Se você quiser, faz o quinto em dois meses.

— É, eu sei, mas é puxado. E, além do mais, acho que já estou meio velhinho pra essas coisas. Quando eu tinha uns vinte anos como vocês, era fácil. Mas agora, com 31, não sei se eu já passei da fase.

— Que é isso? Nem parece que você tem tudo isso — mentira, como eu já disse, parecia sim, só disse aquilo pra ele se sentir bem. As pessoas parece que têm medo de envelhecer.

Queria ver se elas tivessem a sensação, por um minuto, de como é não poder envelhecer nunca. Talvez elas pensassem melhor no assunto.

O Paulo, que estava mostrando uns CDs pra Alrica, perguntou:

— Que tal se a gente fosse à praia amanhã?

— Amanhã a gente não pode. Eu e a Val vamos visitar uma amiga minha.

— No domingo, então? — sugeriu o Lucas. — Eu passo aqui às dez pra pegar vocês.

No sábado, como ficou combinado, eu e a Alrica iríamos pra Ocean Beach almoçar com uma amiga dela. Acordei mais cedo e fui aparar o cabelo. Fui num cabeleireiro ali perto do campus, voltei pra casa e me olhei no espelho. Estava bom, quase a mesma coisa, bem

curto atrás com a nuca de fora e mais comprido na frente. Continuei me olhando.

A Alrica bateu na porta, pelo banheiro.

— Pode entrar, tô aqui.

— Val, você cortou o cabelo? Ficou jóia! Xiii, mas pela sua cara você não gostou muito.

— Não é bem isso, é que... você já teve a sensação, quando se olha no espelho, de que você não parece com você mesma? Ou de que aquela que você vê não é a mesma que os outros vêem? Ou de que você não é bem você? Ou nem nunca foi?

— O quê?!

— Nada, esquece.

— Isso! — ela me pegou pelo meu braço e foi me puxando. — Vamos lá pro meu quarto.

Quando entrei, dei de cara com as duas bandeiras pregadas na parede. Uma com um X amarelo de fundo preto e verde. E a outra, com três listras: vermelha, verde e amarela e com o desenho de uma criança negra, de braços cruzados, bravinha, fazendo beicinho e com o cabelo todo cheio de rolinhos.

— Que bandeiras são essas?

— Essa aqui é da Jamaica. E essa outra é do Rasta-Baby do Rastafari, a minha religião.

Dei mais uma volta pelo quarto, xeretando nas coisas.

— Puxa, seu quarto é tão arrumadinho, é tão limpinho. Ainda bem que você não fuma. Eu detesto cheiro de cigarro.

— Eu também não gosto. Nunca fumei, quero dizer, cigarro. Agora, maconha eu fumo muito. Por motivos espirituais.

Olhei pra ela e quase ri. Mas a essa altura eu já havia aprendido a esperar uns segundinhos antes de rir de qualquer coisa. Pois, tratando-se de culturas tão diferentes, o que é piada pra mim pode ser muito sério pra outra pessoa. E é aí que entra uma coisa chamada respeito.

— É mesmo?

— E. É da minha religião.

É como se fosse um ritual?

— É, mais ou menos isso.

— Que interessante!

— Tô pronta. Vamos? O próximo ônibus passa daqui a pouco. Caminhamos até o ponto e, como de costume, o ônibus estava no horário. Entramos, pagamos ao motorista e sentamos no terceiro ou quarto assento. Ela na janela e eu ao seu lado. Estava quase vazio. No ponto seguinte, entraram mais algumas pessoas. E, no outro, o motorista “abaixou” o ônibus até o chão, usando um sistema especial que eles têm, para um cara de cadeira de rodas entrar. O motorista foi até o rapaz e prendeu sua cadeira no devido lugar. Voltou e continuou dirigindo.

— Se eu pudesse levar alguma coisa daqui pra São Paulo, eu levaria os ônibus. São tão diferentes. Lá, tá tudo sempre lotado, sujo, não tem indicação nenhuma, os motoristas são impacientes, pra não dizer grossos, e não tem facilidade nenhuma pra deficiente físico nem pra idosos.

— É, mas aqui também não foi sempre essa maravilha toda não. Muitas pessoas tiveram que lutar pelos seus direitos.

Você já ouviu dizer que há alguns anos nós, negros, só podíamos sentar lá atrás?

Era verdade, me lembrei de uma cena de um filme que eu tinha visto. E fiquei imaginando a situação, a Alrica entrando no ônibus e tendo que sentar lá no fundo, só porque era negra.

Que absurdo!

Ela apoiou o braço no encosto da frente e começou a cantar um pedaço de uma música de Bob Marley, olhando pela janela.

Olhei pra ela, humilde, mas, ao mesmo tempo, forte. Pensei na sorte que eu tinha tido de fazer amizade com ela. Amizade... será que eu podia dizer isso? Será que nós éramos amigas? Comecei a pensar de novo em tudo aquilo: “Será que ela é uma pessoa preconceituosa em relação à AIDS? Talvez não, já que ela também é alvo de preconceito.

Quem sabe ela entenderia... será que eu conto? Conto. Algo me diz que ela entenderia.

Conta, conta... Não, espera. E se ela não entender, se for uma daquelas pessoas que têm medo, que quer ver a gente longe. Já pensou se ela se assusta e faz um escarcéu, conta lá no dormitório?

Eu sou expulsa de lá, expulsa das aulas! Tudo bem que o doctor falou que essas coisas não acontecem mais por aqui, mas acho que ele se esqueceu do caso Magic Johnson, um dos melhores jogadores de basquete de todos os tempos, descobriu que estava com AIDS e depois de muita polêmica foi "induzido" a se retirar das quadras. O melhor jogador de basquete, em plena forma, não está jogando só porque tem HIV. E isso aqui, em pleno país de Primeiro Mundo, em 1993. É, acho melhor eu não falar nada. Ainda mais agora que faltam só dois meses pra eu terminar o curso. Dois meses..."

A Alrica continuou olhando pela janela. O ônibus deu uma leve freada e eu apoiei minha mão no encosto da frente, ao lado da mão dela. Por alguns momentos nossos braços ficaram juntos, um ao lado do outro. A diferença das cores de pele me chamou a atenção. Senti inveja dela. Inveja pelo seu alvo de preconceito estar assim à flor da pele, onde todos podem ver. A vontade que tive foi de colocar uma placa no meu pescoço dizendo: "Eu tenho AIDS". Quem quisesse que me virasse a cara, quem quisesse que mudasse de calçada, quem quisesse que expressasse seu desejo de me colocar no fundo do ônibus!

Quem quisesse que continuasse sentado ao meu lado. Ao menos eu saberia. Mas faltavam dois meses pra terminar o curso. Dois meses. E a vontade de continuar lá estudando era mais forte do que qualquer outra coisa. Pelo menos naquele momento.

Só para constar: depois de alguns anos, Magic Johnson voltou a jogar. Ele voltou para as quadras.

Fui ao doctorGust, já fazia alguns dias que eu não aparecia. Ele como sempre me recebeu com aqueles olhinhos meigos.

— Por onde você andava, hein? Já está na hora de repetir a contagem do CD4, né? E as lesões do HPV, como estão?

— Sararam de vez.

— Ótimo. Mas você sabe que isso pode voltar um dia se sua imunidade estiver baixa, como voltaram dessa vez. Então, não se esqueça: Papanicolau a cada seis meses E se cuida, se for transar, camisinha! DST não é brincadeira, e no seu caso, é pior ainda.

— Eu sei. Pode deixar que eu aprendi isso muito bem. Do jeito mais difícil, mas aprendi.

— Vou te examinar pra conferir se está tudo OK mesmo.

Daí, você sobe e faz o exame de sangue. Vou pedir também um exame de urina, tá?

— De novo? — eu devia começar a cobrar cada vez que tivesse que fazer xixi no copinho.

— Tá, tá, vambora.

Nesse meio tempo também teve a história do emprego.

— Tá precisando de dinheiro? — a Alrica me perguntou um dia.

— Não, tô precisando de orgulho.

E era verdade. Eu queria trabalhar, pegar um cheque no final do mês e esfregar na cara do meu pai: "Olha aqui, eu fui capaz de ter um emprego que não viesse de você! E lá fui atrás de trabalho. com o meu visto de estudante tinha direito de trabalhar até vinte horas por semana dentro da universidade. Ainda havia vagas na área de alimentação. Preenchi uma ficha, fiz um teste com mais uns dez estudantes concorrentes e passei. Trabalho: arrumar e servir comida chinesa. Salário: não me lembro ao certo, três ou quatro dólares por hora.

Tempo: quatro horas, duas vezes por semana, pra começar. Ótimo! Era tudo o que eu precisava.

Passei na cafeteria no dia seguinte para acertar as coisas com o chefe, um cara duns anos. De novo, um estagiário de administração. Esses caras me perseguem.

— Tudo certo — ele disse —, só preciso agora do seu Social Security — um documento necessário para se trabalhar nos EUA.

— Não tá aqui, ainda. Mas já dei entrada nos papéis. Deve estar pra chegar por esses dias, pelo correio.

— Nada feito, então. Você só pode trabalhar com ele na mão.

— Mas já está pra chegar!

— Sinto muito. Quando chegar você volta. Se ainda tiver vaga, mas não posso garantir nada.

Que droga! Logo agora que eu estava tão perto. Paciência, fazer o quê? Me despedi do ex-futuro chefe, que foi tratar de outros empregados, sentei numa mesa e fiquei olhando o movimento da cafeteria. A parte de hambúrgueres, a parte de doces, a parte da comida chinesa, vários estudantes trabalhando. Que pena, cheguei

tão perto! Me levantei e fui saindo. Paciência... Fui abrindo a porta. Paciência... Olhei pra trás, a cafeteria lotada.

Paciência? Paciência uma ova! Esse emprego vai ser meu. Cruzei a porta para o lado de fora. A luz do sol forte ofuscou minha vista, o calor escaldante queimou meus miolos. Tive uma idéia! Ainda havia uma remota chance. A chance de o documento ter chegado no meu antigo dormitório. Saí correndo, atravessei todo o enorme pátio, passei pelas quadras de tênis, pelo estacionamento, atravessei a avenida, o campo gramado e... finalmente cheguei.

Quase morta, ofegante, mas cheguei. Falei com o cara da portaria.

— Será que você podia ver se tem aí uma carta pra mim? É que eu morei aqui no mês passado e estava esperando uma correspondência. É um documento importante. 64

— Se tivesse chegado alguma coisa, nós já teríamos enviado para o seu novo endereço — ele explicou.

— Eu sei, mas é que pode ser que tenha dado algum furo, você sabe, essas coisas acontecem. — Ele se preparou para dizer um outro “não, não tem jeito”, mas antes que ele falasse dei um daqueles sorrisos contagiantes: — Ah, dá só uma olhadinha, por favor.

— Tudo bem, vai — ele pegou uma caixa com cartas e perguntou o meu nome. — Olha, não é que está aqui mesmo? Deve ter acabado de chegar — ele disse meio pasmo. — Que sorte a sua!

— Puxa, obrigado. Valeu!

Saí correndo, atravessei todo o campus de novo, cheguei na cafeteria. Olhei ao redor.

Avistei o chefe conversando com outras pessoas. Fui até ele.

— Ué, você aqui de novo?

Estava tão cansada que nem conseguia falar, só estendi a mão com o envelope. Ele pegou, abriu e fez uma cara de surpresa.

— E aí, o emprego ainda é meu? — perguntei.

— Tá, tá, pode começar amanhã.

E pensar que com quinze anos eu era uma comunista. Não que eu tivesse lido O capital ou qualquer outra grande obra a respeito. Mas tudo o que os professores de filosofia e de história diziam sobre o comunismo me davam a impressão de um mundo tão justo que eu

me apaixonei perdidamente por tudo aquilo. Na minha agenda eu escrevia "Eu amo Karl Marx". E não entendia como é que os adultos conseguiam conviver com aquela história de vender força de trabalho, da mais-valia, do lucro etc. Continuei não entendendo. Só que cresci, a União Soviética se dissolveu, o muro de Berlim caiu e meu namoro com Marx se acabou. E lá estava eu, mais uma vez, fazendo parte do sistema capitalista. Que coisa! Acho que já é hora de os homens criarem algo melhorzinho. Ou será a vez das mulheres? A humanidade nos aguarda.

Passados quinze dias, o resultado dos exames já deveriam estar prontos. Saí da aula, almocei e fui pro centro de saúde. Como de rotina, a enfermeira me pesou, tirou a temperatura. Sentei por alguns minutos na sala de espera. O doctor apareceu.

— Vamos entrar? A gente precisa conversar.

Seus olhinhos meigos agora refletiam preocupação. Já deu merda, pensei. Entramos em sua sala. Nos sentamos e ele começou:

— Seus CD4 baixaram ainda mais. Lembra que estavam por volta de trezentos? Agora caíram pra duzentos e isso em apenas um mês. Você tem que começar a se tratar. Tem que ir a um especialista.

— Tá bom, doctor, em dois meses eu termino o curso, daí eu penso nisso. Vejo alguma coisa lá na Filadélfia.

— Acho que você não está entendendo, Val. Você tem que ver isso agora! A gente não tem muito tempo.

— Dois meses! Eu só estou pedindo dois meses. Será que isso é muito?

— Do jeito que as coisas estão, eu nem sei se você ainda vai estar aqui em dois meses — ele disse nervoso.

— Como assim?

Ele fez um gesto vago, desesperado.

— Você está querendo dizer que eu posso morrer em dois meses?

— Sua imunidade está caindo muito rápido, se continuar desse jeito, você pode pegar uma doença oportunista a qualquer momento e aí seu organismo não terá forças para se recuperar, se você não ajudar com remédios. E aí pode, sim, pode até morrer em dois meses.

Morrer? Morrer. Finalmente depois de tanta espera eu ouvia isso assim, na lata. Morrer em dois meses. Ele prosseguiu:

— Estou mais preocupado ainda, pois seu exame de urina está com uma alteração importante na creatinina. Ainda não sei o que é. Mas nós precisamos averiguar. Você está entendendo a gravidade do problema?

Gravidade, essa é boa. Pra mim mais parecia solução. Finalmente eu iria morrer. Depois de quatro anos ouvindo isso todo santo dia, agora era de verdade. Fiquei imaginando como seria a tal morte. Provavelmente eu morreria no meu quarto, ficaria lá mortinha e esquecida. Não tinha tantos conhecidos no campus. Ninguém daria por minha falta. Até que um dia a direção dos dormitórios notaria: "Aquele quarto ali anda muito quieto". O cara da portaria vai lá e bate. Nenhuma resposta, bate de novo. Nada. Resolve pegar a chave mestra. "Meu Deus, ela está morta!". Toca a procurar os papéis da estudante. Tá lá o seu nome e seu telefone de casa.

Ela é do Brasil. Ligam. Meu pai atende: "Yourdaughterisdead", o homem diz. "Yourdaughterisdead" Mas ele não entende "Dead, Dead", o homem repete. E finalmente meu pai compreende: Sua filha está morta. Começam as complicações. O corpo. Tem que mandar buscar o corpo. E está tão longe, está num outro país. Não sei por que as pessoas se preocupam tanto com isso, já morreu mesmo, é só um corpo. Mas elas sempre se preocupam. Iam querer mandar buscar. Iam querer vir buscar. Meu pai ia ter que pegar um avião e vir até os EUA buscar o corpo. Que merda! Até depois de morta dando trabalho.

Comecei a chorar. Odeio chorar na frente dos outros, mas não estava dando. O doctor me estendeu uma caixa de lenços de papel branco. Puxei um e enxuguei as lágrimas, mas logo escorriam outras.

— Tudo o que você precisa fazer é ir a um especialista. Ele pode ajudar. Pode cuidar do seu caso.

— E por que você mesmo não cuida de mim? Estava muito bem do jeito que estava.

— Porque eu não posso, porque eu não estudei pra isso. Até agora eu fiz tudo o que podia, mas daqui pra frente você precisa de

um especialista.

— Eu nem gosto de especialistas!

— Calma. A gente acha um que você goste.

— Meu pai não vai concordar com esta idéia. Ele queria que eu fosse num especialista lá na Filadélfia onde mora minha tia.

— Liga pra ele. Explica que você tem que ir agora. Pode ligar aqui da minha sala.

— E eu vou dizer o quê? Que eu não posso esperar dois meses, porque eu posso até morrer nesse tempo? Aí, sim, ele vai querer que eu volte pra casa. E isso eu não faço! Não vou sair daqui sem terminar este curso.

— Você quer que eu fale com ele?

— Não ia adiantar. Ele não fala sua língua muito bem.

— Então... Eu não sei como ajudar — ele disse desolado —, só sei que você precisa de um especialista.

— Eu vou pensar. Vou ver como eu posso fazer... Caramba, quase esqueci da hora. Eu tenho que trabalhar. Nem sei como vou conseguir desse jeito. Ah, esqueci de contar uma coisa. Semana passada eu desmaiei duas vezes lá no trabalho.

— Desmaiou? Como?

— Desmaiei, oras. Ficou tudo preto e eu caí. Lá é muito quente.

— Você costumava desmaiar antes?

— Não.

— Pode ser de fraqueza. Pode ser por causa da anemia.

— Anemia? Eu também estou com anemia?

— Não te falei?

— Nem sei. Você já falou tanta coisa que nem sei.

— Val, vai pra casa. Descansa e pensa. Aqui está o telefone de uma médica especialista que parece ser legal, caso você mude de idéia. E se você precisar de alguma coisa é só ligar pra mim. Eu estarei aqui pra te ajudar.

Saí de lá atordoada. Eu precisava pensar. Mas precisava trabalhar também. Só que naquele dia não ia dar. Talvez eu nem devesse trabalhar mais. Era melhor concentrar todo o resto das minhas forças nos estudos. Afinal, era pra isso que eu estava lá, pra estudar. Quanto ao trabalho, já tinha provado o que eu queria. Era isso,

estava resolvido, pediria demissão. Mas como, assim de uma hora pra outra? Tinha que arranjar uma boa desculpa. Fui indo em direção à cafeteria pensando no que dizer. Teria que inventar alguma coisa, teria que mentir. Odeio mentir. Mas, se eu dissesse a verdade, aí que não iam acreditar: "Olha, eu acabei de sair do médico e ele me deu dois meses de vida.

Vocês vão me desculpar, mas eu vou parar de trabalhar pra vocês. Tenho umas coisinhas mais importantes a fazer". Eles iam achar que eu tinha enlouquecido. Era melhor eu mentir, inventar alguma coisa, mas o quê?

Cheguei à cafeteria. Lá estava minha chefe de setor, arrumando umas coisas no canto, fui até ela.

— Aconteceu alguma coisa? — ela me perguntou assim que me viu. Minha cara deveria estar ótima.

— Aconteceu. É que... eu acabei de falar com minha família lá no Brasil e... e tem uma pessoa muito doente. Talvez esta pessoa até morra e... — Meu Deus, o que eu estava dizendo? — E... talvez eu precise voltar pra lá por causa disso. Eu ainda não sei direito, mas... talvez eu precise ir embora a qualquer momento. Acho melhor eu parar de trabalhar.

— Tudo bem, claro, eu entendo.

— Vocês têm alguém pra colocar no meu lugar ainda hoje? Não vai atrapalhar? — O movimento na janta era pesado.

— Não, pode ir sossegada, tem gente sobrando. E se eu puder ajudar em alguma coisa...

— Obrigada. Amanhã ou depois eu passo aqui pra devolver a camiseta do uniforme.

— Tá, e não esqueça de pegar o seu cheque lá no escritório. Não deve ser muita coisa, mas...

— Ahã, obrigada.

Voltei pró dormitório, entrei no meu quarto, fechei a porta, a persiana e apaguei a luz. No escuro, perdi a noção do tempo. Pensei. Eu precisava achar uma solução, mas só o que vinha na minha cabeça era a história dos elefantes.

Um elefante sabe, sente quando vai morrer. Aí se afasta do resto do bando e vai para um lugar chamado "cemitério dos elefantes" e

lá morre sozinho, tranquilo, na paz. Tudo o que eu queria ser era um elefante. Por que os homens não podem ser simples como eles?

Chorei. Chorei tanto que achei que fosse derreter. Mas a gente nunca derrete, não é mesmo?

“Talvez se eu falasse com alguém... Mas quem? Meus pais, nem pensar! Mandariam eu voltar pra casa. Não volto. Talvez minha avó. Desde que eu tinha ido morar com meu pai ela cuidava muito de mim. Acho que ela me entenderia agora. Mas ela nem sabia que eu tinha AIDS.”

Continuei no quarto. No escuro. No silêncio. Estranho que tivesse silêncio por ali. Talvez eu já não conseguisse ouvir o barulho vindo de fora. Só depois ouvi uma voz que cantava.

Uma melodia desconhecida. Uma voz baixa, suave, mas forte. Vinha do quarto vizinho. Era a Alrica. Adormeci.

10. A TEORIA DOS LIVROS

Quando acordei, horas mais tarde, tive uma idéia: ligar pra tia Dete. Ela sempre tinha umas sugestões boas. Talvez pudesse me ajudar. Além do mais, apesar de distantes mil quilômetros, pelo menos estávamos no mesmo país. Conteí tudo a ela, quer dizer, quase tudo. Não disse nada a respeito dos dois meses.

— Entendo — ela disse, depois de me ouvir —, eu concordo com o seu médico que você deva ir logo a um especialista. Agora, quanto a seu pai, você pode dizer pra ele que não adiantaria nada você largar tudo e vir pra Filadélfia, porque eu ainda não conheço nenhum especialista por aqui. E voltar pró Brasil assim, de uma hora pra outra, também não seria a melhor solução. O que você poderia fazer é ir primeiro a essa especialista que o seu médico já te indicou, aí mesmo em San Diego, ouvir o que ela tem a dizer, e depois, com base nisso, resolver o resto. Afinal, ninguém melhor do que um especialista pra te aconselhar numa hora dessas. E, enquanto isto, você continua o seu curso.

— Puxa, tão fácil assim? Como é que eu não tinha pensado nisso antes. Tia Dete, você é o máximo em idéias!

Era óbvio que, pra qualquer decisão que eu tomasse — tomar remédio, voltar pra casa, morrer lá mesmo... —, a pessoa mais indicada pra me aconselhar era um especialista em AIDS. Afinal, é pra isso mesmo que existem os médicos: pra indicar o melhor caminho, não pra dar ordens como certos doutores infectologistas brasileiros.

Voltei pró quarto e escrevi uma carta pró meu pai explicando tudo. Quando o assunto é complicado, nada melhor do que lápis e papel na mão. Se eu fosse falar ao telefone ele iria berrar de um lado e eu do outro e a gente não ia se entender nunca. Assim, por carta, a pessoa lê, engole na marra, mas pelo menos tem mais tempo pra digerir. E, quem sabe, até concordar.

Enderecei o envelope, dobrei a carta, coloquei-a dentro e fechei. No dia seguinte eu a levaria ao correio. Fiquei por alguns segundos com ela na mão imaginando que caminhos percorreria e quanto

tempo levaria até que chegasse nas mãos do meu pai. Pra falar a verdade, tive vontade de entrar dentro dela. Mas, ainda bem, eu já estava bem grande, não iria caber!

Deitei-me pra dormir, mas fiquei recordando um tempo em que eu era bem pequenininha e o mundo à minha volta era grande, imenso e mágico, e o colo do meu pai, a solução pra tudo.

Pra começar, tinha minha casa, era a casa mais linda de todas. A casa que a gente morava quando meus pais ainda eram casados.

A minha casa fica na rua Félix. É a rua mais legal de todas porque tem o nome do gato Félix, do desenho que passa na televisão. E a minha casa é a mais bonita e a mais grande de todas! Quer conhecer? É essa que tem o murinho de pedra cinza na frente. E esse pedaço aqui do muro é só meu. Só eu posso sentar aqui. Depois do muro tem um jardim. E um canteiro onde minha mãe planta rosas. Ela gosta muito de flor. Ela até conversa com as plantas. Depois, tem a escadinha branca de três degraus e o corrimão onde a gente escorrega! Depois, tem a portona pra entrar na casa. Uma portona bem grande assim, de ferro e vidro. Um dia eu fechei a porta bem forte, só que meu dedo também. Daí eu fiquei chorando, olhando pró meu dedinho amassado, minha mãe falou então que aquele dia eu nem precisava ir na escola. Daí eu parei de chorar e o meu dedo nem doeu mais.

Quando a gente entra na portona, tem a sala de visita. E nem pode fazer bagunça aqui! Só as vezes que a gente sobe na mesa e dança balé pró meu pai. Depois tem a sala de televisão que tem carpete no chão e um monte de almofadas. E a televisão é tão grande, tão grande que fica no chão e tem portinha. E nessa portinha aí a gente brinca de casinha.

Depois tem a sala de jantar, mas a gente nem janta nela. E também não é lugar de criança fazer bagunça. E ela tem uma coisa secreta, que ninguém sabe, uma porta que dá lá no quintal e a minha mãe só abre num dia especial. Daí tem a escada que vai lá pra cima, mas tem que subir devagar, porque senão a gente cai e quebra o pescoço. Uma vez eu caí e quase quebrei!

Lá em cima, no final da escada, tem uma portinha. Minha mãe mandou fazer, pra gente não fugir e cair. Depois, tem um quarto

com uma estantezona cheia de livros. Um monte, um monte assim. E a minha mãe me deu uma partinha aqui em baixo onde eu alcanço, só pra eu guardar os meus. Eu também já tenho muitos livros. Tenho até a coleção que se chama "Fábulas Encantadas" e que a minha mãe lê toda noite pra gente. Tem a Cinderela, o Gato de Botas, a Bela Adormecida e um monte de figuras bonitas. Mas os mais legais de todos são os livros da minha mãe, que só tem risquinhos e bolinhas pretas. Mas daí, quando a pessoa é grande, fica olhando os risquinhos e enxerga um monte de figuras. Quando eu crescer, também vou enxergar todas as figuras nos risquinhos. Isso se chama saber ler. E a tia lá da escola é que vai ensinar. Daí eu vou poder ler todos os livros da minha mãe e do meu pai e de todo mundo. Eu até já conheço um risquinho: é esse aqui, ó: A, é a letra A. A minha mãe conhece todas as letras e ela sabe ler todas as coisas. E ela também tem uma coleção que chama "Clássicos da Literatura".

Ela gosta muito de ler. Ela lê o dia todo. E as pessoas ficam surdas quando estão lendo, quer ver? Mãe? Mãe? Mãe? viu só - Maãããããe!!!!

— Que é, filha?

Ah, agora ela ouviu.

Quando ela fica aí lendo na cadeira de balanço, eu sempre gosto de ficar olhando a nossa estante.

Ela é tão colorida, tão cheia de histórias. E foi sentada, olhando pra ela, que eu inventei a Teoria dos Livros. Sabe como é? Assim: cada livro tem uma história, e cada história tem personagens, que são as pessoas que moram dentro do livro. Daí quando a gente apaga a luz e vai dormir, todos os personagens saem dos livros e ficam passeando pela estante, conhecendo todo mundo. A Rapunzel encontra com o João do pé de feijão, que encontra com a Lúcia já-vou-indo, que conversa com a Chapeuzinho Vermelho, que já até conheceu o homem do livro da minha mãe, e do livro do meu pai também. E fica todo mundo contando suas histórias um pro outro. E fica todo mundo feliz! Mas mais feliz ainda eles ficam quando agente lê o livro deles. Porque o livro gosta muito de ser lido. Daí ele fica lá

na estante esperando ser acolhido. E quando agente escolhe ele, é a maior festa.

Puxa, deve ser bem legal morar dentro de um livro! Eu queria morar dentro de um.

Atrás desta estante aí tem outro quarto, o meu! A minha caminha é verde-clarinha e tem um papel que chama papel de parede. Ah, não é engraçado? Ele tem desenho de florzinha e eu até já arranquei um pedaço. Mas aí minha mãe falou assim, que não é pra arrancar pedaço, senão meu quarto vai ficar todo feio. Tem também um bercinho. E dentro do bercinho tem um nenê sentado. Ele é gordo e tem a cara amassada. É a minha irmãzinha. Ela tá fazendo um beicinho. Ih, vai chora, vai chora... Choro. Esses nenês só choram.

— Tá na hora de dormir. As duas, bonitinhas, já pra cama.

A gente deita e minha mãe apaga a luz e fecha a porta. Xiii, ficou escuro. E no escuro mora o bicho. Eu quero a minha mãe! Mas se eu for lá no quarto dela ela me dá uma bronca. Então eu saio da minha cama e entro no berço da minha irmãzinha. Fica meio apertado e ela é só um neném, mas se eu abraçar ela bem forte o bicho nem pega agente.

Depois tem o banheiro. Eu tomo banho com a minha irmã. Daí eu minto pra ela que eu sou mágica e ela acredita. Eu fico embaixo da água do chuveiro e ponho só o braço pra fora, daí a água escorre pelo meu dedo. Só que eu falo pra ela que eu sou mágica e sou eu que tô fazendo sair água pela minha mão. E ela acredita! Puxa, minha irmãzinha é tão bobinha, ela acredita em tudo o que eu falo, até ri e bate palma. Mas, sabe, quando eu crescer, eu vou ser mágica mesmo. Quando eu crescer eu vou ser a "Jeanie é um gênio".

Depois, ali, tem o quarto do meu pai e da minha mãe. A gente gosta muito de fazer bagunça lá. Eles têm uma camona e a gente fica pulando e acorda o meu pai e a minha mãe. Esse é o quarto mais legal! Mas depois... meu pai não mora mais aqui, e ficou muito feio.

Tem mais coisa pra ver lá embaixo. Tem a sala de almoço onde a gente também pode jantar. Tem que passar por esse corredor e ali naquela portinha dá embaixo da escada, num quartinho escuro, que

também mora o bicho. Não entra aí não! Bora lá na sala de almoçar. Tem uma mesona. E uma mesinha com um telefone vermelho. A minha mãe tá falando nele. Tá brigando. Agora ela parou, tirou do ouvido e pôs em cima da mesa. — Que você tá fazendo, mãe?

— Tô deixando seu pai de castigo.

O castigo pró meu pai é muito fácil, quando é pra mim ela me deixa sem televisão, quando é com ele, ela só tira o telefone do ouvido. Que castigo mais mole. Pronto, acabou o castigo, ela voltou a falar. Que coisa mais chata. Olho pela sala pra procurar alguma coisa mais interessante:

— Uma irmãzinha lá no canto. — Que brinca, brinca? Que brinca!

Ela nem responde. Acho que é porque ela não sabe falar ainda muito bem, eu chego mais perto e abro a perna.

— Passa aqui, De trenzinho! — Ela passa engatinhando.

— Agora sou eu! Abre a perna! — Ela não entende. Vou lá e abro sua perninha. — Tô presa, tô presa, tô presa, tô presa! —falo de brincadeira. Ela não acha graça, continua quieta. De repente sinto uma água quente na minha cabeça — Que cheiro ruim... É xixi! — manhê, ela fez xixi em mim!

— Vocês duas são impossíveis! Não podem ficar um minuto sozinhas que aprontam. Vamos já pro banho!

E eu aprendi: essas irmãzinhas quietinhas, que nem sabem falar ainda, podem ser muito perigosas.

Depois tem a cozinha. O chão é de quadradinho vermelho e a porta é de sanfona, que vai e vem! E foi aqui na cozinha que eu tive a minha primeira experiência de morrer. Quê sabê?

Minha mãe tava lá no jardim mexendo no canteiro. Tava passando uma meleca verde que ela tira dum pote. No pote tem um desenho bem feio. Esse desenho aí chama caveira. Por que será que o homem fez esse desenho feio aí?

— Mãe, posso ajudá? Ela me dá uma pazinha.

— Não, eu também quero passar a meleca verde nas plantinhas!

— Toma, só um pouquinho. Mas não põe na boca, hein? Isso é veneno. Você morre!

Morre? Como é que morre mesmo? Passei a meleca na plantinha, no pezinho dela.

— Pronto, cabeí. Não quero mais ajudá.

— Então vai lá dentro e pede pra Rose lavar sua mãozinha. Vai, vai logo.

A Rose é a nossa babá. corri até na cozinha. Ela tava lá cantando e lavando louça na pia.

Fiquei atrás dela, mas ela nem me viu. Olhei pra minha mão, toda suja de meleca verde. E lembrei do que a minha mãe tinha falado: “Não põe a mão na boca, é veneno, você morre”. Continuei olhando pras mãozinhas, mais de perto, mais de perto, huummm... tentador. Abri bem a boca, botei a língua pra fora e dei só uma lambidinha. Aí de repente ficou tudo preto e parecia assim que eu tava descendo duma montanha-russa:

— MÃÃÃÃÊÊÊÊ!

A Rose, lavando a louça, se virou:

— Que é, menina?

— Nada, nada não! Lava minha mão, lava, lava! Minha mãe falou pra voce lavar minha mão.

Puxa, agora sim eu sabia por que o homem tinha desenhado um desenho bem feio no pote da meleca verde.

E depois da cozinha ainda tem mais um quarto. Não falei que a minha casa era grandona?

É um quarto de bagunça. E aqui pode fazer tudo o que quiser. E é onde a Cida assiste televisão. Cida é a empregada, ela é um pouco gordinha e usa um lenço colorido na cabeça. E ela tem uma blusa amarela bem bonita, assim sem manga e apertada que tem um desenho de um homem que canta. Outro dia o homem até apareceu na televisão, a Cida me mostrou, ele se chama Elvis Presley e ela me contou que ele era bem famoso e cantava muito bem, mas daí bebeu, bebeu, bebeu, ficou bem gordo e morreu. A Cida quase chorou.

Daí ela sempre usa a blusa dele. Eu acho a blusa muito bonita, quando eu crescer eu vou querer ter uma igual. Mas minha mãe falou que eu nem posso ter uma igual, porque a blusa é cafona. Minha mãe acha tudo cafona Lá fora tem mais o quarto das empregadas e o quintal bem grande que a gente anda de velotrol e de jipinho. E no Natal meu pai fala que vai me dá uma bicicleta de

verdade! Que eu já vou ser bem grande pra andar nela. E vou andar sem rodinha! E mesmo se eu cair, eu nem vou chorar, porque, eu já sou bem grande e nem choro mais. Só outro dia que eu chorei. Só um pouco. Meu pai tava fazendo a barba com aquela espuma engraçada na cara, ele pôs até no meu nariz. Mas eu limpei Logo, senão nascia uma barba ni mim. Daí ele pôs a gilete na pia e falou assim: "Não mexe aí".

Mas eu mexi. Só um pouquinho, mas meu dedo cortou um montão, e saiu um monte, um monte assim de sangue. Daí eu chorei. Mas o meu pai pegou eu no colo e pôs o meu dedo na boca dele até parar de sair sangue, e me abraçou bem forte até eu parar de chorar. Eu sarei, daí eu fiquei feliz, não chorei nunca mais e ele pôs eu na caminha para eu dormir.

11 - CARPE DIEM

Perdi a hora no dia seguinte. Cheguei atrasada na aula do Tim, pedi licença pra entrar e me sentei no canto. Ele veio até minha carteira me entregar o texto com o qual os outros já estavam trabalhando. Comecei a ler. Quando já estava na metade, entretanto, me dei conta de que não havia prestado atenção em nada. Recomecei, mais uma vã tentativa. Larguei a folha e olhei ao redor, todos lendo, concentrados em aprender. Aprender o que mesmo?

Boa pergunta. O que é que a gente está aprendendo, e pra quê? Senti-me uma imbecil, ali sentada naquela sala de aula. Do que me serviria tudo aquilo? Tantos textos, tantos estudos, tanta cultura, tanta sabedoria e o que é que eu sabia realmente a respeito de tudo? Nada.

Tive a triste sensação de que a minha vida toda não havia passado de um jogo. Mas que, em vez de estar jogando, eu estava sendo jogada.

O professor se aproximou novamente, trazendo a folha de questões. Olhei para seus olhos verdes e sua barba ruiva e tive vontade de gritar com ele: "O que você pensa que está fazendo?"

Nos ensinando o quê? Onde pensa que iremos chegar com toda sua sabedoria? Olhe pra nós, olhe pra si mesmo, aonde foi que chegamos? Não percebeu ainda que, quanto mais a gente estuda, mais a gente aprende que não sabe nada?!" Mas não gritei, não emiti sequer um som. Afinal, ele não tinha nada a ver com aquilo. Só estava fazendo sua parte. Todos nós fazemos.

Mais outro dia e mais outro, mais uma aula sem sentido, e mais outra. Mais uma tarde livre, pra não dizer vazia. E numa dessas aproveitei para devolver a camiseta do uniforme na cafeteria. A chefe me lembrou do cheque. Fui até o andar de cima recebê-lo. Cinquenta dólares e alguns quebrados. Na saída, sentei-me na escadaria sob o imenso céu azul e examinei o pequeno papel em minhas mãos. E pensar em tudo o que eu havia feito só pra mostrar aquele papel pro meu pai. "Tá aqui, ó, fui capaz de arranjar um

emprego que não viesse de você”. Que besteira! Acho que no fundo sempre soube que ele não tinha dito aquilo por mal. É sempre assim, ele fala um monte, berra, estrebucha, depois não aguenta, vira pro lado e começa a rir. E agora eu estava ali sentada com aqueles cinquenta dólares na mão. E pensar que o mundo gira conforme aqueles papezinhos.

“Você sabe quanto custam cinquenta dólares?” Me lembrei do motorista, a primeira pessoa que eu conhecera em San Diego e que me perguntara isso quando lhe disse que podia ficar com o troco. Na verdade, eu não sabia direito. Naquela época de inflação era uma bagunça:

cruzeiros, cruzados e cruzados-novos! A conversão não era tão rápida assim. Mas agora eu já estava craque e sabia exatamente quanto valiam. Dava pra comprar um tênis, olhei pro meu já bem velhinho; uma jaqueta, as noites estavam cada vez mais frias; ou quem sabe jantar algumas vezes por aí, o dobro disso se fosse no Brasil (naquela época, óbvio, hoje é o contrário). E dava também pra não fazer nada, caso você morresse com eles no bolso. Não é contraditório isso? As pessoas lutam tanto por uma coisa que no fundo não tem valor algum.

A não ser, é claro, que você cruze com um motorista atencioso que a ajude a achar o caminho de casa, bem na hora em que você estava mais perdida. E, por falar nisso, onde será que andava toda a sorte que ele tinha me desejado?

Domingo à noite fui tomar um café com o Lucas, no The living room, um café do campus que tinha mesmo a cara de uma sala de estar. Jogos antigos de sofás e poltronas espalhadas pelos cantos acompanhados de mesinhas iluminadas com abajur e música ambiente. O Lucas pegou um capuccino pra ele e um chocolate com chantily pra mim e fomos nos sentar numa mesa com duas poltronas. Ele me contou de um jantar que eu havia perdido, das suas aulas da semana, dos seus colegas de classe, do hotel onde estava morando...

— E você, não vai falar nada? Tá tão quieta hoje.

— Não tô com vontade de falar. Continua falando, me conta aí alguma coisa.

— O quê?

— Sei lá. Alguma coisa. Me conta por exemplo, hum... da sua viagem pra Índia.

— Da minha viagem pra Índia?

— É, você já me contou como é lá, mas ainda não me contou o que foi fazer lá.

Ele ficou um tempo pensando como se estivesse lembrando, depois começou a falar:

— Eu tinha mais ou menos a sua idade da primeira vez. Larguei tudo e fui pra ficar meses.

Pra meditar. Acho que eu estava procurando uma razão, um motivo, um sentido maior pra isso que a gente chama de vida.

— E achou?

Ele apenas deu um meio-sorriso. Pegou a colherinha, mexeu o café demoradamente e deu um gole. Ele tinha que saber. Era uma pessoa extremamente culta, inteligente, falava cinco línguas, tinha lido muitos livros, entendia de arte, de música, tinha viajado o mundo, ido meditar na Índia duas vezes, já estava com 31 anos... Ele sabia. Ele tinha que saber.

— Me fala, Lucas, qual é a razão da vida, qual é a razão disso tudo?

— A razão disso tudo? — ele repetiu e ficou olhando pensativo para a xícara sobre o pires, como se ali dentro estivesse todo o mistério. Depois levantou os "olhos ao encontro dos meus, respirou fundo e finalmente disse:

— Não sei.

— O quê?! Como não sabe?!

— Não sei. Não sei.

— É mentira, você não está querendo me falar! Ele começou a rir.

— Não sei, juro que não sei, se eu soubesse te falava.

— Quer dizer que você estudou a vida toda, fala cinco línguas, passou meses na Índia meditando, já tem 31 anos, 31 anos! E não sabe?

— Vai ver que a gente só descobre lá pelos quarenta, sessenta, cem — ele disse despreocupadamente.

— Ah, é? E quem morre antes disso? Morre sem saber?

— Talvez ninguém nunca descubra, ou talvez descubra depois que morre.

— Ah, muito justo isso. A gente passa a vida toda aqui, vivendo um dia depois do outro sem saber de nada. Aí depois que morre é que a gente descobre. Se descobrir! Também vou te dizer uma coisa: se, quando eu morrer, não tiver um anjo lá em cima me esperando pra explicar tudo, tintim por tintim, eu juro, quebro aquele céu inteiro!

Ele riu mais ainda. Mas eu não estava achando graça nenhuma, muito pelo contrário, estava bem deprimida. Quando finalmente ele parou de rir e recuperou o fôlego, disse sério:

— Talvez nós nunca saibamos. De qualquer forma, você ainda é muito nova pra ficar pensando nessas coisas. Muito nova.

Segurei o canudo e comecei a afundar o chantily dentro do chocolate quente. Dei um gole.

Estava extremamente doce. Continuei brincando com o chantilly. Por fim, disse:

— Desculpe, acho que eu não deveria ter vindo aqui.

— Se você quiser, a gente vai embora.

— Não tô falando deste lugar. Tô falando deste país, deste planeta, talvez até desta vida!

— Não diga isso, Valéria — ele sempre dizia o meu nome com o acento errado —, todas as vidas neste planeta são um milagre.

— Só se for a sua. A minha mais parece um desastre.

— Meu Deus, como você fala besteira. Acho que você anda muito estressada. Que tal se, no fim da semana que vem, fizermos um daqueles passeios afastados? Irá fazer bem pra você meditar um pouco e colocar essa cabeça no lugar.

— É, quem sabe.

Segunda-feira: o despertador tocou, outro dia de aula. Desliguei o barulhinho irritante com um tapa, o pobrezinho voou longe. Virei pro lado e voltei a dormir. Chega desta palhaçada, não vou mais a droga de aula nenhuma! Mas não consegui pegar no sono de novo. Que jeito? Me troquei e fui.

Aula do Tim outra vez. Lá veio ele com mais um texto na mão.

— Toma, Val, eu espero que você goste desse aqui.

Contava a história de um garoto, filho de mexicanos pobres que migraram para os EUA a fim de trabalharem na lavoura. Era gente ignorante, que não sabia ler nem escrever e mal falava inglês. Quando chegou a hora, o menino começou a frequentar uma escola, mas enfrentava imensa dificuldade, já que não conseguia acompanhar os colegas. Repetiu de ano duas vezes, até que foi mandado para uma classe especial. A nova professora, ao contrário das outras que só o humilhavam perante seu péssimo desempenho, sentou-se no chão com todos os alunos e tirou do bolso algumas bolinhas de gude, coisa que o garoto bem conhecia. Ela propôs então um simples jogo que ele foi capaz de vencer. Recuperada assim sua auto-estima e sua confiança, aos poucos, ela passou a ensinar-lhe outras coisas, a contar, a ler, a escrever. O menino concluiu com sucesso aquele ano e todos os outros, cursou a universidade, se tornou doutor em pedagogia e era ele mesmo quem escrevia aquele texto.

— Valeu, Tim!

Saí da aula com outro pique. Era bom, eu iria precisar. Fui até o centro do campus onde havia um serviço de informações sobre os ônibus. Me informei a respeito do que iria para Hillcrest, um outro bairro da cidade. A atendente me deu uma tabela de horários, agradei e fui para o ponto. Estava tendo uma feira por ali, cheia de pequenos stands, uns vendendo coisas pra caridade, outros fazendo propaganda de academia de ginástica. Dei uma rápida olhada em tudo. Até que vi uma coisa que me chamou a atenção: salto de para-quedas. Eu sempre dizia que antes de morrer eu faria uma loucura destas, pular de para-quedas ou de asa-delta. Talvez tivesse chegado a hora.

O cara que cuidava do stand se aproximou:

— E aí, tá a fim de dar um salto? Você pode fazer um curso completo ou simplesmente pular acompanhada de um instrutor.

Ele me entregou um folheto. Agradei e fui embora. Se eu não fizesse isso um dia, sei que iria me arrepender. Se não fizesse isso agora, talvez não tivesse mais tempo. Ou talvez tivesse sim. Amassei o papel e o joguei no lixo.

Peguei o ônibus. Eu já conhecia Hillcrest, de noite era mais frequentado pelos intelectuais, gays e um povo mais cabeça. Tinha uns cafés bem legais por ali, mas agora eu estava procurando uma clínica médica. Minha consulta com a especialista estava marcada para as quatro.

Era um prédio grande, novo e bonito. O porteiro indicou o segundo andar e lá a secretária pediu que eu aguardasse um pouco. Não preciso descrever a sala de espera, não é? Peguei uma dessas revistas femininas. Se era do ano passado? Não importa, o assunto é sempre o mesmo: Como obter um orgasmo; Como conseguir um marido. Joguei-a num canto. Bem que essa médica poderia me chamar logo. Comecei a roer o canto das unhas.

— Pode vir — a secretária me indicou a sala.

A médica se apresentou. Era uma mulher grande, elegante, de cabelos lisos, escuros, num tom de vinho, cortados na altura dos ombros. Devia ter uns quarenta anos. Era simpática.

Um pouco formal talvez.

Expliquei a ela quem eu era, por que tinha ido lá e mostrei meus exames. Ela olhou e fez algumas perguntas. Há quanto tempo, como foi, se eu usava drogas... Conteí toda a história.

Ela olhou os exames de novo, mas antes que recomeçasse a falar eu fui logo dizendo:

— Você vai dizer que eu devo começar a tomar AZT, não é isso?

— Para ser sincera, eu acho que você já deveria estar tomando. Mas isso é uma decisão sua.

E, para falar a verdade, o que mais me preocupa agora é o seu exame de urina. Você pode estar com algum problema sério nos rins. E acho que precisamos ver isso logo. Fazer um ultrassom e uma cultura de urina mais detalhada.

— Tudo bem.

— E aí, quando você voltar com os resultados, a gente colhe outra amostra de sangue e checa novamente o CD4. Você não tem sentido dores, febres, gânglios no pescoço, diarreia?

— Não, nada. Nunca tive nada. Ela me examinou.

— Parece tudo bem. Mas você sabe que mais cedo ou mais tarde terá que tomar uma decisão, não sabe? E esse remédio, o AZT, ou

outro similar, o DDI, por exemplo, são as únicas opções que nós temos para tentar retardar a doença.

Tentar retardar a doença, é mole?

— Em muitos casos vem funcionando — ela completou. Sinceramente, não via qual era a vantagem de a gente ficar retardando, pior, prolongando uma coisa que ia acontecer de qualquer jeito.

— Eu sei que tudo isso parece meio vago, mas a nossa esperança é que nesse tempo apareçam drogas mais eficazes ou, quem sabe, até a cura.

Talvez, sei lá, quem sabe. Não sabia o que pensar. Só sabia que não estava preparada para aquilo.

— Olha, doutora... — parei um pouco, eu nem sabia o que dizer, “talvez um dia eu tome este remédio, se eu achar algum motivo”, pensei— por enquanto só o que eu quero é continuar aqui estudando. Falta pouco mais de um mês. E eu não vou me arriscar agora a tomar esses remédios e, de repente, ter algum efeito colateral. Eu moro num dormitório na universidade, ninguém lá sabe que eu tenho AIDS. E outra, eu nem tenho dinheiro pra comprá-los aqui. Se pedir pro meu pai, ele vai se ligar que eu estou mal. São remédios caros, não são?

— São. Mas o seu plano de saúde não cobre o remédio?

— Não.

— E eu não sei como poderia te ajudar neste caso, já que é estrangeira.

— Tá vendo? Se eu fosse tomar um remédio desses, eu teria de ir pra casa. Mas eu não posso fazer isso antes de acabar meu curso. Eu sei que parece idiota pra você, que um curso de inglês nem é tão grande coisa assim. Mas eu já larguei a faculdade, já parei o teatro, não quero parar mais isso agora. Além disso, estou gostando muito de morar aqui. Estou aprendendo muita coisa, não é só inglês, não.

— Tudo bem, eu te entendo. Um mês e pouco não iria fazer tanta diferença assim. Mas precisamos checar o seu rim.

Marquei com a secretária um ultrassom para a semana seguinte e peguei as instruções para um novo exame de urina, que eu deveria

colher em casa. "Semana que vem eu penso nisso, agora preciso de folga!"

No sábado cedo o Lucas passou lá no dormitório pra me apanhar de carro.

— Que mistério todo é esse, hein? Aonde é que você vai me levar hoje?

— Num lugar bonito, só isso. Você já viu o deserto?

— Já. E como! Quando a gente foi pra Las Vegas. Era um deserto sem fim, quilômetros e quilômetros de areia branca e, de vez em quando, uns cactos aqui e lá. Dava a impressão de que não ia acabar nunca. Aí, de repente, depois de cinco horas surge, no meio do nada, a cidade. Cheia de hotéis luxuosos, luminosos, magníficos, cassinos estrondosos, e grana, muita grana naquelas maquininhas enlouquecedoras. Ele riu.

— É, mas hoje a gente não vai ver nada disso. É um lugar muito rico, mas outro tipo de riqueza.

— Lá vem você com esse papo zen.

— Ué, não foi você quem disse que também gostava de meditar? Pega ali o mapa dentro do porta-luvas. Não lembro direito o caminho. Vou te ensinar a meditar de verdade.

Depois de muito rodar por aquela estrada vazia no meio do deserto, ele parou perto de uma bifurcação. Checou novamente o mapa e prosseguiu.

— Tem um rio naquela direção.

— Um rio? Como pode um rio perto de um deserto?

— Não me pergunte, porque eu também não sei. Chegamos, é aqui.

Ele parou o carro no acostamento. Naquele trecho tinha bastante vegetação, árvores. Fomos andando por uma trilha a pé, depois de uns dez minutos chegamos ao rio. Ele largou a mochila das costas, espreguiçando. Eu peguei a garrafa de água e bebi um pouco. Ao nosso lado tinha uma árvore bonita, repleta de folhinhas verdes que balançavam conforme o vento suave. Sentamos à sua sombra, de frente para o rio, em posição de ioga.

— E agora me explica como é que você medita — ele disse.

— Como? Fecha os olhos, relaxa o corpo e... e viaja.

— Tá. Essa é uma das técnicas. Mas quando a gente tá num lugar assim, tão bonito, no meio da natureza, o grande lance é ficar de olhos abertos.

— Mas aí não dá pra se concentrar.

— Dá sim. Faz o que eu tô falando. Respira fundo algumas vezes e ouve o barulho do lugar. Devagar... Ouve o barulho dos pássaros, o barulho da água do rio, o barulho do vento nas folhas. Tá mais calma?

— Ahã.

— Agora olhe para o rio, para as árvores, para os pássaros, olhe para toda a natureza a sua volta. E imagine até o que você não consegue ver, os peixes dentro do rio, as formigas no chão, os insetos nas flores... E pense que tudo isso está vivo, vivo sobre a terra. Pense profundamente nisso.

Engraçado, não é? Parece uma coisa tão óbvia, mas até então eu nunca tinha parado pra pensar naquilo. Ainda mais assim, pensando, pensando... Comecei a sentir uma energia diferente, uma coisa bem forte. Caramba, quanta vida tinha por ali, era mágico. Ele continuou:

— Agora respire fundo outra vez e pense que, como o rio, como a árvore, as flores, os bichos, você também está viva e é mais um deles sobre a terra. Você faz parte de tudo isso.

Eu-estou-viva. Você já parou pra pensar nisso algum dia? Então, pare. Tire tudo da sua cabeça e só pense nisso, mas bem fundo. Nós estamos vivos! Comecei a rir, joguei a cabeça pra trás e deitei.

— Que isso, Valéria, ficou louca?

— Não. Mas é que é uma sensação muito boa. Uma sensação de alívio.

— Agora me diz, não é um milagre?

— E. Todos nós somos um milagre.

Chegou o dia de colher a urina para fazer o exame. Peguei a folha de instruções. Eu teria que, durante 24 horas, fazer xixi num copinho e despejar no recipiente plástico especial que a médica havia me dado. Moleza. Durante este tempo ele deveria ficar guardado em geladeira. O quê?! Geladeira? Era só o que me faltava agora. Nesse dormitório eu não tinha geladeirinha no quarto. Que droga, como é que eu não vi isso antes? Deixe-me pensar... o Shark! O Shark tem

geladeira no quarto e ele disse que se eu precisasse de qualquer coisa era só pedir. Legal, eu vou lá, bato no quarto dele e digo: "Oi amigo, será que eu podia guardar um pouco de mijo aí na sua geladeira?". E, detalhe, voltava a cada duas ou três horas: "Olha, tem mais um pouco aqui". Tenha santa paciência. Não, nada disso, eu teria que dar outro jeito. Mas que jeito?

Olhei pelo quarto. Eu teria que me virar ali dentro. Vejamos... o que eu tenho de mais frio?

Uma pia e um ar-condicionado. Pia, ar-condicionado, alguma idéia? Impossível. Já sei! E se eu conseguisse gelo, bastante gelo? É isso! Esvaziei a lata do lixo, ali seria o lugar ideal.

Agora só precisava do gelo. Peguei uma sacola plástica no armário e desci até o restaurante do dormitório. Maya, a senhora africana que controlava a entrada, me cumprimentou:

— Olá, Val, veio comer?

— Não, dona Maya, eu... na verdade eu precisava de um favor. Será que a senhora poderia me arranjar gelo?

— Claro, meu bem.

— Mas eu vou precisar desta sacola cheia — disse mostrando a sacola branca.

— Nossa, pra que tudo isso?

— Bem, é que eu vou fazer uma experiência.

— Uma experiência?

— É, é isso aí, uma experiência pra faculdade — fiz figas pra que ela não perguntasse qual.

— Ah, um trabalho da escola. Tudo bem, aguarde um pouquinho.

Logo ela voltou com a sacola cheia. Eu agradeci e perguntei se, caso precisasse mais, poderia buscar. Ela disse que sim.

Ótimo! Quase tudo resolvido. Peguei a sacola e voltei pro meu quarto, torcendo pra não cruzar com ninguém no caminho. Mas não é que bem na hora de sair do elevador o Frank, aquele loirinho de cabelo esquisito que só falava gíria, ia entrando. Escondi rápido a sacola atrás de mim. com ele essa história de experimento não ia colar.

— Oi, Val!

E falou um monte. E, pra variar, não entendi porra nenhuma. Como sempre só dava um sorrisinho e dizia:

— ãhã... ha... ha... — qualquer dia desses ele ia dizer “e aí gata, bora lá no meu quarto que eu tô a fim de dar uns amassos”. E a idiota aqui ia estar respondendo: ãhã. bom, contanto que ele não visse o que tinha dentro daquela sacola e perguntasse pra quê, ótimo. No final ele se despediu com Later, que eu deduzi que era a minimização de Seeyou later.

— Ok, bye — eu disse e corri pró quarto.

Passei o resto do dia trancada lá, fazendo xixi no copinho e despejando no recipiente que eu conservei dentro da lata de lixo com gelo. Ainda bem que não apareceu ninguém por lá.

Também, se aparecesse, eu diria: “É um ritual da minha religião. A gente bebe depois, vai um pouquinho aí?”.

No dia seguinte, cedo, peguei o recipiente cheio e coloquei numa sacola e fui pro ponto de ônibus. Mais uma estupidez de minha parte. Deveria ter pego um táxi, mas só fui me lembrar disso depois que já estava sentada no ônibus em movimento. Só me restou, então, torcer pra que a sacola não caísse e derramasse o mijo por todo o canto.

Enfim, chegamos sãos e salvos ao hospital. Entreguei meu companheiro à enfermeira e fui fazer o ultrassom. Bem simples por sinal: meleca gelada na sua barriga e uma camerazinha que, como não sei, consegue filmar o seu rim lá dentro. O resultado iria, em alguns dias, direto pra médica. E algo dizia que tudo estaria bem.

Na quinta, depois da aula, saí para dar uma volta. As vezes, tenho essa necessidade de sair andando por aí, sozinha, meio sem rumo. Fui caminhando pelas ruas do campus em direção ao ponto de ônibus. Estava um sossego por ali. Atravessei a avenida e, quando cheguei ao outro quarteirão, vi uma menina andando de bengala branca logo à minha frente. Ela era cega, eu já a tinha visto antes. Ela também morava no meu dormitório, mas nunca havíamos conversado.

Apressei o passo até ficar ao seu lado e disse:

— Oi, será que eu posso te ajudar? Sem parar de andar ela respondeu:

— Obrigada, mas eu posso andar sozinha.

— Eu sei que você pode — insisti -, mas ainda assim eu posso te ajudar. — Só então ela parou.

— Tudo bem, mas não me segura, deixa que eu seguro em você.

— Ela segurou no meu braço. — Puxa, como você é magrinha! — começamos a andar. — Como é que consegue se manter assim vivendo aqui, com toda essa comida engordativa — Eu sempre fui magra.

— Sorte a sua. Desde que eu cheguei aqui já engordei uns quatro quilos.

— A gente vai ter que sair desta calçada — avisei —, ali na frente tem umas obras, tá tudo quebrado — mudamos de caminho. — Você é de onde?

— De Israel.

— Ah, você é judia?

— Não, eu sou palestina.

Pronto, já dei um fora. Mas também como é que eu iria adivinhar, naquela região é a maior bagunça, tá todo mundo sempre em guerra. Mas ela, pelo jeito, não se ofendeu, continuava a sorrir.

— E você?

— Eu sou brasileira. Vim pra estudar inglês. Você também tá estudando aqui?

— Tô. Só que eu já acabei o curso de inglês e agora estou na universidade.

— Nossa, que legal.

— É, é muito bom. Você também depois que acabar o curso pode prestar o TOEFL e entrar na universidade.

— É, bem que eu gostaria... Como é o seu nome?

— Saara.

— Saara? Como o deserto? Que bonito.

— E o seu?

— Valéria. A gente já está quase chegando no ponto de ônibus, você vai pra lá?

— Não, eu vou até a biblioteca.

— Você quer que eu te acompanhe até lá?

— Não precisa, agora é uma reta só. Obrigada. Você vai pegar um ônibus?

— Vou, acho que eu vou até o Hurton Plaza, aquele shopping.

— Hum, isso me lembra que eu preciso comprar umas roupas. Qualquer dia desses também irei até lá.

Tive vontade de convidá-la para vir comigo. Mas fiquei sem jeito.

— A gente se cruza por aí, então, tchau!

Peguei o ônibus que já estava lá parado. Me sentei à janela. Logo ele partiu em direção à cidade. Pensei um pouco na Saara. Caramba, que força de vontade que aquela guria devia ter. Vir pra estudar num outro país, morar sozinha, se virar sozinha, tudo isso sendo cega.

Fiquei imaginando por alguns segundos como devia ser a vida de uma pessoa que não enxerga. Me lembrei do que ela havia dito, que precisava comprar umas roupas. Como será que uma pessoa cega compra roupas?

O trajeto daquele ônibus era bonito. Depois que deixava o campus, passava perto do Balboa Park. Um parque enorme, maravilhoso, cheio de plantas, flores e eventos culturais.

Como é que uma pessoa cega compra roupas? Olhei para as minhas. Eu estava com um shorts jeans, ganho de presente, eu o adorava, o seu azul já estava clarinho de tanto usado e lavado. Estava até desfiando. Mas lá você pode andar todo rasgado que ninguém liga. Olhei pra minha blusinha preta, justinha e de gola alta sem manga. Lembrei do dia que eu a comprei. Entrei numa loja e a vi num canto. Achei bonitinha, experimentei, confortável, comprei. Parece simples, não é? Mas como uma pessoa cega faria isso?

Continuei olhando pela janela. Vi um pedaço de mar. San Diego era realmente uma cidade muito linda. De um lado, a praia, e lá longe as montanhas. Se lá nevasse, pensei, no final do ano, quando chegasse o inverno, as montanhas estariam branquinhas. Então eu não precisaria ir tão longe pra ver neve. Será que eu teria tempo mesmo pra ver neve?

Já sei. Já sei como uma pessoa cega compra roupas: assim como uma pessoa com AIDS

pensa no futuro. No escuro. Bem, em todo caso, ela estava vestida. E eu? Iria ver neve no final do ano!

Na sexta, quando estava na sala de TV assistindo a um filme, o Lucas aparece me convidando pra subir uma montanha. A noite estava linda. Fomos de carro até a base.

Depois subimos por uma trilha a pé. A lua cheia estava tão clara que iluminava todo o caminho. Fomos conversando e vimos dois coelhinhos. Não demorou muito, chegamos ao topo. Sentamos bem na encosta. Olhei pra baixo. Puxa, como era alto, me deu um gelo na barriga e minhas pernas ficaram moles. O Lucas já fazia posição de ioga, pronto para meditar, acho que ele estava bem inspirado aquele dia. Me ajeitei colocando a mão no chão, sentando um pouco mais pra trás. Pedrinhas rolaram lá pra baixo. Se alguém caísse dali, era morte na certa. Um pequeno deslize e, num instante, bau-bau. Curioso isso, o que será que determina esse instante exato de cada um:

— Você acredita em Deus?

— Ahn?

— Você acredita em Deus? — era o Lucas me fazendo uma pergunta.

— Às vezes — respondi.

Ele fez uma cara de reprovação. Era uma daquelas pessoas que têm uma fé inabalável.

Muitas vezes eu o invejava nisso. Continuei, irônica:

— Acho que Ele é um gordo, seminu, sentado lá em cima, com as pernas cruzadas, comendo pipoca, olhando aqui pra baixo e dando risada da cara da gente.

— Minha nossa!

— Tô só brincando — eu disse. Mas, na verdade, não estava. Muitas vezes acho isso mesmo. Noutras, nem sequer acredito que Ele existe. Acho que foi tudo uma invenção do homem devido à sua fraqueza e incapacidade de admitir que é o único responsável por sua própria vida. E o único a ocupar o espaço, muitas vezes vazio, de si mesmo.

Noutras ainda, entretanto, dá quase pra ter certeza que Ele existe. Como nessa noite, sentada no alto de uma montanha sob o céu

repleto de estrelas e a lua, de papel laminado.

Deitei para apreciar melhor aquele espetáculo, mas logo me sentei novamente.

— O que foi? — perguntou o Lucas. — Tá tão inquieta, por que não sossega?

— Porque eu tenho medo de altura. E esse lugar é muito alto.

— Tá melhor assim? — ele disse segurando minha mão. — Não se preocupe que você não vai cair. Agora vê se medita um pouco.

Ele continuou sentado e eu me deitei mais uma vez, pra apreciar o céu. Como aquilo tudo brilhava! E como é bom tomar banho de lua. Tive a sensação de que se eu esticasse o braço tocaria as estrelas com as pontas dos dedos.

— Lucas?

— Hum?

— O que você acha que acontece com a gente depois que a gente morre?

— Não sei. Talvez existam outras vidas.

— Não vai me dizer que você tem aquela visão espírita que o sujeito tem que ficar nascendo de novo e de novo e de novo até pagar todos os seus pecados.

— Não. Não tem nada a ver com pecado. Tem a ver com evolução. Acredito em outras formas de vida, em outros planetas talvez.

Outros planetas... Até que era interessante esta idéia. Não que eu estivesse desprezando a minha Terra. Mas seria bom mudar um pouco. E, de certo modo, fazia sentido. Por que o universo, o Deus, ou sei lá quem teria se dado ao trabalho de criar tantas galáxias, tantos planetas se só usasse o nosso? Talvez existisse naquele instante um outro ser, semelhante a mim, sentado numa montanha num outro planeta, olhando o céu, inclusive a Terra, e imaginando as mesmas coisas.

Depois de algumas horas divagando num longo silêncio, resolvemos voltar, já estava ficando muito tarde. Fomos descendo pelo mesmo caminho, só que agora escorregadio. Tínhamos que tomar o dobro do cuidado, o que não foi problema depois de toda aquela energia de lá de cima. Estávamos acesíssimos, conversando

bastante. Mas, mesmo assim, não teve jeito. Num certo trecho tomei um baita escorregão e o Lucas, que segurava a minha mão, foi junto. Caímos os dois.

— Fuckl — só assim mesmo pra ele soltar um palavrão. — Você está bem?

Tive um acesso de riso. Tombo pra mim é uma coisa muito engraçada. O sujeito tá lá, todo dono de si, fazendo uma coisa que aprendeu há tempos: andar. Mas, de repente, não tem jeito, perde a pose e tóim, se esborracha no chão. Parece até que voltou a ser criança.

— Para de rir, tá louca? — mas eu não conseguia parar e no final ele acabou pegando no embalo.

— É, a gente tá achando engraçado, mas podia ter quebrado uma perna — ele disse, levantando e se livrando da poeira.

Eu continuei a rir, acho que estava com o riso solto aquele dia. Até o final da descida demos mais umas deslizadas, por pouco não caímos outra vez. E no fim chegamos à conclusão de que, se quiséssemos continuar com aquelas andanças, teríamos que comprar sapatos adequados.

No dia seguinte fomos a uma loja especializada em tênis pra trilha. Demos uma olhada. Ele pegou um dizendo que aquele era o melhor.

— Deixa eu ver — era uma espécie de tênis de cano alto, de couro macio, marrom, todo forrado por dentro, bonito. Olhei o preço, cem dólares. — Carinho, hem?

— É, mas essa é a melhor marca que existe. Dura a vida inteira.

— Ah, é? — e pra que eu iria precisar de uma bota que durasse mais do que eu? — Não, eu não quero — larguei ele lá e fui olhar outras coisas. Ele veio atrás:

— E vai querer tomar outro tombo?

— Até que iria ser bem engraçado...

— Se for por causa da grana eu te dou de presente.

— Não é nada disso, que coisa!

— Então volta lá e experimenta pelo menos.

Ele pediu uma pro vendedor. Experimentei contrariada.

— Aí, não sei nem amarrar esse negócio.

— Dá aqui, Cinderela — ele zoou —, pronto, é assim. Agora anda um pouco e me diz, não é muito melhor?

Detesto admitir, mas realmente era uma maravilha. Super macia e deixava o tornozelo bem firme.

— Inclusive - ele disse — esse tipo de bota é bom contra picada de cobra.

— Você nunca me disse que naquele lugar tinha cobra.

— E você achou o quê, que tivesse só coelhinho no meio do mato? Ele pediu uma do número dele e, enquanto experimentava, eu fiquei pensando: na semana seguinte sairiam os resultados do meu exame de rim. Se desse alguma coisa séria, não haveria outro jeito: eu teria que voltar às pressas pro Brasil, talvez nem chegasse a usar aquela bota.

— Pronto, perfeito — ele disse. — Vamos levar?

— É que...

— Ih, não vai começar de novo.

— Tá, tá bom, eu levo essa droga. Mas também tem uma condição, eu quero estrear amanhã!

— Tudo bem, não sei por que a pressa, mas a gente faz outra trilha amanhã cedo.

Fomos ao Cuyamaca Park fazer uma trilha longa. Garrafa cheia d'água, alguma comida na mochila e mapas. Seguimos por entre as árvores. O cheiro de mato era muito bom. Fomos conversando, cruzamos com pouquíssimas pessoas, três andarilhos, dois caras de mountain bike e um grupo a cavalo. Bichos? Nenhum. Mas até que foi bom, pois placas indicavam que naquela região podia ter leões de montanha. Diziam também que eles costumavam ser inofensivos. Mas essa história de dar de cara com um leão no meio do mato me pareceu aventura demais pro meu gosto.

Depois de umas duas horas, sugeri que parássemos um pouco. Descansamos bastante.

Aproveitei pra tirar fotografia duma imensa árvore velha com um grande buraco no tronco totalmente oco. Ela me fez lembrar de um homem com quem eu havia cruzado certa noite a caminho de um bar. Um crioulo grande, que enquanto passávamos na calçada se pôs ao lado de uma pequena árvore, de galhos já secos, começou a

berrar: “Thuttree u mine! Thutree u mine! Mine!”. E batia a mão no peito, orgulhoso de sua arvorezinha. A princípio, achei que ele fosse louco ou estivesse bêbado. Não tinha um lar, roupas decentes, um tostão sequer no bolso, só tinha aquela arvorezinha e estava tão feliz. Mas, pensando melhor, loucos e bêbados somos nós que temos tantas coisas e muitas vezes não conseguimos ser felizes com nada. Todo ser humano deveria ter uma arvorezinha pra amar. Eu tinha umas, mas elas estavam muito longe, eu as havia deixado lá no Brasil.

Recomeçamos a andar, dessa vez subindo um pedaço de um morro e, quando alcançamos a parte mais alta, a vista lá embaixo se mostrou lindamente. Um tapete verde em alto relevo.

Tirei mais fotos. O Lucas se enfiou no meio de uns emaranhados de galhos secos pra ver a vista do outro lado.

— Daqui é mais lindo ainda, venha ver.

Entrei lá no meio pra apreciar a paisagem. Milhões de pinheiros enfileirados, o céu azul e algumas nuvens passando. Que sossego, dava vontade de nunca mais sair dali. Maldita hora que os homens inventaram as cidades. Decididamente eu preferia ser uma índia e viver nua no meio do mato. Na hora de sair dali, entretanto, machuquei a perna num galho.

— Ai que merda! — lamentei, me sentando num tronco para ver o que havia acontecido.

— Machucou? — perguntou o Lucas. — Deixa eu ver — e veio com as mãos prontas para me examinar, quando berrei:

— Não encosta no meu sangue!

— Credo, Valéria, eu não tenho nenhuma doença contagiosa, não — se virou e saiu andando ofendido.

— E você sabe se eu tenho? — perguntei, mas ele não ouviu.

Voltou logo em seguida com uns pedaços de lenços de papel que tinha pego na mochila.

— Toma, limpa com isso. Passa um pouco de saliva que, na falta de outra coisa, ajuda. Eu devia ter trazido uma caixinha de primeiros socorros. Isso. Já está limpo, agora sobe a meia pra não ficar exposto. Dá pra andar?

— Lógico, só foi um arranhão.

— Então, vamos.

Ele pegou a mochila e foi andando na frente. Estava puto da vida. Também eu não tinha nada que ter berrado daquele jeito. Ainda que ele encostasse a mão no meu sangue, desde que ele não tivesse nenhum ferimento, não haveria problema algum. Mas sempre entro em pânico quando me corto perto de alguém. Apressei o passo para alcançá-lo.

— Lucas, peraí, desculpe.

— Tudo bem, já passou.

Passou uma ova. Demorou vários minutos até que voltasse a falar direito comigo. Mas depois esqueceu de vez e fomos conversando todo o caminho de volta.

Quando chegamos no carro já eram umas três horas da tarde, e antes que voltássemos pra casa paramos pra almoçar num restaurante rústico, em Juhan, uma cidadezinha estilo velho oeste.

De sobremesa, comemos torta de maçã com sorvete de baunilha, bem típico da região. Estávamos conversando sobre nossas trilhas e lembrando os belos lugares quando, sem mais nem menos, ele para e diz num tom meio sério:

— Posso te perguntar uma coisa? — Odeio quando alguém pergunta isso pra mim. Por que não faz a pergunta logo de cara? Lá vem bomba.

— Pergunta, oras.

— Há algum tempo que estou pra te perguntar... mas... — pronto, começou a enrolar. —

É... aquele dia que a gente subiu aquela montanha e... e ficou sentado lá em cima, de mãos dadas...

— Sei, e daí?

— É que... bem, por alguns minutos eu pensei que...

— Pensou o quê?

— Pensei... — ele largou a colher e ajeitou o boné. — É que eu não queria que você

pensasse que... você sabe, eu não posso me envolver com você.

— Se envolver comigo? — No começo não entendi direito. De que diabos ele estava falando? Mas depois me liguei e comecei a rir. — Ah, Lucas, isso nem passou pela minha cabeça.

Ele fez uma cara de quem não gostou muito. Acho que nenhum homem gosta de ouvir isso.

Deve ferir o orgulho de macho deles (ainda que suíço). Expliquei:

— Não há nada de errado com você, não. Mas a última coisa que eu ia querer agora, na minha vida, era me “envolver” com alguém — ele me olhou como se eu fosse um enigma.

E antes que fizesse mais perguntas, completei: — Escuta. Você não me disse que estava de casamento marcado? Não deveria estar pensando nessas coisas.

— Eu sei, mas é que nós temos andado tão juntos que...

— Se você preferir, nós não saímos mais.

— Não, não é isso. Eu só queria que as coisas ficassem claras entre nós.

— Então pode ficar sossegado, elas estão claras. Sabe, eu gosto muito de você, gosto dos passeios que a gente faz e acho que já fazia tempo que eu não conversava tanto com alguém. Mas não aconteceu nada naquela montanha e nem vai acontecer nunca.

— Se algum dia acontecesse, você me falaria?

— Se você preferir assim, falaria.

Voltamos pra casa num enorme silêncio. Ele devia estar pensando no que eu estava pensando. E eu pensando no que ele estava pensando que eu estava pensando. Ah, os humanos... Se fôssemos cachorros não perderíamos tanto tempo com isso.

Na outra semana, voltei à médica especialista. Meus exames de ultrassom e urina não tinham apresentado nada de anormal. Mas, em todo caso, ela sugeriu que eu os repetisse dentro de três meses. Perguntei então se eu poderia ficar lá nos EUA mais algum tempo.

— Vamos primeiro checar seus CD4, está bem?

— Tá. Mas se eles tiverem subido pra uns quatrocentos, eu posso ficar aqui até o final do ano, sem me preocupar em tomar remédio?

— Valéria, os CD-4 de uma pessoa não sobem assim do nada de uma hora pra outra.

Isso é o que vamos ver, pensei. Se aquela era a condição pra eu poder ficar lá mais uns dois ou três meses, eles teriam de subir na marra! Voltei para o campus pensando friamente naquilo. “Os CD4 são meus, não são? Estão dentro do meu corpo. Por que é que não

posso, então, controlá-los? Os homens se julgam tão sábios, a ciência tão avançada, já pisamos até na Lua, e não somos capazes de multiplicar umas celulinhas dentro de nós com o próprio cérebro. Se eu fosse Deus... Bem, deixe isso pra lá. Só sei que eu vou ficar aqui até o fim do ano, nem que seja a última coisa que eu faça nesse mundo.”

Comentei com o Lucas que eu estava pensando em ficar em San Diego mesmo depois que o curso terminasse, mas não sabia onde morar. Já estava de saco cheio do dormitório, Ele sugeriu, então, que eu morasse numa casa de família. O Lucas se lembrou então que a Helen, nossa professora de redação, estava alugando um quarto. Marcamos um jantar para conversar em sua casa. Ela era uma mulher extremamente bonita. Tinha os cabelos cacheados, castanhos num tom de cenoura, a pele branca e lisa como seda, os olhos verdes e um sorriso perfeito. Usava sempre óculos de grau, cuja armação retangular era da cor do seu cabelo. Tinha 38 anos, era uma pessoa calma e passava uma enorme segurança. Ela também adorava fazer trilhas e meditar. Conversamos sobre a hipótese de eu ir morar lá e, depois do jantar, ela pegou um tarô pra ler pra gente. Foi uma noite gostosa e descontraída e eu achei que iria gostar de morar naquela casa.

Num dia à tarde, voltando da aula, passei pelo quarto da Alrica. Ela estava conversando com uma amiga de escola, uma cubana, que também morava lá havia alguns anos. Começamos a falar da Jamaica e de quão bonitas eram suas praias. Eu disse que, infelizmente, ainda não conhecia, aliás, nem tinha visto muitas fotos. Só me lembrava de um certo cartaz que vi numa agência de turismo, de uma garota morena, de cabelos compridos, saindo molhada de uma praia com uma camiseta escrito Jamaica.

— Ah, eu também já vi esse cartaz. Só que a garota não é morena, ela é negra.

— Ah é? Engraçado, me pareceu que ela era branca, assim morena que nem eu.

A amiga dela, cubana, que tinha a pele clara e os cabelos castanhos, olhou pra mim e disse:

— Mas você não é branca. Assim como eu também não sou.

— Você tem alguma ascendência negra na família? — perguntei.
— Porque eu, até onde sei, não tenho nenhuma.

— Não, também não tenho. Mas mesmo assim não sou branca. Eu odeio os brancos!

Fiquei um pouco incomodada. Não estava entendendo por onde aquele papo ia. A Alrica continuou calada. Prossegui:

— Bem, eu desde que me conheço por gente sou considerada branca, tive, sim, uma tataravó índia, mas infelizmente não cheguei a conhecê-la.

— A gente não está falando de gente como você. Estamos falando daqueles brancos, loiros de olhos claros, como os americanos. A gente odeia eles! — reafirmou a menina.

— Engraçado, meu avô, pai de minha mãe, tem olhos claros. Eu tenho tias loiras de olhos claros. Eu poderia ter nascido loira de olhos claros. Eu sou branca — eu disse num tom irônico, quase que me desculpando. Olhei pra Alrica e perguntei. — Você também odeia todas as pessoas brancas?

Ela simplesmente desviou o olhar. Eu insisti:

— Odeia?

Sem olhar nos meus olhos, respondeu:

— Eles não gostam da gente.

— Eles quem, Alrica?

— Os brancos, Val. Eles não gostam da gente.

Fiquei indignada.

— Eu sou branca, Alrica! Você tem certeza que odeia todas as pessoas brancas?!

Ela baixou a cabeça e não respondeu. Também pudera, é só parar e olhar um pouco pra trás na História e lembrar de tudo o que fizeram com os negros. Uma das maiores vergonhas da humanidade. Será que alguém nem sequer imaginou que quinhentos anos depois disso ainda iria refletir assim, em duas garotas que não tinham nada a ver com o assunto e moravam lado a lado numa universidade? Se pudéssemos apagar o passado. Só consegui dizer:

— Pra mim, Alrica, a gente era amiga de verdade. — Me levantei e saí do quarto.

Não esperei que ela viesse atrás de mim. E de fato não veio. Só alguns dias mais tarde, enquanto eu estudava em meu quarto com a porta semi-aberta, ela foi entrando sem pedir licença, se sentou na minha cama e começou a me contar as últimas novidades, toda animada. Talvez esse tenha sido o jeito dela me dizer que as coisas estavam bem. E que, sim, nós ainda éramos amigas. Também nunca mais toquei no assunto. Um problema assim, de tantos anos, não poderia ser resolvido em apenas uma conversa. Esquecer?

Difícil. Mas felizes daqueles que conseguem passar por cima.

Umas semanas depois notei que a Alrica estava namorando um cara branco. Para ser mais exata, americano, ruivo de olhos verdes. Lembro que um dia fui até seu quarto pedir ajuda numa lição e acabei perguntando:

— Tá namorando, né guria?

— Ah, Val, ele é tão legal. Acho que eu estou amando! - ela disse com aquele sorriso bonito.

E eu, como não podia deixar de ser pentelha:

— Jóia, Mas vê se se cuida, hein? Tão usando camisinha?

— Não, a gente ainda não transou.

— Ah, Alrica, tá pensando que eu sou idiota? Faz dias que esse cara não sai daqui de dentro. Até já dormiu aqui, vai me dizer que vocês não fizeram nada.

— Ih, a gente já fez muita coisa boa! — e pela cara dela deviam ser mesmo muito boas. —

Só que transar, de penetração, ainda não.

— Ah, tô sabendo...

As campanhas da Califórnia diziam: "Você não precisa ter penetração para ter uma relação sexual. Existem várias maneiras de demonstrar carinho e afeto a quem você ama.

Como toques, carícias, abraços, massagem, masturbação a dois (desde que não haja cortes nas mãos), tomar banho junto, dar uns amassos, fazer sexo oral de magipak, aquele filtro fininho de plástico etc. etc. etc." Algumas até que iam mais longe: "O maior órgão sexual humano continua a ser o cérebro'.

Enfim, era o tal do sexo seguro, última moda entre os jovens de lá. E já estava mais do que na hora dessa moda pegar aqui também.

No sábado, o Lucas passou pra me pegar pra irmos a uma cerimônia indígena para a qual a Helen nos havia convidado. O local nós já conhecíamos. Um descampado enorme, um pouco seco, com alguns montes. Mas ele foi todo o caminho dizendo que naquele dia haveria algo de especial, estava esperando muito daquela cerimônia, que seria uma bênção dada ao local por ter pertencido ao povo indígena e agora estar se tornando uma reserva.

Assim que chegamos avistei Helen, fomos falar com ela. Conheci o Thomas, seu filho loirinho que foi jogar bola com o Lucas. Sentei-me ao lado dela, que estava tomando conta de uma mesa cuja organização do parque havia montado para vender camisetas e arrecadar fundos. Não havia muitas pessoas por ali.

— Não será uma cerimônia muito grande, não é mesmo?

— Não, coisa simples. Eu já avisei ao Lucas, mas ele insiste em esperar grandes revelações pra hoje — nós rimos. — Ah, voltando àquele assunto de você morar lá em casa, já arranjei tudo, agora só depende de você — ela disse simpaticamente.

Olhei ao redor, ninguém por perto. Pensei: seja o que Deus quiser. Na pior das hipóteses, receberia um não, mas agora já terminara o curso, se eu tivesse que partir, paciência.

— É que antes de eu mudar pra sua casa, você precisa saber de uma coisa... — respirei fundo. — Eu sou HIV positivo.

Ela me olhou meio espantada. Por um instante, achei que tinha estragado tudo. Então ela me disse sorrindo:

— E daí? O que é que tem isso?

— Bem, achei que você tinha que saber, pra eu morar com você.

— Não vejo o que uma coisa tem a ver com a outra. Mas é claro que você pode vir morar comigo.

Pensando bem, não tinha nada a ver mesmo.

— Achei melhor falar, porque nem todo mundo pensa assim — expliquei.

— O preconceito, não é mesmo? É uma pena. Mas pode ficar sossegada que eu não sou assim.

— Que bom.

— Faz pouco tempo? — ela perguntou um pouco depois.

— Seis anos.

— E sua saúde?

— Tá bem. Acabei de fazer exame de imunidade. O resultado sai daqui a uns vinte dias.

— Deve ser uma barra, né? E o Lucas, sabe?

— Não. Mas a gente não tá namorando.

— Eu sei. Mas ele é seu melhor amigo, não é? Olhei pra ele jogando bola, distante dali.

— É. Já pensei em contar várias vezes, mas dá sempre um medo. Estava esperando acabar o curso, pra não ter problema na universidade.

— Entendo.

— Talvez eu conte hoje.

— Acho que faria bem pra você. Deve ser muito difícil guardar uma coisa dessas.

— É, não é fácil, não. Algumas pessoas se aproximaram. O Lucas e o Thomas também.

Logo em seguida começou a cerimônia: um único índio e o seu falcão, pousado no ombro, andando em círculos e pronunciando umas palavras que nenhum de nós entendia. Achei triste. Como é que pode uma cultura tão rica e de tantos anos acabar assim, esquecida?

O Lucas ficou decepcionadíssimo. Logo que terminou sugeriu que fôssemos andar. Nos despedimos da Helen e subimos até o alto de um morro para assistir ao pôr-do-sol.

Sentamos de frente para o horizonte. A vista era linda.

— Lucas? Eu preciso te falar uma coisa.

— Diga...

Olhei pra ele por alguns instantes e tentei colocar na minha cabeça que, acontecesse o que acontecesse, não estragaria tudo de bom que fora até ali. Mas fiquei aflita e comecei a me desculpar:

— Olha, talvez você não goste do que vai ouvir, talvez fique bravo por eu não ter contado antes, talvez não queira mais olhar na minha cara... Tudo bem, qualquer reação que você tiver, tudo bem... Ele passou a mão no meu cabelo:

— Ei, calma. Eu vou entender — e fez uma cara como se já soubesse o que eu iria dizer.

Mas eu sabia, qualquer coisa que ele imaginasse não era o que iria ouvir agora.

— Você sabe o que é HIV?

— Sei — ele disse, mas com um jeito de quem não estava entendendo o que aquilo tinha a ver com a gente.

— Pois é, eu tenho HIV, eu tenho o vírus da AIDS.

Ele ficou em silêncio, parado, me olhando. Eu queria alguma reação. Que berrasse, gritasse, me xingasse... Mas não, ficou estático, apático, só me olhando. Até que, lentamente, virou a face de novo pro horizonte e olhou pro infinito por alguns instantes. Depois fechou os olhos e baixou a cabeça. Pude ver uma lágrima escorrendo pelo seu rosto.

Fiquei desesperada.

— Calma, Lucas, também não é tão ruim assim. Eu nem tô morrendo ainda... quer dizer, talvez esteja, mas não foi você mesmo que me ensinou que a gente tinha que prestar atenção na vida, enquanto ela estivesse viva?

Ele tentava sorrir, mas balançava a cabeça inconformado. Por fim me abraçou. Mas me abraçou tão forte que chegou a me incomodar. Quando me largou eu disse:

— Ei, eu estou aqui ainda, viu? Ele ficou mais aliviado:

— Só agora eu te entendo. Às vezes eu ficava te olhando e não te entendia direito. Te achava diferente... Meu Deus... Como foi que aconteceu?

Contei tudo a ele, que ficou com o olhar perdido, triste. O sol já havia se posto, dando ao horizonte um tom cor-de-rosa e ao céu azul um toque melancólico. E eu tinha feito um amigo chorar. "Essa é a parte injusta da AIDS", pensei. "As pessoas me fazem feliz e eu as faço chorar." Demorou um tempo até que o Lucas se acostumasse com aquela história. Nos primeiros dias, não houve jeito de aquela melancolia passar. Mas depois ele acabou entendendo que melhor seria aproveitar os dias e continuar fazendo as coisas que a gente mais gostava.

"Vamos brincar de carpe diem eu dizia. "Lembra do arcadismo, das poesias arcádicas que exaltavam a vida no campo. E do movimento carpe diem que pregava que os homens deveriam

aproveitar cada dia como se fosse o único e ser feliz agora?”. E foi isso que fizemos.

12. MINHA TERRA TEM HORTÊNSIAS...

Na outra semana ocorreu a cerimônia de encerramento do curso. Mas, como nesse estágio eu só havia feito as aulas mais técnicas da manhã, não pegaria o diploma, já havia pego um certificado. Mesmo assim fui até lá pra prestigiar e despedir dos amigos que estavam de partida. Só que, quando estou distraída conversando com um pessoal, ouço o meu nome pelo microfone. Levei um susto. Olho pra mesa e lá está o professor Tim com um canudo na mão. Ele fez sinal com a cabeça para que eu me aproximasse. Cheguei perto e disse:

— Já peguei o certificado.

— Eu sei — ele respondeu —, mas fiz questão de te dar esse diploma em mãos. Parabéns!

Nunca entendi por que ele fez aquilo. Talvez porque, no fundo, soubesse que pra mim aquele simples curso tinha tido um valor especial. E esse pode ser o lado bom da AIDS, pensei, fazer com que eu saia do lugar-comum e consiga ver as coisas por um prisma diferente.

Me despedi também do pessoal do dormitório. A Alrica me deu um disco de reggae da banda de sua mãe e eu lhe deixei uma carta dizendo que havia aprendido muita coisa com ela e que sua voz era uma bênção, que ela nunca deixasse de cantar.

Levei também um cartão pro doctorGust, agradecendo tudo que ele fizera por mim. Contei a ele que tinha conseguido acabar o curso e ele ficou muito feliz. Perguntou como havia sido com a especialista e eu disse que tudo bem, não tinham achado nada no meu rim.

— E ela é legal? — ele perguntou.

— Dá pro gasto. Mas legal, legal mesmo aqui só tem você.

— Que é isso, Va..

— Verdade, doctor. Você é especial. Se eu pudesse, te levava pro Brasil.

— Ah, menina... Vê se se cuida, hein?

— Tá, vou me cuidar.

— E não se esqueça de continuar sorrindo sempre.

— Tá, vou me lembrar disso também.

Me mudei pra casa da Helen. No começo, tive um pouco de vergonha, me sentindo uma intrusa. Vergonha de abrir a geladeira quando tinha fome, vergonha de ligar a TV quando quisesse, mas depois acabei me acostumando, além do que ela me deixava bem à vontade.

Me matriculei também numa academia de ginástica. Agora que eu estava com todo o dia livre, seria bom poder fazer exercícios mais regularmente. Continuei estudando inglês por minha conta. Não sabia ao certo o que iria fazer dali pra frente. Antes de resolver qualquer coisa, precisava saber do resultado dos CD4.

As tardes, geralmente, eu saía com o Lucas. Aproveitamos bem aqueles dias. Conhecemos o Zôo de San Diego, considerado um dos melhores do mundo, fomos a outros parques, praias, cinemas, shows, restaurantes, museus. Tudo uma maravilha!

Certo dia, voltando desses passeios, paramos em casa. Comemos alguma coisa e depois nos sentamos à mesa para olhar um novo tarô que a Helen havia comprado. Diferente dos outros que eu conhecia, suas figuras eram lindíssimas, pareciam verdadeiras obras de arte.

O tarô de Aleister Crowley, "o espelho da alma". A gente continuava com aquela brincadeira de ler cartas de vez em vez e, quando juntávamos nós três, íamos até tarde rindo e jogando conversa fora. Mas nessa tarde a Helen não estava, o Lucas pediu então que eu lesse uma vez pra ele. Não que eu soubesse, mas tínhamos um livro que explicava o significado de cada carta. Por sinal, era um ótimo exercício de inglês, o vocabulário não era nada fácil. Ficamos lendo e conversando até que, meio do nada, falei:

— Sabe, Lucas, vou sentir muito a sua falta quando você for embora. É uma pena que a gente seja de lugares tão diferentes. Se eu pudesse, ia querer ficar pra sempre perto de você.

Pra quê? Na hora ele não falou nada, até fez uma cara de "é, é mesmo". Mas, no dia seguinte, chegou lá em casa feito louco, todo nervoso, dizendo que precisávamos conversar, que aquela situação não poderia ficar daquele jeito, que não era certo a gente se ver todo dia, toda hora. Me irritei:

— Então não aparece mais aqui, oras!

— Não é isso, você não entende.

— Não entendo mesmo. Se a gente é amigo, qual o problema de sair junto?

— Será que a gente é só amigo mesmo? Eu já não consigo ficar um dia sem te ver. No domingo, no cinema, a gente ficou o tempo todo de mãos dadas!

— Ah, que problemão, hein? No seu país os amigos não pegam na mão, é?

— Não é isso...

— Você está achando o quê, Lucas? Vamos falar inglês claro: que a gente vai acabar tendo um caso, é isso? Pois se for esse o problema, eu já te falei que não vou ter caso nenhum com você!

— Eu também não.

— Então, pronto, pra que esse estardalhaço?

— Você disse, outro dia, que gostava de mim...

— Ah, então não era pra gostar? Você é meu melhor amigo e eu não posso gostar de você?

Devo gostar de quem, então? De algum inimigo?

— O problema não é gostar, é o jeito de gostar.

— O problema agora é o jeito. O jeito! — eu já estava berrando.

— É isso, eu não sei mais de que jeito a gente está se gostando.

— Que mané jeito? Não existe essa de jeito. As pessoas se gostam e pronto!

— Meu Deus, existe uma diferença!

— Que diferença, droga!

— Eu não acredito que você não entenda...

— Não entendo mesmo! No começo você vivia dizendo que pras pessoas serem amigas de verdade, e olha que isso hoje em dia é raro, elas tinham que se entregar, confiar, gostar mesmo umas das outras. E agora que a gente chegou nesse nível você quer o quê? Voltar pra trás? Então tudo bem, daqui pra frente a gente vai ser amigo de bom-dia, boa-tarde, certo?

— Valéria...

— E já falei que meu nome não é Valéria. Se não sabe falar direito, não me chama. E quer saber do que mais? — fui até a entrada da casa e abri a porta. — Sai daqui!

Ele me olhou arrasado (não sei por quê, foi ele mesmo que arrumou a confusão toda) e saiu.

E eu ainda bati a porta com toda força. Que bosta! Por que é que as pessoas têm que complicar tudo?

Algumas horas mais tarde chegou a Helen. Me perguntou que cara era aquela e onde estava o Lucas. Conteí tudo.

— É, eu já vinha percebendo. Vocês estão numa situação complicada. Mas, afinal, você gosta dele de que jeito?

— Lá vem você também com essa história de jeito. Gostando, oras. Gosto de conversar com ele, gosto de subir montanhas, gosto de ficar perto dele.

— Só isso?

— Você acha só? Eu pensei que gostar de alguém assim já fosse uma grande coisa.

— Mas existe uma grande diferença.

— Que diferença, Helen?

— O sexo.

— Ah, grande merda!

— Valéria, sexo não é uma merda.

— Pra mim, é. Quer dizer... sei lá. Acho que eu esperava outra coisa. Não um, um "meu Deus, vamos ver estrelas no céu!". Eu só achava que, no mínimo, você devia se sentir perto, bem perto da pessoa com quem você estivesse transando. Mas não foi nada disso que aconteceu, muito pelo contrário, eu me senti extremamente sozinha. E sentir-se sozinha quando se está sozinha é ruim. Mas sentir-se sozinha quando se está com alguém é infinitamente pior.

— Só que isso aconteceu no passado. Não significa que vai acontecer sempre. Talvez um dia você ache alguém que te faça sentir de um outro jeito. E se essa pessoa for o Lucas?

— Sinceramente? Não acho. Tem muita confusão. Eu tenho AIDS...

— Camisinha existe pra quê?

— Não é só isso, ele é praticamente casado, a gente mora a milhões de quilômetros de distância e... e também nem sei se estaria preparada. Já fiz essa besteira de transar sem pensar direito e aprendi que as consequências podem ser catastróficas. E olha que

eu não estou falando só de AIDS e DST, não. Estou falando de uma coisa chamada sentimento.

Talvez um dia eu até mude de idéia. Mas, por enquanto, as coisas vão ficar do jeito que estão.

A conversa parou por aí. E caso você esteja pensando agora "Oh, ela renunciou aos prazeres da carne!", pode ir parando que não é nada disso. É só que eu sempre achei que uma relação sexual deveria ter um motivo especial. Afinal, orgasmo só por orgasmo, eu faço muito bem sozinha. Aliás, antes de continuar essa história, deixe-me contar uma coisinha.

Quando eu tinha uns quatro ou cinco anos, comecei a fazer uma coisa. Ninguém havia me ensinado não. Nem sei como eu tinha descoberto. Só fazia e pronto. Era o meu segredo.

Não tinha hora certa pra acontecer. Qualquer hora era hora. Era só estar assim, meio de bobeira. Cruzava as pernas e apertava bem forte. Tão forte, tão forte, até que de repente eu alcançava uma luz. E essa luz passava por todo meu corpo. Era tão intensa que me fazia tremer. E quando acabava, eu ficava cansada, mas feliz.

É lógico que eu nem desconfiava do que se tratava. Só sabia que era bom. Muito bom. Era mágico. Era isso! — aquilo era a chave pra quando eu crescesse eu virar a Jeany é um gênio.

Alguns adultos, entretanto, começaram a me dar bronca: "Para de fazer isso menina. Que coisa mais feia!". Não entendia por que era feio. Será que eles não enxergavam a luz? Ou não conseguiam ver sua beleza?

Certa vez, minha mãe chegou a dizer que "aquilo" era nojento. E o meu pai, quando minha irmãzinha perguntou o que eu fazia, muito atrapalhado, explicou: "É como a Tiquinha faz quando brinca com as almofadas". Tiquinha era a nossa cachorra. Legal, agora eu era igual a um cachorro. Chamei a vira-índia para um papo cabeça: "E aí, Tiquinha, o que é isso que a gente faz?". A cadelinha não respondeu e eu continuei sem saber. O jeito, então, foi parar de fazer. Na frente dos outros, é claro.

Lá pelos doze anos quase descobri. Estava brincando na casa de uma amiga, quando umas gurias mais velhas soltaram a palavra masturbação. "O que é isso?", perguntei à minha amiga, que

também não sabia. Corremos então para o dicionário. Mama, mas, masturbação: "ato de fricção". "Ah? Você entendeu? Não? Nem eu, deixa pra lá, bora brincar." com catorze anos, numa feira de ciências, levamos nosso coelho Pafúncio, lindo, enorme, fofo, todo branco de nariz cor-de-rosa pra ficar algumas horas exposto. Mas não é que colocaram sua gaiola bem vizinha à gaiola de uma senhorita coelha? Pronto, o bicho ficou doidão. E a garotada em alvoroço. Os guris gritavam: "Vai lá, Pafúncio, bate uma, mostra que tu é macho que nem a gente, se masturba aí, mano velho".

Foi aí que me liguei, se masturbar, "bater uma". Era quilo que o Pafúncio, a Tiquinha, eu e pelo jeito o colégio inteiro fazia. Mas por que será que os meninos podiam e até se vangloriavam, enquanto nós, meninas, levávamos bronca? Será que mulher não podia fazer aquilo? Será que eu era doente?

Pra complicar as coisas, durante toda a adolescência, nenhuma amiga tocou naquele assunto. Tabu entre garotas. E eu, pobrezinha, continuei a achar que era meio pinéu. Só fui me dar conta da normalidade da situação quando comecei a fazer terapia. "Mas isso é a coisa mais normal do mundo", a dra. Sylvia me explicou um dia. Gente, sejamos coerentes, masturbação é natural, é bom e é segura. Deixemos nossas crianças e adolescentes se masturbarem à vontade (ainda que seja escondido no quarto).

E que todos nós encontremos a luz! Voltando à história...

No dia seguinte àquela discussão, tínhamos um concerto marcado. Estava tão puta que pensei em não ir. Mas imagine só se eu deixaria de ir a um concerto, ainda mais de violino, que eu adoro, só por causa do Lucas.

A Helen ficou de me encontrar às oito. Coloquei uma blusa preta fina, um sapato, uma calça jeans, o cabelo lisinho arrumadinho, um batom e está ótimo. Ótimo? Há! há! há! como é que eu nem lembrei que as pessoas costumavam ir a concertos de plumas e paetês?

No começo, quando cheguei ao teatro e vi aquilo, quis fazer um buraco e entrar dentro.

Mas, pensando bem, concerto é pra gente ouvir música ou é pra peruada desfilar seus falsos brilhos? Empinei o nariz e saí andando. E o mais cômico de tudo é que, certamente, eu estava chamando

muito mais atenção ali do que qualquer uma daquelas velhas árvores de Natal”.

Ainda bem que a Helen também estava mais normal. O Lucas? Nem reparei. Só olhei pra cara dele e disse um formal: “Boa noite, como vai?” Puxa, às vezes eu sou tão infantil que até dói. Na hora de nos sentarmos, a engraçadinha da Helen entrou primeiro na fileira, fazendo com que eu fosse obrigada a me sentar bem ao lado dele. Mas nem por isso perdi a pose. Continuei tratando-o como se fosse um mero conhecido.

O concerto foi maravilhoso. A j palia e os outros músicos tocavam lindamente. O som dos violinos enchendo todo o ambiente e nossas almas. Ah, as Quatro estações de Vivaldi. Deus devia estar muito inspirado quando inventou a música. Quando inventou qualquer forma de arte, o teatro, a pintura, a literatura. Muito mais inspirado do que quando inventou o amor.

O Lucas deve ter sentido a burrada que havia feito, pois no dia seguinte ao concerto me ligou pedindo desculpas, dizendo que as coisas não precisavam ser daquele jeito. Nós até saímos mais algumas vezes juntos. Subimos mais montanhas, conversamos em outros bares, mas nunca mais foi a mesma coisa.

Um pouco antes do Natal, ele foi lá em casa. Estava indo viajar por duas semanas. Me levou um presente e se despediu dizendo que voltaria pra me ver depois do Ano-Novo. Mas eu sabia que aquela seria a última vez que nos veríamos.

Em meados de novembro ficou pronto o resultado do meu CD4 e tinham subido para 450.

Milagre? Diferença de laboratório? Coincidência? Não sei. Só o que me importava era que eu poderia ficar até o final do ano. com isso, entretanto, surgiu um novo problema. Fazer o quê?

O curso de inglês eu já havia terminado, o próximo passo seria a universidade. Vestibular lá não existe, eu só teria que prestar TOEFL, um exame de inglês pra quem é estrangeiro.

Mas, mesmo se passasse, ainda tinha aquele velho problema: o tempo. Eu já estava com AIDS havia sete anos, sete anos! Não existia registros de gente que tinha ido muito além disso. No máximo uns onze, estourando doze anos. Mais uma vez dificilmente

conseguiria terminar uma faculdade e, ainda que terminasse, não daria tempo de exercer droga de profissão nenhuma. Em todo caso, a Helen insistiu que eu prestasse o exame e eu acabei me inscrevendo.

Nesse tempo, também surgiram outras questões. O dinheiro que eu tinha guardado não daria pra mais muito tempo. Pensei em procurar outro emprego, cheguei até a fazer ficha em alguns lugares, mas o problema agora era que o meu visto era de turista e trabalhar seria ilegal. E eu nem estava a fim de viver ilegalmente. Se voltasse pro Brasil, o que eu faria por lá? Não queria mais trabalhar pro meu pai, não sei se teria pique de retomar o teatro.

Poderia, talvez, arrumar algum emprego com meu inglês, dar aula pra crianças, fazer tradução... Mas não podia me esquecer que, se alguém descobrisse que eu estava com AIDS, corria sério risco de ser mandada embora. Que neuras! Acho que era melhor ficar lá pelos EUA, pelo menos o preconceito era um pouco menor. Mas e se eu ficasse doente?

Me senti completamente perdida. Como se estivesse numa mata fechada, sem trilhas, sem mapas, sem ninguém pra seguir. Sem ao menos ter certeza que havia mesmo algum lugar pra ir. Procurei então um livro. Não um que falasse de remédios, tratamentos, ou a cura pelo suco de laranja. Mas um livro que falasse de gente. Uma coisa simples, que contasse como era o dia-a-dia de uma pessoa com AIDS, o que fazia, o que pensava, o que esperava.

Mas não achei nenhum. Caramba. Será que ninguém podia fazer o favor de escrever um livro desses?

Até que surgiu uma sorte enorme. A Helen ganhou num sorteio duas passagens de avião e estada num hotel para um fim de semana em São Francisco. Como lá ela tinha um amigo que havia cuidado de um primo que tinha morrido de AIDS, ela me convidou pra ir com ela. Ótima idéia, adoraria conversar com ele e conhecer a cidade, que aliás era tida como a capital da AIDS.

O Greg, seu amigo, estava nos esperando no aeroporto. Lembro que eu estava ansiosa por conhecê-lo. A Helen havia me dito que ele era um cara que não jogava as regras da sociedade. Apesar de ser formado (os dois haviam feito faculdade juntos), ele só vivia de

bicos, às vezes trabalhava de cozinheiro num restaurante, noutras ajudando num escritório, noutras saía viajando pelo mundo.

Eu o achei simpático. Tinha os olhos imensamente azuis e um sorriso de criança. Só andava de jeans velho e um lenço azul-claro na cabeça. No primeiro dia, fomos até sua casa. Fiquei encantada com os janelões imensos que ocupavam a parede e iam até o teto, iluminando bem a sala, característicos de lá. À tarde, demos uma volta pela cidade. Linda! Muitas casas, flores, subidas e mais descidas, pontes, o mar, o píer, a ilha de Alcatraz. O pessoal também muito interessante, hippies, gays, punks, intelectuais. A vida cultural de lá parecia ser bem intensa.

No segundo dia, a Helen contou ao Greg que eu tinha AIDS. Conversamos um bocado, mas ele achou melhor me levar pra conversar com a Anne, uma terapeuta corporal que trabalhava muitos anos com pessoas já doentes.

Fomos até seu consultório à noite. O Greg nos apresentou dizendo a ela que eu já vivia com aquilo fazia tempo mas, como vinha de um país onde as pessoas não gostam nem de tocar no assunto, queria mais informações sobre a doença. Entramos eu e a Helen em sua sala. A Anne se sentou à minha frente. Era uma mulher pequena de olhar sábio.

— Bem, Valéria, o que mais gostaria agora era olhar pra você e dizer que as coisas não são tão ruins assim. Mas, infelizmente, não posso. Ficar doente de AIDS é, hoje em dia, uma das coisas mais difíceis que já vi. Fora a doença em si, ainda existe muito preconceito e, em alguns casos, até abandono. Tive muitos pacientes que morreram sozinhos em hospitais ou casas de apoio sem a visita de um parente, nem sequer de um amigo. Alguém na sua família já sabe?

— Meus pais e alguns tios.

— E eles estariam dispostos a cuidar de você quando ficar doente?

— Acho que sim.

— Isso já é de grande ajuda. Vamos então ao resto. Você deve ter ouvido por aí que depois de desenvolvida a doença, a pessoa inevitavelmente morre. Em alguns lugares é assim mesmo. Há países subdesenvolvidos em que entre contrair o vírus, adoecer e

morrer não leva mais de um ano. Nos mais desenvolvidos, porém, existem casos que passaram dos dez.

A gente nunca sabe quanto tempo uma pessoa terá, e os remédios de hoje em dia não funcionam por muito tempo. Mas o que quero que fique bem claro é que já existem pessoas que ficaram doentes, chegando à fase terminal, como se diz, mas ainda assim conseguiram se recuperar e viveram mais uns anos. Tenho pacientes que já ficaram mal duas, três vezes e continuam lutando. É difícil, as infecções oportunistas são duras, o tratamento é muito caro e, às vezes, os efeitos colaterais piores ainda. Mas alguns deles continuam firmes.

Você não imagina a garra dessas pessoas: são verdadeiros guerreiros. Talvez alguns alcancem novos tratamentos, quem sabe até a cura, outros infelizmente não, morrerão antes.

Aliás, todos nós morreremos um dia, o resto da sociedade é que parece que se esqueceu disso. Você só tem, então, duas opções: quando adoecer, sentar e esperar morrer, ou acreditar em alguma coisa e continuar lutando. Certamente essa segunda é bem mais difícil e exige muita força. E eu não te conheço, mas só pelo fato de ter chegado até mim, vindo buscar informação de tão longe, eu aposto que seja do segundo time. — Para ajudar — continuou ela — existem os grupos de apoio. Aqui nos EUA já está mais do que provado que essas reuniões, onde você conversa com pessoas que estão na mesma situação, ajuda, e muito. Lá você vai trocar informações sobre doenças, tratamentos, dicas de nutrição, dicas para se proteger de infecções. E o melhor, vai ter apoio e conforto dos outros. Inclusive, é aconselhável que você faça algum trabalho voluntário na área, numa ONG (Organização Não-Governamental), por exemplo.

Se envolva de perto com a causa, com as pessoas. Ficar vendo tudo só pela televisão, na maioria das vezes, dá uma idéia errada.

— Outra coisa, você tem um plano de saúde que cobre despesas de AIDS? Como já disse, o tratamento é caríssimo.

— Tenho.

— E médico? Um especialista de sua confiança, com quem você se sinta à vontade para fazer perguntas, trocar idéias?

— Pra falar a verdade, não.

— Pois trate de arrumar, vai precisar. E só mais uma coisa: faça planos, pense grande, tenha objetivos. Por outro lado, viva cada dia como se fosse o único, faça tudo o que quer fazer, sem deixar nada pra depois. Curta ao máximo sua vida e seja feliz agora.

— Carpe diem, né? Tô sabendo.

— Então é isso, Valéria. Eu espero ter contribuído para alguma coisa.

Ela ainda me deu um livro de um médico, com quem trabalhava, que falava sobre o assunto. Agradei. Nos despedimos e eu e a Helen voltamos a pé pro hotel.

A noite estava limpa, mas fria. Nós duas saímos meio atordoadas de lá. Acho que, no fundo, esperávamos alguém que fosse passar a mão na minha cabeça e dizer que não era tão difícil assim, mas fora exatamente o contrário. Parecia que eu tinha dado um mergulho numa piscina certa de que a água fosse aquecida. Mas, depois de mergulhar, o choque: a água estava gelada. Se eu iria me afogar, ou me acostumar e sair nadando, só o tempo diria.

Continuamos as duas andando, num profundo silêncio, pelas ruas de São Francisco. Me lembrei mais uma vez do solitário urso-branco do zoológico do Central Park. Ele debaixo da água, mergulhado naquela piscina, me olhando através do vidro. Aquela água deveria estar bem gelada.

Já próximo do hotel, a Helen sugeriu que parássemos em um restaurante. Era tarde e ainda não havíamos jantado. Entramos e pedimos algo pra comer. Quando o garçom se afastou ela disse:

— Será que foi uma boa idéia ter te trazido aqui?

— Claro, Helen, pra ser sincera, foi um soco no estômago. Mas é melhor saber da verdade do que ficar fingindo que nunca vai acontecer nada. Já estava com o saco cheio dessa situação, tudo muito intocável, parece que todo mundo quer me enfiar embaixo do tapete.

Eu tenho AIDS, caramba, o que é que eu posso fazer? E você foi a primeira pessoa que me fez ver isso de frente. Agora pelo menos eu posso fazer alguma coisa. Foi de muita ajuda você ter me trazido aqui. De muita ajuda mesmo!

E ela continuou me ajudando muito mais. Assim que voltamos a San Diego, começamos a cuidar melhor da alimentação. Comida mais natural e integral, frutas e verduras orgânicas, sem agrotóxicos.

Fui também a um grupo de apoio específico para mulheres. Lembro que, pela primeira vez, eu conheci, ao vivo, outras pessoas com AIDS. E, para minha surpresa, elas eram normais.

Que ridículo isso! É claro que elas eram normais, assim como eu também era normal. Não sei por que as pessoas insistem nessa idéia de que pessoas com AIDS são andróides. Conversamos bastante durante a reunião. Me fez bem. Era o começo do fim do ostracismo.

Numa outra ocasião, cruzei com um cara já bastante doente. Ele tinha sarcoma de Kaposi por todo o corpo e dificuldade para andar e enxergar. Estava falando com um advogado, entrando na Justiça por ter tido problema no trabalho. Não consegui entender aquilo. O cara quase morrendo, mas lá lutando. Por quê?

— Talvez porque ele saiba que atrás dele tem muita gente. Mesmo que ele morra, outros virão. E se ninguém começar a lutar pelos seus direitos, essa situação não mudará nunca.

Escrevi para meus pais contando tudo o que havia aprendido naqueles dias. Era uma tentativa de educá-los. Chega desse silêncio ignorante!

Devem ter recebido bem, pois quando liguei de novo pro meu pai, dizendo que estava querendo ficar lá por um bom tempo, ele concordou. Ainda disse que seus negócios estavam indo bem e, mesmo que meu dinheiro acabasse, ele poderia me mandar mais.

O final do ano estava chegando e, com ele, o inverno. Eu havia desistido daquela idéia de passar o Natal com a tia Dete na Filadélfia. Lá o frio estava de lascar, uns vinte abaixo de zero. Eu não estava acostumada com aquilo e podia aumentar o risco de contrair alguma doença. Combinei com ela que iria depois, noutra ocasião. com isso, porém, meus planos de ver neve foram por água abaixo.

— Nada disso — disse a Helen —, você não queria tanto?

— Queria, mas onde é que eu vou arrumar neve aqui na Califórnia?

— Existe um lugar a umas quatro horas daqui. Nas montanhas. A gente podia passar um fim de semana lá. Já tinha pensado em levar o Thomas pra algum lugar nessas férias. Que tal?

— Você tá falando sério?

— Olha, só não posso garantir que esteja nevando quando formos. Mas, com certeza, já nevou e a montanha estará repleta de neve.

Fomos de carro, um caminho muito bonito e, conforme íamos chegando à parte mais alta, os primeiros sinais de neve. Um amontoado aqui, outro mais ali. Mais à frente, o telhado de uma casa todo branco, e mais outro, e mais outro. A cidadezinha era uma gracinha. A nossa pousada ficava afastada do centro, na parte mais alta. Estava tudo branco por ali e o sol, ainda que fraco, refletia na neve, deixando tudo mais claro ainda. Assim que a Helen estacionou o carro, eu e o Thomas saímos correndo e nos jogamos no primeiro monte.

— Neve! Neve! Neve!!!

Ficamos jogando pra cima, atirando um no outro, fizemos um boneco e o Thomas me ensinou a deitar e a fazer um anjinho desenhado com o próprio corpo no chão. Como era macio! E como era gelado! Mesmo de luva não demorou muito tempo para que eu não sentisse mais as mãos.

Nosso chalé era fofo, tinha lareira e tudo. Mas assim que deixamos as coisas lá dentro, fomos dar uma volta na floresta que existia bem em frente e estava toda branca. Acho que não tem palavras pra descrever o que eu senti andando no meio daquilo tudo. Você já realizou algum sonho? Então realize, e vai saber do que eu estou falando.

Quando voltamos pra San Diego continuei com a rotina, ginástica de manhã, estudava à tarde por minha conta e à noite ficava em casa com a Helen. Ela estava me ensinando os significados das figuras bonitas e intrigantes do tarô. Nos fins de semana fazíamos trilha, pegávamos um cinema, um bar...

Era legal aquele estilo de vida americano, cada um que limpe sua casa, que recicle seu lixo, que cuide de seu meio ambiente.

Logo chegou o TOEFL, fiz a prova numa boa. Mas o resultado só sairia no final de janeiro.

Mesmo se passasse, só poderia entrar numa universidade em setembro. Até lá o que fazer?

Pra complicar, a Helen andava com planos de mudar de emprego e de cidade. Fiquei imaginando eu morando em San Diego sozinha, nada agradável.

Nesse tempo li o livro do médico que a Anne havia me dado. Dava dicas de alimentação, falava de infecções e de tratamentos. Mas o que mais me chamou a atenção foi o jeito que o tal doutor se referia a seus pacientes: como gente. Não como meros risquinhos na escala de um gráfico. Pensei em ir a São Francisco, me consultar com ele no início do próximo ano.

Era uma idéia.

Uns dias antes do Natal, entretanto, comecei a ter febre alta. Logo de cara não dei bola, achei que era coisa comum do HIV, mas a febre persistiu, sempre à noite. E uns dias depois, tomando banho, senti uns carocinhos aumentados no pescoço. Marquei uma consulta com a especialista lá mesmo de San Diego. Ela me pediu uns exames que ficariam prontos depois do Ano-Novo.

O Natal chegou. A Helen foi pra casa de sua mãe. Me convidou, mas eu não quis ir. Não conhecia muito bem o pessoal de lá e também queria ficar em casa pensando. Isso é noite pra se ficar em casa pensando?

Assim que eles saíram, fechei a porta e apaguei a luz. Só ficaram as luzinhas da árvore de Natal. Fiquei um tempo olhando pra ela, bem bonita. Os americanos têm um jeito legal de enfeitar suas árvores.

Andei pela sala: que silêncio, que escuridão. Acendi uma velinha com cheiro de baunilha.

Essas velas são uma delícia. Fui com ela até a cozinha. Nas paredes a Helen havia pregado vários desenhos que o Thomas tinha feito na escola. Um costume legal de lá, a criança fica super orgulhosa. Num, um sol enorme, noutro um arco-íris, noutro um menino e sua mãe. A psicologia diz que se pode dizer muito sobre uma criança através de seus desenhos.

Vai ver que é por isso que, quando crescem, os adultos param de pintar.

Andei até a sala novamente e me sentei à mesa. "O que será que meu pai deve estar fazendo nessa noite de Natal? No mínimo alguma palhaçada. Arrotando alto, por exemplo, pra minha avó morrer de vergonha. O tio Dure deve estar se esbaldando com o Felipe cachorro pela sala, a tia Ciça deve ter chegado com aquele arroz maravilhoso. Minha mãe deve estar em Manaus com meus tios, minha outra avó em Corumbá com meus primos e a outra parte da família toda reunida no Rio de Janeiro, lá sempre junta um monte de gente... e eu aqui, sozinha."

Comecei a me perguntar se era aquilo mesmo que eu queria para os próximos meses, para os próximos anos, para o resto da vida.

Apaguei a vela e fui dormir.

Nos dias seguintes, tudo de novo. Acordava cedo, comia muito bem, aveia, leite, granola, frutas, iogurte. Ia pra ginástica ou andava no imenso campo gramado. Dava três, quatro voltas, me sentindo super bem. Mas, lá pelas cinco, seis horas da tarde, não tinha jeito, a febre. Cada dia mais forte, 38, 39 graus, parecia que ia cozinhar minha cabeça. Acordava toda suada, mas tomava um banho e me sentia novinha. Pensava até que a noite anterior tinha sido só um pesadelo. Voltava pro campo gramado, dava duas, três voltas. "Eu não vou ficar doente, eu não posso ficar doente, nem um médico especialista de quem eu goste muito eu arranjei ainda." Mas à noite...

O Ano-Novo foi pior. Dessa vez, nem se eu quisesse iria sair com aquela febre toda. E de qualquer jeito não via graça de Ano-Novo com frio. Estava acostumada a ir à praia ver fogos, usar roupa branca, leve, ficar descalça à meia-noite para dar sorte. Mas lá não, aquele tempo fechado, nublado. Me lembrei também que dentro de pouco tempo chegaria o Carnaval. Já pensou eu num país que não tem Carnaval? E o tuiuí do pantanal? Um banho de mar nas praias do Nordeste? Um passeio de barco no rio Amazonas? As hortênsias do jardim do meu prédio?

"Minha terra tem hortênsias onde canta o sabiá i As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá."

No dia seguinte peguei o telefone:

— Pai, vou voltar pra casa.

— O que aconteceu?

— Nada. Só quero voltar.

— Tá bom, filha. Faça como quiser. E a passagem?

Como achei que não ia mais usar a passagem, que era válida só por seis meses, tinha mandado pra ele levar na companhia aérea e ver se trocava ou pegava algum reembolso.

— Me manda de volta. Mas manda logo que a validade vai até o dia 9, domingo, e é o último dia que eu posso usar.

— Vai dar tempo de chegar aí?

— Vai. Manda por sedex, chega em dois dias.

Na terça, voltei à médica. De novo não tinham conseguido achar nada nos meus exames.

— Vai ver não é nada — eu disse —, é só uma febre de HIV.

— Não. Essa febre está muito alta. Você deve estar com alguma infecção. Vamos ter que checar seu rim novamente. Vou pedir outro ultrassom.

— Eu resolvi voltar pro Brasil. Vou embora domingo.

— Certo. Então não temos tempo de fazer mais nada aqui. Mas assim que chegar lá procure um médico — ela me deu um relatório de todo meu histórico e os exames que havia feito por lá. — Dê isso a ele.

— Tá, obrigada.

Quarta-feira passei o dia em casa esperando o correio chegar: nada. Quinta-feira: nada.

Sexta: nada. No final da tarde já estava desesperada. Merda! Que merda! Não vai dar tempo dessa porra chegar! Por que é que eu sempre resolvo tudo em cima da hora?! Eu vou perder esse avião... meu pai vai me matar! To fodida!

Nessas ouço um barulho, olho pela janela, um caminhão: Federal Expres. Saí correndo e abri a porta. Um homem vinha na minha direção com um envelope na mão.

— Isso aí é pra mim, moço?

— Você é a Vale...?

— É, sou eu mesma! — disse arrancando o envelope das mãos dele. Vi o remetente: meu pai. — Olha, moço, obrigada, obrigada, mesmo! Pensei que o senhor não vinha mais. Pera só um minutinho aí, tá? — Corri no meu quarto pra procurar algo pra dar a ele: um chocolate suíço, é isso! — Olha, isso aqui é pra você.

— Pra mim? Nossa, obrigado! Puxa, em vinte anos de correio nunca vi alguém ficar tão feliz por receber uma encomenda.

Não me leve a mal, não, mas o que é que tem aí dentro?

— Uma passagem, uma passagem de volta pra minha casa!

No domingo, a Helen me levou ao aeroporto. Eu já havia explicado a ela o porquê daquela decisão. E ela tinha entendido.

— Se cuida, tá? Procure um médico e tente dar continuidade às coisas que estava fazendo aqui. Não se esqueça de meditar bastante e, se precisar, use as cartas — ela havia me dado de presente um tarô igual ao dela.

— Obrigada por tudo. E faz força pra ir pra lá no Carnaval.

— Tá, vou fazer. Boa viagem!

A viagem em si não foi muito boa, não. Queimei de febre a noite toda. Tomei um Tylenol pra abaixar mas, como sempre, suave mais ainda e me dava um mal-estar terrível. A sorte foi que o avião não estava muito cheio, pude pegar três poltronas só pra mim e deitar.

13. EU SOU GENTE!

Brasil, janeiro de 1994.

No dia seguinte cedo, cheguei ao aeroporto, peguei as malas e fui para o saguão. Mas meu pai não estava lá. Caramba, será que ele tinha esquecido de vir me pegar? Pensei em ligar pra casa. Não tinha ficha. Não tinha dinheiro pra comprar. Pra falar a verdade, não sabia direito nem qual era a nova moeda do país. Podia pedir uma ficha pra alguém, podia ligar a cobrar, mas estava tão cansada que encostei o carrinho com as malas no canto e me sentei.

Estava tonta outra vez. Era melhor esperar um pouco. Tive medo de desmaiar e roubarem minhas coisas. Eu devia era pedir ajuda pra uma daquelas pessoas passando por ali. Mas também não tinha mais forças. Fiquei quieta, sentada, atordoada em meio àquele tumulto de aeroporto.

De repente, meu pai apareceu no meio daquele gentaréu. Veio se aproximando. Estava com uma cara de quem viu um fantasma.

— Minha filha?! — Pelo jeito o fantasma era eu. — Aconteceu alguma coisa?! O que é que você está fazendo aí? Eu fui pro portão errado.

Me levantei.

— Tava te esperando — que bom que ele tinha chegado. Que bom que ele tinha vindo me pegar!

— Você tá magra, hein? Tá pesando quanto?

Isso! Viva meu pai! Fazia seis meses que eu não o via, louca por um abraço e um beijo, mas em vez disso ele pergunta quanto é que eu estou pesando. E como se não bastasse:

— Você está amarela! Você já viu sua cor? Não tinha espelho na sua casa, não?

Faz de conta que eu não ouvi nada disso. Vamos começar tudo de novo. Dei um beijo nele.

— Oi pai! Tudo bom?!

Ele pegou o carrinho com as malas e fomos em direção ao carro. Foi me contando como estava e como ia tudo por lá. Para dizer a verdade, ele reclamou muito:

— O país está uma merda — ele dizia —, não sei aonde vamos parar. — Depois começou a reclamar da minha irmã, da minha mãe. E eu já começava a me arrepender de ter voltado.

— Vai ao médico quando? — ele perguntou.

— Amanhã— Vamos lá no dr. Infectologista?

— Nem ferrando!

— Minha filha, larga de ser turrona, ele é o melhor infectologista do país.

— Melhor infectologista ele pode até ser, pena que não entenda de gente.

— E vai fazer o quê, então?

— Sei lá. Acho que vou no dr. Homeopatia.

— Homeopatia não serve para essas coisas.

— Tá pai, amanhã eu penso.

Ele continuou falando na minha orelha, mas eu já nem prestava atenção. Ficava só olhando pela janela. Agora estávamos passando pela Marginal, o rio Tietê, carro de marcas conhecidas, placas escritas em português, gente falando minha língua. Eu estava em casa.

Minha avó me recebeu com o mesmo carinho de sempre. Me abraçou demoradamente, me beijou e perguntou o que eu queria comer.

— Nada, vó, obrigada. Agora só quero dormir.

Fui direto pro meu quarto. Olhei na estante: meus livros. Abri a janela, lá estava ela, minha árvore. Maravilhosa, imensa, majestosa. Tão alta que alcançava o 6º andar do meu apartamento e ficava ali, sempre na minha janela, como se estivesse me protegendo.

Olhei também para a área da piscina, lá do outro lado, o jardim estava repleto de hortênsias azuis. Olhei para as ruas calmas do bairro, só casas, muitas árvores e flores coloridas.

Fechei a janela e dormi tranquila.

No dia seguinte, fui com meu pai ao dr. Homeopatia, que me pediu uns exames. Quando ficaram prontos levei até lá. Ele concluiu que eu deveria estar com alguma infecção, apesar de não conseguir descobrir exatamente qual era. Me receitou, então, dois antibióticos,

pois, em sua opinião, tratar infecção só com homeopatia não resolveria.

Meu pai estava com uma viagem marcada pra dali a dois dias. Pensou em cancelá-la, mas eu insisti que não. Afinal, eu já estava medicada e não haveria mais nada que ele pudesse fazer. Só me restava repousar e tomar os remédios e dentro de uma semana já estaria melhor.

Ele foi e eu fiquei em casa com minha avó cuidando de mim. Mas algo parecia estar errado.

A cada dia, eu me sentia mais fraca, mais cansada, já não conseguia andar direito, já não estava comendo quase nada e, no final da tarde, infalivelmente, aquela febre de 38, 39 graus.

Eu já havia falado com minha mãe depois que chegara. Mas naquele dia, quando acordei, minha avó me deu o recado de que ela havia ligado duas vezes. Liguei, então, para Manaus.

Minha irmã, que estava lá passando as férias, atendeu. Conversamos um pouco e eu perguntei pela mãe.

— Ela saiu, disse que iria comprar passagem.

— Passagem pra onde?

— Peraí. Ela disse que quer te ver.

— Ah. Meu Deus, fala pra ela que não precisa vir, que eu estou ótima!

Nesse exato momento a porta do meu quarto se abre:

— Minha filha, que saudades!

— Pode deixar — aviso pra minha irmã —, ela já está aqui. Desligo o telefone e vou falar com ela.

— Mãe, o que você tá fazendo aqui?

— Ah, liguei pro dr. Homeopatia, ele disse que seu caso era grave, achei melhor vir.

— Legal o dr. Homeopatia, hein? A ética dele, ele enfiou onde?

— Fui eu quem ligou! Eu estava preocupada. Você sempre esconde as coisas de mim.

— Não tô escondendo nada. Só não acho que era o caso de você pegar um avião e baixar aqui.

À tarde, fomos ao dr. Homeopatia novamente, que, depois de me examinar, concluiu que os antibióticos não estavam resolvendo nada,

eu provavelmente estava com algo mais sério, só que ele não sabia o quê. — Você deve procurar um infectologista — disse. Boa essa homeopatia, né? Na hora de vamos ver, mandam a gente pra medicina tradicional.

Saí de lá me sentindo abandonada. Eu estava sem nenhum médico de novo. Quando entramos no carro, minha mãe começou:

— Vamos pro consultório do dr. Infectologista.

— Não! Nele eu não volto nem morta.

— Meu Deus do céu, será que você não está percebendo a situação?!

— Mãe, não começa a berrar, tá? Vamos pra casa, lá eu penso.

Chegando em casa ela foi pegar sua agenda.

— Tá fazendo o quê?

— Vou ligar pra alguns conhecidos e pedir a indicação de outro especialista.

Outro especialista? Imaginei a situação. Eu indo ao consultório de mais um médico, e começar tudo do zero, explicar tudo, contar a história inteira. Fora as perguntas: "com quantas pessoas você transou? Já usou drogas? E sexo anal, já fez?". Não, não e não! Não aguento mais isso.

— Não quero outro especialista! — berrei.

— bom, minha filha, você tem dois segundos pra decidir. Ou eu vou tratar de achar outro médico, ou nós vamos ao dr. Infectologista.

Pensei. Bem, merda por merda, pelo menos o dr. Infecto eu já conhecia.

— Tá bom, vai, liga pró dr. Infecto — mas já era tarde, fiz figas para que ele não estivesse no consultório. Ela pegou o telefone. Começou a discar, alguém atendeu. — Ele nem vai lembrar quem sou eu.

— Quieta.

— Alô, dr. Infectologista? Oi, tudo bem? Aqui é a mãe da Valéria, e eu tô ligando porque ela não está nada bem.

Eu acho que ela precisa ser internada urgentemente. ãã... sei... sei... — Ela tapou o bocal do telefone e me perguntou:

— Você quer ir pro hospital Albert Einstein ou pro Oswaldo Cruz?

— O quê? Vai me internar assim, por telefone?

— Einstein ou Oswaldo Cruz?

— Einstein, droga — eu tinha parente que já havia ficado lá, além de ser mais perto de casa.

— Tudo bem, então estamos indo pra lá — ela disse desligando o telefone. — Pronto, tudo resolvido.

— Ele sabia quem eu era, por um acaso?

— Lógico.

— Ele está indo pra lá?

— Não. Vai mandar um assistente.

Ainda bem, pensei. Assim não precisaria olhar pra cara dele.

Nessas, meu tio Dure, irmão do meu pai, vem chegando em casa. Minha mãe lhe diz que estamos indo pro hospital e ele se oferece para nos levar. Não só nos levou como também entrou conosco na sala de espera. Enquanto minha mãe foi avisar a recepcionista que eu havia chegado, sentei-me ao seu lado. Ele passou a mão na minha cabeça:

— Você está fraquinha, né, Preta? Mas logo, logo vai sarar. É só tomar um sorinho e pronto.

Você quer saber como é meu tio? Imagine a pessoa mais fofa do mundo. Fiquei lembrando de quando era pequena e ele me levava ao Playcenter. Montanha-russa era de praxe, até o dia em que apareceu o looping.

— Esse aí são duas voltas de cabeça pra baixo. Você tem certeza de que quer ir?

— Tenho, tio! — e apertava minha mãozinha dentro da mãozona dele. O coração disparado.

— Não tá com medo?

— Nem um pouco.

Fomos uma, duas vezes e era a maior farrá. Minha tia costumava dizer que ele era mais infantil que eu e minha irmã juntas.

E agora ele me trazendo pro hospital, e nem desconfiava que eu tinha AIDS.

— É tio, logo, logo eu saro...

Já havia lido muitos artigos nos EUA que discutiam qual era a melhor hora para se contar.

Não existe a melhor, cada um sabe a sua. Mas a pior hora certamente seria aquela.

— Tio, quando eu for falar com o médico você espera aqui, tá?
Por falar em médico, como seria esse agora?

Minha mãe me chamou, avisaram que ele já havia chegado. Fui com ela até seu consultório.

Era um cara novo. Cabelos claros, olhos claros. Só me faltava isso. Será que ele era parente do dr. Infectologista? Perguntei. Ele respondeu que não. Que era só assistente. Bem, menos mal.

Sentamos à sua mesa. Dei uma rápida explicação sobre o que estava acontecendo e lhe entreguei o relatório que trouxe dos EUA. Ele começou a ler. Ótimo, assim eu não precisaria falar nada.

Enquanto ele lia fiquei olhando pra sua cara. Tinha cara de gente boa. Boa demais pra um médico. Era isso, vai ver que nem tinha terminado a faculdade ainda.

— É... você já é infectologista? — perguntei como quem não quer nada.

— Eu já — ele respondeu sem tirar os olhos do relatório.

— Sei. Hum... e você já tem um consultório?

— Tenho, sim. Eu atendo lá mesmo, com o dr. Infectologista.

bom, então ele era médico mesmo, de verdade. Mais um médico na minha vida. Vou ter que arranjar um pseudônimo pra esse aí. Vou chamá-lo de... de dr. Anjo. Mais tarde explico por quê.

O dr. Anjo continuou lá lendo o relatório. Ele estava quase babando em cima das folhas. Os médicos adoram minha história! Que bom seria se, em vez disso, eles gostassem um pouco mais de mim.

— Já acabou aí? — perguntei — Ainda não. Falta só mais um pouco.

Caramba, que demora. Ele virou mais uma folha e mais outra. Olhou os últimos exames.

— Já?

— Peeera!

Minha mãe me deu uma olhada feia, Ele leu mais uma folha. Por fim disse, juntando tudo.

— Pronto.

— E aí, o que é que eu tenho?

— Antes vem aqui um pouco — ele disse se levantando.

— Vem aqui aonde?

— Aqui — ele disse mostrando a maca. — Vou te examinar. Senta aqui.

Se é coisa que eu odeio são esses exames de médico desconhecido. A maioria deles tem a péssima mania de pegar na gente como se fôssemos um pedaço de carne no açougue. Mas depois que o dr. Anjo colocou as mãos no meu pescoço eu fiquei mais calma. Acho que ele sabia que estava pegando numa pessoa.

— Tem uns caroços aí — avisei.

— Tô sentindo — ele disse apalpando minha garganta —, são gânglios.

— É, os gânglios.

Depois ele colocou a mão embaixo do meu braço. Acho que estava procurando mais gânglios. Olhou meus olhos e examinou a barriga. Aí tirou o estetoscópio em volta do seu pescoço, colocou nos ouvidos e a outra parte no meu peito. E ficou lá concentrado ouvindo meu coração. Depois ouviu minhas costas. E eu que nem sabia que costas tinham barulho.

Voltou pro coração. Vai ver que era mais legal. E eu na falta do que fazer imaginei o som que deveria sair daquele aparelho. Deve ser interessante. Se eu tivesse cinco aninhos pediria para ouvir um pouco. Essa é uma das desvantagens de ter 22.

Finalmente o exame acabou e voltamos à sua mesa:

— Bem, Valéria, é o seguinte: você está com uma anemia profunda, tão profunda que o seu coraçãozinho está tendo que bater dobrado pra suprir as necessidades do seu corpo. E ele está tão sobrecarregado que em questão de horas você teria tido uma parada cardíaca.

Nessa hora eu quase ri. Sei que é ridículo rir numa hora dessas. Mas é que eu (Eu!) me senti uma coisa tão frágil. Num segundo estava lá vivinha e noutro, puf, havia deixado de existir.

Pensando bem, indo pra esse hospital, eu acabara de perder uma enorme chance. A chance de morrer rapidinho e sem dor. Que

merda! Minha mãe não achou graça nenhuma. Pelo contrário. Olhou pra mim com um olhar fuzilante e disse:

— Tá vendo?!

Bem típico de mães. Parece que elas estão sempre ali só esperando o momento mais oportuno pra dizer o seu eterno “tá vendo?”.

O tal de dr. Anjo, não sei se pra dar uma de super-homem, ou se para tentar consertar a situação, disse:

— Mas isso não seria problema, pois, com um dia de UTI, eu te tirava dessa.

Dessa vez ri mesmo. Definitivamente esses médicos não entendem nada de salvação.

— O que nós precisamos fazer agora — prosseguiu ele — é uma transfusão de sangue e alguns exames pra descobrir o porquê da infecção. Pode ser?

Para tudo. Ele não ordenou? Não mandou? Não impôs? Ele perguntou se pode ser?

— Pode? — ele insistiu.

— Pode — eu respondi, ainda atônita. Será que aquilo era um sonho?

— Então tá. Eu vou pedir pra enfermeira preparar um quarto. Você deve passar uns dias aqui internada. Tudo bem?

Meu Deus, aquilo realmente era um sonho. Será que o tinham importado dos EUA, ou simplesmente ele era inteligente o bastante para saber que perguntar a opinião do paciente de vez em quando não doía nada.

— Tudo bem — eu disse, mas antes de sair perguntei: — Escuta, enquanto eu estiver aqui nesse hospital, é você que vai tomar conta de mim?

— É sim. Eu passo pra te ver todas as tardes.

Que ótimo, pensei.

— E o dr. Infectologista — continuou ele — vem te ver pela manhã.

Que droga. Bem que a gente podia pular essa parte.

Ele ainda me explicou como seria a transfusão e os exames de sangue e me encaminhou para a enfermaria onde a enfermeira me

pegaria a veia.. É lógico que, àquela altura, eu não sabia o significado de pegar a veia, mas depois de um mês de hospital aprendi esses e vários outros termos.

Pois bem, pegar a veia significa enfiar uma agulha na sua veia e deixar ela lá presa a um canudinho por onde passa o soro.

— Vou dar uma picadinha — disse a enfermeira simpática —, pode doer um pouquinho.

Doeu? Não? Que ótimo.

Depois fui para um quarto. Um bom quarto. Bege e branco. Uma cama que subia e descia.

Uma televisão presa no teto. Uma geladeira na frente da cama e um sofá de um lado e uma poltrona de outro, na frente da janela. Um banheiro e um armário. Meu tio ficou um pouco lá com a gente e depois se despediu e foi embora. Minha mãe dormiria comigo.

Coloquei o meu pijama e me deitei na cama. A enfermeira da noite veio se apresentar. Não demorou muito chegou o homem do banco de sangue. A transfusão era simples, pelo caminho por onde entrava o soro agora entraria o sangue. Só que, como era mais grosso, doía quando passava pela veia. Mas o tio ficou lá o tempo todo até dosar a velocidade certa para não doer muito.

Quando chegou a febre, vieram os enfermeiros fazer os exames. Como se tratava de uma cultura, ele deveria ser colhido três vezes, com intervalo de três minutos, em locais diferentes. Mais tarde, tive de fazer outra bateria. Só que dessa vez a febre estava tão alta e eu tremia tanto que mais dois enfermeiros tiveram que vir me segurar. E, ao final de uma semana, tinha mais de vinte picadas pelos braços.

Para o dia seguinte, ficaram marcados outros exames. De urina, ultrassom, tomografia computadorizada. Mas o que me preocupava quando acordei naquela manhã era só uma coisa: a visita do dr. Infecto. E como era de esperar, logo, logo ele apareceu:

— Bom dia, Valéria.

Ele estava a mesma coisa de sempre. com seus 45 anos mais ou menos, alto, forte e seco.

Me examinou detalhadamente e disse que precisaria do resultado dos exames para dar um diagnóstico preciso. Antes de sair olhou pra mim e fez uma cara de reprovação:

— Tá vendo, se tivesse tomado remédio quando eu mandei não estaria aqui agora.

Parabéns! Esse é o dr. Infectologista. Tava demorando! Eu sabia que ele ia dar uma dessas.

Acho que nem preciso dizer pra onde tive vontade de mandá-lo. Melhor que isso, eu mesma deveria me mandar dali. Era isso, ia arrumar minha trouxa e iria embora. Que trouxa coisa nenhuma, eu ia era de pijama mesmo!

Assim que ele saiu me levantei da cama. Mas me lembrei que estava presa àquela droga de soro. Júlia, a enfermeira chefe, entrou no quarto.

— Levantou sozinha, meu anjo, você quer alguma coisa?

— Quero. Quero sumir daqui, tive vontade de berrar. Mas a Ju era uma pessoa tão calma e tão atenciosa que tive vergonha dos meus pensamentos.

— Só vou sentar um pouco no sofá — disse.

— Deixe que eu te ajudo — ela empurrou o pedestal do soro. Agora, aonde eu fosse, ele iria junto — prontinho. Sua mãe foi lá na lanchonete tomar um café. E daqui a pouco você vai descer pra fazer o ultrassom, tá? Qualquer coisa que precisar é só tocar a campainha.

— Obrigada.

Passei o resto do dia de mau humor. Esse dr. Infecto pensava o quê da vida? Que era só ele chegar e dizer tome isso! Eu abaixo minha cabeça e digo amém. Será que ele havia esquecido que eu era feita de um material chamado ser humano e que, por um acaso, como todos os outros da mesma raça, era cheia de dúvidas? E que essa porra de AIDS era uma coisa nova, ninguém sabia aonde é que ia parar, não se sabia se os remédios eram bons mesmo, se faziam algum mal, e mais, àquela altura, eu nem sabia se queria continuar viva. Não, ele não sabia nada disso. Vai ver que nem lembrava que eu era gente. Era isso, olhava pra minha cama e só enxergava um tubo de ensaio cheio de vírus pulando dentro. Ou quem sabe ele próprio tinha deixado de ser humano. Coitado, no fundo, o doente da história era ele. E quer saber do que mais: ainda que eu morresse ali naquela cama de hospital, não iria me arrepender nem

um pouco do que tinha feito! E, se ele soubesse de um milésimo do que eu havia aprendido durante aquela viagem, aposto que me daria razão.

À tarde, chegou o dr. Anjo sorrindo:

— Oi, Valéria, como é que você está hoje?

— Quando é que eu vou embora, hein?

— Que é isso, menina, nem acabou de chegar.

— É, só que já quero ir embora!

— Me diz, como é que eu posso te mandar embora se nem descobrimos ainda o que você tem? Hoje você já fez uns exames, amanhã vai fazer outros e, assim que descobrirmos, vamos cuidar de você, você vai sarar, daí eu deixo você ir pra casa. Tá bom? Você viu como melhorou depois da transfusão?

— É, tô me sentindo melhor.

— Então. Eu sei que é chato ficar aqui, mas você vai ter que ter um pouquinho de paciência, né? Posso te examinar agora?

E enquanto ele me examinava fiquei olhando pra ele. Ele sim sabia que eu era uma pessoa.

Os dias seguintes foram todos a mesma coisa: exames, televisão, janela. Continuava a ter que aturar a visita diária do dr. Infecto. Mas, pra compensar, tinha o dr. Anjo. Ele estava sempre de bom humor, chegava no meu quarto sorrindo. E eu me lembrava do que se dizia por aí das pessoas com AIDS, que eram sujas, deprimentes, portadoras do mal do século. Mentira! Eu não era nada daquilo. E a prova disso era o dr.

Anjo cuidando de mim todo feliz.

As enfermeiras e os atendentes também eram pessoas muito legais. Fora a Júlia, enfermeira-chefe, tinha a Verinha, que ainda estava na faculdade e vinha todos os dias cedo, trocava minha cama, me ajudava a tomar banho no chuveiro (não que eu não conseguisse sozinha, mas me atrapalhava com aquela parafernália do soro).

Também tinha a Ana Cristina, uma outra chefe do setor que sempre vinha conversar comigo.

Engraçado, eu lembro que quando estava na escola e alguém não sabia direito que faculdade fazia a gente zoava: "Faz enfermagem",

como se fosse a profissão mais boba desse mundo. Mal desconfiávamos da importância e responsabilidade desses profissionais.

E do melhor de tudo, do carinho.

De vez em quando também aparecia um auxiliar de enfermagem, pra colher sangue, pra pegar uma veia, pra trazer um comprimido. E os atendentes, a Cléo e o Zé, que me levavam de cadeira de rodas até outros andares pra fazer os exames. Tinha também a tia que trazia comida. Me lembro dela sempre perguntando: "O que você vai querer hoje, meu bem?". E tinha também as duas moças que limpavam meu quarto. Eram super parecidas, cheguei a perguntar se eram gêmeas, mas não, nem irmãs elas eram.

Passava várias horas do dia com minha mãe. No começo, até achei estranho a gente estar se dando tão bem. Nós sempre fomos pessoas muito diferentes. Às vezes, nem entendo como mãe e filha podem ser tão diferentes. Se não fosse alguma semelhança física, desconfiaria que era adotada. Nunca fomos de conversar muito, sempre senti uma enorme distância entre nós duas. Coisas de família, acho que todo mundo tem algum problema desse tipo. Mas eu até que estava gostando dela ali do meu lado, cuidando de mim. Não que ela não tivesse cuidado antes. É só que ela sempre foi muito nova. Casou aos dezessete anos com meu pai, dez anos mais velho, e me teve com vinte. Na infância, me lembro das mães das minhas amigas, donas de casa, gordas, de bobs, de avental, fazendo almoço. A minha, não, era magrinha, usava calça jeans, rabo-de-cavalo, fazia faculdade, muito estranho! Na adolescência, não sei por quê, sempre tinha a sensação de que eu cuidava mais dela do que ela de mim. Coisas da vida. Agora estávamos nós duas naquele quarto de hospital, e com uma ótima novidade: ela havia deixado de fumar!

Meu pai chegou de viagem depois de uns três dias. Ia me ver de vez em quando. Não toda hora. Estava ocupado correndo pra cima e pra baixo com as coisas do advogado. Ainda mais essa agora, depois que fui internada, o plano de saúde mandou avisar que não arcaria com as despesas. É mole? E que fique bem claro, meu pai só havia me colocado nesse seguro, aliás caríssimo, porque eles se diziam os

únicos do país a cobrir as despesas da AIDS. E agora que eu precisava tiravam o corpo fora. Que palhaçada! Como vários outros pacientes, colocamos eles no pau. E, pelo jeito, o processo ia correr anos na Justiça.

Meu pai me ligava toda hora e, quando dava tempo, ia até lá, ficava um pouco comigo, enquanto minha mãe ia dar uma volta. Os dois não sabem ficar cinco minutos juntos sem brigar. Não dá pra entender. Foram casados oito anos, tiveram duas filhas e hoje não conseguem olhar um na cara do outro. Nunca entenderei. Só sei que é perfeitamente possível.

Meu pai não é muito chegado nessas coisas de hospital, seringa, agulha, sangue. Minha avó conta que ele até desmaiava. Mas ele diz que não, que nem liga. Então, quando ele estava lá e chegava um enfermeiro pra tirar sangue, eu começava a provocar.

— Atenção, ele vai pegar a seringa, tã, tã, tã, tã, tã, tã... olha o tamanho da agulha!!! Vai enfiar em mim, no meu bracinho... Aaaahhhh!!!

— Você não tem jeito mesmo — ele levantava e saía do quarto.

E a gente dava risada. Minha tia Ciça ficava inconformada.

— Volta aqui, vem segurar a mão da sua filha. Tamanho marmanjão desses, não tem vergonha? É um medroso mesmo!

Numa tarde calma, apareceu um médico estranho no meu quarto. Foi entrando e se apresentando. Era o dr. Laparoscopia. Sentou-se à beirada da minha cama e começou a examinar meu pescoço.

— É, acho que vou fazer um corte aqui, tiro um desses gânglios e depois é só fechar.

Levei um susto. Que corte? Que gânglio? Quem é mesmo esse cara? Ele fedia cigarro. Tirei sua mão do meu pescoço.

— Peraí... — eu disse.

— Peraí, não, menina. Eu dirigi três horas do meu sítio até aqui só pra te ver, não me venha com essa de pera aí — e botou aquela pata de elefante de novo no meu pescoço.

O sangue subiu à cabeça. E como subiu.

— Olha aqui — eu disse tirando a mão dele de novo —, o pescoço é meu, a vida é minha e quem manda nela sou eu! E enquanto eu estiver viva, se você quiser mexer em mim vai ter que pedir minha

permissão! E se não for desse jeito, pode voltar pro seu sítio que eu não tô nem aí!

Ele se assustou, levantou e saiu do quarto. Eu já tinha começado a chorar de nervoso, de ódio, de humilhação. Minha mãe se aproximou cheia de tato.

— Minha filha, pelo amor de Deus, não fale assim, esse médico é o papa da laparoscopia aqui no Brasil...

— Grande merda ele ser tudo isso e nem saber conversar com as pessoas. Já que ele não gosta de dar explicação pra ninguém, ele deveria ser veterinário. Porque daí ele abre a barriga do cachorro, fecha a barriga do cachorro, joga até jogo-da-velha dentro da barriga do cachorro, e o cachorro com certeza não vai falar nada. Agora, eu sou gente! E quem quiser tratar de mim vai ter que me dar explicação!

— Fala baixo, o médico tá bem aí na porta, você ainda me mata de vergonha.

— É pra ouvir mesmo! — berrei mais alto.

Ele, que estava logo ali, conversando com a enfermeira Ju, voltou, todo manso.

— Olha, Valéria, você me desculpa, pensei que o dr. Infecto já tinha te explicado.

— Não, ninguém me explicou droga nenhuma!

— Tudo bem, fica calma, para de chorar — disse ele, sentando na cama e já veio com aquela mãozona de novo pra cima de mim. — Calma, calma, não vou fazer nada — e enxugou minhas lágrimas. — Vou te explicar tudo, tá?

Disse, então, que, como até ali, depois de todos os exames que haviam feito em mim, não conseguiam diagnosticar nada, eu teria que fazer uma biópsia de um gânglio.

— É simples, só vou fazer um cortinho aqui nessa dobrinha, tirar um gânglio e mandar pra examinar. Não dói nada e a cicatrização é rápida.

— E eu vou ficar sem o meu gânglio? (Sei que essa pergunta foi bastante imbecil, mas eu não sou médica, pô!

— Um gânglio não vai te fazer falta nenhuma. Vou marcar para amanhã cedo. Tá bom? Te vejo lá.

Foi saindo do quarto. Minha mãe atrás pedindo mil desculpas. Odeio quando alguém pede desculpas por mim. Se eu achasse que merecia, pedia eu mesma.

No dia seguinte, a Júlia veio me avisar que eu já iria pró centro cirúrgico. Me deu uma roupinha verde ridícula que a Verinha me ajudou a colocar.

— Eu vou pró centro cirúrgico ou prum baile de Carnaval?

— Essa roupa é dose, né? E você ainda nem viu a touquinha e o sapatinho.

Quando eu já estava pronta, o seu Zé veio me buscar e me levou na cama até lá. Mais uma voltinha pelos corredores do hospital.

— Prontinho, minha menina, depois eu venho te buscar — me entregou pra outros enfermeiros de roupa azul e máscara. — Olha, cuidem bem dela.

Entrei na sala de cirurgia. Me mudaram de cama. Era cheia de televisões que faziam pi-pipi.

Um enfermeiro começou a injetar alguma coisa no meu soro. Um outro colocou um pregador no meu dedão. Pregador no meu dedão? Olhei prum lado, mesa com bisturis.

Olhei pro outro, o dr. Laparoscopia se aproximando. Ai, minha jugular! Por que é que eu tinha que tê-lo chamado de veterinário? Apaguei.

Acordei, não sei quanto tempo depois, no meu quarto. Abri os olhos e reconheci o ambiente. bom, acho que ainda estou viva.

O resultado da biópsia veio depois de uns dias: tuberculose. Mas o dr. Anjo já foi logo avisando que aquilo era uma boa notícia.

— Pensamos que fosse coisa pior.

— Eu sei, podia ser câncer, linfoma. Você pensa que eu não leio? E agora?

— Agora nós vamos começar a te tratar com o esquema tríplice.

— É contagioso?

— Não. Se fosse eu estaria de máscara. Só é contagioso quando é no pulmão.

No outro dia, apareceu o dr. Infecto. Disse que ainda precisaríamos checar o rim. Seria muita sorte que eu tivesse com

tuberculose nos dois rins também. Trouxe outro médico, o dr. Urologista. Esse era legal.

Foi chegando calmamente, se apresentou, pegou um papel, um lápis, fez o desenho de meu rim e começou a explicar tintim por tintim o que ele iria fazer. Enfiaria uma agulha bem comprida pelas minhas costas, que iria até meu rim e daí pinçar um pedacinho do tecido pra examinar no laboratório.

— E eu vou ficar furada? — Já imaginei vazando líquido pelas costas. Decididamente duas semanas de hospital são pra deixar qualquer um idiota da cabeça.

— Claro que não, né, Valéria! Isso fecha sozinho.

— Tá, então fura.

Mais uma vez, centro cirúrgico. Anestesia no soro, pregador no dedão. Pra que serve esse pregador no dedão? Apaguei.

O resultado da biópsia foi o mesmo: tuberculose. Comecei então a tomar os remédios.

Horríveis! Davam um enjoo tremendo! Eu vomitava o dia todo, eram tão fortes que deixavam o xixi vermelho, o vômito vermelho, até o cocô era vermelho. Que nojo, nojo de tudo e eu não podia sentir cheiro de nada. E barulho? Qualquer barulhinho me irritava. O dr. Anjo explicou que a tuberculose deixa a gente com o olfato e a audição supersensíveis, mas iria passar. O dr. Laparoscopia veio tirar os pontos do pescoço, o dr. Uro veio ver como eu estava.

Mais um ultrassom do rim. Não parava de vomitar. Uma endoscopia: sapinho, candidíase no esôfago, mais remédio. Infecção vaginal, chama o dr. Ginecologista, meu velho amigo, dr. Ginecologista.

— Não aguento mais, não aguento mais.

— Calma, você vai ficar boa.

Estava também com candidíase vaginal. Muito comum em mulheres com AIDS. Ele me receitou um creme.

Não parava de vomitar. Outra endoscopia: o sapinho sarou. Agora tem gastrite. Enjoo dos remédios. Não posso ver comida. E mais um dia e mais outro. Que tédio.

E mais um dia. "Não aguento mais esse quarto vazio, essa cama, viver de pijama. Ligo a televisão, desligo, não aguento mais

televisão. Olho pra minha mãe, ela está no sofá lendo um livro. Deve ser engraçado. Leio a capa: Incidente em Antares, de Érico Veríssimo.

Pena que eu não tenha tido vontade de ler ultimamente. E esse tempo não passa...”

— Mãe? Mãe? — não falei que elas ficam surdas quando leem? -
MÃE!

— Quê, filha?

— Que horas são?

— Quatro horas.

— Bom, pelo menos daqui a pouco o dr. Anjo vem me fazer uma visita.

— Mãe, que horas são?

— Quatro e meia.

— Puxa, o dr. Anjo tá demorando...

— Que horas, mesmo?

— Cinco horas.

— Caramba, o dr. Anjo tá atrasado!

— E agora, que horas são agora?

— Seis e meia.

— O dr. Anjo me esqueceu, é isso, ele esqueceu de vir me ver, vai ver já passou pra ver todo mundo e esqueceu de mim!

— Calma, filha, não é nada disso. Vai ver que ele hoje nem veio. Hoje é feriado.

— Feriado? Que feriado?

No hospital todos os dias são iguais. Segunda, que é igual a terça, que é igual a sábado...

“Ah é, vai ver que ele foi viajar. Que bom... os médicos precisam descansar de vez em quando. Deve ser um saco ficar olhando só pra cara de gente doente todo dia. Que bom que ele foi descansar...”

Virei pró lado e dormi. Dormi um dia e mais outro e mais outro.

— Opa, vamos acordar!

— Dr. Anjo, você voltou?! Onde é que você estava?

— Fui viajar um pouquinho. Os médicos também podem passear de vez em quando, né?

Mas você vê que coisa, saí de São Paulo pra pegar chuva no litoral.

— Ah, é? — bem feito, pensei. Quem mandou me abandonar nesse hospital sem graça.

— E você, como é que está?

— Muito mal. Você vai viajar de novo?

— Não, agora vou ficar bastante tempo sem viajar. Ele começou a me examinar. Pescoço, barriga, coração.

— Não tô vendo nada de mal aqui. Acho que você está até melhor.

— Me proibiram de tomar refrigerante.

— É por causa da gastrite.

Já não posso fazer nada nesse hospital e ainda me proíbem de tomar refrigerante. Deixa eu tomar um pouco, só um pouco, vai.

— Tá bom, não precisa chorar, eu deixo. Mas você tem que se esforçar pra comer mais. Tá muito magrinha.

— Enjoei da comida daqui.

— Eu sei, comida de hospital enjoa mesmo. Quer pedir pra alguém trazer alguma coisa de fora?

— Pode, mas não vai abusar.

O dr. Anjo era o máximo, ele deixava eu fazer tudo.

— Posso também parar de tomar o remédio vermelho?

— Não!

Bem, ele deixava quase tudo.

A essa altura, os parentes (da família da minha mãe, principalmente, que é enorme)

começaram a ligar direto pro hospital. Meus avós de Corumbá, minhas tias de Campo Grande, de Brasília, do Rio. “Mas que tanto essa menina fica no hospital? Biópsia de gânglio? De rim? Tuberculose? Tuberculose renal?! Existe isso?” Ligavam pra saber como eu estava: “Tá bem? Mas por que ainda não te deram alta?”. Uma desculpa aqui, outra enrolada ali. E minha paciência começou a se esgotar.

Se eu estivesse com câncer, já estava todo mundo sabendo. Por que é que AIDS não se pode falar? É algum crime ter AIDS, por acaso? Ou é porque está associada à palavra morte? Ninguém vai

morrer, né? Só eu. Ou será que é porque eu Peguei transando? Ninguém transa também na face da terra ?

Cansei de papo. Cansei de ter a doença proibida, a palavra não pronunciável. Por mim, colocava uma placa na porta do quarto: AIDS! Quem quisesse que ficasse do lado de fora.

E só não mando escrever no meu túmulo "Aqui jaz Valéria PiassaPolizzi que morreu de AIDS" porque não quero ser enterrada, e sim cremada!

— E... Bem... Tá certo, se você prefere assim, a gente começa a contar. Mas não por telefone, minha filha.

— Tá, quando der.

Tia Adia chegou de Manaus. Minha prima iria prestar vestibular no Rio, então eles passaram uns dias aqui. Eles já sabiam. Foi bom ter mais gente por perto. Ainda mais que essa minha tia tinha tido câncer na cabeça havia uns três anos, feito operação, ficado semanas internada ali mesmo no Einstein. Depois de meses de quimioterapia, ficou careca, com a boca cheia de feridas, o rosto inchado. Mas agora ela estava ali, com seu um metro e oitenta de altura, loira de olhos verdes, linda, saudável. Eu gostava de olhar pra ela. Era como se fosse minha luz no fim do túnel. Sem contar que falava mais que a boca, conversávamos o dia todo, sobre filmes (ela também adora cinema), sobre livros, me contava de Manaus, da viagem que tinha feito pro Oriente...

Quando estava muito desanimada, me trazia revistas de turismo, com fotos do mundo todo.

— Você tem que ficar boa pra continuar viajando, você não falava que queria conhecer cada canto desse mundo? — E me mostrava fotos de lugares bonitos. Ilhas Maldivas, de areia branca e água azul-turquesa.

Meu tio, seu marido, também me paporicava o dia todo.

— Você tem que comer. Fala pro tio, pede o que você quiser que eu vou buscar.

— Não consigo comer, tio.

— Pensa numa coisa. Uma coisa que você tenha vontade. Pensa.

— Sei lá, esfiha.

Depois de meia hora ele voltou com uma bandeja cheia.

— Tem que comer pelo menos uma, força!

Me sentei na poltrona ao lado da janela. Acho que demorei mais de vinte minutos pra comer aquela esfiha. Vomitei tudo depois. Mas comi.

No dia seguinte, visita do tio Dure. Fofa como sempre, mas com os olhos tristes. Já haviam contado pra ele.

— Olha, Preta, o que eu trouxe pra você, arroz com lentilha, que a sua tia fez especialmente.

Consegui comer outro pouco.

E mais um dia, e mais outro.

Numa manhã, o dr. Infecto entra no quarto:

— Você precisa engordar, tá muito magra.

— Lógico, só vomito. Esse cheiro de hospital...

— Já sei o que você tem: hospitalite. Tá na hora de ir pra casa.

— Você vai me dar alta?!

— Se você prometer que vai comer e engordar.

Ele pegou um bloco de receituário, escreveu o nome de alguns exames e deu pra minha mãe, pra que eu fizesse depois. Já fiquei brava. Por que é que não deu pra mim? No mínimo já me achava incapaz de cuidar dos meus papéis. Mas pior do que isso, pegou um vidro de DDI e deu a ela, explicando como eu deveria tomar. Será que ele achou que eu era burra e não sabia que aquilo era um similar do AZT? Alguém, por acaso, me perguntou se eu queria tomar aquilo? Tive vontade de começar a berrar ali mesmo. Mas tratei de ficar quieta. Agora, sim, eu queria sair dali o mais rápido possível.

Liguei pro meu pai. Logo ele veio me buscar. Fechou a conta do hospital, eu me despedi dos meus amigos enfermeiros e deixei um beijo pro dr. Anjo.

Fui pra casa com a veia pega. Teria que continuar tomando um frasco de soro por mais alguns dias. Pra isso contrataram um enfermeiro que iria até lá à tarde aplicar a medicação, a partir do dia seguinte.

Fiquei feliz de estar de volta à casa. Pelo menos mudaria um pouco de ambiente, de cores, de vista da janela. Meus tios de Manaus, que estavam hospedados num hotel, ficaram por lá até de

noite. Meu pai achou melhor ir pro apartamento de Santos. Minha mãe disse que iria ficar comigo, e ele não quis arrumar confusão.

Estava tudo muito bom pra ser verdade. Mas logo, logo saiu uma briga. Minha mãe começou a dizer que, no dia seguinte, eu teria de fazer os exames, mas eu disse que ela estava equivocada, que os exames só deveriam ser feitos no final da semana. Ela se virou e disse: "Você vai fazer amanhã e pronto!".

Acho que eu tenho um problema com este tipo de conduta. A coisa que eu mais detesto neste mundo é gente apontando o dedo no meu nariz e me dando ordens. Vai ver que começou na infância. Fui criada numa escola Montessoriana, onde os alunos ficavam soltos numa classe cheia de atividades, cada um fazendo o que bem quisesse. Tínhamos um prazo para a entrega dos trabalhos, mas quando e como faríamos, cada um que escolhesse. Os professores, "as tias", estavam lá pra responder perguntas e ajudar com o que fosse possível. Não pra ficar dando ordens e fazendo imposições, todo mundo era tratado igual, inclusive as crianças excepcionais, que tinham classes especiais, mas ficavam na mesma escola.

Assim, crescíamos mais independentes e cientes de nossas obrigações. Por outro lado, completamente desacostumadas a serem manipuladas. com doze anos, quando quis morar com meu pai, tive que mudar de escola, por causa da distância. Pastei dois anos no método tradicional. Não entendia, pra começar, a distribuição das carteiras, uma atrás da outra, estava acostumada a sentar em círculo. E aquelas professoras lá na frente, dando ordens, lições, como se só elas fossem donas do conhecimento. Ninguém mais podia abrir a boca, dar uma idéia. Será que ninguém ali dentro sabia pensar com a própria cabeça?

No colegial, mudei de escola de novo. Dessa vez para uma que fosse meio-termo, pelo menos. Método tradicional, mas professores que levavam em conta nossas opiniões. E por que não dizer nosso potencial?

E agora, ali, minha própria mãe me dando ordens como se eu já estivesse incapaz de raciocinar por mim mesma. Na hora de tomar DDI, então, nem se fala, quase enfiou aquele comprimido gigante, amassado em forma de papa, pela minha goela abaixo. Tomei, mas

também vomitei tudo e, depois de muita discussão, resolvemos dormir.

Tive um sonho. Uma bolinha se desprendendo da minha barriga. Que sonho mais esquisito. Acordei com vontade de fazer xixi. Fui sem acender a luz ao banheiro que fica dentro do meu quarto. Voltei pra cama, me deitei, mas, dois minutos depois, vontade de fazer mais xixi. Fui. Voltei, deitei. De novo. E de novo. Caramba, como é que podia sair tanto xixi assim de mim? Mas estava muito cansada pra pensar. Lá pela quarta vez minha mãe acendeu a luz.

— Que tanto você vai ao banheiro?

— Sei lá.

— Você está menstruada?

— Não, por quê?

Olhei minha calcinha, suja de sangue. Levantei novamente pra ir ao banheiro, minha mãe veio atrás. E antes que eu desse a descarga ela olhou. Puro sangue.

— Meu Deus, você está tendo uma hemorragia! — Ela correu pro telefone. — Vou ligar pró dr. Infecto.

— Não vai incomodar ninguém agora — eu disse, meio tonta.

Ela berrou alguma coisa, mas eu não entendi. Voltei pro quarto e me joguei na cama. Já estava muito, muito mole, comecei a ver tudo embaçado e fui perdendo a consciência. E vai, vai, vai... como se eu estivesse saindo de mim mesma, e volta, volta, volta, volta, quarto de novo. Mais xixi, andei até o banheiro me segurando na parede, sentei no vaso, ficou tudo preto, fiz xixi, voltei pro quarto. Quase não consegui chegar até a cama. E vai, vai, vai, vai... e volta, volta, volta. Ouço lá longe minha mãe, que estava bem ali no telefone, dizer algo sobre ambulância. E vai, vai, vai, vai... vai...

14. PARA ISSO SERVEM OS ANJOS

O que é isso? O que tá acontecendo? Em vez de perder os sentidos, parecia que eu estava mais consciente ainda. Que lugar é esse? Um lugar sem formas, sem corpo, sem dimensão, só consciência. Lucidez. Paz É a morte, pensei. Era isso, eu estava morrendo. Morren... volta, volta, volta, volta, quarto de novo.

Minha mãe histérica no telefone. Da próxima vez eu vou de vez, eu pensei. Que pena que meu pai não está aqui, queria vê-lo pela última vez. Olhei pra escrivadinha, pensei em deixar-lhe um bilhete. Mas não teria forças. Também, escrever o quê? Que eu o amava muito e que ele tinha sido muito importante pra mim. Acho que ele sempre soube disso.

Vai, vai, vai, vai... volta, volta, volta. Meu quarto de novo. Cadê a paz? Eu quero ir pra aquele lugar. Quero ficar lá pra sempre. Vai, vai, vai... volta, volta, volta... meu quarto, um homem gordo de branco olhando pra mim.

— O que é que ela tem?

— Como o que é que ela tem? Você que é o médico e eu que vou saber? — minha mãe chorando.

Um outro, negro, alto, forte, saiu do quarto dizendo que iria buscar uma cadeira de rodas. Ele deveria ser o enfermeiro.

— Cadeira de rodas não dá — eu disse —, Vou desmaiar.

— A maca não cabe no elevador.

Apaguei. Agora estava indo e voltando mais rápido. Acordei sentada na cadeira, o enfermeiro me segurando dentro do elevador. Apaguei. Acordei deitada na cama, saindo do prédio. Ouço uma voz, devia ser do porteiro. "Nossa, é a menina, eu achei que fosse a avó!"

Apaguei. Acordei dentro da ambulância. O enfermeiro, nervoso, suado, trabalhando rápido. Tentava ajeitar o soro, olhava pra mim e dizia:

— Calma, calma, vai dar tempo.

Achei graça. Eu estava calma, o nervoso era ele.

— Pronto, pronto — ele disse.

A sorte foi que eu estava com a veia pega. Assim que ligou o soro, comecei a me sentir melhor.

Quando cheguei ao hospital, me levaram para o pronto-socorro e, de lá, até uma sala para tirar raio X. "Eu estou com hemorragia e eles vão tirar raio X? Acho bom chamarem o meu médico, já vi que esse povo daqui não manja nada." Me largaram numa cama dura de ferro, sozinha numa sala. Comecei a sentir dor e de novo uma vontade enorme de fazer xixi. Uma enfermeira entrou.

— Moça, por favor, eu preciso fazer xixi. Dá pra você me trazer uma comadre? — aquele negócio de fazer xixi deitada.

— Tá, já vai.

"Já vai" e continuou ali, mexendo em alguma coisa.

— Moça, por favor, eu não estou aguentando de dor!

— Já ouvi!

Já ouvi e ficou ali parada. Pronto. Acabou minha educação, subiu o sangue, o sangue siciliano.

— Puta que pariu, caralho, me traz essa porra, senão eu vou mijar aqui mesmo!

Aí sim ela resolveu se mexer, mas aí já era tarde, a dor insuportável. Continuei berrando.

— Me tira daqui que vocês não sabem porra nenhuma. Eu quero ir pro meu andar, pro meu quarto, pros meus enfermeiros. Eu quero o dr. Anjo!

Alguém abriu a porta, tia Adia tinha chegado no hospital.

— Calma, Valéria, a gente já vai te levar lá pra cima. Já ligaram pro seu médico.

Me levaram pro meu andar. A enfermeira da noite veio me receber.

— O que aconteceu, minha querida, você saiu daqui hoje.

— Não sei, não sei. Tô fazendo xixi de sangue. Manda essa bruxa sair do meu quarto! — era pra enfermeira idiota lá de baixo. — Cadê a Júlia, cadê o dr. Anjo?

— Calma, a gente já ligou pra ele.

— Liga de novo. Ele vai dormir, ele vai me esquecer aqui.

— Não vai, calma.

— Me dá um remédio pra dor. Eu não tô aguentando de dor. Tá doendo muito!

Ela aplicou alguma coisa dentro do soro.

— Pronto, Valerinha, daqui a pouco já vai passar.

— Eu preciso fazer xixi outra vez.

— Vamos fazer o seguinte? Eu vou colocar uma fralda de adulto em você. Daí você faz xixi à vontade e não precisa ficar se mexendo, tá bom?

— Tá, é melhor, que meu rim tá doendo muito! O dr. Anjo já tá vindo? Esse remédio não vai fazer efeito?

— Já vai passar, calma.

E passou. Dez minutos depois eu estava dando risada. Dando risada?

— Tia Adia, chega aqui. Não conta pra ninguém, mas sabe, me deram um whisky muito bom, tôbebaça!

Minha tia olhou assustada pra enfermeira.

— Isso às vezes acontece, é reação do remédio, Valerinha, agora fica quietinha e dorme.

— Que dormir o quê? Agora eu quero é uma festa! Tem outro whisky aí?

Tia Adia ficou ao meu lado, não sabia mais se chorava ou se ria. E eu fiquei falando besteira até dormir.

No dia seguinte, acordei um caco. Dr. Infecto veio me ver.

— O que aconteceu? — perguntei.

Ele deu uma enrolada. Aposto que não sabia o que estava acontecendo.

— Está tudo sob controle — ele disse.

Tá bom, faz de conta que eu acredito.

— E olha, ela não quis tomar o remédio — era minha mãe dando o ar da graça.

— Tudo bem. Vamos deixar assim por enquanto.

Acho bom mesmo.

Meu pai chegou de Santos.

— Minha filha, que susto que você me deu!

— Pai, que bom que você tá aqui! Eu quase morro.

Ele passou a mão na minha cabeça, me deu um beijo e mudou de assunto. As pessoas não gostam de falar de morte.

— E que negócio é esse de ficar brigando com a sua mãe, hein?

— Ela que fica me enchendo o saco.

— Então agora descansa que você tá muito fraca. Dorme, filha.

À tarde, veio o dr. Anjo. Estava com cara de preocupado.

— Por que eu tô fazendo xixi de sangue?

— A gente ainda não sabe. Mas vamos descobrir, tá?

— Tá doendo muito.

— Já vão dar mais remédio. Ele me examinou. Pescoço, barriga, coração. — Você perdeu muito sangue. Vamos ter que fazer outra transfusão.

— De novo?

— Eu já fiz isso várias vezes quando estava aqui internada, não dói.

— Tia Adia, vai mentir pra outro.

— Tô falando sério. Não dói mesmo.

— Chega de frescura, Val — o dr. Anjo falou.

— Frescura porque não é em você!

— Eu preciso do seu xixi pra um exame. Vou chamar a enfermeira.

— Não, espera. Você fica aqui.

— Tá, eu fico. Deixa eu só chamar a enfermeira. Ele voltou com ela.

— Olha aqui, Valéria, olha o tamanhinho disso. É a menor sonda que tem. A gente usa isso em recém-nascido.

A enfermeira ajeitou minhas pernas em forma de borboleta. Segurei a mão do dr. Anjo, que estava ao meu lado e comecei a berrar.

— Que escândalo, ela nem começou ainda.

— Ah, não? É que eu tô com medo.

— Pronto, agora já foi. Viu, você nem sentiu!

Ela puxou todo o xixi, pela uretra, com um canudinho e uma seringa.

— Isso. Acabou. Não está se sentindo mais aliviada agora?

— Tô. Por que é que tá saindo com sangue?

— Ainda não sabemos. Por isso é que precisamos fazer mais exames. Volto amanhã; tchau, escandalosa!

Quem apareceu depois, pra dar notícia do que havia acontecido, foi o dr.Uro. Sentou-se à beirada da minha cama:

— Já descobrimos o que aconteceu. Aquele dia da punção no seu rim, quando introduzi a agulha, acabou lesando uma veia. Por isso você teve hemorragia.

— Que falta de pontaria, hein? — brinquei.

— Você me desculpa, essas coisas às vezes acontecem. Achei aquilo bonito. O dr.Uro, que provavelmente deveria ser um dos melhores médicos de sua especialidade, sentado à beira da minha cama, se desculpando. Errar é humano, pedir desculpas é divino.

— Não tem importância — eu disse -, posso só fazer uma pergunta? Por que, então, não me avisaram que isso poderia acontecer?

— Sabe, se a gente fosse avisar ao paciente tudo que poderia acontecer cada vez que ele entrasse num centro cirúrgico, ninguém mais faria cirurgia. Seria a mesma coisa que se a cada vez que você entrasse num carro eu dissesse: "Olha, se você bater o carro, pode bater a cabeça, se bater a cabeça, pode ficar paraplégico, se ficar paraplégico...".

— Já entendi, já entendi. E agora?

— Agora nós vamos cauterizar essa veia com uma agulha que entrará mais ou menos por aqui, na altura da virilha, e vai até o rim.

— E se furar outra vez?

— Não, não fura.

— Quando é que você vai fazer?

— Amanhã, tá? Só que não serei eu.

— Mas eu queria que fosse você.

— É que essa não é minha especialidade. Mas chamamos um médico muito bom.

— Tá.

— Eu ainda volto aqui pra te ver.

— Até então, dr.Uro. E obrigada.

No dia seguinte, cedo, fui pra outro centro cirúrgico. Uma enfermeira de máscara me ajeitou na cama.

— Quem é o médico? Eu queria conhecer o médico.

— Ele já vem — ela disse.

Antes que chegasse, porém, comecei a ficar tonta. Acho que já tinham colocado a anestesia no soro. Apaguei. Um tempo depois

acordei, um lugar escuro. Dor, muita dor. Uma televisão fazia pi-pi-pi. Um pregador prendia meu dedo. De pé ao meu lado um homem de máscara.

— Posso ver o seu rosto? — pedi.

Ele não me ouviu, ou fingiu que não me ouviu. Olhei pro outro lado, uma mulher, também mascarada. Só via seus olhos grandes, castanhos, de cílios compridos. Levantei a mão para tentar tirar sua máscara. Ela me segurou.

— Procure ficar quieta.

— Então me dá mais anestesia. Tá doendo muito.

— Não podemos. Você tem reação, se esqueceu?

— Então me mostre o seu rosto, eu preciso ver seu rosto.

Ela não mostrou. Ninguém mostraria. Por que todo mundo anda de máscara por aí? O que escondem? Somos todos iguais. Viemos do mesmo lugar, iremos pro mesmo lugar. Tirem as máscaras! Deixem-nos ver seus rostos! Se olhem no espelho!

Acordei berrando no quarto.

— Calma, minha filha, você está sonhando.

— Cadê o dr. Anjo? Eu tô passando mal. Tira essas pessoas do meu quarto!

— O dr. Anjo já vem. Ela está delirando de novo.

— Chama o dr. Anjo!

— Tô aqui, tô aqui, já cheguei. Calma. O que aconteceu?

Eu continuava enxergando tudo turvo. Uma dor insuportável, medo, agonia, lembranças ruins. Se existe um inferno, era lá mesmo que eu estava. Continuava a gritar e a dizer um monte de coisas. O dr. Anjo ficou ali, ao meu lado. Segurou minha mão e disse que eu podia chorar o quanto quisesse. Mais tarde eu soube que meus berros foram ouvidos por todo aquele andar. O dr. Anjo conversou comigo, me acalmou e depois deu uma injeção pra dormir. E eu adormeci segurando em suas mãos.

Às vezes, acontecem coisas na vida da gente que nos fazem desacreditar de tudo.

Desacreditar da própria vida, do amor e dos seres humanos. Mas é pra isso que existem os anjos, pra nos fazerem reacreditar em tudo e continuar vivendo.

Uns dias depois, tia Adia foi embora pro Rio, com a incumbência de contar tudo pros parentes de lá. Eu não estava mais com medo do preconceito. Apesar da época, supus que minha família fosse inteligente o suficiente pra não me discriminar. Só o que me preocupava era aquela indissolúvel associação que se fazia de AIDS com morte. Não que eu tenha algo contra a morte. Ela simplesmente faz parte da vida. E, se pensarmos bem, é a nossa única certeza. Mas a maioria das pessoas se julga tão imortal que se assusta com uma notícia dessas. Fazem um drama tão grande, como se morrer fosse um crime. Cheguei a me sentir culpada por estar ali no morre não morre.

Até que me dei conta de quão ridícula era aquela situação. Morreu, morreu, gente, acabou e pronto, sai e vai comer uma pizza! Que saco! Aliás, a sociedade devia dar uma repensada nessa história de morte. Velório, por exemplo, alguém poderia me explicar pra que serve isso? Um morto lá deitado e um bando de infelizes chorando à sua volta.

Revoltante! Se algum dia fizerem isso comigo, sou capaz de ressuscitar ali mesmo e mandar todo mundo pra casa.

Talvez devêssemos fazer como as crianças. Não entender e pronto. (Não entendemos, mesmo.) Quem sabe até rir!

Me lembro do meu primeiro contato com a morte de verdade. Eu tinha uns sete anos. Minha mãe chegou em casa avisando que o vovô havia morrido. "Vou contar uma coisa triste", ela disse antes. Daí deduzi que morrer era triste. Minha irmãzinha, que àquela altura não deduzia nada, perguntou: "E a vovó?". "A vovó? Bem... A vovó ficou viúva", respondeu minha mãe. Acho que minha irmã ainda não conhecia aquela palavra, pois caiu na risada, correndo pelo quarto, subindo e pulando em cima da cama e gritando: "A vovó ficou viúva! A vovó ficou viúva!", deixando minha mãe com cara de besta. E eu? Eu já não sabia mais se aquilo era pra rir ou pra chorar. Mais tarde meu pai me deu uma boneca linda, dizendo que o vovô havia partido mas se lembrara de me deixar um presente. E eu passava o dia inteiro com a boneca pela casa. Decididamente, aquilo não tinha nada de triste! E os adultos deveriam fazer a mesma coisa. Em vez

de ficar chorando pelos cantos, por que não se lembrar de tudo de bom que quem partiu lhe deixou?

Naqueles dias, e em outras ocasiões também, pensei muito em eutanásia. Ia até escrever um capítulo aqui sobre isso. Mas cheguei à conclusão de que se trata de algo extremamente pessoal, logo cada um que trate da sua e combine o que quiser com seu médico. Acredito que todo ser humano sabe exatamente sua hora de morrer. E só espero que respeitem minha opinião.

Depois de uns dias, voltei a fazer xixi normalmente. Me explicaram também que antes eu não conseguia fazer sentada, pois a bexiga estava com alguns coágulos que entupiam o canal da uretra. O dr.Uro passou sonda mais duas vezes pra limpar tudo. Comecei a me sentir melhor.

Recebi mais algumas visitas, de amigas da minha mãe, da família do sócio do meu pai e seus dois filhos, com quem eu costumava trabalhar. Lembro que um deles me levou rosas brancas.

— Que lindas, eu adoro rosas brancas!

— Estamos rezando por você, viu? Queremos que você sare logo. Inclusive pra voltar a trabalhar, tá cheio de serviço lá te esperando - ele brincou. E eles também já sabiam que eu tinha AIDS.

O resto da família, que também acabara de descobrir, continuava ligando, desejando boa sorte. Mesmo aqueles que eu não via fazia muito tempo. Isso é que é família! Solidariedade começa em casa.

E mais um dia e mais outro.

O dr. Infecto continuava a passar lá todas as manhãs. Chegava com sua armadura de ferro estilo medieval, daquelas que cobrem até o rosto, me examinava, dava o relatório e saía. Eu até que tentei consertar a situação, oferecendo a ele aquele livro que lera nos EUA. Ele, lógico, nem tomou conhecimento. E eu, ainda por cima, levei uma bronca do meu pai. "Você não tem vergonha, minha filha, de dar um livro de um mediquinho americano pró melhor infectologista do Brasil?" Mediquinho, mas pelo menos enxerga que paciente é gente. E quer saber do que mais? Se o dr. Infecto quer continuar burro, azar dele! Agora eu tenho o dr. Anjo pra cuidar de mim, quero mais que ele se dane!

E iria continuar tudo assim. Se num belo dia não acontecesse uma coisa, uma única coisinha que mudasse tudo.

Estava ele lá, como sempre, feito um poste, com as mãos nos bolsos, dando o relatório do dia. Eu nem estava prestando muita atenção quando, de repente, sem mais nem menos, sem pedir licença, sem nenhuma cerimônia, ele se virou, enfiou a mão numa caixa de salgadinhos, que alguém havia me dado de presente e estava sobre a geladeira, tirou uns dois e começou a comê-los. E ficou ali, dando as notícias e mastigando.

E foi aí que eu percebi que por trás daquela armadura ridícula tinha uma pessoa sim. Uma pessoa como outra qualquer. Uma pessoa que sentia, que tinha vontade. Humano bastante pra passar a mão nos meus salgadinhos e comê-los bem ali, na minha frente.

Lembrei então de uns cinco anos antes. Da nossa primeira consulta. E de como deveria ter sido difícil pra ele olhar pra uma menina de dezoito anos e dizer: "Você está com o vírus da AIDS". No tempo em que isso era praticamente sinônimo de morte.

De como deveria ser difícil pra ele entrar ali, todos os dias, no meu quarto e dar as notícias, sendo elas boas ou más.

— ... Então é isso — ele havia terminado o relatório —, amanhã eu volto aqui — se virou e já ia saindo do quarto quando chamei.

— Dr. Infecto, espera!

— O que foi?

— Pega mais um salgadinho.

Ele voltou sorrindo. Enfiou a mão na caixa, pegou um monte e saiu mastigando todo feliz.

É, as coisas mudam...

Num outro dia, enquanto eu estava sentada na poltrona perto da janela, ele entrou, puxou um banquinho e se sentou ao meu lado. Puxou um banquinho e se sentou ao meu lado?!

Olhei pela janela. Vai chover!

— Nós precisamos ter uma conversa... Ter uma conversa?! Vai chover granizo.

E começou aquele discurso todo para me convencer a tomar AZT. Disse que iria me fazer muito bem, subir minha imunidade, me ajudar a engordar, me fazer sentir mais forte...

Pra falar a verdade, eu já havia pensado melhor no assunto e tinha decidido tomar. Mas deixei ele continuar falando, pra também não pensar que era muito fácil.

Quando achei que já estava bom, disse:

— Tá bom, vai, eu até tomo esse remédio.

Vocês precisavam ver a cara dele. Respirou fundo, aliviado, e disse:

— Isso, Valéria, é assim que se faz! — e saiu do quarto orgulhoso, como se tivesse ganho uma difícil batalha.

O que ele não sabe é que eu, ali dentro, também respirei fundo aliviada. “Isso, dr. Infecto, é como que se faz!” Eu também havia ganho uma.

Comecei, então, a tomar AZT. Mais o esquema tríplice da tuberculose, mais remédio pra gastrite. Uns vinte comprimidos por dia. Continuava vomitando feito louca. Tinha dias que dava um tédio animal. Vontade de desistir de tudo, de mandar tudo pro inferno.

— Oi, tá na hora de tomar banho.

— Não vou tomar banho nenhum, Verinha, e pode apagar essa luz que eu quero ficar no escuro.

— Que é isso, menina, tá louca? — ela abria a janela. — Olha que dia lindo lá fora.

Eu virava pro outro lado.

— Não tô vendo nada de lindo.

E então ela se sentava no sofá à minha frente e começava a jogar conversa fora. Me contava que estava noiva de novo. Pois o primeiro ela tinha mandado passear em cima da hora, quando até os convites do casamento já estavam prontos. Me contava as histórias com detalhes, eu achava engraçado e, quando percebia, já estava no chuveiro.

Depois do almoço, sempre dava uma andada pelo corredor. Minha mãe ia do meu lado, empurrando o pedestal. Eu olhava as janelas do outro lado, o estádio do Morumbi. Parava pra conversar com a Ju e a Ana Cristina.

Continuava fazendo exames. Um dia, uma moça do laboratório entrou dizendo que tinha vindo colher mais um pouquinho de sangue.

— Tira do pé — eu disse —, no braço não tem mais lugar.

— Ih, pode deixar que eu sou especialista nisso, sempre arranjo um lugarzinho.

— Tá bom, já que você insiste — mostrei meus braços a ela.

— Nossa... é, acho que não vai dar mesmo. Mas no pé dói mais.

— Não tem importância, eu dou um berro. Ela ajeitou tudo. Fiquei olhando.

— Vou dar uma picadinha.

— Ai! — e comecei a rir.

— Que foi, não doeu?

— Doeu, mas é engraçado. E quando não der mais pra tirar sangue do pé também? Vai tirar de onde? Da testa? E mais um dia e mais outro.

Num desses aí, minha mãe saiu e fez muitas compras. Me trouxe presentes, roupas, um brinco de ouro, uma agenda. Cada um cura sua angústia como pode.

Minha irmã chegou de Manaus. Veio me visitar no hospital. Já fazia mais de seis meses que a gente não se via. Ela entrou assustada.

— Oi!

— Oi, tudo bem? — eu respondi, sorrindo.

Ela veio com o namorado. Ele me cumprimentou, me deu flores e ficamos conversando.

Minha mãe também estava lá. Ela começou a falar com ele, ela também fala mais que a boca.

Minha irmã continuava quieta, só me olhando. É engraçado isso, no hospital a gente nunca precisa de espelho. Sabe-se exatamente como se está através da expressão do rosto das visitas, ainda que elas tentem disfarçar. Continuei olhando pra ela, por um minuto achei que ela fosse começar a chorar. Ela sempre soube que eu tinha o vírus, mas nunca tocamos no assunto. Me lembrei de uma vez quando éramos crianças e brincávamos de escolinha. Eu, a professora, comecei a ensinar um monte de coisas que havia aprendido. Ela, lógico, três aninhos mais nova, não estava entendendo nada. Olhava pra minha cara, ria e dizia: "Não entendi, não entendi, não entendi!". Comecei a ficar nervosa.

É assim... e quanto mais eu explicava, mais ela ria e dizia que não estava entendendo nada.

Perdi minha paciência e disse que ela era burra. Ela riu mais ainda. Rabisquei toda a lousinha, joguei o giz no chão: "Burra, burra, burra!". Ela ria mais ainda. "Burra, burra, você nunca vai aprender nada!". De repente, ela ficou séria, me olhou assustada, como olhava agora, e desabou em choro. Fiquei desesperada: "É mentira, você não é burra".

Comecei a abraçá-la, a beijá-la. Peguei-a no colo (ela mal cabia no meu colo), até que parasse, e prometi pra mim mesma que eu jamais a faria chorar outra vez.

Olhei pra ela sentada no sofá bem à minha frente e disse:

— Eu vou ficar bem.

Ela sorriu e começou a conversar.

Recebi também uma visita da Helen. O Carnaval estava chegando e ela tinha conseguido vir pro Brasil. Estava hospedada na casa de uma outra amiga brasileira.

— Que bom, Helen, que bom que você veio. Vai adorar o Carnaval. Vai pular onde?

— No Rio. Vamos sair numa escola JeMinIm — ela disse escola de samba em português.

— Já tá falando português, é?

— Só muito prazer e obrigado.

— Que legal! Você vai amar sair numa escola de samba. Deve ser muito emocionante.

— E você, como está?

— Tô indo... Achei um médico muito legal. E até aquele que era chato tá melhor.

— Quando você sai?

— Ainda não sei.

— O Lucas esteve lá em casa atrás de você. Ele quase teve um treco quando falei que você tinha ido embora. Dei seu endereço a ele.

— Eu sei, ele me escreveu. Está agora nas Ilhas Fiji, no Pacífico. Já me mandou umas duas cartas. Mas é engraçado. Nunca diz o remetente. Acho que tem medo que eu lhe escreva de volta.

— Que bobo. Ah, ia esquecendo, eu trouxe o resultado do seu TOEFL. Você teve uma nota ótima! Suficiente pra entrar na universidade.

— Sério?! Deixa eu ver. Que legal! Quem sabe um dia, né? Quem sabe.

Uns dias depois, recebi alta outra vez. Mas na hora de ir embora, quando estava tudo pronto, quase tive um treco. Meu coração batia forte, fiquei tonta.

— Acho que eu tô passando mal. Eu não vou embora, não, Júlia.

— Calma, senta um pouquinho, isso é assim mesmo. É porque você ficou muito tempo aqui no hospital, agora tá com medo de ir pra casa.

— Tô mesmo. Acho melhor ficar aqui. Daí eu fico com você, com a Ana Cristina, com a Verinha. Tem o dr. Anjo... Não quero ir pra casa.

— Mas tem que ir, minha querida, ficar no hospital sem necessidade é até perigoso. Corre o risco de pegar uma infecção. Aí, depois, quando você sarar, você vem aqui visitar a gente.

A enfermeira Ana Cristina vinha entrando no quarto.

— Que foi?

— Ela não quer ir embora. Ela se sentou ao meu lado.

— Qualquer coisa que você precisar é só ligar pra cá. O dr. Infecto e o dr. Anjo têm bip. Vai ser melhor pra você ficar em casa agora. Mudar um pouco. Olha, esse aqui é o Uilton — o enfermeiro vinha entrando.

— Oi, tudo bem?

— Você é bom de veia? — perguntei.

— Eu sou, pode deixar que eu vou cuidar de você direitinho.

No primeiro dia em casa tive febre. Liguei pro dr. Infecto. Infecção urinária. Toma antibiótico. Depois de uns dias, olho amarelo. Problema no fígado, mais remédio. Não parava de vomitar.

E mais um dia e mais outro.

Dei umas férias pra minha mãe. Apesar de ela não admitir, estava bem esgotada. Cuidar de alguém doente um mês direto não é mole. Ela foi pra casa da minha irmã no interior.

Fiquei com meu pai e minha avó. Tia Ciça e tio Dure vinham me ver sempre. E, durante uma semana, o Uilton veio me aplicar o soro.

Ele era bom mesmo de veia, nem sentia quando me furava. Passávamos as tardes conversando, Ele me contava de sua vida, da filhinha de seis anos, do novo neném que estava pra chegar...

Certa vez, perguntei a ele se já tinha visto alguém com AIDS ficar mal que nem eu e depois sarar totalmente.

— Já vi sim. E você não pode se esquecer de que está nas mãos de um médico muito bom.

— Já sei, o melhor infectologista.

— Também. Mas não é só nesse sentido. Faz tempo que eu estou lá com ele, acompanho seu trabalho de perto, nunca vi um médico se dedicar tanto aos seus pacientes. Tudo o que ele puder fazer por você, ele fará. Ele se preocupa muito com você.

— Ah é? Então por que é que não demonstra?!

Chegou o Carnaval, meu aniversário, 23 aninhos. Eu estava melhor, conseguia andar pelo apartamento. Do quarto pra cozinha, da cozinha pra sala de jantar, da sala de jantar pra sala de visita, da sala de visita pro escritório. E me sentava, porque já estava cansada.

Liguei pro dr. Infecto pra avisar que já havia terminado os antibióticos da infecção e o remédio do fígado. Agora estava vomitando um pouco menos.

— Isso, Valéria, que bom, agora você vai sarar de vez. Força aí, menina! Tô torcendo por você, um beijo!

Força aí?! Tô torcendo por você?! Um beijo?! Vai chover granito. com T mesmo.

E mais um dia e mais outro.

Minha vida agora era diferente. Eu vivia num mundo alheio, um mundo devagar, quase parando, dentro do mundo agitado das outras pessoas; eu estava ali perto, mas era como se minha dimensão fosse outra. Sentia saudades dos meus amigos enfermeiros, do dr. Anjo, eles saberiam do que eu estava falando. Sentia saudades até do dr. Infecto, vê se pode?

Aliás, que nome mais feio que fui arranjar pra ele: dr. Infecto, parece nome de vilão. Se bem que, no começo da história, bem que ele merecia... mas agora... Agora acho que vou dar um nominho melhor pra ele. Deixe-me pensar... dr. Infecto, ecto, eto. Já sei, dr. Afeto.

Bem, então vocês já sabem, o dr. Infecto, daqui pra frente, passa a chamar-se dr. Afeto.

Mas continua sendo a mesma pessoa. A mesma pessoa? Será?

Permaneci ali no meu mundinho alheio. Na vertical. Mas não totalmente alheio, descobri alguém que também partilhava dele: Felipe, o cão. Já falei dele, né? O baMet-hound, baixinho.

No passado, nós havíamos tido algumas desavenças, nada sério. Só o achava muito metido.

Ele pensa que é gente. Gosta de ver televisão com meu pai. Detalhe: meu pai sentado no chão e ele deitado no sofá. Rouba comida descaradamente na cozinha, adora mastigar minhas canetas e meus batons. E seu lugar predileto parece ser o meu quarto. É só esquecer a porta aberta e lá encontro o belo, repousando sobre minha cama.

— Sai daí, Felipe, seu cachorro! i Ele se vira pra mim com seu olhar esbodegado de olhos vermelhos e bochecha caída e, de orelhas compridas, como quem diz:

— Falô comigo?

— Sai, seu imbecil!!! - Sem contar a gozação da vizinhança. Quase morria de vergonha quando tinha que levá-lo pra passear, os comentários...

— Olha lá que cachorro mais engraçado. Quando ele anda, arrasta tudo no chão. As orelhas, a barriga, até o saco. Hei, por que você não coloca salto alto nele?

— Há! Há! Há!, muito engraçado!

Naqueles dias, entretanto, não é que o serzinho esquisito me fez companhia? Essa vida dá muitas voltas mesmo. Agora quem pensava que era cachorro era eu.

— E aí, mano, como é que se vive essa vida de cão, em meio a essas pessoas de pé?

Ele me olhava com seu olhar troncho, como quem diz:

— Desencana, meu, curte o momento — virava pro lado e tirava um cochilo. E eu acabava fazendo o mesmo.

Um tempo depois, por causa do seu cheirinho desagradável, pra não dizer fedor insuportável, pedi a meu pai que lhe desse umas férias. Foi pra casa da minha irmã; mas, quando volta, continua tudo

a mesma coisa. Meu pai e ele assistindo televisão. Meu pai no chão e o Felipe no sofá.

Liguei pró dr. Afeto, já fazia uns vinte dias que eu deixara o hospital. Andava me sentindo meio seca, desidratada. Ele havia me mandado tomar dois litros de água por dia, mas não estava conseguindo. Me sentia como uma folhinha seca, daquelas que a gente pisa e faz crec. Ele receitou, então, mais três dias de soro. O Uilton foi lá em casa. Já no primeiro dia, me senti melhor; no segundo, melhor ainda e, no terceiro, perfeita. Só com um detalhe, estava vendo uma estrelinha.

— Que estrelinha, filha?

— Não sei, pai. Uma estrelinha colorida, é até bonitinha, bem ali, ó.

Meu pai não sabia se ria ou se ficava preocupado.

— Quer que eu ligue pro médico?

— Não, acho que não precisa. Agora ela sumiu.

O Uilton tirou a agulha borboleta do meu braço. Pedi que ele esperasse um pouco, fui até meu quarto buscar um negócio. Mas, chegando lá, aconteceu algo muito estranho, senti meu corpo todo repuxar pró lado e comecei a rodar, berrei pelo meu pai, pelo Uilton. Mas antes que eles chegassem, caí no chão e bati a cabeça na parede. E fiquei ali me debatendo como se estivesse levando um tremendo choque. Meu pai chegou.

— Meu Deus, o que é isso?

— Segura a cabeça dela.

— Feche a porta. Não deixe minha mãe ver isso.

De repente, passou tudo. Meu pai foi pro telefone e o Uilton me ajudou a levantar e me levou pra cama.

— Que aconteceu?

— Fica quietinha, seu pai já tá ligando pro dr. Afeto.

— Ah, Uilton, eu tinha vindo buscar essa boneca aqui. Eu quero que você leve pra sua filha.

— É linda, adorei, Valerinha, mas agora eu quero que você deite e fique bem quietinha.

Isso, assim. Mas não feche o olho! Eu não quero que você durma, entendeu?

— Entendi, entendi. Credo, gente, que estardalhaço. Que aconteceu?

O que havia acontecido não sei, só sei que aconteceu de novo, e dessa vez mais forte. E de novo, e de novo. Me levaram pro hospital e lá me sedaram; acordei de noite, quebrada, como se um rolo compressor tivesse passado por cima de mim com uma dor aguda na nuca.

Minha cama estava com grades em volta e cheia de travesseiros, parecendo um berço gigante.

— Pra que isso?

— Colocaram pra você não cair, filha. O dr. Anjo já tá vindo aí.

Ele entrou no quarto. Não estava sorrindo. Já deu merda de novo, pensei. Ele se aproximou e passou a mão em minha cabeça:

— Como você está se sentindo?

— Muito cansada. O que aconteceu?

— Você teve convulsões. Mas já está medicada, não terá mais nenhuma.

— Minha nuca está doendo.

— É porque colheram líquido da sua medula para fazer exame de meningite. O resultado sai amanhã. Mas, pela cor, parece que não é. Vou te examinar agora, tá bem? — Pescoço, barriga, coração.

Ele já ia saindo do quarto quando comecei a vomitar. Ele podia ter ido embora, o exame já havia acabado, mas não, ele voltou e ficou ao meu lado.

— Respira fundo e assopra. Isso, vai, de novo. Só tem ar no seu estômago, não tem mais nada pra sair. Assopra. Isso. Pronto, pronto.

Dessa vez fiquei só três dias no hospital. Fiz um monte de exames. Acho que nunca descobriram o porquê daquelas convulsões. Voltei pra casa tomando mais um remédio: Gardenal. Mas até que foi bom, na primeira semana dormia o dia todo. Só acordava pra comer e tomar comprimidos. Dormir e esquecer que existia, era só isso que eu queria. E acho que teria esquecido mesmo, não fosse meu pai tocando corneta todo dia no meu quarto.

— Taratatatã! Atenção, Brasil, está na hora de acordar! Ah, não vai é? Felipe, Felipe, vem acordar essa índia! — Na hora do almoço:

- Vamos comer, come, come! Quer que eu faça aviãozinho? Vai mais uma colherada, mais uma colherada, mais uma. Atenção, ela engordou duzentos gramas!

O palhaço chegou a colocar uma balança no meio da sala de visita. Eu tomava um gole de suco e ele dizia:

— Isso, sobe lá pra eu ver se já aumentou. Vai, quero ver resultado! Olha, Felipe, a maninha já engordou meio quilo! — abaixava e beijava o cão. Que família de doido!

Aos poucos fui me acostumando com os remédios, comia mais, tomava bastante líquido.

Falava sempre pelo telefone com o dr. Afeto e o dr. Anjo.

A Sylvia passou a vir me ver. Eu andava meio deprimida, acharam que um pouco de terapia podia me ajudar. Ela já tinha ido me visitar duas vezes no hospital. Lembro que eu a recebia na sala. Sentávamos nas poltronas, eu de frente pra janela, e ficava olhando os imensos eucaliptos que balançavam conforme o vento e refletiam a luz do sol enquanto conversávamos. Quando já estava melhor, perguntei:

— Se você fosse eu, o que você faria do resto de sua vida? Ela pensou um pouco:

— Eu ia passar esse tempo perto das pessoas de quem eu mais gostava.

No começo achei aquilo meio estranho. Pensei que ela fosse me mandar estudar, trabalhar.

Mas, pensando bem, acho que tinha razão. No final, é isso mesmo que vale, as pessoas.

— Quem são elas? — ela me perguntou.

— Meu pai, minha avó...

— Só pessoas da sua família? Nenhum amigo? Amigos... por onde andavam meus amigos?

Comecei a ouvir o barulho da nossa bagunça na escola, as nossas brincadeiras, nossas brigas. Que falta que eu sentia deles. É, a Sylvia tinha razão, os amigos são mesmo muito importantes. Olhei pra ela sentada logo ali e sorri. Ela me sorriu de volta. Aquele sorriso bonito, os olhos brilhantes... E olha um deles bem aqui na minha frente, pensei.

15. MÃOS DE TESOURA

— A Priscila já ligou duas vezes hoje. Não sei mais que desculpa eu dou.

— Tá bom, vó. Eu vou ligar pra ela.

Eu já havia ligado uma vez do hospital, avisando que tinha chegado. Ela queria ir me visitar. Eu disse que não, que esperasse eu voltar pra casa. Liguei então e falei que ela podia vir.

— Val, que saudades! — e me deu um puta abraço. — Tá magrinha, amiga.

— E aí, Pri, tudo bom?

— Que susto você me deu. Chegou e foi direto pro hospital? O que você teve?

— Tuberculose renal.

— Nossa, nem sabia que existia isso. Mas você tá melhor agora, né? E a viagem, como foi?

— Maravilhosa!

Contei um pouco pra ela. Ela me contou do novo emprego que tinha aceito. Agora era auditora. Me contou também do resto da turma.

— Mas me fala, como é que você pegou tuberculose? Você demorou tanto no hospital que já achei que estivesse com AIDS — ela disse isso rindo, como se fosse a coisa mais impossível do mundo.

Eu dei uma risadinha e fiquei olhando pra ela. Silêncio.

— Fala que é mentira, Val — ela disse quase desesperada.

— E se não fosse? Ela começou a chorar.

— Não pode ser verdade! Não pode!

— Calma, Pri, não é o fim do mundo. Agora eu já estou bem — e contei tudo a ela. Como tinha sido, tudo que eu havia aprendido nos EUA.

— Como é que você aguentou esse tempo todo sem contar pra ninguém?

— Sei lá, aguentando. Foi por isso que eu sumi.

— O resto do pessoal tem perguntado muito de você. Estão preocupados.

— Tô pensando em chamar os mais chegados aqui e contar logo.

— Você quem sabe.

Uma semana depois, num sábado, a Pri voltou com a Dê, a ruiva, o Cris e a Lumpa.

— Que saudades, moçada!

— E aí, Val. Como foi de viagem?

— Foi jóia.

Mostrei a eles as fotos e contei tudo com detalhes. Os três continuavam na faculdade. Me contaram as últimas novidades, as fofocas, do resto da turma, por onde andavam o Luiz, a Renata, a Gabi e a Man...

Ficamos lembrando dos tempos da escola, de toda a classe, dos professores, da bagunça, das festas...

— Bons tempos aqueles, né? A gente era feliz e não sabia.

— Vocês acreditam que hoje eu tenho saudades até das aulas de física?

— Também não vamos exagerar!

— E aí, Pretinha, que história é essa de tuberculose?

— Pois é, né. É por isso também que chamei vocês aqui. Não estou só com tuberculose, não.

A Dê, que estava sentada no chão na minha frente começou a ficar branca. Desde a escola, quando ficava nervosa, tinha esses piripaquês. Segurei nela e dei uma sacudida.

— Dê, não vai desmaiar. Tô com AIDS.

Ela apertou minha mão, fazendo força pra não chorar. O Cris, pasmo, tentou segurar a pose de médico.

— Bem, Val, tudo bem, a gente tá aqui pro que der e vier.

— Eu sabia — disse a Lumpa. — A Pri estava muito estranha desde que veio aqui. Na formatura da Renata semana passada chorou a noite inteira.

— Pri!

— Ah, Val, desculpa, mas eu não sou tão forte pra segurar essas coisas.

— O que você andou aprontando nos EUA?

— Não andei aprontando nada lá, dona Lumpa.
— Então foi com aquele pessoal do teatro. Esse povo bicho-grilo.
— Não é nada disso, Lumpa, pro seu governo foi com aquele namorado do colegial.

— Aquele que você conheceu no navio?

— É, sim, senhora. É até bom você ficar sabendo pra ver se acorda e começa a se cuidar.

— É, gente, tem que usar camisinha, tem que usar!

— Não acredito que vocês ainda continuam com esse papo furado. E usar que é bom, usam?

— todos abaixaram a cabeça. — Olha, vocês têm que entender que camisinha foi feita pra ser usada também com quem a gente gosta. Aliás, essa palavra vem de camisa-de-vênus. E Vênus é a deusa do amor, sabia?

Conversamos o resto da noite. Expliquei a eles que, apesar de ter ficado doente, não significava necessariamente que eu estivesse morrendo. Eles me encheram de perguntas, se eu estava me cuidando direito, quais remédios tomava.

— Deve ser barra, né?

— É, Dê, não é fácil. Ainda mais nessa fase de recuperação, eu tenho que ficar em casa, é um saco, não tem muita coisa pra fazer...

— Por que você não escreve?

— Escrever o quê?

— O livro. Lembra do HOMO livro?

— É mesmo, Val, você ficou devendo um livro pra gente no colegial.

— Ah, não acredito que vocês ainda se lembram dessa história.

Nós éramos a turma do fundão. Andávamos sempre todos juntos, principalmente no terceiro colegial. Foi o melhor ano, mas sabíamos também que seria o último, em breve cada um iria para um lado, cursinho, faculdade. Mas fizemos um trato que seríamos amigos pra sempre. Mesmo depois de grandes.

— Mais do que isso! Vamos escrever um livro da gente.

— Isso, um livro! E quem vai escrever é você, Val.

— Eu?! Que é que eu tenho a ver com isso?

— Você é a que escreve melhor aqui. Só tira nota em redação. Você vive dizendo que adora escrever. Pronto, decidido, vai escrever, sim!

— Ai, como vocês viajam. Vocês pensam que escrever um livro é fácil?

A Dê me puxou e me levou até a Ignêz, nossa professora de literatura. Uma morena baixinha, que segurava nossa classe como ninguém. E teve a proeza de nos fazer, aos dezesseis anos de idade, adorar Machado de Assis, com seus debates instigantes.

— Ignêz, o que a gente precisa fazer pra escrever um livro?

— Precisa gostar de escrever. E escrever muito.

— A Val vai ser escritora!

— Dê?! Não é nada disso, viu Ignêz, essa menina só fala besteira — voltei pro meu lugar. — Que coisa, Daniele, já falei que eu vou ser atriz e cineasta.

— Tá bom, você pode ser isso também, mas custa escrever um livro pra gente?

— Ah, é? E eu iria escrever o quê? Contar o quê?

— Contar da gente, oras!

— É isso aí, Val, você vai contar que a gente é muito amigo.

— Ah, e vocês acham que a gente é tão especial pra isso? Pra virar um livro?

— Achamos! Achamos que a gente é o máximo!

Olhei pra todos nós sentados pelo chão da minha sala, juntos, seis anos depois. Realmente nós éramos o máximo!

— Então, Pretinha, escreve. Ainda mais agora, depois que aconteceu tudo isso, você deve ter tanta coisa pra contar.

— É, até tenho... Vou pensar.

Eles continuaram vindo em casa sempre. Na semana seguinte, a Ré também veio e me deu a maior força. Nos fins de semana, alugávamos filme, fazíamos pipoca e a maior zona. Aos poucos começaram a me levar pra sair. Um dia um teatro, outro dia um bar e depois até pra dançar.

Durante a semana, cada um tinha que cuidar da sua vida, trabalho, faculdade, e eu ficava aqui no tédio me sentindo sozinha, até que peguei um caderno e um lápis e comecei a escrever, a

escrever, a escrever... Escrevo, logo existo, era mais ou menos assim.

O final daquele ano não foi muito fácil. Foram nove meses de tratamento no posto de saúde (tuberculose é departamento do Estado), com o dr. Tuberculose, uma sumidade no assunto.

Fora isso ele era muito engraçado. Só ele e meu pai pra me fazerem rir naqueles dias. Eu vivia dizendo que queria parar de tomar os remédios, que já estava boa, mas ele dizia que não, pois o bacilo ficaria resistente e seria perigoso não só para mim como para todo o resto da população. Até o término do tratamento, tive muitos efeitos colaterais. Perdi setenta por cento da visão e do nervo do labirinto, aquele que nos dá equilíbrio. Passei meses andando segurando pelas paredes e tive que parar um tempo de escrever. Mas, com um pouco de paciência, muito exercício, apoio da família, amigos e médicos, voltei ao normal. A vida fica mais fácil quando se tem ajuda.

Em 1995, comecei a fazer parte de uma ONG, para pessoas que vivem com HIV/AIDS.

Particpei de reuniões, seminários, manifestos, trabalho voluntário. Conheci o outro lado da AIDS. Lembro que, numa das primeiras vezes, levei um saco cheio de remédios que sobraram do meu tratamento para a farmacinha de lá. Um outro componente do grupo recebeu a sacola admirado.

— Puxa, você é uma menina de sorte!

Sorte? Achei que ele estivesse brincando. Não entendo como alguém podia ter sorte se estava doente e tinha que tomar tudo aquilo de remédio. Mas meu colega explicou:

— É que a maioria das pessoas daqui não tem dinheiro pra comprar nenhum comprimido.

Nesse grupo aprendi muito, troquei experiências e fiz vários amigos. Alguns deles continuam entre nós. Outros já se foram, mas, com certeza, me deixaram alguma coisa e também fazem parte deste livro.

Em fevereiro de 1996, quando já estava totalmente boa, fiz outra viagem, dessa vez fui mais longe, Austrália. Passei um mês estudando e outro viajando por todo o país. Conheci outras culturas,

escalei o Kings Canyon, no deserto, mergulhei na maior barreira de coral do mundo, voei de pára-mili e nadei em muitas praias de areia branca e água azul-turquesa.

E, lógico, fiz muitos novos amigos.

Nesse mesmo ano, ganhamos na Justiça a briga com o plano de saúde, surgiram novos remédios, novas esperanças e um exame que detecta a carga viral. Como a minha estava muito alta (apesar dos CD4 estáveis e eu me sentindo bem), meu médico sugeriu que começasse com nova medicação. Foi difícil pra eu acostumar, passei por duas combinações, até chegar a uma que não me causasse tantos efeitos colaterais. Mas, de novo, com muita paciência... (desta vez, principalmente, do dr. Afeto!)

Março de 1997. Consultório do dr. Afeto. A secretária, desde os tempos que eu comecei a ir lá, me recebe toda alegre. Pede pra eu aguardar um pouquinho que ele já vai me chamar. Eu sento e espero. Lá agora não tem mais aquele cactus seco e cheio de espinhos, talvez alguém o tenha tirado de lá, talvez nunca tenha existido.

Em seu lugar há uma folhagem verde e cheia de vida.

O dr. Anjo aparece por ali. Ele continua o anjo de sempre. Diz que está contente de me ver tão bem.

O dr. Afeto me chama, vou até sua sala. Ele me recebe sorrindo. Ultimamente ele está sempre sorrindo. Entrego-lhe os exames, mas ele diz que antes quer saber de mim, e a gente fica conversando. Quem te viu e quem te vê! Finalmente ele lê os resultados, CD4: 820, carga viral: indetectável. "Viu só como valeu a pena?" Ele faz a maior festa! E eu fico feliz.

Pelos exames? Também, mas principalmente porque agora tenho certeza: o dr. Afeto é um amigão!

Quanto ao resto, continuo saindo sempre com meus amigos e visitando a família inteira, viajando bastante, fazendo ginástica, natação, escrevendo, lendo, estudando, trabalhando neste livro e finalmente descobri as maravilhas do sexo seguro com alguém que me fez

sentir muito bem.

Ainda não se sabe o que acontecerá com as novas drogas no futuro. Mas a verdade é que de futuro nunca se soube nada. Carpe diem pra todo mundo!

Quanto ao preconceito, às vezes ainda me sinto como Edward mãos de tesoura, preso em seu castelo, fazendo obras de arte porque não há outro jeito com o qual possa tocar as pessoas. Lembra-se desse filme? Mas quem sabe um dia todos nós aprenderemos e a cada vez que conhecermos alguém, seja ela ou ele, branco, preto, amarelo, vermelho, gordo, magro, feio, bonito, judeu, muçulmano, homossexual, alto, careca, gago, adotado, anão, com AIDS, sem AIDS, rico, pobre, cabeludo, fanho, cego, corcunda, excepcional, vesgo, inteligente, olhos puxados, olhos azuis, palestino, árabe, comunista, capitalista, superdotado, hemofílico, bicho-grilo, , inumerável, graduado, travesti, místico, sem-terra, mexicano, americano, empregado, patrão, prostituta, enfermeira, médico, padre, novo, velho, ateu, tatuado, com tuberculose, com hanseníase, com mãos de tesouras, sem braços, surdo, paraplégico, mudo, ignorante... nos lembraremos de que, antes de tudo isso, é apenas uma pessoa.

E melhor ainda será se, depois de tudo isso, ainda pudermos ser amigos.

Table of Contents

Depois daquela Viagem

1. O NAUFRÁGIO

2. UM CÁCTUS SECO E CHEIO DE ESPINHOS

3 CLICK! O TEMPO PAROU

4. OU'RE WELCOME!

5. UM PEIXE FORA D`ÁGUA

6. BANANA COM COCA-COLA

7. "AIDS MATA!" EU SEI, PORRA, MAS EU ESTOU VIVA!

8. TODO MUNDO DEVIA SUBIR NO EMPIRE STATE BUILDING

9. BROTHER, YOU`RE RIGHT GONNA FIGHT FOR OUR RIGHTS!

10. A TEORIA DOS LIVROS

11 - CARPE DIEM

12. MINHA TERRA TEM HORTÊNSIAS...

13. EU SOU GENTE!

14. PARA ISSO SERVEM OS ANJOS

15. MÃOS DE TESOURA